ANTROPOTEÍSMO

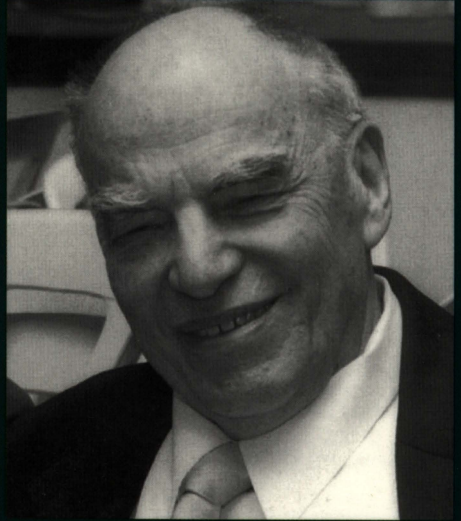
A Religião do Homem

O "rio cársico" do Antropoteísmo tem uma longa e misteriosa história, com surtos ora superficiais, ora subterrâneos. Tanto a Gnose, quanto o Panteísmo rejeitam a criação *ex nihilo*. No Panteísmo, o Cosmo é apresentado como uma simples etapa da evolução divina. O universo seria um ser divino, eterno e infinito, um organismo vivo. Para a Gnose, a passagem do Pleroma divino para a situação atual se deu por meio de uma "queda", uma ruptura, um "exílio", uma degradação da divindade, que constituiu a criação. Foi essa "queda", ou pecado original pré-cósmico, que produziu o universo e todos os males atuais, não só os males físicos e morais, mas o que para os gnósticos é o verdadeiro mal, o fato de ser, a existência, isto é, o mal metafísico

A escatologia panteísta é otimista: o Deus que se transformou no mundo alcançará de novo o primitivo estado de perfeição. Por meio da evolução, tudo caminha para uma perfeição cada vez maior. O homem, redentor do universo e de si mesmo, pela sua razão, pela ciência e pela técnica, eliminará todos os males e todas as limitações que nos afligem e construirá, na terra, o paraíso. O Panteísmo é, pois, progressista e utópico.

A Gnose considera que as partículas divinas que se desprenderam da divindade e que agora jazem no túmulo da matéria pouco a pouco serão libertadas pelo conhecimento e retornarão à divindade. Enquanto, porém, não estiverem autoconscientes de sua natureza divina, permanecerão neste mundo-cárcere e, após a morte, serão condenadas a renascer ou a transmigrarem para corpos de animais, de plantas, e até, segundo alguns, a caírem na matéria bruta.

Para a Gnose, a Encarnação do Verbo não se deu, pois que ela significaria a aceitação da matéria e do corpo. Os gnósticos negavam que Cristo tivesse corpo.

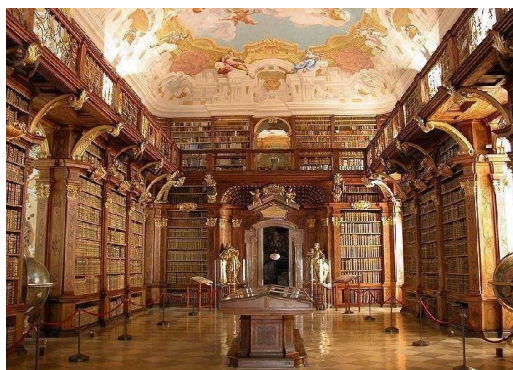
Daí, logicamente, não poderem admitir uma igreja estruturada. Para a Gnose, a verdadeira igreja era puramente espiritual, pneumática. Ela seria formada somente por aqueles que, tendo recebido a doutrina gnóstica, já estariam salvos. A união dos pneumas dos perfeitos formaria a verdadeira igreja invisível, porque espiritual.

O Prof. Orlando Fedeli, Doutor em História pela Universidade de São Paulo, nasceu em 7 de fevereiro de 1933 e faleceu em 9 de junho de 2010. Professor durante mais de cinquenta anos, em escolas secundárias e universidades de São Paulo, realizou conferências em diversas universidades dos Estados Unidos e da Europa. É autor de *Nos Labirintos de Eco*, arguta e erudita análise daquele autor, e de *Carta a um Padre*, em que discute com profundidade os problemas teológicos e eclesiológicos do Concílio Vaticano II.

Mais, contudo, do que a de um intelectual dos mais profundos, sua vida foi a de um católico militante, consciente de seu dever de defesa da Fé. Sua obra está em grande parte publicada no site em que atuou como polemista nos últimos dez anos:

www.montfort.org.br.

Orlando Fedeli

ANTROPOTEÍSMO

A RELIGIÃO DO HOMEM

1ª Edição

São Paulo

Editora Celta

2011

Editor: Guilherme Chenta
Revisão geral: Ivone Fedeli
Diagramação: Oswaldo A. Pestana
Capa: Fabiana A. Gonçalves
Imagem da capa: Beau Dieu de Amiens
Realização: Projeto Legado Montfort

FEDELI, Orlando. *Antropoteísmo - A Religião do Homem*
São Paulo: Editora Celta, 2011.

ISBN 978-85-61900-07-6

Filosofia; Panteísmo; Gnose

Rua Gaspar Fernandes, 650
Ipiranga - São Paulo - SP - Brasil
CEP 01553-000
Fone: 55 11 2062-1135

Sumário

A Nosso Senhor sacramentado,
À Virgem Santíssima, auxílio dos cristãos,
E ao Papa Bento XVI.

Este é o bem final daqueles
Que possuem a Gnose: tornarem-se Deus.
(Poimandres I)

Esmagarás aos pés o leão e o dragão.
(Sl 90,13)

Apresentação

A publicação desta obra se inclui no conjunto do Projeto Legado Montfort e por isso é justo dizer, antes de tudo, muito, mas muito obrigado mesmo a todos os que têm apoiado nosso Projeto. Como não nos cansamos de recordar, nenhuma das vitórias do Legado teria sido possível sem esse apoio.

Muito obrigado também a todos os que se envolveram especificamente na edição desta obra. Em primeiro lugar, a nosso amigo, Enio Liu, regente do coral gregoriano da Montfort, o *Exsultet*. Foi ele o nosso parceiro de trabalho, logo que iniciamos o Projeto Legado em setembro de 2008. Depois de revirarmos juntos os arquivos do Prof. Orlando e abrirmos a famosa maleta preta, esquecida a um canto e em que estava guardado o então por nós denominado *Livro da Gnose*, foi ele quem digitalizou o texto, que Natália Acácio e Josiane Mihara, a quem também agradecemos, corrigiram uma primeira vez, após o escaneamento.

É necessário agradecer também a Celina Nunes, pela revisão gramatical prévia, a Heitor Specian, Douglas Quintale, Lucas Parra, Emerson Chenta, Ricardo Sampaio, Rafael Mota e Augusto Mendes, pela verificação e tradução das inúmeras e longas citações (o livro conta com cerca de seiscentas notas de rodapé!). E muito especialmente ao simpático Padre Marcelo Tenório, pelo valente e tão amigo Prefácio.

Pela quantidade de agradecimentos, é fácil calcular o trabalho ingente que foi a preparação deste livro. Hércules, finalmente superado, deve estar se contorcendo de inveja no Hades.

A sério, este precioso texto do Prof. Orlando Fedeli, quando o tomamos em mãos pela primeira vez, encontrava-se em estado deplorável devido às circunstâncias em que fora conservado. Datilografado no início da década de 1980, o documento original com o qual tivemos de lidar, único então existente, acompanhado de um xerox guardado na mesma maleta, estava semeado de erros, com palavras escritas de forma incorreta e alguns trechos sem sentido, pois fora mecanografado a partir de um manuscrito redigido na caligrafia quase hieroglífica do Professor, por alunas suas que quase todas, à época, num mundo em que não existiam corretores ortográficos, não conheciam outras línguas senão o português. E que datilografaram bravamente, embora nem sempre com acerto, longos textos em francês, italiano, inglês, espanhol, latim e algum grego! Assim, não tendo sido o texto nem sequer revisado pelo Prof. Orlando, defrontamo-nos, quase trinta anos depois, com muitos desafios para sua publicação.

A começar pelas citações. Patenteou-se a necessidade de se verificar a exatidão, a localização e a integridade de todas elas. Afinal, não só o próprio Professor talvez tivesse cometido erros não corrigidos, mas também as datilógrafas podiam facilmente ter-se equivocado em seu trabalho. Com efeito, ao cotejarmos as citações apresentadas em *Antropoteísmo- A Religião do Homem* com os livros-fonte, pudemos verificar que, por vezes – embora isso tenha ocorrido menos do que esperávamos –, faltava ou estava trocada uma palavra ou outra. Erros de grafia, sobretudo nas citações em língua estrangeira, sobejavam.

A estratégia de começar pelas citações foi bastante feliz. Primeiro, porque por meio delas, podíamos confirmar com certeza o que o Prof. Orlando queria dizer em algum texto que nos parecia menos claro em sua redação. Segundo, porque pudemos, ao mesmo tempo em que verificávamos as citações, ir montando a bibliografia final do trabalho. Sem correr o risco de cometer uma injustiça, podemos afirmar que se contam nos dedos de uma mão as referências completas, segundo as normas oficiais. No mais das vezes, só apareciam o nome do autor, de uma obra e um número de página – quase invariavelmente certo, aliás! – ou um abreviado *op.cit.*, com o número da página, quando o nome do autor já aparecia no texto.

Assim, num trabalho imenso e minucioso, quase todas as quinhentas e noventa e seis citações do livro foram verificadas ou, ao menos, identificadas. Quase, pois não conseguimos encontrar a fonte de algumas poucas – quatro ou cinco –, o que o leitor poderá facilmente perceber.

Além disso, para encerrar o assunto da edição, cumpre acentuar o fato de o Prof. Orlando não ter nem revisto nem propriamente concluído este trabalho. No documento original, percebe-se claramente que haveria outros pontos a tratar, seja porque existe uma série de, digamo-lo assim, tópicos não preenchidos, uma espécie de esquema cuja redação não foi completada, seja porque ele anuncia coisas de que não trata, principalmente, a estética e a sócio-política antropoteístas. Também a divisão de capítulos que o leitor encontrará não é exatamente a feita pelo Professor Fedeli.

Apesar disso, procuramos preservar ao máximo a redação original. E, por isso, optamos, quando se trata de uma questão de estilo, por manter as passagens em língua estrangeira no corpo do texto e não transferi-las para as notas de rodapé, o que ocorre especialmente no primeiro capítulo.

Por fim, por que a Montfort e, especificamente, o Projeto Legado entenderam ser importante a publicação de *Antropoteísmo – A Religião do Homem* neste momento?

Por duas razões principais. A primeira é poder oferecer a nossos leitores uma chave para a compreensão deste mundo terrivelmente contra Deus em que vivemos. Pois, por meio desta obra, poderemos perceber uma grande unidade por detrás dos múltiplos e aparentemente desvinculados inimigos da Igreja. A segunda é fornecer subsídios – e aqui atendemos os últimos desejos de nosso

caro Professor – para a compreensão de seu último grande trabalho, publicado nove dias antes de seu falecimento, *No País das Maravilhas: a Gnose burlesca da TFP e dos Arautos do Evangelho.*

Além disso, este livro, embora não publicado até hoje, é de extrema importância para a compreensão de todo o trabalho que o Prof. Orlando desenvolveu. Analisando-o, percebemos como, volta e meia, uma ou outra citação, uma ou outra ideia reaparece numa carta, num artigo, num texto mais extenso. Mais do que tudo: percebemos como foi a partir do tema do Antropoteísmo que ele norteou toda sua atividade militante católica, reconhecendo muito claramente haver, de fato, apenas um único inimigo contra o qual lutar: a Religião do Homem, que se revela não só na esfera propriamente religiosa, mas nas esferas política, social, econômica e artística. Porque, em última análise, o verdadeiro problema do mundo é religioso e se encontra focado na aceitação ou na recusa do Deus transcendente, de seu Cristo e de sua Igreja, havendo apenas duas religiões: a do deus que muda, com suas infindáveis variantes, e a do Deus que não muda; a do homem que se faz Deus e a do Deus que se fez homem, a Igreja Católica, Apostólica, Romana, dentro da qual queremos viver e morrer.

Esperamos que este livro possa ser para muitos, como foi para o Professor, um ponto de partida, um instrumento de trabalho, uma espada útil na luta doutrinária que enfrenta todo o católico que pretende, como é sua obrigação[1], propalar sua fé, animar e instruir seus irmãos e combater os inimigos de Deus e da Igreja.

Com *Antropoteísmo – A Religião do Homem*, iniciamos uma série de seis publicações sobre esse tema. Série que apresentará uma ótima visão de conjunto do combate do Prof. Orlando Fedeli contra essa falsa religião, e cujos próximos títulos são:

1. *No País das Maravilhas: a Gnose burlesca da TFP e dos Arautos do Evangelho,* que mostra uma aplicação contemporânea e influente, embora grotesca, de aspectos importantes do Antropoteísmo.

2. *Por trás do Estandarte*, uma autobiografia do Professor Fedeli, que permite compreender o funcionamento de uma sociedade secreta da qual ele participou externa e ingenuamente, mas que acabou por descobrir e por desmascarar.

3. *Elementos esotéricos e cabalísticos nas visões de Anna Katharina Emmerich*, que foi a tese de doutoramento do Professor Fedeli na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e que estuda profundamente um caso de penetração da Gnose na Igreja Católica.

---

1 Cada um tem a obrigação de propalar a todos a sua fé, seja para instruir e animar os outros fiéis, seja para reprimir a audácia dos que não são. SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, II-II, q3, a2, ad2

4. *A Igreja e o Antropoteísmo*, que reúne todos os trabalhos do Prof. Fedeli referentes à influência do Antropoteísmo no Concílio Vaticano II e no período subsequente;
5. *O gnóstico Olavo de Carvalho*, uma compilação comentada de toda a polêmica com esse filósofo.

Desejamos a todos bons estudos e uma proveitosa leitura.

Salve Maria!

Guilherme Chenta
São Paulo, 22 de novembro de 2010

Prefácio

Graças a um árduo trabalho, iniciado nos anos oitenta, chega a nossas mãos mais uma aula, transformada em livro, do Professor Orlando Fedeli.

Pediram-me para redigir o prefácio desta obra. Sei que não sou o mais indicado. Há pessoas bem mais preparadas e com mais autoridade sobre o assunto que eu, sobretudo aqueles que estiveram à frente de todo processo de edição.

Embora, porém, tendo consciência de ser o último da fila, aceitei sem hesitar o convite, porque nada é difícil para mim quando se trata do velho professor. Se eu não for feliz neste ofício, ele, nas páginas vindouras, resolverá o problema por meio de sua clareza, lucidez e perspicácia argumentativa. Minha função aqui é apenas a de abrir a porta... O resto é com ele!

Neste prefácio, sou o hostiário. Abro-lhes o livro, tarefa fácil, pois o importante é o que vem depois da porta aberta: este excelente trabalho sobre o Antropoteísmo, em legítimo estilo "fedeliano".

Os grandes não desaparecem com a morte. Permanecem-lhes vivos o pensamento e a ideia. Assim foram os santos, pelo testemunho, os doutores, pelo ensino, os apologetas, pela defesa da Fé.

Nosso caro professor foi um apologeta! Não teve outra ambição senão a defesa da Verdade Católica. Num mundo cristão em brumas, em que a mentira se sobrepõe como verdade, em que Deus é destronado e o homem incensado em nossos altares, quando muitos se calam – até uma boa parte do clero –, salta o Professor com sua espada para lutar por Cristo Rei, por Maria Santíssima e pela Igreja.

Havia em seu coração uma devoção profunda pelos três amores brancos de que falava Dom Bosco: a Santa Eucaristia – e aqui entra sua intrépida defesa da Missa –, a Santa Virgem e o Santo Padre.

Violento em suas argumentações, não cedia em nada em relação à Defesa da Fé. Não buscava agrados, nem honras, mas apenas a Verdade, quer agradasse, quer desagradasse. Todavia, nosso amigo tinha uma fraqueza, que não era fraqueza, mas amor veemente: Nossa Senhora! Como chorava ao pronunciar o nome de Maria! Foi com ele que aprendi a colocar tudo nas mãos de Nossa Senhora e a frase que ele me ensinou tornou-se a divisa de nossa amizade, de forma que sempre nos cumprimentávamos, quer pessoalmente, quer por e-mail, com o *"posuimus te custodem"*.

Ah, mas havia também nele um amor incondicional ao Santo Padre! Como amava a Igreja na pessoa do Papa! Por isso, quando eu lia ou escutava que Orlando Fedeli era anticlerical, ria-me de tamanha tolice.

Tínhamos um pacto ele e eu. Um compromisso. Por isso, quando soube da morte repentina do Professor, veio logo a minha lembrança o nosso pacto e, mesmo sem saber bem a causa de seu falecimento, já o julguei mal, como a alguém que se vai sem ter cumprido o que prometeu...

Não estava no Brasil, quando ele nos deixou. Antes de viajar nos falamos e ele comentou sobre a iminência de sua morte (aliás, sempre me pediu que rezasse para que ele morresse pela fé, o que nunca fiz, confesso, por medo de ser atendido...) e eu lhe disse: "nem pense nisso! Somos tão poucos! Precisamos do senhor aqui e mais: temos um compromisso juntos! Portanto, o senhor não irá agora!" E ele sorriu sem acreditar muito em minhas palavras...

Bem, sei que um prefácio deve ser mais objetivo, atrelar-se ao livro em si. Sei disso. Mas nunca escrevi um. Escudo-me em minha pobre ignorância. Preferi antes falar de quem escreveu este livro, da causa antes da consequência, da árvore antes do fruto. Sua motivação, seu único objetivo que, por certo não era a vaidade pessoal, nem a pose de escritor, mas a Defesa da Fé, pela qual deu a vida.

Vamos, então, ao livro.

Nesta obra, nosso Professor trata com muita clareza da origem do Antropoteísmo e de sua oposição à Verdade, da forma como tal pensamento herético, não obstante as mais variadas expressões apresentadas durante a história da humanidade, fundamenta-se sempre num mesmo erro. Seu alastramento se dá, paradoxalmente, por sua fragilidade argumentativa e sua oposição ao lógico, ao racional, descambando para a subjetividade.

Contudo, a maior força do Antropoteísmo encontra-se na natureza marcada pelo sinal de Caim que tende ao afastamento e à rebeldia da criatura para com seu Criador, que a leva a querer negar sua essencial dependência do Ser Absoluto, substituindo a Verdade pela mentira, pregando a igualdade entre o ser absoluto e o ser por participação, entre o contingente e Aquele que é, atacando frontalmente todos os princípios da metafísica e os demais valores transcendentais.

No primeiro momento, nosso autor nos traz, baseando-se na estética medieval e em ricas citações, as bases da contraposição: a Verdade sobre Deus e suas criaturas. É a partir daí e tendo bem claro este ponto, que devemos percorrer a complexidade do assunto abordado. Deus é o criador de todas as coisas visíveis e invisíveis e por Ele tudo é em dependência, enquanto recebem d'Ele o existir. Por sua vez, o homem, criado à sua imagem e semelhança, tem como única finalidade conhecer, amar e servir seu Criador para depois, na eternidade, participar de Sua Vida Divina.

Sendo Deus transcendente, não pode ser percebido pelos sentidos, mas na perfeição das coisas criadas se vê, como numa imagem, o Criador de todas as coisas. Como nos diz o Professor nesta primeira parte: "as criaturas, como véu, velam e revelam o Criador".

Seguindo, o autor coloca que, em cada criatura, há um apelo ao Bem Absoluto, quando o homem se deixa atrair pela qualidade existente nos seres. Ora, esse Bem Supremo é Deus. E aqui podemos evocar o grande Santo Agostinho: "Criaste-me para Ti e inquieto está meu coração enquanto não repousa em Ti".

Todavia, duas atitudes podem ocorrer quando a criatura contempla os seres criados. A primeira, compreendendo ela a contingência na criação e sua finitude, é o apegar-se Àquele que não passa e d'Ele se reconhecer dependente. Atitude humilde de submissão e acatamento. A segunda, o revoltar-se com as limitações e o mal relativo dos seres. Buscar a infinitude nas criaturas e as perceber contingentes. Substituição do Bem Supremo pelo bem relativo.

Na primeira atitude, há a consciência plena daquilo que se é e do que nunca se virá a ser, pautada pela Verdade sobre Deus e sobre o homem. Na segunda, a ilusão, o engano, a mentira que entra na criatura pela picada mortal da serpente: "Vós sereis como deuses."[2]

Aqui surgem as bases do problema do Antropoteísmo e os seus dois ramos que buscam abraçar a humanidade. A Gnose e o Panteísmo, ambos formam a Religião do Homem que nega, entre tantas coisas, a limitação do conhecimento para atingir de cheio o Mistério e a Transcendência Divina, as limitações da vontade, recusando a aceitação e imposição de qualquer lei até desembocar no absurdo da negação do livre arbítrio e, assim, fugir da responsabilidade e da aceitação de toda ordem ontológica. Aqui aparece o homem como o "*Salvator Dei*".

Em seguida, Orlando Fedeli discorre sobre a antimetafísica presente na doutrina dessa Religião do Homem, como ódio a Deus, o Ser Absoluto. E aqui, nosso autor desmascara, passo a passo, as artimanhas através das quais o veneno gnóstico-panteísta do Antropoteísmo se inocula no pensamento filosófico, visando a destruir os princípios da metafísica.

De grande proveito será para todos acompanhar este panorama histórico-doutrinário e perceber os braços dessa heresia, que ora se apresenta e ora se esconde, e suas camadas no paganismo, no judaísmo e também no cristianismo. Tudo isso é apresentado de forma exaustiva, no intuito de deslindar a complexidade inegável do assunto.

Na segunda parte do livro, encontramos a exposição dos temas da Religião do Homem, tendo como princípios a teogonia gnóstico-panteísta, a igualdade entre Deus e o Cosmo e a evolução do ser divino, contestados pela filosofia aristotélico-tomista, para, em seguida, nos ser apresentada a maneira como o sistema Antropoteísta concebe a antropogenia, em que o homem tem uma

2 Gn 3,5.

importância central. E aqui se percebe uma relação estreita com o maniqueísmo e uma contestação óbvia do Mistério da Encarnação e da Doutrina cristã a respeito do pecado original.

Em suma, o Antropoteísmo é a Religião do Homem e, como tal, possui uma doutrina própria centrada no homem. Tem uma soteriologia antropocêntrica e uma cristologia que se afirma com a máxima do "redentor que se redime a si mesmo". Para o Antropoteísmo, não há um redentor pessoal para toda a humanidade, negando-se, assim, frontalmente a Doutrina da Redenção. Ele possui sua própria escatologia e em sua eclesiologia defende uma Igreja meramente natural, cooperadora com outras forças que têm em comum a eliminação de todo tipo de mal sobre a terra; uma Igreja a serviço do homem.

Nos últimos capítulos do livro, evidencia-se o fato de que essa heresia possui dois braços: a Gnose e o Panteísmo, os quais se apresentam de forma muito clara em nosso tempo. O autor vai tecendo, montando um quebra-cabeças, até chegar, enfim, a nossos dias e, então, podemos observar que, desde o Gênese, a serpente infernal atenta contra a Mulher e sua descendência. "Tu lhe ferirás o calcanhar", disse Deus à serpente. E houve ódio entre o Dragão e a Mulher! Mas a vitória também é anunciada: "A Mulher esmagará a tua cabeça."[3]

Não foi à toa que o Santo Padre Bento XVI, no dia 3 de dezembro de 2008, condenou em seu pronunciamento a Gnose que se encontra mais viva que nunca e que hoje se apresenta das mais variadas maneiras e que, como a "fumaça de Satanás", usando a linguagem do próprio Paulo VI, penetrou por alguma ou quais brechas na Igreja.

Que brechas? O abandono da teologia tomista e o ensino modernista da Fé, pautado em pensamentos de teólogos de doutrina suspeita e em uma eclesiologia duvidosa e, por vezes, herética, ensinada largamente nos seminários, para a qual a Igreja já não é mais necessária para salvação, mas companheira das demais crenças e, por consequência, humanista e democrática; uma cristologia meramente histórica, uma liturgia na qual se celebra a vida do povo e não mais os santos mistérios. Tudo isso a serviço do homem, da Religião do Homem.

Sábia a Santa Igreja por nos fazer rezar o último evangelho, após a bênção final... O Evangelho da Encarnação! O antídoto contra todo mal:

"Et Verbum caro factum est. Et habitavit in nobis et vidimus gloriam ejus, gloriam quasi unigeniti a Patre, plenum gratiae et veritatis."[4]

Padre Marcelo Tenório

Campo Grande, 16 de novembro de 2010

3 Gn 3, 1.

4 Jo I,14

Primeira parte

ASPECTOS GERAIS DO ANTROPOTEÍSMO

1
O CRIADOR E A CRIAÇÃO

"Invisibilia enim ipsius, a creatura mundi, per ea quae facta sunt, intellecta, conspiciuntur: sempiterna quoque eius virtus, et divinitas: ita ut sint inexcusabiles."[5]

Sobre a verdade expressa nesse texto, baseou-se toda a estética simbólica medieval. Tendo Deus feito todas as coisas à sua imagem e semelhança, através das criaturas é possível conhecer algo do Criador. Porque, em todas as coisas, Ele espelhou a sua perfeição. As obras de Deus são como pensamentos d'Ele, pois que dizendo Ele uma palavra as coisas eram feitas:

"E disse Deus: Faça-se a luz. E a luz se fez. E viu Deus que a luz era boa; e separou a luz das trevas".[6]

Cada coisa é, pois, um pensamento de Deus, e, por isso, afirma São Boaventura, o universo é como que um grande livro em que as palavras são as coisas criadas.

"Porque de fato Deus não disse propriamente palavras, mas falou por meio de obras, porque para ele dizer é fazer e fazer, dizer".[7]

Que Deus escreveu dois livros, a Bíblia e o Universo, São Boaventura o diz, por exemplo, no Brevilóquio II, V, 2.

O fim do homem é conhecer, amar e servir a Deus neste mundo para gozá-Lo para sempre no outro, ensina o Catecismo.

---

5 Porque as coisas invisíveis d'Ele, depois da criação do mundo, compreendendo-se pelas coisas feitas, tornaram-se visíveis; assim o seu poder eterno e a sua divindade; de modo que são inexcusáveis. Rm 1,20.

6 Dixitque Deus: Fiat lux. Et facta est lux. Et vidit Deus lucem quod esset bona: et divisit lucem a tenebris. Gn 1,3-4.

7 Quoniam autem Deus non tantum loquitur verba, verum etiam per facta, quia ipsius dicere facere est, et ipsius facere dicere. SÃO BOAVENTURA. *Breviloquium,* Prol., §4, 4.

E não pode o homem servir a Deus se não O amar, e não poderá amá-Lo se não O conhecer; não pode, entretanto, conhecê-Lo a não ser através das imagens e vestígios que d'Ele existem nas criaturas. As criaturas são como um véu, pois velam e revelam o Criador.

Contudo, só os "limpos de coração verão a Deus". *"Beati mundo corde: quoniam ipsi Deum videbunt".* [8]

Para ver a Deus, invisível, através do véu das coisas criadas, é preciso ter o coração desapegado de afetos impuros e possuir sabedoria. É preciso contemplar as criaturas *"con occhio chiaro e con affetto puro".*[9]

Essa ideia é confirmada pelo seguinte texto de Hugo de São Victor:

> "Bem aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus". Limpos de coração são aqueles que não são sujos nem pelo pó da cogitação inútil, nem pela lama da deleitação torpe. Limpos de coração são aqueles que não são tocados pela névoa da ignorância terrena, nem têm o fervor corrompido pela concupiscência. Limpemos, pois, nossos corações de toda ignorância, pela inquirição da verdade, e de toda concupiscência perversa, pelo amor da virtude, a fim de que mereçamos ver a Deus na glória do reino celeste.[10]

Quando se tem desapego e sabedoria, coração reto e inteligência clara, então é possível ler o livro da criação com facilidade.

Diz Corneille:

> Se teu coração fosse reto todas as criaturas te seriam espelhos e livros abertos, em que tu verias sem cessar, em mil lugares diversos, modelos de vida e de doutrinas puras; Todas à porfia te mostram seu Autor...[11]

Não só as coisas criadas refletem as perfeições de Deus, como O revelam de modo cada vez mais claro e completo quanto maior é sua perfeição. Desse modo, a hierarquia dos seres é, na verdade, uma escada de Jacó que a inteligência

---

8 Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. Mt 5,8.

9 Com olho claro e afeto puro. ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia,* Paraíso, VI, 37.

10 Beati mundo corde, quoniam ipsis Deum videbunt. Mundo corde sunt illi, que nec pulvere inutilis cogitationis, nec luto foedantur pravae delectationis. Mundo corde sunt, quos non tetigit nebula terrenae ignorantiae, nec corrupit fervor foedae concupiscentia. Mundernos igitur corda nostra ab omni perversa concupiscentia, per amorem virtutis ut mereamur Deum videre in gloria regni coelestis. HUGO DE SÃO VITOR. "Allegoria Evangelii", Lib II, cap. I.

11 Si ton coeur était droit toutes les creatures te seraient des miroirs et des livres ouverts ou tu verrais sans cesse, en mille lieux divers des modeles de vie et des doctrines pures; Toutes comme à l'envie te montrent leur Auteur... CORNEILLE, Pierre de. *L'imitation de Jésus-Christ.* Livro II, c. 4, v.1.

humana tem que subir durante a vida para chegar a ver Deus face a face na eternidade. "A própria universalidade das coisas seja uma escada para ascender a Deus" – "*Ipsa rerum universitas sit scala ad ascendendum in Deum*".[12]

Foi por essas razões, entre outras, que Deus criou todas as coisas segundo a lei da analogia, de modo que todas as criaturas são, de alguma forma, semelhantes a Ele, e, ao mesmo tempo, sendo criaturas, necessariamente são diferentes d'Ele em grau infinito.

Por isso, toda criatura gera um apelo e uma insatisfação; uma tentação e uma frustração.

Gera um apelo, porque as qualidades dos seres contingentes nos convidam a desejar essas qualidades em grau cada vez maior até desejarmos o Absoluto. Mas elas nos deixam insatisfeitos, porque buscamos o infinito e nelas só encontramos a finitude.

Por outro lado, quando o homem se apega à criatura é porque confunde a imagem contingente com o próprio Absoluto. Quer encontrar o infinito onde ele não está, isto é, no finito. É nisso que consiste a idolatria. E os ídolos são frustrantes.

De modo que, tanto os que não conhecem a Deus por meio das claras páginas do livro do Universo, como os que, frustrados com a idolatria, se revoltam contra a limitação do bem das criaturas, ou com o seu mal relativo, negando-lhes qualquer valor, são inexcusáveis.[13]

A atitude correta diante do Universo deve ser, pois, de encantamento diante das maravilhosas obras de Deus, mas sem o esquecimento de que elas são meras imagens e vestígios do Ser Absoluto.

Deve-se evitar a idolatria, que transforma o contingente em Absoluto, e a frustração, que nega qualquer valor à criação.

Porque me alegraste, Senhor, com as tuas obras,
e eu exulto com as obras das tuas mãos.
Quão magníficas são, Senhor, as tuas obras![14]

Quão numerosas são as tuas obras, Senhor!
Fizestes com sabedoria todas as coisas:
A terra está cheia das tuas criaturas.[15]

---

12 SÃO BOAVENTURA. *Itinerarium Mentis in Deum,* I, 2.

13 Cf. Rm 1,20.

14 Quia delectasti me, Domine, in factura tua;/Et in operibus manuum tuarurn exsultabo./ Quam magnificata sunt opera tua, Domine! Sl 91,5-6.

15 Quam multa sunt opera tua, Domine!/ Omnia cum sapientia fecisti:/Plena est terra creaturis tuis. Sl 103, 24.

Porque pela grandeza e formosura da criatura
Se pode visivelmente chegar ao conhecimento do seu Criador.[16]

O homem insensato não conhece,
E o néscio não compreende essas coisas.[17]

Mas todas as criaturas nada são comparadas com Deus.

Por isso, os sábios louvam a Deus em suas criaturas, mas não se apegam a elas.

São Francisco de Assis dá-nos exemplo claro desse equilíbrio católico diante das criaturas, louvando a beleza infinita de Deus na beleza reflexa das coisas criadas e, ao mesmo tempo, desposando a Dama Pobreza, e louvando a Deus até por "*sora nostra morte corporale*", nossa irmã, a morte corporal.

Altissime, omnipotente, bon Signore,
tue só le laude, la gloria e l'honoren et omne benedictione!
Ad te solo, Altissimo se konfano
et nullu homo ene dignu te mentovare

Laudato sie, mi' Signore, cum tucte le tue creature
spetialmente messor lo frate sole,
lo quale iorna et allumini noi per loi,
Et ellu e bellu e radiante cum grande splendore:
de te Altissimu, porta significatione

Laudato si', mi'Signore, per sora luna et le stelle,
in celu l'ai formate clarite et pretiose et belle.

Laudato si', mi'Signore, per frate vento
et per aere et nubilo et sereno et omne tempo,
per lo quale a le tue creature dai sustentamento

Laudato si', mi'Signore, per sora aqua
la quale a multo utile et humile et pretiosa et casta.

Laudato si', mi'Signore, per frate focu
per lo quale annalumini la nocte;
et ello è bello et iocundo et robustoso et forte.

Laudato si', mi'Signore, per sora nostra matre terra,
la quale ne sustenta et governa
et produce diversi fructi con coloriti flori et herba

16 A magnitudine enim speciei et creaturae/ Cognoscibiliter poterit creator horum videri. Sb 13,5.

17 Vir insipiens non cognoscit, Et stultus non intelligit haec. Sl 91,7

Laudato si', mi'Signore, per quelli
ke perdonano per lo tuo amore,
et sostengo'infirmitate et tribulatione;

Beati quelli kei sosterrano in pace,
ka da te Altissimo sirano incoronati.

Laudato si', mi 'Signore per sora nostra morte corporale
da la quale nullu homo vivente po skapare:

Guai acquelli ke marrano ne le peccata mortali;
Beati quelli ke troverà ne le tue sanctissime voluntati.
Ka la secunda morte nol farrà male.

Laudate et benedicite mi'Signore et rengraziate
et serviatele cum grande humilitate.[18]

No magnífico Cântico do Irmão Sol de São Francisco, devemos notar três pontos:

1. O reconhecimento da transcendência e da bondade de Deus Criador; comparado com Ele, nada é bom.
2. Entretanto, as obras de Deus são maravilhosas e cheias de sabedoria e até mesmo os males que sofremos, como a morte, têm bondade relativa e razão de ser superior na ordem universal.
3. Portanto, o homem não se deve revoltar contra os males que sofre, mas louvar a Deus que, até por meio deles, nos prepara bens maiores.

Essa é a atitude correta diante da criação: nem identificar as criaturas com Deus, nem negar a excelência da criação, pois tudo o que Deus fez é bom.

---

18 Altíssimo, onipotente, bom Senhor,/ Só a ti os louvores, a glória e a honra, e toda a bênção!/ A ti só, Altíssimo, pertencem/ E nenhum homem é digno de te compreender./ Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas./ Especialmente por meu senhor irmão sol,/ Que nos iluminas por ele,/ E ele é belo e radiante./ Com grande esplendor:/ De ti, Altíssimo, porta o significado./ Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas,/ Que no céu as formaste claras, preciosas e belas/ Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento/ E por todos os seus movimentos e pelas nuvens e pelo sereno e por todo os tempos,/ Pelos quais dás sustendo às tuas criaturas./ Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água/ A qual é muito útil e humilde/ E preciosa e casta/ Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo,/ Pelo qual iluminas a noite;/ E que é belo e alegre e robusto e forte/ Louvado sejas, meu Senhor,/ Pela nossa mãe terra,/ A qual nos sustenta e governa/ E produz diferentes frutos com coloridas flores e ervas./ Louvado sejas, meu Senhor,/ Por aqueles que perdoam por teu amor,/ E suportam enfermidades e tribulações,/ Bem aventurados os que as suportarem em paz,/ Pois serão coroados pelo Altíssimo./ Louvado sejas, meu Senhor,/ Por nossa irmã morte corporal./ Da qual nenhum homem vivente pode fugir/ Ai daqueles que morrem em pecado mortal;/ Bem aventurados os que ela encontrar na tua santíssima vontade,/ Pois a segunda morte não lhes fará mal./ Louvai e bendizei o Senhor e agradecei-O/ E servi-O com grande humildade. SÃO FRANCISCO DE ASSIS. *Cantico delle creature.*

Por outro lado, o homem é um exilado do paraíso terrestre e sua vida é uma prova. Na grande ordem que existe no Universo, só em si mesmo o homem nota a desordem. Só ele, ser livre e racional, entre as criaturas visíveis, é capaz de livremente introduzir a desordem no Cosmo. É isso que lhe causa tristeza e angústia. Tristeza, pelo seu estado. Angústia, por estar em prova. Daí o apelo ansioso e triste que se evola das palavras e das notas do Salve Regina:

Ad te clamamus, exsules filii Evae.
Ad te suspiramus,
gementes et flentes,
in hac lacrimarum valle.

"*Lacrimarum valle*", tal é o mundo hoje para o homem. Vale de exílio, de lágrimas e de provas, mas passageiro. Compreendendo que tudo é passageiro e que não há razão para se iludir com os bens terrenos, nem para se revoltar com as misérias da vida, o homem não perderá seu equilíbrio.

Compreendendo que *"populus qui ambulabat in tenebris, vidit lucem magnam; habitantibus in regione umbrae mortis, lux orta est eis"*[19], porque:

Um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado e foi posto o principado sobre o seu ombro; e será chamado: Admirável, Conselheiro, Deus Forte, Pai do século futuro, Príncipe da paz.[20]

Então, ressurge para o homem a esperança e ele sabe que nada deve perturbá-lo:

Nada te turbe,
Nada te espante.
Todo se pasa,
Dios no se muda.
La paciencia
Todo lo alcanza.
Quien a Dios tiene
Nada le falta.
Solo Dios basta.[21]

Diz-nos Santa Teresa de Ávila.

19 Este povo que andava nas trevas, viu uma grande luz; para os que habitavam na região da sombra da morte nasceu-lhes o dia. Is 9, 2.

20 Parvulus enim natus est nobis, Et filius datus est nobis; Et factus est principatus super humerum eius; Et vocabitur nomen eius: Admirabilis, Consiliarius, Deus, Fortis, Pater futuri saeculi, Princeps pacis. Is 9, 6.

21 SANTA TERESA DE JESUS. *Obras Completas*. Eficacia de la paciencia, p. 991.

E, pois que no vale de lágrimas do exílio Deus deixou ao homem coisas maravilhosas para que se lembre do Paraíso perdido e da glória de sua Majestade, é preciso que ele ouça o grande apelo que todas as criaturas lançam, para que conheça e ame a Grandeza, a Sabedoria, a Beleza e a Bondade de Deus através das perfeições que d'Ele se veem no universo.

Chiamavi 'l cielo e 'ntorno vi si gira,
mostrandovi le sue bellezze etterne,
e l'occhio vostro pur a terra mira;
onde vi batte chi tutto discerne.[22]

22 Chama-vos o céu, que em torno de vós gira,/ Mostrando-vos as suas belezas eternas,/ E o vosso olho contudo a terra mira;/ Por isso vos condena o que tudo discerne. ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*, Purgatório, XIV, 148-151.

2
O SONHO DO HOMEM

"*Nel paradiso di Dante, io vi trovai una rosa...*", no paraíso de Dante, encontrei uma rosa. Assim Fausto Montanari, em seu livro *Riserve su l'umanesimo*, inicia sua comparação entre a mentalidade medieval e a humanista. Explica ele que a rosa que encontrou não é a rosa suprema dos bem-aventurados, mas uma simples rosa que se abre ao sol, no campo: *"come 'l sol fa la rosa quando aperta"*.[23]

Essa imagem da rosa que se abre ao sol para perfumar o ambiente, embora isso signifique sua morte, Dante a explica no Convívio:

> E convém ao homem abrir-se, assim como uma rosa que não pode mais estar fechada, e precisa dar vazão ao perfume que gerou dentro de si [...] como a rosa que não dá o seu perfume só àqueles que a procuram por causa disso, mas a todos os que se aproximam dela.[24]

Assim era, explica Montanari, a mentalidade medieval: desejava abrir-se ao sol, dando a todos seu perfume, mesmo que isso lhe custasse a vida.

> Toda carne é feno
> E toda a sua gloria é como a flor do campo.
> Secou-se o feno e caiu a flor,
> porque o sopro do Senhor passou sobre ele.[25]

Esse texto é interpretado, costumeiramente, como ensinando a transitoriedade das coisas terrenas. Entretanto, é legítima outra interpretação: que a glória do ser humano é como a da flor que morre quando por ela passa

---

23 Como ao sol faz a rosa quando aberta. ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia,* Paraíso, XXII, 56.

24 [...] e conviensi aprire l'uomo quasi com'una rosa che più chiusa stare non puote, e l'odore che dentro generato è spandere [...] come la rosa, che non pur a quelli che va a lei per lo suo odore rende quello, ma eziandio a qualunque appresso lei va. ALIGHIERI, Dante. *Convívio,* IV, XXVII.

25 Omnis caro foenum,/Et omnis gloria eius quasi flos agri,/Exsiccatum est foenum, et cecidit flos,/Quia spiritus Domini sufflavit in eo. Is. 50, 6-7.

o espírito do Senhor, isto é, o espírito de holocausto e de sacrifício. É na autoimolação que está a glória do que é perecível, pois que, se tudo passa, é melhor passar fazendo o bem e dando o bem que se tem aos outros. Esta é a glória da flor e a glória do homem: a do sacrifício.

Bem diversa é a mentalidade renascentista. Fausto Montanari, na obra citada, mostra, por meio de poesias de humanistas famosos, como o homem do Renascimento era avesso ao sacrifício e como buscava o prazer egoisticamente. Assim, também os renascentistas Lourenço de Medicis e Poliziano fizeram poesias sobre o tema da rosa que logo murcha. Mas a conclusão a que chegam é oposta a de Dante; é preciso colher e aproveitar a rosa antes que ela murche.

Lourenço, o Magnífico, descreve as rosas de seu jardim, algumas abertas, outras em botão e...

Altra, cadendo, a piè il terreno infiora.
Così le vidi nascere e morire
E passar lor vaghezza in men d'un'ora.
Quando languenti e pallide vidi ire
Le foglie a terra, allor mi venne a mente
Che vanna cosa è il giovenil fiorire.[26]

E depois ele conclui: "Cogli la rosa, o ninfa, or che è il bel tempo."[27]

Poliziano, por sua vez, assim descreve a rosa ao sol:

Quando la rosa ogni suo' foglia spande,
Quando è più bella, quando è più grandita;
Allora è buona a mettere in ghirlande.
Prima che sua bellezza sia fuggita:
Sicchè, fanciulle, mentre è più fiorita,
Cogliân ia bella rosa del giardino".[28]

É patente nesses versos de Dante, de Lourenço de Medicis e de Poliziano a existência de duas mentalidades opostas. Na mentalidade medieval, que transparece em Dante, há uma aceitação do bem realmente existente, mas limitado e transitório, das criaturas, assim como uma aceitação do mal relativo

26 Outra, caindo, enche de flores a terra junto a si,/Assim as vi nascer e morrer/ E passar o seu tempo em menos de uma hora./ Quando languescentes e pálidas vi caírem/ As pétalas na terra, então me veio à mente,/ Que coisa vã é o florescer da juventude.

27 Colhe a rosa, ó ninfa, agora que o tempo é belo. LOURENÇO, O MAGNÍFICO, apud SYMONDS, John Addington. *El Renascimento en Italia*, vol. 2, pp. 99-100.

28 Quando a rosa abre todas as suas pétalas,/ Quando é mais bela, quando está maior,/ Então está boa para ser posta numa guirlanda,/ Antes que sua beleza tenha fugido,/ Assim também, moças, enquanto está mais florida,/ Colhei a bela rosa do jardim. Idem. Iibidem, p. 101.

das coisas criadas. Pode-se notar ainda que, no pensamento de Dante sobre a rosa, perpassa certa temperada tristeza, fruto da aceitação resignada do sacrifício e da prova a que o homem está submetido nesta vida.

Nos versos dos humanistas citados, reflete-se não só a admiração do bem relativo mas uma exaltação do bem da criatura além do justo limite. Percebe-se tal desejo de aproveitar o bem das coisas que, no fundo, se manifesta uma recusa em aceitar qualquer prova, qualquer sacrifício. Há na alma renascentista uma revolta que rejeita a transitoriedade das coisas, uma revolta contra o tempo, uma oposição à aceitação do mal relativo das criaturas.

Esses desvios da mentalidade humanista deviam, assim, desembocar em duas posições doutrinárias:

1. Ou na divinização do universo;
2. Ou em desespero e frustração por não poder obter a felicidade absoluta já neste mundo.

Etienne Gilson afirma que a "Renascença marca o iníco da era em que o homem se declara satisfeito do estado de natureza decaída."[29] Mentalidade para a qual o mundo é belíssimo, excelente e, se nele há desordens e males, o homem por sua razão conseguirá ordená-lo e alcançar glória e felicidade absolutas.

> O homem se esforça por continuar na boca dos homens por todo o futuro... Ele sofre por não poder ter sido celebrado por todo o passado, por todos os países, por todos os animais. Ele mede a terra e o céu, escruta as profundezas do Tártaro, e o céu não lhe parece demasiado alto, nem o centro da terra demasiado profundo. E, já que ele conheceu o que move esses céus e aonde eles vão, suas medidas e seus produtos, quem negará que ele tem quase o mesmo gênio que o autor desses céus e que de certo modo ele mesmo poderia criá-los? ... O homem não quer superior nem igual; ele não tolera que haja acima dele algum poder de que ele esteja excluído... Ele se esforça por comandar em todos os lugares e por ser louvado em todos os lugares... Ele se esforça por ser em todos os lugares como Deus.[30]

---

29 La Renaissance marque le commencement de l'ère où l'homme se déclare satisfait de l'état de nature déchue. GILSON, Etienne. *L'esprit de la philosophie médievale*, p.130.

30 L'homme s'efforce de rester dans la bouche des hommes pour l'avenir entier... il souffre de n'avoir pu être célébré par tout passé, par tous les pays, par tous les animaux. Il mesure la terre et le ciel, scrute les profondeurs du Tartare, et le ciel ne lui paraît pas trop haut, ni le centre de la terre trop profond. Et puis qu'il a connu l'ordre des ciels et qui meut ces ciels, et où ils vont, leurs mèsures et leurs produits, qui niera qu'il a quasiment le même génie que l'auteur de ces ciels et qu'un une certaine façon il pourrait lui-même les créer? ... L'homme ne veut point de supérieur ou d'égal; il ne tolère point qu'il y ait dessus de lui quelque empire dont il soit exclu... Il s'efforce à partout commander, à d'être loué par tout... Il s'efforce a d'être partout comme Dieu. FICINO,

Ficino via no espírito humano o instrumento que permitiria ao homem medir e dominar o mundo. Mas esse instrumento teria origem material.

> E o instrumeno desse gênero é o espírito, o qual é definido pelos médicos como um certo vapor do sangue, puro, sutil, quente e lúcido. E formado pelo cérebro, e então a alma frequentemente o emprega para o exercício tanto dos sentidos interiores quanto dos sentidos exteriores. Assim, o sangue serve o espírito e o espírito serve os sentidos e, finalmente, os sentidos servem a razão.[31]

Ao mesmo tempo em que no Renascimento e no Humanismo se divinizavam o homem e a natureza, a razão e o universo, chegava-se também ao extremo oposto, negando-se qualquer valor à razão.

Eugenio Garin mostra como, em Pico della Mirandola, o desprezo da razão e o ceticismo acabam dominando:

> Já que o nosso entendimento, que é a última das inteligências, passa da potência ao ato; e muito se engana no raciocínio e nos processos discursivos, e é impedido e como retido pelos incidentes que velam as substâncias e pelas diferenças desconhecidas das coisas.[32]

E, parafraseando Pico, conclui:

> Os filósofos não estão de acordo; a razão não basta a si mesma. Sobre o tecido de mentiras do raciocínio; sobre as contradições do intelecto; sobre a insuficiência radical da pesquisa humana, levanta-se a suficiência suprarracional da revelação [...]. O homem em si é nada: é erro e culpa.[33]

Passa-se, pois, de uma supervalorização absoluta da razão à sua negação completa. E não se sabe se o homem, pela razão, deve dominar o universo, ou

---

Marsilio. *Theologia platonica. Opera Omnia* p. 297, p. 297, 311, 312 apud MONNIER, Phillippe. *Introduction au Quattrocento.*

31 And instrument of this sort is the spirit, which by physicians is defined as a certain vapour of the blood, pure, subtle, hot and lucid. And formed from the brain, and there the soul assiduously employs it for the exercise of both the interior and exterior senses. Thus the blood serves the spirit, the spirit the senses, and finale the senses, reason. FICINO, Marcilio. *De triplice Vita*, I, ii, in *Opera Omnia*, p. 496, apud WALKER, D. P . *Spiritual and demonic magic*, p. 3.

32 Poi chè il nostro intendimento, che è l'ultima delle intelligenze, passa dalla potenza all'atto; e molto si inganna nel ragionamento e nei processi discorsivi, ed è impedito e quasi tratenuto dagli incidenti che velano le sostanze, e dalle ignote differenze delle cose. PICO DELLA MIRANDOLA apud GARIN, E. *L'Umanesimo italiano*, p.154.

33 I filosofi non vanno d'accordo; la ragione non basta a se stessa. Sul tessuto di menzogne del ragionamento; sulle contradizione dell'intelecto: sull' insuficienza radicale dell'umana ricerca, si leva la sufficienza sovrarazionale della rivelazione [...]. L'uomo in sè è nulla: è errore e colpa. Idem. Ibidem, p. 155.

se, pelo contrário, o universo deve absorver o homem pelo amor, negando-se a razão:

> Leão Hebreu vai detectando um pulsar eterno de vida em todas as coisas, uma simpatia ou amizade do cosmo, que ele transfigura imaginosamente, enquanto céu e terra, feitos seres vivos, se vão desposando para satisfação de seu perfeito amor. 'Com esse recíproco amor se une o universo corpóreo e se adorna e sustenta o mundo. E a terra, ou matéria, tem amor ao céu como a um amadíssimo marido, ou amante, ou benfeitor e as coisas geradas amam o céu como pai piedoso e ótimo curador'.
>
> [...] E entre o homem e a natureza há uma tão perfeita compenetração que não se pode dizer se é o homem que se confunde no todo ou o todo que se humaniza. A natureza assume rosto; ela é mais do que o templo vivo de Deus, de Campanella; é a obra de arte de Deus, na qual Deus mesmo vive, animador e artífice.[34]

A tentativa frustrante de eliminar o mal relativo do mundo, transformando-o em paraíso por meio da razão, devia conduzir ao desespero, ao ceticismo e, por fim, à magia.

> Entre as atividades humanas, a obra mágica vem, assim, a assumir uma posição central, enquanto justamente nela se exprime de modo quase exemplar aquela divina potência do homem que Camapnella louvou em versos justamente famosos. O homem-centro do Cosmo é precisamente o homem que, tendo apreendido o ritmo secreto das coisas, faz-se um sublime poeta, mas, como um Deus, não se limita a escrever palavras de tinta em papel caduco, mas inscreve coisas reais no grande livro do universo.
>
> [... o tema mágico] torna-se comum em todos os grandes pensadores e cientistas, aos quais vem como impulso, também – e eu gostaria de dizer sobretudo – se, como um Leonardo, polemizam acerbamente contra os ineptos cultores das práticas necromânticas.

---

34 Leone Ebreo va rintracciando un pulsare eterno di vita in tute le cose, una simpatia e amicizia del cosmo, che egli trasfigura immaginosamente, mentre cielo e terra, fatti essere vivi si van disposando a soddisfazione del loro perfecto amore 'Con questo reciproco amore s'unisce l'universo corporeo, e s'adorna e sostiene il mondo. E la terra o materia ha amore al cielo come a diletissimo marito, o amante, e benefattore, e le cose generate amano el cielo como patre pio ed ottimo curatore'.

[...] E fra l'uomo e natura v'e cosi perfetta compenetrazione che non sai dire, se sia l'uomo a confondersi nel tutto, o il tutto a umanizarsi. La natura assume volto; essa è qual cosa piu del campanelliano tempio vivente del Dio; è l'opera d'arte di Dio, in cui Dio stesso vive, animatore ed artifice. Idem. Ibidem, p.144.

> Será a própria magia que, operando milagres, penetrando no coração dos homens com encantamentos e seduções, irá reformando até a raiz a cidade terrestre.[35]

Nessa "cidade terrestre", não haveria lugar para os cavaleiros do Apocalipse, a peste, a fome e a guerra. Não haveria tribulações, nem tiranias, nem conflitos.

Por meio do racionalismo naturalista ou da magia e da divinização do humano, alcançar-se-ia o reino messiânico, o milênio paradisíaco.

Nesse tempo, reino de Deus na terra, desapareceriam todas as desigualdades entre os homens – de virtude, de saber, de propriedade – como também a própria desigualdade entre o Criador e a criatura. O relativo e contingente se transformariam ou seriam absorvidos e aniquilados no Absoluto. Não haveria mais nem mistérios para a inteligência, que tudo compreenderia, até mesmo a essência divina, nem leis que limitassem a vontade. Seria o reino do Amor que tudo tornaria lícito.

No homem, haveria a força necessária para redimir o homem ou para salvar Deus, aprisionado na contingência.

Crê-se no homem, "salvador de si mesmo", "*salvator Dei*". O homem divino estaria aprisionado na contingência, mas ele teria em si mesmo a força para se salvar. Ele é, ao mesmo tempo, "vítima e salvador", "o salvador salvado". Em nossos dias, essa crença no homem "salvador que se salva" se tornou muito difundida e dela se fazem afirmações grosseiras.

Veja-se, por exemplo, o seguinte texto que durante algum tempo foi recitado nas igrejas católicas no Brasil:

> Creio no homem que constrói o mundo e canta seu trabalho, criador da criação que lhe foi dada ao acordar. Creio na mulher que cada dia se enfeita e se embeleza para ser a mais bonita criação de nosso Pai. Creio no automóvel, no cinema, na TV, nos astronautas, nas palavras dos cientistas, no mundo da evolução [...] Vou cantando, ninguém vai me calar vislumbrando o sol de amanhã. Vou partilhando a oração que unirá o mundo todo em um único cantar.

---

35 Fra le attività umane l'opera magica viene, anzì ad assumere una posizione centrale, inquanto proprio in essa si esprime in modo quasi exemplare quella divina potenza dell'uomo cui Campanella inneggiò in versi giustamente famosi. L'uomo-centro del Cosmo è appunto l'uomo che, afferrato il ritmo segreto delle cose, si fa su blime poeta, ma, come un Dio, non se limita a scrivere parole d'inchiostro su carte caduche, bensì inscrive cose reali nel grande libro dell' universo.

[... o tema mágico] diventa comune a tutti i grandi pensatori e scienzati, nei quali veni come impulso, anche - e vorrei dire sopratutto - se, come un Leonardo, polemizzano acerbamente contri gli inetti cultori delle pratiche necromantiche.

Sará proprio la magia che, operando miracoli, penetrando nei cuori degli uomini com incantamenti e seduzione, verrà riformando fino alle radici, la città terrestre. Idem. Ibidem, p.143.

E outras sandices mais.

Essa afirmação antropoteísta substituiu a recitação do Credo de Nicéia. E assim o *Pater Omnipotentem* é substituído pelo homem e pela evolução.

Supervalorização da criatura ou aniquilamento dela no absoluto naturalismo racionalista ou na magia mística irracional são formas variantes de recusar a contingência e o estado de prova em que o homem está posto. São manifestações do sonho oculto de tornar o homem Deus. E tudo isso constitui uma verdadeira Religião: a Religião do Homem.

3
PROBLEMAS FUNDAMENTAIS

O IGUALITARISMO ANTIMETAFÍSICO E A RELIGIÃO DO HOMEM

Como vimos, as limitações de si mesmo e as de todas as criaturas levam o homem a encarar os seres criados de um de dois modos:

1. Ou como um apelo para buscar e amar o Absoluto;
2. Ou como uma tentação de revolta contra as limitações do ser contingente.

Essa revolta tem um caráter metafísico e religioso. Metafisicamente, ela consiste na recusa de toda ordem ontológica real e objetiva e se manifesta:

1. Pela recusa da distinção entre ser Absoluto ou necessário e seres relativos ou contingentes; pela identificação do ser Absoluto ao contingente;
2. Consequentemente, por um igualitarismo ontológico, que afirma a igualdade entre ser Absoluto e seres contingentes, como também a igualdade completa de todos os seres contingentes entre si;
3. Pela negação de toda hierarquia ontológica, que acarreta, em última instância, a identificação entre espírito e matéria, esta revertendo naquele;
4. Pela negação de todas as limitações do ser contingente; no homem, especificamente, se negam as seguintes limitações:
    i. Quanto à matéria: todas as limitações relacionadas com o espaço e o tempo.
    ii. Quanto à alma: todas as limitações cognoscitivas e volitivas do homem, isto é, a razão humana seria capaz de compreender tudo e a vontade não estaria sujeita a qualquer lei;
    iii. Quanto à criação: negação de qualquer causa eficiente, final ou exemplar, extrínseca e transcendente ao universo.

Ao dizermos que há, na Religião do Homem, uma atitude antimetafísica não queremos afirmar que todos seus partidários sejam carentes de espírito

metafísico, isto é, filosófico. Queremos dizer apenas que, na Religião do Homem, que conta entre seus adeptos alguns gênios filosóficos, se manifesta uma revolta contra a ordem metafísica real e objetiva, tal qual foi estabelecida pelo Criador. É essa revolta que está no cerne da Religião do Homem.

O RIO CÁRSICO DO ANTROPOTEÍSMO: A UNIDADE DA RELIGIÃO DO HOMEM

Essa religião aparece e desaparece na história como um fio misterioso que dá unidade a movimentos religiosos e filosóficos desde a Antiguidade até nossos dias.

Ladislao Mittner, falando do Pietismo – que é uma das variantes da Religião do Homem – diz que:

> É quase impossível distinguir o pietismo das muitas outras seitas religiosas da época. Vários filões do movimento apresentam fenômenos cársicos: aparecem, desaparecem e, de improviso, reaparecem em outro lugar, sem que a identidade do filão possa ser propriamente demonstrada.[36]

A imagem do rio cársico é muito própria. É sabido que os rios do Carso iugoslavo, correndo numa região calcária, desaparecem de repente no solo para correr subterraneamente e reaparecer depois de longa distância, dando a impressão de que são dois rios distintos. O mesmo se dá com a Religião do Homem na história: ora aparece, ora desaparece, reaparecendo além, com outro nome, mas sempre com as mesmas águas doutrinárias. Ela é como o elemento aquoso. Há vários oceanos e há muitos mares com nomes locais e diversos, mas, na verdade, há um só mar. É o que diz, em outras palavras, Denis de Rougemont a respeito da fé única que forma o pano de fundo de todas as heresias ocidentais, e que ele julga ser o maniqueísmo.

> Mas, mais perto de nós que Platão ou os druidas, uma espécie de unidade mística do mundo indo-europeu se desenha como em filigrana no pano de fundo das heresias da Idade Média. Se abarcamos o domínio geográfico e histórico que vai da Índia à Bretanha, constatamos que uma religião se espalhou nesse território de modo verdadeiramente subterrâneo a partir do século terceiro de nossa era, sincretizando o conjunto dos mitos do Dia e da Noite

36 É quasi impossibile distinguere il pietismo dalle molte altre sette religiose dell'epoca. Singoli filoni del movimeto presentano fenomini carsici: appaiono, scompaiono e d'improviso riappaiono attrove, senza che l'identità del filone possa essere propriamente dimostrata. MITTNER, Ladislao. *Storia della Letteratura Tedesca (1700-1820)*, p. 40.

tal como eram elaborados na Pérsia, primeiramente, e depois em todos os segredos gnósticos e órficos. Essa fé era a maniqueia.[37]

Sem aceitar a denominação de maniqueísmo para essa religião "cársica", queremos apenas tomar desse texto a confirmação de que há um veio único e subterrâneo que liga todas as heresias do Ocidente. Acreditamos que esse veio engloba também o maniqueísmo – que é uma de suas principais seitas – mas que seu nome genérico mais adequado não é o de maniqueísmo.

Poder-se-ia também aventar a hipótese de ser o Panteísmo a verdadeira essência dessa religião oculta, qual serpente cujos anéis ora aparecem, ora desaparecem no solo da história.

O Dicionário de Teologia Católica, no verbete *Panteísmo*, dá uma série imensa de autores e sistemas panteístas desde a antiguidade pagã até nossos dias.[38] São citados nesse elenco, como sendo panteístas, a alma do paganismo antigo, quer oriental quer ocidental, várias doutrinas religiosas hindus (Vedas, Bramanismo, Upanishades, Budismo, Hinduismo), as doutrinas primitivas da China, do Egito faraônico, da Caldéia, da Grécia e de Roma antigas. Da filosofia grega são incluídas muitas escolas como as de Heráclito, Parmênides, Xenófanes e a dos estóicos.

O estoicismo e o epicurismo greco-romanos, juntamente com o platonismo, teriam sido as escolas mais importantes pelas quais o Panteísmo antigo teria se transmitido aos tempos cristãos. "O neo-platonismo desempenhou o papel de fermento no pensamento europeu até os nossos dias."[39], diz o Dicionário de Teologia Católica.

O Panteísmo neoplatônico não teria influenciado apenas o Ocidente, mas também as filosofias árabe e judaica. Al Farabi (870 – 950), Sohrawardi (1153-1191) e Ibn Arabi (1165- 1240) seriam pensadores e místicos maometanos apresentados como panteístas pelo mesmo Dicionário.

Entre os judeus, Ibn Gabirol (Avicebron) e muitos cabalistas espanhóis da escola de Gerona, como Nahmanides Azriel, teriam sido marcados pelo neoplatonismo. Eles eram cabalistas e a Cabala tinha formulações panteístas.

Na Idade Média, seria Scoto Erígena a fonte neoplatônica do novo

---

37 Mais plus près de nous que Platon et les druides, une sorte d'unité mystique du monde indo-européen se dessine comme en filigrane à l'arrière plan des hérésies du Moyen Âge. Si nous embrassons le domaine géographique et historique qui va de l'Inde à la Bretagne, nous constatons qu'une religion s'y est répandue, d'une manière à vrai dire souterraine dès le troisième siècle de notre ère, syncretisant l'ensemble des mythes du Jour et de la Nuit tels qu'ils s'étaient élaborés en Perse d'abord, puis dans les secrets gnostiques et orphiques et c'est la foi manichéenne. ROUGEMONT, Denis de. *L'Amour et l' Occident*, p. 47.

38 Cf. VACANT, A. e MANGENOT, E. "Panthéisme" in *Dictionaire de Théologie Catholique*.

39 Le neo-platonisme a joué le rôle de ferment dans la pensée européenne jusqu'à nos jours. Cf. Idem. Ibidem.

Panteísmo ocidental. Dele se originaria o Panteísmo da escola de Chartres, isto é, a doutrina panteísta de Davi de Dinant e de Amaury de Bènne (+1207).

Ainda segundo o Dicionário de Teologia Católica, o Panteísmo popular dos Begardos e Beguinos, assim como o de Eckhart, também teria origem no neoplatonismo de Scoto Erígena e o próprio nominalismo não escaparia dessa influência.

Por fim, a Renascença teria assistido a uma verdadeira explosão de ideias panteístas, que se perpetuam através da história: Giordano Bruno e Campanella são exemplos frisantes dessa corrente. Spinoza, Leibniz, Shaftesbury, Diderot, Lessing, Kant, Novalis, Fichte, Hegel, Schopenhauer, Feuerbach e a esquerda hegeliana continuaram a corrente panteísta nos séculos XVII, XVIII e XIX.

Examinando-se esse elenco e comparando-o com o rol histórico dos gnósticos, nota-se que muitos nomes aparecem nas duas listas. É que a distinção entre Gnose e Panteísmo é muito tênue e, como veremos adiante, é muito fácil passar de um movimento para o outro. O Panteísmo tem, muitas vezes, uma doutrina oculta que é, de fato, gnóstica.

Gnose e Panteísmo diferenciar-se-iam pela rejeição ou pela aceitação do Cosmo e da matéria. Esse critério, porém, é bastante equívoco, pois há Gnoses que aceitam o Cosmo, no sentido de que admitem a futura transformação da matéria cósmica em substância puramente espiritual e divina. Há Gnoses que, ao mesmo tempo, amam e odeiam o Cosmo.

"Alguns destes sistemas manifestam para com o mundo uma atitude ambivalente, amado e odiado ao mesmo tempo."[40]

Por outro lado, há panteístas que divinizam o Cosmo e, ao mesmo tempo, afirmam que é preciso abandonar a matéria por ela ser fonte de alteridade e de individuação, o que nos separa do Todo divino. Chegam mesmo a afirmar que a matéria é não ser, é o nada. É o caso de Plotino, que se revolta contra os gnósticos, porque eles desprezam o mundo, mas que chama a matéria de nada, de não-ser que engana a alma.[41]

Não há dúvida, pois, quanto à existência do rio cársico da Religião do Homem na história. Qual é sua verdadeira natureza? Que nome se lhe deve dar? É o que se discute.

Cremos que a solução do problema poderia ser encontrada examinando-se mais a fundo a Gnose e depois se interrogando as tendências mais profundas da alma humana.

Vejamos, pois, inicialmente o que é a Gnose.

---

40 Certains parmi ces systèmes manifestent une attitude ambivalente à l'egard du monde, aimé et haï à la fois. GRANT, Robert M. *La Gnose et les origines chrétiennes*, p. 17.

41 Cf. PUECH, Henri-Charles. *En quête de la Gnose* – Vol. I, La Gnose et le Temps, pp. 74-75.

4
GNOSE: SENTIDO E EXTENSÃO DO TERMO

Os historiadores de Religião englobam um grande número de seitas e de movimentos religiosos sob o nome de Gnose. Na verdade, nada há de mais impreciso e brumoso que esse termo. E se o termo é impreciso, o pensamento que ele conceitua é também pouco definido e evanescente. Discute-se se há uma só Gnose ou diversas, sobre sua verdadeira natureza e sua origem.

Gnosis, em grego, significa conhecimento. Essa palavra foi usada inicialmente para designar algumas heresias cristãs surgidas nos primeiros séculos de nossa era. Entretanto, quer o significado literal da palavra *gnosis*, quer o conceito acima devem ser precisados para se evitar certas confusões.

As descobertas mais recentes de documentos gnósticos e os autores mais acatados mostram que é um erro limitar a Gnose ao campo do cristianismo, pois houve uma Gnose pagã, como também uma Gnose judaica e uma Gnose maometana. Há, ainda, quem classifique como gnósticos importantes sistemas filosóficos, artísticos, políticos e sociais contemporâneos.

> [...] de fato, a Gnose e seu dualismo pessimista exprime uma das duas tendências profundas do espírito humano, uma das duas ou três opções fundamentais entre as quais ele deve finalmente escolher. Claude Tresmontant mostrou bem a permanência da tentação gnóstica, que reaparece sem cessar, sobre formas diversas no pensamento ocidental ao longo de sua história: entre os Bogomilas e Cátaros da Idade Média, também em Spinoza, Leibniz, Fichte, Schelling, Hegel. Poderíamos continuar essa história para além do romantismo alemão chegando até nossos dias: a vida de Simone Weil é, em particular, bastante significativa; seu néo-gnosticismo, o qual a fez ficar à margem da Igreja e sua herança, se encontra na obra histórica de sua amiga e discípula Simone de Pétrement.

Além disso, é preciso notar que, se a palavra *gnosis* é grega, sua origem deve ser buscada no Oriente.

> As próprias pesquisas lexicológicas permitem constatar imediatamente duas coisas: de um lado, que a palavra *gnôsis* tem

> um campo que excede o do cristianismo, tanto no espaço quanto no tempo, que há, em outras palavras, uma "Gnose pagã"; de outro lado, que o significado da palavra tomado absolutamente não vem do helenismo. Éduard Norden mostrou bem que duas expressões técnicas tais como *hoï én gnôseï ontés*, literalmente: "aqueles que estão na Gnose", ou *ho gnôsin eskhêkôs*, "aquele que possui (que tem) a Gnose", são estranhas ao pensamento grego. Elas só podem ser explicadas como sendo transcrições de expressões ou de ideias orientais. [42]

Para Puech:

> [...] a Gnose (do grego *gnôsis*, "conhecimento") é um conhecimento absoluto que salva por ele mesmo, ou que o gnosticismo é a teoria da obtenção da salvação pelo conhecimento.[43]

Noutra passagem, esse autor procura dar um conceito "fenomenológico" de Gnose:

> [...] a Gnose é uma experiência ou se refere a uma eventual experiência interior, chamada a tornar-se estado inamissível, pela qual, por via de uma iluminação que é regeneração e divinização, o homem se retoma em sua verdade, lembra-se e toma novamente consciência de si mesmo, isto é, de uma só vez, de sua natureza e de sua origem autênticas; deste modo, ele se conhece ou se reconhece em Deus, conhece Deus e se manifesta a ele mesmo como emanado de Deus e estranho ao mundo, adquirindo assim,

---

42 [...] en fait, la Gnose et son dualisme pessimiste expriment l'une des deux tendances les plus profondes de l'esprit humain, l'une des deux ou trois options fondamentales entre lesquelles il doit finalement choisir. Claude Tresmontant a bien montré la permanence de la tentation gnostique, sans cesse répparue, sous des formes diverses, dans la penseé occidentale aux cours de son histoire, chez les Bogomiles et les Cathares du moyen âge, chez Spinoza, Leibniz, Fichte, Schelling, Hegel. On pourrait continuer cette histoire au-delà du romantisme allemand et jusqu'à nos jours: la destinée de Simone Weil est en particulier très significative; c'est bien son néo-gnosticisme qui l'a finalement arrêtée au seuil de l'Église et son héritage se retrouve dans l'oeuvre historique de son amie et disciple Simone de Pétrement.

Les recherches lexicologiques elles-mêmes permettent de constater immédiatement deux choses: d'une part, que le mot *gnôsis* a un champ qui excède celui du christianisme dans l'espace comme dans le temps, qu'il y a en d'autres termes, une "Gnose païenne"; d'autre part, que la signification du mot pris absolument ne vient pas de l'hellénisme. Éduard Norden a bien montré que deux expressions techniques comme *hoï én gnôseï ontés*, à la lettre: "ceux qui sont dans la Gnose", ou *ho gnôsin eskhêkôs*, "celui qui possède (qui a) la Gnose", sont étrangères au génie grec. Elles ne peuvent s'expliquer que comme des transcriptions d'expressions ou d'idées orientales. PUECH, Henri-Charles. *En quête de la Gnose* – Vol. I, La Gnose et le Temps, p. 168

43 [...] la Gnose (du grec *gnôsis*, "connaissance") est une connaissance absolue qui sauve par elle-même, ou que le gnosticisme est la théorie de l'obtention du salut par la connaissance. Idem. Ibidem, p. 236

com a posse do seu "eu" e de sua condição verdadeiras, a explicação de seu destino e a certeza definitiva de sua salvação, descobrindo-se como ser – de direito e por toda eternidade – salvo.[44]

Simone de Pétrement completa essa ideia ao afirmar que:

> A Gnose talvez não fosse, na origem, a revelação de um conhecimento, mas, o que é bem diferente, a religião do conhecimento, o culto do conhecimento como meio de salvação, e de um conhecimento que é necessariamente, porque nós estamos na ignorância, um conhecimento dado.[45]

Também Grant mostra que o conhecimento que constitui a Gnose tem um sentido muito especial:

> Está aí o primeiro ponto e o mais importante da definição do gnosticismo: uma religião que salva pelo conhecimento; conhecer para eles é essencialmente se conhecer, reconhecer o elemento divino que constitui o verdadeiro Eu.[46]

E ainda:

> O gnóstico é um gnóstico porque ele sabe, por revelação, qual é seu ser verdadeiro. Outras religiões estão, em graus diversos, centradas na divindade: o gnóstico é centrado sobre si mesmo.[47]

A "atitude" ou "mentalidade" gnóstica existe subjacente a um grande e variado enxame de seitas, dando unidade a todas elas.

---

44 [...] la Gnose est une expérience ou se réfère à une éventuelle expérience intérieure, appelée à devenir état inamissible, par laquelle, au cours d'une illumination qui est régénération et divinisation, l'homme se ressaisit dans sa vérité, se ressouvient et reprend conscience de soi, c'est-à-dire, du même coup, de sa nature et de son origine authentiques; par là, il se connaît ou se reconnaît en Dieu, connaît Dieu et s'apparaît à lui-même comme émané de Dieu et étranger au monde, acquérant ainsi, avec la possession de son "moi" et de sa condition véritables, l'explication de sa destinée et la certitude définitive de son salut, se découvrant comme être - en droit et de toute éternité - sauvé. Idem. Ibidem, 190.

45 La Gnose n'etait peut-être pas, à l'origine, la révélation d'une connaissance, mais, ce qui est bien différent, la religion de la connaissance, le culte de la connaissance comme moyen de salut, et d'une connaissance qui est nécessairement, parce que nous somes dans l'ignorance, une connaissance donnée. PÉTREMENT, Simone de. *Le dualisme chez Platon, les gnostiques et manichéens*, p. 88.

46 C'est là le premier point et le plus important de la définition du gnosticisme: une religion qui sauve par la connaissance; connaître, pour eux, est essentiellement se connaître, reconnaître l'élément divin qui constitue le véritable Soi. GRANT, Robert M. *La Gnose et les origines chrétiennes*, p. 19.

47 Le gnostique est un gnostique parce qu'il sait, par révélation, quel est son être véritable. D'autres religions sont, à des degrés divers, concentrées sur la divinité: le gnostique est centré sur soi. Idem. Ibidem, p. 18.

> Por mais diversas que possam ter sido essas formas sobre as quais se manifestou historicamente, o gnosticismo deve ser tido por um fenômeno específico, uma categoria ou um tipo distinto do pensamento filosófico-religioso: é uma atitude que tem um aspecto, uma estrutura, leis próprias, e que a análise, unida à comparação, permite encontrar substancialmente idênticas, e com as mesmas articulações, na base de todos os diversos sistemas que nós estamos no direito, em razão deste fundamento ou deste "estilo" comum, de classificar sob uma mesma etiqueta e chamá-los de "gnósticos". [48]

Para mostrar a unidade subjacente no emaranhado das seitas gnósticas, Puech recorre a uma metáfora empregada por Santo Irineu.

> Poderíamos, para caracterizar a concepção que a nova teoria faz do gnosticismo, tomar de Irineu uma metáfora que, para esse Padre da Igreja, traduz a multiplicação rápida e abundante das seitas gnósticas: aquela de um "campo de fungos", de um húmus anônimo e que não se diferencia, de onde crescem e se reproduzem sistemas ao mesmo tempo diversos e aparentados, sistemas de grupos em que, com o correr do tempo, aqui e ali algumas individualidades imprimem uma marca mais ou menos original, mas continuam herdeiros do velho fundo primitivo.[49]

Foi essa unidade subjacente a um grande número de seitas, movimentos e escolas que levou os autores modernos a alargar muito o conceito de Gnose que, a princípio, era atribuído apenas a certas seitas cristãs dos primeiros séculos de nossa era. Isso se deveu, inicialmente, aos trabalhos da *Religionsgeschichtliche Schule* (W. Anz, R. Reitzenstein e W. Bousset). Daí Puech e outros autores distinguirem Gnose em sentido estrito (a das primeiras heresias cristãs) e Gnose, em sentido lato, que engloba também movimentos não cristãos, anteriores ou posteriores a Cristo.

---

48 Quelques diverses qu'aient été ces formes sous lesquelles il s'est historiquement manifesté, le gnosticisme doit être tenu pour un phénomène spécifique, une catégorie ou un type distinct de la pensée philosophico-religieuse: c'est une atitude qui a une allure, une structure, des lois propres, et que l'analyse, jointe à la camparaison, permet de retrouver, substantiallement identique, et avec les mêmes articulations, à la base de tous les systèmes divers que nous sommes en droit, en raison de ce fondement ou de ce "style" commun, de ranger sous une même étiquette et d'appeler "gnostiques". PUECH, Henri-Charles. *En quête de la Gnose,* Vol. I, La Gnose et le Temps, p. 235

49 On pourrait, pour caracteriser la conception que se fait du gnosticisme la théorie nouvelle, emprunter à Irénée une métaphore qui, chez ce Père, traduit la pullulation des sectes gnostiques: celle d'une "champignonnière", d'un humus anonyme et indifferencié d'oú poussent et se reproduisent des systèmes tout ensemble divers et parents, systèmes de groupes où, par la suite, çà et lá quelques individualités impriment une marque plus ou moins originale, mais restent héritières, du vieux fond primitif. Idem. Ibidem, p. 158

> O sentido estrito que tinha no começo a palavra "Gnose" é substituído por um sentido largo que amplifica e engloba o primeiro; de início reduzido às dimensões de uma heresia cujo estudo, dessa forma, pertencia propriamente à História da Igreja e que só poderia ser formado no interior do cristianismo e posterior à sua aparição, o gnosticismo atinge agora proporções de um fenômeno geral da História das religiões, ultrapassando e muito, por sua extensão, os limites e o campo do cristianismo antigo, e externo, senão anterior a ele com relação às suas origens. Desse fenômeno, as Gnoses cristãs heterodoxas representam apenas mais uma expressão entre muitas outras; propriamente falando, elas não são heresias imanentes ao cristianismo, mas os resultados de um encontro e de uma junção entre a nova religião e uma corrente de ideias e sentimentos que existia antes dela ou que lhe era primitivamente estranha e o continuará sendo em sua essência.[50]

Também Hans Jonas distingue um conceito largo e moderno do conceito antigo mais restrito de Gnose.

> Os pesquisadores modernos alargaram pouco a pouco o círculo tradicional, raciocinando sobre a existência de um gnosticismo judaico pré-cristão e de um gnosticismo pagão helenístico e fazendo conhecer as fontes mandeanas, o exemplo mais impressionante de um gnosticismo oriental exterior à esfera helênica, e ainda outros materiais.[51]

Esse mesmo autor considera que todas as seitas ou sistemas que tenham as mesmas características dominantes devem ser designados por um termo genérico, embora muitas delas não utilizassem esse termo para se denominarem a si mesmas. Ele recorda que só algumas seitas heréticas cristãs se afirmavam

---

50 Au sens restreint qu'avait au départ le mot "Gnose" se substitue un sens large qui amplifie et englobe le premier; d'abord réduit aux dimensions d'une hérésie dont, à ce titre, l'étude appartenait en propre à l'Histoire de l'Église et qui ne pouvait s'être formée qu'à l'intérieur du christianisme et postérieurement à son apparition, le gnosticisme atteint désormais les proportions d'un phénomène général de l'Histoire des religions, dépassant de beaucoup, par son extension, les limites et le champ du christianisme antique, et extérieur, sinon antérieur, à lui par ses origines. De ce phénomène, les Gnoses chrétiennes hétérodoxes ne représentent plus qu'une expression entre beaucoup d'autres; à proprement parler, elles ne sont pas des hérésies immanentes au christianisme, mais les résultats d'une rencontre et d'une jonction entre la nouvelle religion et un courant d'idées et de sentiments qui existait avant elle ou qui lui était primitivement étranger et le demeurera dans son essence. Idem. Ibidem, pp. 187-188.

51 Les chercheurs modernes ont élargi peu à peu ce cercle traditionnel en raisonnant sur l'existence d'un gnosticisme juif préchrétien et d'un gnosticisme païen hellénistique, et en faisant connaître les sources mandéennes, exemple frappant entre tous d'un gnosticisme oriental extérieur a la sphère hellénistique, et d'autres matériaux encore. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 53.

gnósticas. Hans Jonas, levando em conta o critério acima, considera o próprio maniqueísmo uma seita gnóstica.[52]

De qualquer forma, entretanto, é certo que Hans Jonas aceita a tese de que há uma unidade profunda entre um sem número de seitas cristãs, judaicas ou pagãs. Essa unidade revela uma única religião subterrânea a que esse autor dá o nome de Gnose.

Como já vimos, Puech também afirma essa unidade na diversidade das Gnoses.[53]

Hans Leisegang diz que Santo Hipólito, ao tratar da seita dos Naassenos, que a si mesmos chamavam de gnósticos, mostra que nela era possível distinguir três camadas. A primeira seria constituída

> [...] por um sistema puramente pagão, caracterizado pela aplicação de uma especulação de origem grega, e no estilo dos métodos da teologia helenista, à poesia, à filosofia dos mistérios gregos, aos cultos míticos orientais que entraram em contato com o mundo grego [...]. Uma segunda camada consiste na introdução do Antigo Testamento no sistema [...]. Por fim, um terceiro elemento, o elemento cristão, se apresenta ainda como uma espécie de revestimento.[54]

Santo Hipólito comenta várias vezes que as divisões da Gnose eram aparentes e que na verdade havia uma só Gnose. Ao tratar dos Naassenos, diz ele:

> Eles se dividiram em um grande número de seitas, que formam, no fundo, uma só heresia, pois, sob fórmulas diversas, é sempre a mesma doutrina que eles expõem.[55]

E, ao narrar a Gnose de Justino, reitera o mesmo autor:

> Sob formas diferentes, suas doutrinas e suas fábulas são, no fundo, idênticas, e todos eles reveindicam como seu nome próprio o de

52 Cf. JONAS, Hans. Idem. Ibidem, p. 54.

53 Cf. Nota 48.

54 [...] par un système purement païen, caractérisé par l'aplication d'une spéculation d'origine grecque, et dans le goût des méthodes de la théologie hellénistique, à la poésie, à la philosophie aux mystères grecs, aux cultes mythiques orienteux venus en contact avec le monde grec [...]. Une deuxième couche consiste dans l'introduction de l'Ancien Testament dans le système [...]. Enfin un troisième élément, l'élément chrétien, se présente encore à l'état de placage. MATTER in LEISEGANG, Hans. *La Gnose*. p. 82.

55 Ils se divisèrent en un grand nombre de sectes, qui ne forment, au fond, qu'une seule héresie, car sous fórmules diverses, c'est toujours la même doctrine qu'ils exposent. SANTO HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, p. 125.

> gnósticos (sábios), como sendo os únicos a possuir o maravilhoso conhecimento do perfeito e do bom.[56]

Esses comentários de Santo Hipólito mostram que era tática normal da seita aparentar divisões pelo uso de terminologia variada, a fim de progredir melhor e de modo mais disfarçado, mas que a seita continuava una. Além disso, a facilidade de inclusão de elementos pagãos, judaicos e cristãos mostrava que o núcleo subterrâneo da seita não era propriamente nem cristão, nem judaico, nem exclusivamente pagão. Em todo caso, era preciso dar um nome genérico para todas as seitas que têm um núcleo e uma estrutura doutrinária comuns, embora com terminologia muito variada.

Matter, em 1828, também definia Gnose como:

> A introdução no seio do cristianismo de todas as especulações cosmológicas e teosóficas que tinham formado a parte mais considerável das antigas religiões do Oriente e que os neoplatônicos tinham adotado também no Ocidente.[57]

Doresse acrescenta:

> Assim, nessa doutrina, se teriam reunido as filosofias de Platão e de Fílon, a Avesta e a Cabala, os mistérios de Samotrácia, de Eleusis e do Orfismo.[58]

Jacques Lacarrière afirma que:

> O termo gnóstico é vago e pode ter significados bem diferentes. [...] a Gnose é um pensamento profundamente original, um pensamento mutante.[59]

Serge Hutin confirma que há grande variedade de gnosticismos, mas que, no fundo, há uma só realidade subjacente a essas variedades.

---

56 Sous des formes différentes, leurs doctrines et leurs fables sont au fond identiques, et tous ils revendiquent pour leur nom propre celui de gnostiques (savants) comme possédant seuls la merveilleuse connaissance du parfait et du bom. Idem. Ibidem, 196.

57 L'introduction dans le sein du christianisme de toutes les spéculations cosmologiques et théosophiques qui avaient formé la partie la plus considerable des anciennes religions de l'Orient et que les nouveaux platoniciens avaient adoptés également en Occident. MATTER. *Histoire Critique du Gnosticisme* (1828) apud DORESSE, Jean. *Les livres secrets des gnostiques d'Égypte*, p. 2.

58 Ainsi, dans cette doctrine se seraient réunies les philosophies de Platon et de Philon , l'Avesta et la Kabbale, les mysthères de Samothrace, d'Eleusis et de l'Orfisme. Idem. Ibidem, p. 2.

59 Le terme de gnostique est vague et recouvre des significations bien différentes. [...] la Gnose est une pensée profondément originale, une pensée mutante. LACARRIÈRE, Jacques. *Les gnostiques*, pp. 9 e 11.

> A extrema diversidade de especulações gnósticas é inegável. "Seria mais exato falar em gnosticismos do que em gnosticismo". [...] Entretanto, é fácil descobrir um "ar familiar" inegável entre os diversos gnosticismos, a despeito das múltiplas divergências e oposições que neles se manifestam.[60]

E diz mais:

> [...] não é, de forma alguma, arbitrário chamar de *gnósticas* as ideias ou sistemas que apresentam as mesmas tendências características. Indo além dos heresiólogos, os historiadores modernos não hesitaram em generalizar o conceito de Gnose fora do cristianismo. [...]
>
> Após três décadas, estamos mesmo inclinados a dar o nome de "gnósticas" a outras correntes diferentes das dos gnósticos cristãos heterodoxos e suas posteriores ramificações dualistas (maniqueísmo, catarismo): gnósticos externos ao cristianismo (como o mandeísmo e o hermetismo *stricto sensu*); a alquimia; a Cabala judaica; o Ismaelismo e as heresias muçulmanas dele derivadas; certas doutrinas "esotéricas" modernas.[61]

Como conclusão, diz Serge Hutin:

> Se os gnosticismos são bastante diversos, o gnosticismo é uma atitude existencial totalmente característica, um tipo especial de religiosidade. Não é arbitrário colocar um conceito geral sobre a Gnose, "conhecimento" salvador que se traduz por reações humanas determinadas – sempre as mesmas.[62]

---

60 L'extrême diversité des spéculations gnostiques est indéniable: 'Il serait plus exact de parler des gnosticismes que du gnosticisme' [Eugène de FAYE, *Gnostiques et gnosticisme*, 2e éd., Paris: Geuthner, 1925, p. 439]. [...] Pourtant, il est aisé de découvrir un "air de famille" indéniable entre les divers gnosticismes, en dépit des multiples divergences et oppositions qui s'y manifestent. HUTIN, Serge. *Les Gnostiques*, p. 6.

61 [...] il n'est nullement arbitraire d'appeler gnostiques des idées ou des systèmes présentant les mêmes tendances caractéristiques. Allant plus loin que les hérésiologues, les historiens modernes n'ont pas hésité a généraliser le concept de Gnose en dehors du christianisme. [...]

Depuis une trentaine d'années, on tend même a donner le nom de "gnostiques" à d'autres courants que les Gnoses chrétiennes hétérodoxes et leurs ramifications dualistes postérieures (manichéisme, catharisme): des gnosticismes extérieurs au christianisme (comme le mandéisme et l'hermétisme *stricto sensu*); l'alchimie; la Kabbale juive; l'Ismaélisme et les hérésies musulmanes dérivées; certaines doctrines "ésotériques" modernes. Idem. Ibidem, pp. 6 e 7.

62 Si les gnosticismes sont très divers, le gnosticisme est une attitude existencielle tout à fait caractéristique, un type spécial de religiosité. Il n'est pas arbitraire de poser un concept général de Gnose, "connaissance" salvatrice se traduisant par des réactions humaines determinées – toujours les mêmes. Idem. Ibidem, p. 8.

Embora Eugène de Faye, cuja obra está hoje ultrapassada, afirme que "é mais exato falar em gnosticismos do que em gnosticismo", ele mesmo acaba admitindo a existência de certa unidade na Gnose, provinda de uma só causa psicológica profunda.

> Em nossa opinião, é preciso procurar uma explicação mais profunda, mais conforme às leis da psicologia e da história, desse notável fenômeno a que chamamos gnosticismo. Ele é filho desse espírito novo que começa a soprar sobre as almas a partir da constituição do império. Esse espírito, é preciso buscá-lo nos sentimentos vagos, nas tendências secretas, nas aspirações ardentes e nos sonhos irrealizados da época. É aí, no mais profundo das almas, que se formou uma certa orientação do pensamento, que encontrou sua expressão nas especulações de um Basílides, de um Valentino, de um Marcion. É ela que constitui o liame que faz de tantos sistemas diversos um só feixe. Por ela se afirma a unidade das escolas e das seitas gnósticas. É isso que nos permite dizer que, se houve vários gnosticismos, houve, contudo, um gnosticismo.[63]

Depois de afirmar que é extremamente difícil definir o que é o gnosticismo, Robert M. Grant cita os nomes que se davam ou eram dados às seitas gnósticas dos primeiros séculos do cristianismo e diz:

> Em todo caso, a própria variedade dos nomes é testemunho da diversidade que reina entre essas seitas. E, entretanto, é necessário que todas tenham algo de comum para que os autores antigos e modernos possam associá-los sob o nome de gnósticos.[64]

Também Runciman afirma que, por baixo da multiplicidade de seitas gnósticas, haveria uma só doutrina:

> Pelo meio do século II, o pensamento gnóstico, infinitamente variado em aparência, mas sempre fundamentalmente o mesmo,

---

63 À notre sens, il faut chercher une explication plus profonde, plus conforme aux lois de la psychologie et de l'histoire, de ce remarquable phénomène que nous appelons le gnosticisme. Il est fils de cet esprit nouveau qui commence à souffler sur les âmes des l'avènement de l'empire. Cet esprit, il faut le chercher dans les sentiments vagues, les tendances sécrètes, les aspirations ardentes et les rêves encore irréalisés de l'époque. C'est là, au plus profond des âmes, que s'est formée une certaine orientation de la pensée, qui a trouvée son expression dans les spéculations d'un Basilide, d'un Valentin d'un Marcion. C'est elle qui constitue le lien qui fait de tant de systèmes divers un seul faisceau. Par elle s'affirme l'unité des écoles et des sectes gnostiques. C'est ce qui nous permet de dire que, s'il y a eu des gnosticismes, il y eut cependant un gnosticisme. FAYE, Eugène. *Gnostiques et gnosticisme,* p. 445.

64 En tout cas, la variété même de ces noms témoigne de la diversité qui régnait parmi les sectes. Et pourtant il faut bien que toutes aient eu quelque chose de commun pour que les auteurs anciens et modernes aient pu les rassembler sous le nom de gnostiques. GRANT, Robert M. *La Gnose et les origines chrétiennes*, p. 17.

> se espalhou largamente através do Império romano, sob o impulso de mestres célebres, tais como Basílides, Valentino e Marcion.[65]

Vemos, assim, que muitos autores concordam em que há uma religião oculta, subjacente a inúmeras seitas.

Convém frisar ainda que esses autores reconhecem que essa religião comum subjacente não se restringiu ao campo cristão, mas que ela já existia no mundo pagão e mesmo judaico.

Já Harnack, refutando Bousset, afirmava que:

> Muito antes do gnosticismo cristão houve um gnosticismo judaico e um gnosticismo helênico, ninguém hoje duvida disso.[66]

Para Simone de Pétrement, que é reconhecida ela mesma como gnóstica, a Gnose não se restringe ao campo cristão, pois já existia antes do cristianismo.

> O que levou, em nossa época, a alargar o sentido da palavra Gnose (entendida agora como significando a doutrina dos que aspiram ao "conhecimento") foi a necessidade de reconhecer que tais ideias, tais mitos e um tal emprego da palavra "conhecimento" não se encontram apenas entre certos hereges cristãos, mas também entre certos ortodoxos e mesmo fora do cristianismo, e talvez antes dele. O golpe decisivo, diz Jonas, foi dado pela descoberta, realizada no campo da filologia clássica, de uma Gnose pagã (helenista) que é independente do cristianismo e mais antiga que ele.[67]

Vimos que outros autores, entre os quais Puech, aceitam essa tese de que houve uma Gnose pagã anterior ao cristianismo e o mesmo afirma o Padre Festugière, ao estudar o Hermetismo, citando o testemunho de Norden:

> Concluiremos disso que não há nada de gnóstico nestes tratados [herméticos]? Ninguém pensaria nisso. Norden admite,

---

65 Vers le milieu de IIéme siécle, la pensée gnostique, infiniment variée en apparence mais toujours fondamentalement la même, s'est répandue largament à travers l'Empire romain, sous l'impulsion de mâitres celebres tells que Basilide, Valentin et Marcion. Idem. Ibidem, p.12

66 Longtemps avant le gnosticisme chrétien, il y a eu un gnosticisme juif et un gnosticisme hellénique, personne n'en doute plus aujourd'hui. HARNACK apud PÉTREMENT, Simone de. *Le dualisme chez Platon, les gnostiques et manichéens,* p. 134.

67 Ce qui a conduit, à notre époque, à élargir le sens du mot Gnose (entendu cette fois comme signifiant la doctrine de ceux qui aspirent à la "connaissance") c'est qu'on à du reconnaitre que de telles idées, de tels mythes et un tel en ploi du mot "connaissance" ne se trouvent pas seulement chez certains hérétiques chrétiens, mais aussi chez certains orthodoxes et même hors du christianisme, et peut-être avant lui. Le coup décisif, dit Jonas, a été porté par la découverte, faite sur le terrain de la philologie classique, d'une Gnose païenne (hellénistique) qui est independante du christianisme et plus ancienne. PÉTREMENT, Simone, *Le dualisme chez Platon, les gnostiques et manichéens,* p. 134.

> juntamente com muitos outros (Reitzenstein, Bousset), que "os escritos herméticos oferecem especialmente os materiais dos mais ricos em testemunho de que existiu uma Gnose pré-cristã".[68]

O problema da existência de uma Gnose judaica pré-cristã é bastante complexo. A esse respeito gostaríamos de citar alguns textos de Gershom G. Scholem, o maior especialista em mística judaica.

> De fato, G. Quispel chegou à mesma conclusão, ou seja, de que o mais velho documento do gnosticismo cristão pressupõe a Gnose judaica, em que a figura do redentor ainda não adquiriu uma posição central. À semelhante conclusão, chegara anteriormente Eric Peterson, que enfatizou, em vários de seus escritos, a existência desse estrato pré-cristão no judaismo. Ele destacou particularmente o fato de que esse desenvolvimento não se deu somente na Palestina, mas também na Babilônia. E o gnosticismo cristão na Babilônia, da mesma maneira, parece ter sido procedido por uma forma de gnosticismo judaico, que nesse caso assimilou elementos judaicos e persas e os entrelaçou. Eu penso, realmente, que por um estudo mais aprofundado dos muito discutidos textos mandeanos (nos quais os elementos judaicos são muito mais fortes do que geralmente se supõe) seja possível mostrar que tal processo possa muito bem ter ocorrido.[69]

Noutra obra, esse mesmo autor afirma:

> O historiador da religião está no direito de considerar a mística da Merkabah como um dos ramos judaicos da Gnose.[70]

---

68 En concluera-t-on qu'il n'y a rien de gnostique en ces traités? [Herméticos]. Nul ne le pensera. Norden admet, après bien d'autres (Reitzenstein, Bousset), que 'les écrits hermétiques offrent tout spécialement les matériaux les plus riches en témoignage de ce qu'il a existé une Gnose préchrétienne'. FESTUGIÈRE, R.P. André-Jean. *La Revelation d'Hermès Trismégiste*, Vol. IV, p. 3.

69 In fact, G. Quispell has come to the same conclusion, namely, that the oldest document of Christian Gnosticism presuppose a Jewish Gnosis in which the figure of the redeemer has not yet acquired a central place. A similar conclusion was reached earlier by Eric Peterson, who has stressed the existence of such a pre-Christian stratum in Judaism in several of his papers. He has particularly emphasized the point that such a development did not take place in Palestine alone but in Babylonia as well; and the Christian Gnosticism in Babylonia, too, seems to have preceded by a form of Jewish Gnosticism, one which in this case assimilated Jewish and Persian elements and intertwined the one with of the other. Indeed, I think it can be shown by a closer study of the much discussed Mandaean texts (in which the Jewish elements are much stronger than generally supposed) that such a process may well have taken place. SCHOLEM, Gerson G. *Jewish Gnosticism, Merkabah Mysticism and Talmudic Tradition*, p. 4.

70 L'historien de la religion est en droit de considérer la mystique de la Merkaba comme un des rameaux juifs de la Gnose. Idem. *Les origines de la Kabbale*, p. 30.

E ainda mais além:

> É difícil de admitir que não haja aí relação entre a concepção judaica e aquelas da Gnose e do sincretismo.[71]

E ainda:

> Não pode haver qualquer dúvida, em minha opinião, sobre a existência de uma Gnose herética, de caráter dualista e antinomista, que se desenvolveu na periferia do judaísmo.[72]

Não há dúvida, pois, de que não é correto limitar o que se chama de Gnose ao campo do cristianismo.

Esse "rio cársico", que é o fundo comum de tantas seitas no passado, que aflorou à superfície em outros tempos históricos, existiria hoje?

Com relação à Kabala, até hoje influente no Judaísmo, Scholem considera que:

> Em conclusão, nós podemos então constatar que, sob o ângulo histórico, a Cabala provençal teve por função unir a velha tradição gnóstica, que tinha suas origens no Oriente e assim prosseguia com uma existência subterrânea, com o neoplatonismo medieval. Essa tradição gnóstica se mantém, ela até se reafirma em certos meios, mas se impregnando de elementos de um outro mundo espiritual, do mundo neoplatônico precisamente, elementos que se mostram aí de uma particular fecundidade. Na forma sob a qual a Cabala aparece à luz do dia, ela encerra essas duas tradições, com ênfase por vezes em uma, por vezes em outra.[73]

Também Leisegang diz que o elemento antigo ou pagão se conservou junto com os elementos cristãos da Gnose, atravessou a Idade Média e chegou até nossos dias:

> Ele atravessou a Idade Média e sobreviveu até às práticas rituais simbólicas e aos livros ocultos das pequenas sociedades secretas de nosso tempo.[74]

---

71 Il est difficile d'admettre qu'il n'y ait pas là de rapport entre la conception juive et celles de la Gnose et du syncrétisme. Idem. Ibidem, p. 41-42.

72 Idem. *A Mística Judaica*, p. 48.

73 En conclusion, nous pouvons donc constater que, sous l'angle historique, la Kabbale provençale a eu pour fonction d'unir la vieille tradition gnostique, qui avait ses origines en Orient et y poursuivait une existence souterraine, au néo-platonisme médiéval. Cette tradition gnostique se maintient, elle se raffermit même dans certains milieux, mais en s'imprégnant d'éléments d'un autre monde spirituel, du monde néo-platonicien précisément, éléments qui se montrent là d'une particulière fécondité. Dans la forme sous laquelle la Kabbale apparaît au grand jour, elle renferme ces deux traditions, l'accent étant mis tantôt sur l'une, tantôt sur l'autre. Idem. *Les origines de la Kabbale*, p. 384.

74 Il a traversé le Moyen Âge et a survécu jusque dans les pratiques rituelles symboliques et dans les livres occultes de petites sociétés secrètes de notre temps. LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, p. 140.

Eric Voegelin considera que, no século XX, os grandes movimentos ideológicos são formas de Gnose:

> Quando dizemos movimentos gnósticos entendemos que se trata de movimentos como o progressismo, o positivismo, o marxismo, a psicanálise, o comunismo, o facismo, e o nacional-socialismo.[75]

Serge Hutin, na obra que dele citamos acima, apresenta um grande número de manifestações "gnósticas" atuais. Na nota quatro da página 124, diz ele:

> Os surrealistas atuais provam uma viva simpatia pelo gnosticismo heterodoxo. Cf. Gérard LEGRAND in revue *Médiun*, (número de maio de 1954): 'Nos desertos da Síria e às margens do Nilo, viveram, há bem vinte séculos, homens cujos movimentos de pensamento apresentam tão marcantes afinidades com os nossos que muitos mesmo hoje em dia não deixaram de se interessar por eles.'[76]

E Lacarrière chama Einstein, Planck e Heisenberg de "esses gnósticos de nosso tempo" – *"ces gnostiques de notre temps"*[77].

Simone de Pétrement, examinando a literatura a partir do Romantismo, chega à conclusão de que: "A julgar por nossa literatura, nós entramos numa era gnóstica."[78]

Assim é que autores famosos vêm, de certa forma, dar apoio à tese dos próprios gnósticos e esotéricos sobre a unidade e a continuidade relativa ("cársica") de uma tradição oculta.

> Os teósofos, por seu lado, ligam a Gnose a uma sabedoria primitiva secreta, que estaria na raiz de todas as religiões; ela teria sido anunciada pelos grandes doutores da humanidade sob variadas formas segundo os povos e as épocas, mas de tal maneira que o iniciado capaz de ir da expressão exterior à essência pôde sempre descobrir a concordância profunda das doutrinas diferentes.[79]

---

75 Dicendo movimenti gnostici intendiamo riferirci a movimenti come il progressismo, il positivismo, il marxismo, la psicanalise, il comunismo, il fascismo e il nazionalsocialismo. VOEGELIN, Eric. *Il mito del mondo nuovo*, p. 16.

76 Les surréalistes actuels éprouvent une vive sympathie pour le gnosticisme hétérodoxe. Cf. Gérard LEGRAND - in revue *Médiun*, (numéro de mai 1954): "Dans les déserts de Syrie et sur les bords du Nil, vécurent, voici quelque vingt siècles, des hommes dont le mouvement de pensée présente avec le nôtre de si frappantes affinités que plusieurs d'entre nous n'ont pas manqué [...] de s'intéresser à eux." HUTIN, Serge. *Les Gnostiques*, p. 124.

77 LACARRIÈRE, Jacques. *Les gnostiques*, p. 78.

78 À en juger par notre littérature nous sommes entrés dans un âge gnostique. PÉTREMENT, Simone de. *Le dualisme chez Platon, les gnostiques et manichéens*, p. 347.

79 Les théosophes, eux, rattachent la Gnose à une sagesse primitive secrète qui serait à la racine de toutes les religions; elle aurait été annoncée par les grands docteurs de l'humanité sous des

Serge Hutin, entretanto, distingue:

> A unidade da Gnose postulada pelos "fenomenólogos" contemporâneos não é absolutamente a mesma que afirmam os adeptos da teosofia e do esoterismo: nessa perspectiva especial, a Gnose seria a fonte de todas as religiões e seu último fundamento. Para René Guénon (1886-1951), o grande "tradicionalista" francês e seus discípulos, deve-se encontrar em todas as religiões a ideia de uma liberação metafísica do homem pela Gnose, isto é, pelo conhecimento integral: existiria uma surpreendente universalidade em certos símbolos e certos mitos, de onde vem a afirmação lógica de uma origem comum dos diferentes esoterismos religiosos, os quais se exprimem necessariamente pelo intermédio das grandes religiões "exotéricas" das quais eles formam a parte vital. Aos olhos do historiador de religiões, a tese guenoniana não pode evidentemente ser provada (nem tampouco desmentida): as doutrinas esotéricas se parecem, sim; mas não se é necessário, para explicar essas convergências, postular uma Tradição primordial intemporal conservada por um ou muitos "centros" de iniciação. Faz-se necessário que seja lembrada a lei trazida pelos "fenomenólogos": o espírito humano reage de uma mesma forma posto sob condições semelhantes, não é de se estranhar se encontrar em toda parte as mesmas aspirações. Não se deve negar também as ligações históricas, às vezes, inesperadas.[80]

A tese guenoniana é falsa, pois supõe que todas as religiões esotéricas são meros autofalantes da única religião esotérica. Tratar-se-ia de uma generalização que leva à falsidade. Por outro lado, a explicação fenomenológica sobre a

---

formes variables suivant les peuples et les époques, mais de telle manière que l'initié capable d'aller de l'expression extérieure à l'essence pût toujours découvrir la concordance profonde des doctrines différentes. LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, p. 9.

80 L'unité de la Gnose postulée par les "phénoménologues" contemporains n'est nullement celle qui postulent les adeptes de la théosophie et de l'ésotérisme: dans cette perspective spéciale, la Gnose serait la source de toutes les religions, et leur fondement dernier. Pour René Guénon (1886-1951), le grand "traditionaliste" français, et ses disciples, on retrouve dans toutes les religions l'idée d'un affranchissement métaphysique de l'homme par la Gnose, c'est-à-dire par la connaissance intégrale: il existe une étonnante universalité de certains symboles et de certains mythes, d'où la postulation logique d'une origine commune des différents ésotérismes religieux, qui s'expriment nécessairement par l'intermédiaire des grandes religions "exotériques" dont ils forment le coeur. Aux yeux de l'historien des religions, la théorie guénonienne ne peut évidemment être prouvée (ni d'ailleurs infirmée): les doctrines ésotériques se ressemblent, certes; mais point n'est besoin, pour expliquer ces convergences, de postuler une Tradition primordiale intemporelle conservée par un ou plusieurs "centres" initiatiques. Il suffit de se rappeller cette loi retrouvée par les "phénoménologues": l'esprit humain réagissant de la même manière en des conditions semblables, il n'est pas étonnant de retrouver un peu partout les mêmes aspirations. Il ne faut pas négliger, non plus, les filiations historiques, parfois inattendues. HUTIN, Serge. *Les Gnostiques*, pp. 8-9.

unidade do fenômeno, que até aqui se tem chamado de "gnóstico", tem seu lado verdadeiro. Cremos que Serge Hutin é prudente ao ressalvar que não se podem esquecer, porém, certas ligações históricas.

De qualquer forma, nós queremos deduzir, por enquanto, desses textos, a tese da unidade do fenômeno, sem ainda discutir sua explicação guenoniana, fenomenológica ou outras que possa haver. Quer essa unidade tenha continuidade histórica, quer exista um "arquipélago" gnóstico na história, o que registramos apenas é a sua unidade doutrinária sem preocupação de provar laços históricos, embora a metáfora de Mittner sobre o "rio cársico" possa ajudar a resolver o problema, porque evitaria que uma solução excluísse a outra.

A essa religião comum subjacente às mais variadas seitas e sistemas, a esse "rio cársico" da História das Religiões, uns dão o nome de maniqueísmo, outros de Panteísmo, outros ainda, e mais numerosos, reconhecem a unidade da Gnose ao longo da história. Vimos que, para afirmar a unidade da Gnose, os autores tiveram que alargar o seu conceito, distinguindo Gnose em sentido lato e em sentido estrito. Ou ainda distinguindo Gnose em sentido genérico – a doutrina comum subjacente a múltiplas seitas – e as Gnoses específicas de cada seita.

Vimos ainda que se registra uma certa confusão entre Panteísmo e Gnose, ora apresentadas como sistemas opostos (pelo menos no que concerne ao Cosmo e à matéria), ora apresentados como coincidentes, a ponto de o Dicionário de Teologia Católica citar muitos autores como panteístas e gnósticos ao mesmo tempo.

5
O ANTROPOTEÍSMO E SUA DIVISÃO

Para evitar essas confusões, propomos chamar de Antropoteísmo ou Religião do Homem ao "rio cársico" da história. Isto é, consideramos que o que une tantas seitas, escolas e movimentos é o culto do Homem como sendo Deus. Essa Religião do Homem dividir-se-ia em dois ramos: a Gnose e o Panteísmo.

Sendo o homem um ser composto de corpo e alma, isto é, de uma parte material e outra espiritual, é lógico que a adoração do Homem se divida em dois ramos fundamentais: um que diviniza o corpo, isto é, a matéria; outro que diviniza a alma, isto é, o espírito.

A corrente antropoteísta que diviniza o corpo e a matéria engloba todas as seitas e sistemas filosóficos panteístas.

A corrente antropoteísta que diviniza apenas a alma, o elemento espiritual, é a Gnose propriamente dita, e que inclui todas as seitas que em geral são classificadas como gnósticas pelo comum dos autores.

O Panteísmo que diviniza o corpo e toda matéria é a expressão naturalista e cósmica do Antropoteísmo.

A Gnose, divinizando exclusivamente o espírito, é anticósmica e odeia a matéria, considerada má em si mesma e aprisionadora do espírito.

O Panteísmo é, em geral, monista e racionalista, pois crê que a razão é a mais alta manifestação da matéria universal. Por ser racionalista, ele utiliza, via de regra, o discurso filosófico como meio de comunicação doutrinária, como aconteceu, por exemplo, com o Panteísmo filosófico da Grécia Antiga.

A Gnose é costumeiramente dualista, no sentido de que afirma uma oposição radical e absoluta entre matéria má e espírito divino. Por isso, ela é antirracional e se expressa normalmente por meio de mitos, como nas seitas orientais, por exemplo, e visa ser captada não pela inteligência do homem, mas por uma misteriosa intuição alógica.

Ambas correntes são manifestações de revolta metafísica por parte do homem. São formas de recusar, como dissemos, as limitações do ser humano e os males relativos desta vida.

Ambas, pois, pretendem dar ao homem a felicidade absoluta. O Panteísmo pretende criar na terra o paraíso, por meio da razão, da ciência e da técnica. Sua finalidade social é a criação da Utopia. A Gnose pretende alcançar a felicidade divina pela eliminação da individualidade e da matéria, pela absorção ou fusão de todo espírito contingente no Ser Absoluto. Não seriam a ciência e a técnica que trariam a felicidade, mas a experiência mística e a magia; e que permitiriam pôr em contato Deus e o espírito humano (mística), ou o espírito humano e os espíritos aprisionados em todas as coisas (magia). Seu objetivo social é o Milênio. Como prova de que essa distinção da Gnose e do Panteísmo como sistemas opostos, mas relacionados, é real, citaremos o testemunho do Padre Festugière sobre o Panteísmo e a Gnose no Hermetismo.

No Hermetismo, Festugière assinala a existência de uma bifurcação dialética comum com um ramo filosófico e outro mítico, um ramo panteísta e outro gnóstico.

> No fundo, o hermetismo "filosófico" pode se resumir em duas tendências não somente distintas, mas opostas, segundo ele se pareça mais com a sabedoria ou com a Gnose, com o helenismo ou com o misticismo oriental.[81]

Padre Festugière considera que a causa disso provém da dupla posição que o homem pode tomar face ao problema do mal, do sofrimento:

> Todo movimento religioso é um movimento de alma, ele procede de uma certa maneira de conceber ou, melhor, de "sentir" a vida, particularmente esse grande enigma da vida que é o sofrimento. Nós podemos fazer algumas observações sobre esse ponto de vista. É um tipo de espírito que, denunciando como mal o próprio fato de existir, aspirou a não *ser* senão o mínimo possível: no limite, seu desejo supremo é de não ser. [Seria essa a primeira posição face ao ser e que corresponde à Gnose].
>
> O grego clássico aparece em oposição a essa tendência: ser, viver, desenvolver-se o máximo possível e, no limite, ser e viver como os deuses, o mesmo tempo e da mesma vida que os deuses, esse é o melhor desejo do herói.[82]

81 Quant au fond l'hermétisme "philosophique" peut se résumer en deux tendances non seulement distinctes, mais opposées, selon qu'il s'apparente davantage à la sagesse ou à la Gnose, à l'hellenisme ou au mysticisme oriental. FESTUGIÈRE, R.P. André-Jean. *Hermétisme et Gnose païenne*, p. 91.

82 Tout mouvement religieux est un mouvement d'âme, il procède d'une certaine manière de concevoir ou, mieux, de "sentir" la vie, singulièrement cette grande énigme de la vie qu'est la souffrance. Or, on peut faire de ce point de vue quelques remarques.
Il est une sorte d'esprits qui, dénonçant le mal dans le fait même d'exister, ont aspiré à n'être que le moins possible: à la limite, leur voeu suprême est de ne plus être.

Padre Festugière explica que os gregos reconheciam a impossibilidade de atingir esse ideal. Os deuses distribuíam indiferentemente alegrias e dores. O grego clássico considerava que o último bem que podia restar ao homem era a grandeza de se sobrepor ao destino adverso.

> Na medida em que é forte, ele é sábio: o homem instrui-se pela dor. Ele não chega ao ser, ele não se conhece em seu ser senão pela resistência que ele opõe às forças de destruição. Assim, longe de o aniquilar, ou de o induzir a se refugiar no nada, a dor o exalta, o cria.[83]
>
> [Esta seria a segunda posição "filosófica" cósmica, ou panteísta, diante do sofrimento].
>
> No próprio tempo em que resiste ao sofrimento e descobre assim em si virtualidades de que não suspeitava, o sábio ultrapassa-se. Esse conhecimento que ele toma de sua miséria, da miséria, lhe faz conhecer também o lugar do mal no mundo, da desordem particular na ordem universal. Uma fatalidade inelutável impõe-se a ele, como a todo homem: mas ele sabe que o destino é a lei das coisas, uma ordem, uma razão. Necessidade, providência, razão, não são senão aspectos diversos de uma mesma realidade.
>
> O vulgo não vê senão um aspecto, ele se dobra ao constrangimento sem se submeter moralmente. A necessidade o arrasta, pois ela é bem mais forte: mas a vítima se debate e geme. Assim vai o rebanho dos homens. Porque ele viu as relações de sua própria fortuna com o conjunto, compreendeu a conexão das causas e efeitos, e que o acontecimento que o toca não é senão uma malha ínfima na cadeia, somente o sábio permanece em paz. Se o destino é razão, ele é necessariamente bom, ele é justa providência: o sábio o adora: *novit et colit*.
>
> Essa grande lei dirige todo o universo que reside nesse mesmo mundo. Ela é esse mundo que, em grego, se diz ordem χομοσ.[84]

Le Grec classique paraît à l'opposé de cette tendance: être, vivre, s'épanouir le plus possible et, à la limite, être et vivre comme les dieux, aussi longtemps et de la même vie que les dieux, tel est le meilleur souhait du héros. Idem. Ibidem, p. 91.

83 Dans la mesure où il est fort, le sage est: l'homme s'instruit par la douleur. Il ne parvient à l'être, il ne se connait dans son être que par la résistance qu'il oppose aux forces de déstructions. Ainsi, loin de l'anèantir, ou de l'induire à se refugier dans le nèant, la douleur l'exalte, le crée. Idem. Ibidem, p. 92.

84 Dans le temps même qu'il resiste à la souffrance et se découvre ainsi des virtualités insoupçonnées, le sage se dépasse. Cette connaissance qu'il prend de sa misère, de la misère, lui fait connaître aussi la place du mal dans le monde, du désordre particulier dans l'ordre universel. Une fatalité inéluctable s'impose à lui, comme à tout homme: mais il sait, lui, que le destin est la loi des choses, un ordre, une raison. Nécessité, providence, raison, ne sont que les aspects divers d'une même réalité. Le vulgaire ne voit qu'un aspect, il se plie à la contrainte sans s'y soumettre

Daí a adoração do Cosmo, dos astros, da razão. Quanto mais o sábio viver da razão, mais ele se unirá à ordem dos astros e à ordem divina do Cosmo.

Ele não pretende qualquer graça individual, pois tudo já está ordenado, previsto e justificado.

Festugière apresenta o seguinte paralelo entre o sábio cósmico panteísta e o gnóstico que detesta a existência.

O Panteísmo não crê num Deus de Amor porque isso implicaria a existência de uma vida no além.

O gnóstico crê num Deus de Amor, porque a Gnose é, essencialmente, escatológica.

O panteísta é fatalista e crê na harmonia universal que explica e absorve, na unidade final, todos os males particulares.

O gnóstico não crê na harmonia, pelo contrário, tudo para ele é radicalmente desordenado. O mal é cósmico e metafísico.

O panteísta, como filósofo, é racional, crê nas leis imutáveis do universo e visa o conhecimento do universal. Ele despreza o indivíduo e o individual.

O gnóstico só se preocupa com o individual, com o eu. O universo e o universal, ele os despreza. Ele é antirracional e anticientífico.

O panteísta, visando o todo harmônico, e não o mal individual, é otimista.

O gnóstico faz o contrário e é pessimista.

O Deus do sábio panteísta identifica-se com o universo bom.

O Deus gnóstico está contido e aprisionado no universo mau.

O “sábio” panteísta vê Deus no mundo e a contemplação do universo é sua forma de rezar.

O gnóstico crê que o universo oculta e não revela Deus. Não se conhece a Deus pela ciência, mas pela intuição do conhecimento magicamente revelado.

O panteísta crê na bondade divina do Cosmo, resultante da evolução do Pan.

---

moralement. La nécessité l’entraîne, car elle est bien la plus fort: mais la victime se débat et gémit. Ainsi va le troupeau des hommes. Parce qu’il a vu les relations de sa propre fortune avec l’ensemble, compris la connexité des causes et des effets, et que l’événement qui le touche n’est qu´une maille infime dans la chaîne, seul le sage demeure en paix. Si le destin est raison, il est nécessairement bon, il est juste providence: le sage l’adore: *novit et colit*.

Cette grande loi qui dirige tout l’univers réside en ce monde même. Elle est ce monde qui, en grec, dit ordre $\chi o \mu o \sigma$. Idem. Ibidem, p. 92

O gnóstico, não podendo explicar o mal relativo, conclui que o mundo todo é mau e que seu criador é o deus do mal. Daí a distinção gnóstica entre Divindade oculta e Deus criador.[85]

Sobre a existência de duas posições antagônicas em relação ao Cosmo, dentro do Hermetismo, uma que considera o mundo o "Pleroma do mal", e outra que o considera bom e mesmo divino, diz Puech que:

> [...] estamos atados a explicar essa incoerência e resolver essa aparente dificuldade distinguindo-se no hermetismo duas correntes de pensamento: uma, monista, otimista, dominada pela noção de um Deus cósmico e que vem de uma linha direta da filosofia e da religiosidade helênicas; a outra, dualista, pessimista, orientada para a busca de um Deus absolutamente transcendental, sem relação direta com o mundo, e, esta, mais decididamente ou mais autenticamente parecida com o gnosticismo propriamente dito.[86]

Puech considera que essas duas correntes correspondem, de fato, a duas escolas herméticas diferentes, o que se pode comprovar pelo próprio "*Corpus Hermeticum*". Ele considera que essa contradição não seria proveniente da atitude própria da Gnose, em relação ao Cosmo, mas que seria própria e interior ao Hermetismo: "[...] entre um hermetismo 'filosófico' e um hermetismo especificamente 'gnóstico'".[87]

Hans Jonas confirma a opinião de Festugière em relação ao Hermetismo:

> A religião do Hermes Trismegisto, isto é, "Três vezes grandíssimo", originou-se no Egito helenístico, onde Hermes era identificado a Tot. Nem todo o *corpus* pode ser considerado como fonte gnóstica: muitas partes desse revelam o espírito de Panteísmo cósmico muito separado da violenta denúncia do universo físico tão característica dos gnósticos.[88]

---

85 Cf. Idem. Ibidem, p. 64.

86 [...] on s'est attaché à expliquer cette incohérence et à résoudre cette apparente difficulté en distinguant dans l'hermétisme deux courants de pensée: l'un, moniste, optimiste, dominé par la notion d'un Dieu cosmique et issu en ligne directe de la philosophie et de la religiosité helléniques; l'autre, dualiste, pessimiste, orienté vers la recherche d'un Dieu absolument transcendant, sans relation directe au monde, et, lui, plus décidément ou plus authentiquement apparenté au gnosticisme proprement dit. PUECH, Henri-Charles. *En quête de la Gnose*. Vol. I, La Gnose et le Temps, p. 202

87 [...] entre un hermétisme 'philosophique' et un hermétisme spécifiquement 'gnostique'. Idem. Ibidem, pp. 202-203.

88 La Religión de l'Hermès Trismégiste c'est-a-dire, "Trois fois très grand" prit naissance dans l'Égypte hellénistique, où Hermes était identifié a Thot. On ne saurait tenir tout le Corpus [hermeticum] pour une source gnostique: il y a de grandes parties où l'on ressent l'ardeur d'un pantheïsme cosmique, fort éloigné de la violente dénonciation de l'univers physique si particulière aux gnostiques. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p.196

Assim, tendo em vista o que dissemos acima, propomos o seguinte esquema de divisão do Antropoteísmo:

Em Eusébio de Cesaréia, encontra-se uma metáfora esplêndida para ilustrar a dualidade do que chamamos de Antropoteísmo:

> Assim, pois, de Menandro, de quem já dissemos anteriormente que foi sucessor de Simotá, saiu como serpente bicéfala e com duas bocas uma força que estabeleceu como autores de duas heresias diferentes a Saturnino, de origem antioquena, e ao alexandrino Basílides. Um na Síria e outro no Egito consituíram suas escolas de heresias inimigas de Deus.[89]

Leisegang cita essa passagem de Eusébio, mas fala em uma só serpente de "língua bífida" – "*langue fourchue*"[90] –, embora no texto grego se fale em serpente de duas cabeças e de duas bocas.

Queremos aproveitar a imprecisão de Leisegang e comparar a Religião do Homem a uma serpente de língua bífida. De fato, o Antropoteismo é uma só religião que fala com duas fés, bifidamente, ensinando a Gnose e o Panteísmo. Serpente de língua bífida, a Religião do Homem apresenta a Gnose e o Panteísmo como se fossem religiões opostas e inimigas.

Foi essa oposição que levou Hans Jonas a afirmar que a Gnose é mais oposta ao pensamento grego e pagão do que ao cristianismo e ao judaísmo.[91]

---

89 Asi, pues, de Menandro, del que ya anteriormente hemos dicho que fue sucessor de Simotá, salió como serpiente bicéfala y con dos bocas una fuerza que estableció como autores de dos herejias diferentes a Saturnino, de origen antioqueno, y al alejandrino Basilides. El uno en Siria y el otro en Egipto constituyeron sus escuelas de herejias enemigas de Dios. EUSÉBIO DE CESARÉIA. *Historia Eclesiastica*, p. 204.

90 LEISEGANG, Hans. *La Gnose*. p. 141.

91 Cf. JONAS, Hans. *La religion gnostique*. p. 315.

Tanto os estóicos quanto os neoplatônicos tinham uma posição panteísta face ao Cosmo, desprezado pela Gnose.

> O monismo estóico chegou a identificar plenamente o cósmico e o divino, o universo e Deus. No segundo livro de *Sobre a natureza dos deuses*, Cícero oferece uma eloquente expressão sobre esse estado teológico do universo visível.[92]

E Jonas faz uma longa citação de Cícero que afirma ser o Cosmo um ser vivo, inteligente e divino:

> E isso quer dizer que o Cosmo é Deus e que todas suas forças particulares estão contidas na natureza divina [...]. É preciso considerar que, desde o começo, o mundo foi sábio, foi Deus. E não existe outra coisa senão o Cosmo, que não tem falta de nada e que, em todos seus detalhes e partes, é harmonioso, perfeito e completo.[93]

E Jonas conclui:

> Entretanto, a ideia de uma ordem de natureza divina e de um universo que era essa ordem permanecerá publicamente válida um pouco em toda parte, e era como a religião dos intelectuais.[94]

O Panteísmo era, pois, na Antiguidade, a religião dos intelectuais.

A Gnose considerava o mundo como mau em si mesmo.

Daí Plotino atacar os gnósticos por desprezarem o sol e os astros.[95]

E, entretanto, "Os mesmos gnósticos, que foram expostos aos ataques de Plotino sustentavam uma doutrina espantosamente similar à dele".[96]

Gnose e Panteísmo têm, pois, doutrinas "*étonnament rassemblantes*" – "espantosamente similares". Embora esses movimentos muitas vezes se

---

92 Le monisme stoicien aboutissait à identifier pleinement le cosmique et le divin, l'univers et Dieu. Ciceron dans le deuxième livre de la Nature des dieux, prête une eloquente expression à ce statut théologique de l'univers visible. Idem. Ibidem, p.319.

93 Et celà veut dire que le cosmos est Dieu et que toutes ses puissances particulières sont contenues dans la nature divine [...]. Il faut considerer que, dès le début, le monde a été sage, a été Dieu. Et il n'existe autre chose, si ce n'est le cosmos, qui n'a défaut de rien et qui, en tous ses détails et parties, est harmonieux, parfait et complet. CICERO, *De natura deorum*, II, 1-14 apud JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 322.

94 Pourtant, l'idée d'un ordre de nature divine et d'un univers qui était cet ordre demeurait publiquement valide un peu partout, et c'etait comme la religión des intelectuels. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 328.

95 Cf. Idem. Ibidem, p.345.

96 Les mêmes gnostiques, justement qui furent en butte aux attaques de Plotin soutenaient une doctrine étonnement rassemblante à la sienne. Idem. Ibidem, p. 216.

degladiem, suas lutas são brigas fraternas de dois gêmeos dialéticos. Gêmeos estranhamente iguais e contrários.

> Entre um monismo que assimila o espírito à matéria (ou ao universo), e um dualismo que condena toda a matéria em nome do espírito, a história das seitas gnósticas e maniqueias mostra bem que o abismo não é intransponível, sobretudo sobre o plano da ética. O idealismo e o materialismo têm importantes pressupostos comuns.[97]

97 Entre un monisme qui assimile l'esprit à la matière (ou à l'univers), et un dualisme qui condamne la matière au nom de l'esprit, l'histoire des sectes gnostiques et manichéennes montre bien que l'abîme n'est pas infranchissable, surtout sur le plan de l'éthique. L'idéalisme et le matérialisme ont d'importants présupposés communs. ROUGEMONT, Denis de. *L'Amour et l'Occident*, p. 179.

6
CAUSAS DA RELIGIÃO DO HOMEM

A unidade desse fenômeno histórico que é a Religião do Homem – unidade "cársica" – levanta um problema de difícil resposta: é uma unidade produzida consciente e voluntariamente? É algo organizado na história? Quem o teria organizado?

Ou então, há apenas coincidência espontânea na unidade desse fenômeno religioso, sem ligações concretas entre as seitas que formam o arquipélago gnóstico na história?

Seria essa unidade produzida, como afirmam os "fenomenólogos" a que alude Serge Hutin, por circunstâncias históricas semelhantes e que provocam as mesmas reações do homem?

> Se o gnosticismo fosse apenas uma série de aberrações doutrinárias próprias a certos cristãos hereges dos três primeiros séculos, seu interesse seria puramente arqueológico; mas ele é bem mais que isso: a atitude gnóstica renasce espontaneamente, sem haver transmissão direta; este tipo especial de religiosidade apresenta chocantes afinidades com certas aspirações "modernas". O "gnosticismo" dos heresiólogos constitui o exemplo característico de uma ideologia religiosa que tem a incessante tendência de ressurgir na Europa e no mundo mediterrâneo, durante as grandes épocas de crise social e política.[98]

Serge Hutin sublinha a palavra "*spontanément*". Evidentemente, por ela, ele pretende negar a tese dos esotéricos que afirmam haver continuidade histórica

98 Si le gnosticisme n'etait qu'une série d'aberrations doctrinales propres à certains hérétiques chrétiens des trois premiers siècles, son intérêt serait purament archéologique; mais il est bien plus que cela: l'attitude gnostique reparaîtra spontanément, en dehors de tout transmission directe; ce type spécial de religiosité présente même de troublantes affinités avec certaines aspirations toutes "modernes". Le "gnosticisme" des hérésiologues constitue l'exemple caractéristique d'une idéologie religieuse tendant sans cesse à reparaître en Europe et dans le monde méditerranéen, aux grandes époques de crise sociale et politique. HUTIN, Serge. *Les Gnostiques*, p. 8.

voluntária no rio cársico da Religião do Homem. Segundo os "tradicionalistas" esotéricos, como René Guénon, haveria uma tradição adâmica que, transmitida de geração em geração, secretamente, explicaria a unidade do fenômeno gnóstico. Para Serge Hutin, como vimos, do ponto de vista histórico, essa tese não pode ser comprovada nem refutada.

Evidentemente, afirmar que a unidade do fenômeno estudado é mera coincidência e que a geração da atitude gnóstica é absolutamente espontânea é uma atitude cômoda, mas não é científica. Não é essa a posição de Serge Hutin.

Sempre que um fenômeno se repete é porque se repetiram as mesmas causas e em condições de liberdade para atuar. Hutin faz menção de que é nas épocas de crise social e política que aparece o fenômeno gnóstico.

Consideramos que os problemas sociais, políticos, econômicos, psicológicos podem favorecer a eclosão da Gnose, mas que sua causa é muito mais profunda.

Estaria a causa na própria natureza do homem? Afirmar que a causa da Gnose está na natureza humana é afirmar que a causa da Gnose está situada na esfera ontológica. Ora, a Gnose não só é contrária à natureza humana, como também é contrária à própria ordem ontológica. Logo, não é na ordem ontológica, não é no ser do homem, que está a causa da Gnose.

Sendo a Religião do Homem, quer na forma gnóstica, quer na forma panteísta, uma revolta antimetafísica, sua causa deve estar situada no campo moral. Ela é uma recusa de aceitar a ordem do ser e a situação do homem nessa ordem. Ela é uma recusa de aceitar as limitações da natureza humana e os males a que está sujeita. A Religião do Homem é uma revolta contra o Criador e a ordem sapiencial que Ele estabeleceu na criação.

A Religião do Homem é ainda uma manifestação de uma supervalorização da excelência do ser humano que o leva, consequentemente, a um amor excessivo de si mesmo.

O conhecimento do próprio valor do homem, ser contingente, sem referências ao Ser Absoluto, leva o homem a ter um amor exagerado ao seu próprio bem, e daí a uma recusa de aceitar qualquer limitação, quer quanto ao conhecimento ou quanto à vontade, quer quanto às limitações físicas do tempo e do espaço. Maior ainda é, então, a rejeição quanto às desordens e falhas que existem na natureza do homem. Daí a revolta contra o livre arbítrio humano, visto como causa dos erros morais, e a tentativa de superá-lo ou anulá-lo pela afirmação da predestinação espiritual ou do determinismo naturalista.

Noutras palavras, tratar da origem mais profunda da Religião do Homem, isto é, da Gnose e do Panteísmo, é tratar da questão da origem do mal, de qualquer tipo que seja.

Negar a limitação do conhecimento humano é negar o mistério e a transcendência divina.

Negar as limitações da vontade é recusar aceitar qualquer lei.

Negar o livre-arbítrio é fugir da responsabilidade e rejeitar ser submetido a qualquer prova.

Quando um homem se revolta dessa forma contra suas limitações de conhecimento e de vontade, contra suas limitações materiais, contra a sujeição a qualquer prova, ele pode chegar ao ponto de negar toda ordem ontológica e procurar em si mesmo, ser contingente, a solução para todas as limitações. Em si mesmo, ele terá a fonte de todo conhecimento. Em si mesmo, ele encontrará a força que o coloca acima do bem e do mal, gozando, assim, de uma liberdade absoluta, vencendo toda angústia moral.

Em si mesmo, ele julga ter as energias capazes de transformá-lo de ser contingente em Absoluto e de criatura em Deus. É essa a Religião do Homem, fruto de um orgulho egolátrico e de um sensualismo antinomista, levados ao paroxismo.

> [...] a angústia da sensualidade, e o orgulho "humanista" que a compensa. Angústia: o instinto sexual é ressentido como um destino cruel, uma tirania; orgulho: essa tirania será concebida como uma força divinizante – isto é, erguendo o homem contra Deus – logo que se tiver decidido abandoná-Lo.[99]

99 [...] l´angoisse de la sensualité, et l'orgueil "humaniste" qui la compense. Angoisse: l'instinct sexuel est ressenti comme un destin cruel, une tyrannie; orgueil: cette tyrannie sera conçue comme une force divinisante – c'est-à-dire dressant l'homme contre Dieu – sitôt qu'on aura décidé de lui céder. ROUGEMONT, Denis de. *L´Amour et l´Occident*, p. 113.

7
A LÍNGUA BÍFIDA DA SERPENTE

Vimos que a Religião do Homem se divide, como a língua da serpente sugerida por Eusébio de Cesaréia, em dois ramos: o gnóstico e o panteísta, conforme se pretenda a divinização do espírito ou a divinização do corpo do homem.

A Gnose é o ramo da Religião do Homem que pretende a divinização do elemento espiritual do homem. Sua causa estaria no orgulho, isto é, na supervalorização da própria excelência.

Ao orgulhoso que se julga divino, o corpo e a matéria são limitações amargas que, com suas misérias, provam continuamente sua fraqueza e a falsidade de seu sonho de ser Deus.

A esse tipo de pessoa, a língua bífida da serpente sussurra que ela é realmente um deus, mas que a divindade nela está oculta e encarcerada na matéria.

A matéria limitadora e separadora é o grande cárcere do espírito divino espalhado em todo o universo. É a matéria que quebra a unidade do Ser divino. Dentro de cada ser material, um só e mesmo espírito divino estaria encarcerado. Seria preciso destruir a matéria e tudo o que significa individuação e personalização para que deus se libertasse e tudo fosse um.

A razão humana enganaria o homem ao permitir que ele definisse e, portanto, separasse os seres. Seria preciso destruir a razão que cria a ilusão do mundo material e, por meio da intuição, conceber e realizar a grande unidade divina universal.

A razão, definidora e desintegradora da realidade, isto é, da divindade, seria também a que nos iludiria por meio das relações de causa e efeito que supõe a distinção dos seres. Sendo um só o espírito que está no fundo de cada coisa, é possível colocar em relação de simpatia o espírito que está no homem e o espírito que está num objeto, e mover então esse objeto. Não é a ciência que permite dominar o mundo, mas a magia.

Finalmente, a razão nos enganaria ao criar a ilusória distinção de sujeito-objeto. Seria a superação dessa distinção racional que permitiria a fusão metafísica

que tornaria o sujeito idêntico ao objeto, o homem idêntico ao universo, e esse, idêntico a Deus.

Outros afirmam que não basta uma atitude antirracional que seja, ela mesma, especulativa, tendendo então para uma tal oposição à razão que supervalorizam a vontade e o amor irracionais, sem nenhum fundamento especulativo, porque só a vontade livre e o amor absoluto seriam capazes de realizar a integração universal.

Portanto, no gnosticismo orgulhoso, "espiritualista" pneumático, místico, que odeia a matéria e o corpo, podemos distinguir:

1. Um gnosticismo místico especulativo, próprio dos homens em que prepondera o papel da inteligência ou, como dizem os gnósticos, da intuição;
2. Um gnosticismo místico "fenomenológico", próprio dos homens em que prepondera o papel da vontade.[100]

Ambos procuram realizar a fórmula "tudo é um; e um é tudo", salientando o Todo, o universal, procurando destruir o que é pessoal e individual. Mas é sempre o próprio indivíduo quem deve realizar essa tarefa autoaniquiladora.

Há outros homens, porém, passando agora ao Panteísmo, que tendem mais a pecar com o corpo e que, quando se lhes oferecem o fruto proibido, querem comer pelo menos uma dúzia deles. São aqueles que têm por Deus o próprio ventre, como diz a Sagrada Escritura.

Evidentemente, são homens de menor valor natural que os gnósticos do primeiro tipo e, por isso, o Panteísmo naturalista é também uma forma de mais baixo grau da Religião do Homem.

O sensual que se julga deus acaba por divinizar o próprio corpo. A matéria seria divina. Não há Deus criador. Não há alma ou espírito. Só existe a matéria e o universo material é que é deus, dizem eles.

Quando, no homem sensual, prepondera o papel da vontade, ele se torna, então, um materialista crasso, um hedonista grosseiro, que despreza todo pensamento e tudo o que é espiritual.

Quando o que prepondera é a inteligência, então o naturalista se faz "filosófico" e ele vê na razão o que há de mais alto no Universo, o ponto supremo da evolução material. Na razão, a matéria se tornaria divina e consciente de sua divindade. Por meio da razão, da ciência e da técnica, o homem se libertaria de todo mal e criaria a felicidade natural absoluta.

Esse Panteísmo naturalista salienta mais o indivídual, o múltiplo e não o universal. Mas a solução viria da evolução do Todo e não do indivíduo. O que

100 Cf. FAGGIN, Giuseppe. *Meister Eckhart e la mistica tedesca pre protestante*, p. 24.

importa é o bem cósmico ou coletivo, desprezando-se os males particulares, como relativos, em função do bem do Todo.

Panteísmo e Gnose são, portanto, duas vias de revolta do homem contra as suas limitações. São duas formas religiosas que nascem de uma só fonte: a revolta do ser contingente, por não aceitar sua contingência, contra o ser absoluto. É a revolta contra a morte, a dor, o trabalho e mil outras misérias que fazem da vida humana um vale de lágrimas.

Exemplo típico dessa revolta, conducente ao materialismo panteísta com fortes traços gnósticos, pode ser encontrado em Feuerbach.

Confessa Feuerbach que a vergonha e a revolta contra suas limitações é que o levaram a atribuir tais limitações à própria natureza humana.

> Pois uma limitação, que eu não sei que é exclusivamente minha, me humilha, me envergonha e me intraquiliza. Por isso, para me livrar dessa vergonha, dessa intranquilidade, atribuo os limites de minha individualidade a uma coisa inerente à mesma essência humana.[101]

Entretanto, apesar de atribuir a causa de suas próprias falhas à natureza ou essência humana, não faltam textos de Feuerbach que afirmam a divindade da essência humana.

> Deus é a essência mais íntima do homem, a mais subjetiva e a mais exclusiva [...]. Deus é o ser que obra em mim, comigo, por mim e para mim, é o princípio de minha salvação, de minhas boas intenções e ações e, portanto, meu próprio princípio de ser bom.[102]
>
> A essência divina não é outra coisa senão a essência humana ou melhor dito: a essência do homem sem limites individuais, isto é, sem os limites do homem real e material, sendo essa essência objetivada, ou seja, contemplada e venerada como se fosse outra essência real e diferente do homem. Todas as determinações da essência divina são para ele determinações da essência humana.[103]

---

101 Pues una limitación, que yo no sé que es exclusivamente mia, me humilla, me averguenza y me intranquiliza. Por eso, para librarme de esta verguenza, de esta intranquilidad atribuyo los limites de mi individualidad a una cosa inherente a la esencia humana misma. FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia del Cristianismo,* p. 21.

102 Dios es la esencia más intima del hombre, la más subjetiva y más exclusiva [...]. Dios es el ser que obra en mi, conmigo, por mi y para mi, es el principio de mi salvación, de mis buenas intenciones y acciones y, por lo tanto, mi propio principio de ser bueno. Idem. Ibidem, p. 45.

103 La esencia divina no es otra cosa que la esencia humana o, mejor dicho: la esencia del hombre sin limites individuales, es decir, sin los limites del hombre real y material, siendo esta esencia objetivada, o sea contemplada y venerada como si fuera otra esencia real y diferente del hombre. Todas las determinaciones de la esencia divina son por ello determinaciones de la esencia humana. Idem. Ibidem, p. 29.

Feuerbach afirma taxativamente que Deus é o próprio homem: "O ser absoluto, o Deus do homem, é sua própria essência".[104]

É natural, pois, que, para Feuerbach: "A fé não é outra coisa senão a crença na divindade do homem".[105]

Daí ele mesmo, que começara por se envergonhar de suas limitações, se considerar Deus: "Como poderia, portanto, duvidar de meu Deus que é minha própria essência? Duvidar de meu Deus significa duvidar de mim mesmo".[106]

Assim como, para os gnósticos, a Gnose significava, ao mesmo tempo, conhecimento de Deus e conhecimento do próprio homem, assim também o diz Feuerbach:

> A consciência de Deus é a consciência que tem o homem de si mesmo, o conhecimento de Deus é o conhecimento que tem o homem. Conheces o homem por seu Deus, e vice-versa, por seu Deus conheces o homem: ambas as coisas são idênticas. O que, para o homem, é Deus é seu espírito e sua alma; e o que é o espírito do homem, sua alma, seu coração é precisamente seu Deus e Deus é o interior revelado, o eu aperfeiçoado do homem; a religião é a revelação solene dos tesouros ocultos do homem, é a confusão de seus pensamentos íntimos, a proclamação pública de seus segredos de amor.[107]

E mais:

> A consciência, no sentido rigoroso ou próprio da palavra, é inseparável da consciência do infinito: a consciência limitada não é nenhuma consciência: a consciência é essencialmente de um caráter universal e infinito. A consciência da própria infinitude. Em outras palavras, na consciência do inifinito, o homem consciente tem por objeto de sua consciência a infinitude de sua própria essência.[108]

---

104 El ser absoluto, el Dios del hombre, es su propia esencia. Idem. Ibidem, p. 19.

105 La fé no es otra cosa sino la creencia en la divinidad del hombre. Idem. Ibidem, p.142.

106 Como poderia, por lo tanto, dudar de mi Dios que es mi propia esencia? Dudar de mi Dios significa dudar de mi mismo. Idem. Ibidem, p. 35.

107 La conciencia de Dios es la conciencia que tiene el hombre de si mismo, el conocimiento de Dios es el conocimiento que tiene el hombre. Conoces al hombre por su Dios, y viceversa, por su Dios conoces al hombre: ambas cosas son idénticas. Lo que para el hombre es Dios, es su espíritu y su alma; y lo que es el espíritu del hombre, su alma, su corazón, es precisamente su Dios y Dios es el interior revelado, el yo perfeccionado del hombre; la religión es la revelación solemne de los tesoros ocultos del hombre, es la confusión de sus pensamientos íntimos, la proclamación pública de sus secretos de amor. Idem. Ibidem, pp. 27-28.

108 La consciencia, en el sentido riguroso o propio de la palabra es inseparable de la consciencia del infinito: la consciencia limitada no es ninguna consciencia: la consciencia es esencialmente de un carácter universal e infinito. La consciencia de la propia infinitud. En otras palabras, en la

Feuerbach não diviniza apenas a essência do homem, mas também todas as essências, e assim nega a criação, identificando o Universo com Deus.

> A diferença entre o mundo e Deus como criador do mundo é, portanto, somente uma diferença formal, não essencial. A essência das coisas é a mesma essência divina, e, por isso, Deus, ao pensar em si mesmo, ao http://www.fileserve.com/file/vKrTPMJ conhecer-se, é, ao mesmo tempo, o mundo, pensa e sabe tudo – a essência de Deus não é outra coisa que a essência abstrata e idealizada do mundo: e a essência do mundo não é outra coisa que a essência de Deus real, concreta e concebida pelos sentidos; a criação não é, portanto, outra coisa que um ato formal.[109]

Feuerbach é, pois, explicitamente um panteísta. Aliás, o ateísmo é uma forma disfarçada de Panteísmo.

"O que hoje passa por ser ateísmo será religião amanhã".[110]

Há, pois, uma religião do materialismo.

No próprio Marx, há sinais da Religião do Homem.

Para Marx:

> O "homem" não é mais que um ser surgido da natureza, com vocação (ou intencionalidade) de universalizar-se, de romper sua particularidade, de romper tanto a separação que enfrenta a natureza como o emparedamento que o separa do outro homem; o que Marx expressa dizendo que no homem existe, desde seu surgimento, o "ser genérico" do homem.[111]

Para Marx, o homem não existe sem a natureza e sem relação com ela. Ambos necessitam um do outro. A natureza humaniza-se no homem. Esse é um sistema de necessidades que a natureza pode satisfazer.

---

consciencia del infinito el hombre consciente tiene por objeto de su consciencia la infinitud de su propia esencia. Idem. Ibidem, p. 16.

109 La diferencia entre el mundo y Dios como creador del mundo es por lo tanto solo una diferencia formal, no esencial. La esencia de las cosas es la misma esencia divina, y por ello Dios, al pensar en si mismo, al conocerse, es a la vez el mundo, piensa y sabe todo – la esencia de Dios no es otra cosa que la esencia abstracta e ideada del mundo: y la esencia del mundo no es otra cosa que la esencia del Dios real, concreta y concebida por los sentidos; la creación no es por lo tanto otra cosa que un acto formal. Idem. Ibidem, pp. 100-101.

110 Lo que hoy pasa por ser ateísmo será mañana religión. Idem. Ibidem, p. 46.

111 "El hombre" no es más que un ser surgido de la naturaleza, con vocación (o intencionalidad) de universalisar-se, de romper su particularidad, de romper tanto la separación que el enfrenta a la naturaleza como el tabicamento que le separa del otro hombre; lo que Marx expresa diciendo que en el hombre existe, desde su aparición, el "ser genérico" del hombre. TOUCHARD, Jean. *Historia de las ideas politicas*, p. 486.

Homem e natureza formam, assim, um sistema em que caminham para uma identificação.

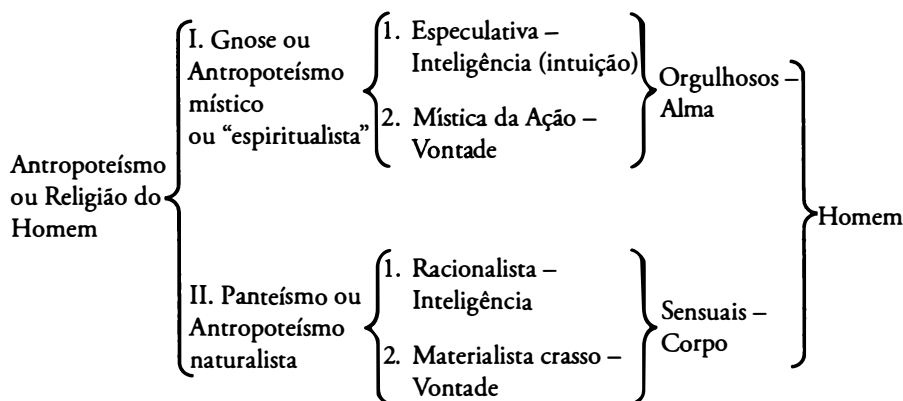
Também com relação ao outro homem, se verifica o mesmo posicionamento. Cada homem é necessário para o outro, e é na sua universalização que o homem verdadeiro se realizará:

> Enquanto o homem não tenha acabado sua identificação com a natureza e o outro homem, enquanto continue sendo prisioneiro de determinações e separações, a única tarefa, ao mesmo tempo ética e prática, que realmente se oferece a sua liberdade é a de coincidir ativamente com seu devir. Em resumo, o imperativo categórico é coincidir com a revolução.[112]

Esses textos são bem esclarecedores do gnosticismo que está, paradoxalmente, no fundo do marxismo.

Aliás, "A Internacional", o hino dos comunistas, fala em "Tirar o espírito da prisão" – "*Tirer l'esprit du cachot*"[113] – expressão tipicamente gnóstica.

Esquematicamente, podemos apresentar o que dissemos assim:

---

112 En tanto que el hombre no haja acabado su identificación con la naturaleza y el otro hombre en tanto que continue siendo prisionero de determinaciones y separaciones la única tarea, a la vez ética y prática, que realmente se oferece a su libertad es la de coincidir activamente con su devenir. En resumen el imperativo categórico es coincidir con la revolución. Idem. Ibidem, pp. 485-486.

113 Cf. BORST, Arno. *Les cathares*, p. 264.

8
A ANTIMETAFÍSICA DA RELIGIÃO DO HOMEM

Em ambos os ramos da Religião do Homem se nota a mesma atitude contra a metafísica real e objetiva. O Antropoteísmo é o ódio a Deus, isto é, ao Ser Absoluto. Por isso, há nele um desejo de destruir os princípios metafísicos. Ele odeia o ser.

Curiosa e paradoxalmente, o Antropoteísmo, que pretende transformar o ser relativo em ser absoluto, desesperado de alcançar esse objetivo, faz o homem querer o aniquilamento de todo ser. O Antropoteísmo implanta a dialética, isto é, a contradição, no mais profundo do espírito humano. Contradição do Eu que se pretende Absoluto e que sonha em se esvair no Nada.

Já vimos que o Antropoteísmo é igualitário e dialético. É igualitário, porque nega a distinção entre Ser Absoluto e ser por participação, Ser Necessário e ser contingente. Negando qualquer hierarquia ontológica, nega toda desigualdade, mesmo entre os contingentes.

O Antropoteísmo, por causa do orgulho e do desespero, iguala o Ser ao Não-ser, o Tudo ao Nada, e daí nasce seu caráter dialético.

Igualitarismo e dialética, por sua vez, levam à negação de todos os princípios metafísicos e de todos os valores transcendentais.

NEGAÇÃO DO PRINCÍPIO DE IDENTIDADE

Negando o Ser Absoluto - Aquele que é - o Antropoteísmo tem de repudiar o princípio da identidade que afirma que cada ser é o que é. Cada coisa perde sua individualidade, sua essência, sua personalidade, para fundir-se num magma indefinido ou coletivo. Evolucionismo e igualitarismo são características tanto da Gnose quanto do Panteísmo, nos quais "um é tudo e tudo é um".

NEGAÇÃO DO PRINCÍPIO DE CONTRADIÇÃO

Com cada coisa, identificando-se, fundindo-se com todas as outras, os contrários passam a coincidir. Tudo é nada. O belo é o feio. O bem é o mal. Verifica-se, assim, o triunfo do princípio dialético e do igualitarismo mais radical, que igualaria os contrários. Na dialética, o sim e o não se identificam e coincidem, mantendo, porém, sua contrariedade.

A negação do princípio de identidade e de contradição acaba produzindo a própria negação do ser. Tudo é um, e esse um é coincidência de opostos, porque está num constante fluir dialético, de tal modo que a única coisa existente é o fluxo, a mudança, o vir-a-ser. Nada é permanente, e o ser não existe. O ser é Nada. Tudo passa a ser nada, e a realidade, uma ilusão.

NEGAÇÃO DO PRINCÍPIO DE CAUSALIDADE E FINALIDADE

Nada foi causado, pois que não há distinção entre causa e efeito, entre Criador e criatura. Por isso, também, nada existe para certa finalidade e, não existindo ordem metafísica, não há também ordem das coisas com relação a um fim. Não há causa e, portanto, nada tem finalidade.

NEGAÇÃO DOS TRANSCENDENTAIS

A negação de toda ordem metafísica faz do universo um vazio absoluto que não pode ter, portanto, nenhuma ordem racional. O ser não existe e com ele naufragam no abismo do Nada todos os demais transcendentais *res, aliquid, unum, verum, bonum* e *pulchrum.*

NEGAÇÃO DE TODO EXEMPLARISMO

Não havendo distinção entre ser absoluto e relativo, não havendo ser, tem de se repelir todo exemplarismo. O mundo deixa de ser visto como feito à imagem e semelhança do Criador. Cada coisa deixa de ser espelho que reflete de modo mais ou menos claro as ideias arquetípicas de Deus e suas qualidades. Toda ordem analógica, feudal e hierárquica do universo é negada. O universo deixa de ser Cosmo para voltar a ser algo informe e vazio, para depois se ir mais longe ao dizer que o universo é um abismo sobre o qual não paira o espírito de Deus. Deus não existe e o universo é Nada.

RECUSA DE ACEITAR O ESPAÇO E O TEMPO

A Religião do Homem recusa-se a aceitar as limitações trazidas pelo espaço e pelo tempo. O espaço tem relação com a materialidade. Somente os seres materiais estão sujeitos às contingências da espacialidade. Ora, a Gnose, considerando que toda a matéria é um mal, julga que o espaço e o lugar são, consequentemente, aspectos do cárcere em que o espírito divino está encerrado. Localizar-se é estar aprisionado e a libertação gnóstica visa acabar com todas as limitações espaciais.

É esse ódio à contingência do ser criado que o localiza no espaço que leva os gnósticos a darem ao Criador do mundo, por irrisão, o nome de lugar, de *Topos.*[114]

Quanto ao tempo, duração do movimento, ele só existe para os seres compostos de Atò e Potência.

Ora, a Religião do Homem, querendo transformar os seres contingentes em Ser Absoluto, em Ato puro, ou em Nada Absoluto, recusa a submissão ao tempo.

Ela quer torná-lo presente, isto é, eternizá-lo ou então fazer a eternidade imergir no agora.

De qualquer forma, a Religião do Homem recusa a temporalidade e a espacialidade. Ela não aceita o "*hic et nunc*" condicionantes do ser material.

É o que confirma Puech em vários de seus trabalhos. Esse autor mostra que se devem distinguir três noções de tempo: a grega, a cristã e a gnóstica.

> O helenismo concebe, primeiramente, o tempo como sendo cíclico ou circular, voltando-se perpetuamente sobre si mesmo, preso eternamente sobre si, sob o efeito dos movimentos astronômicos que o comandam e regulam necessariamente seu curso. Para o cristianismo, ao contrário, o tempo, ligado à Criação e à ação contínua de Deus, se desenvolve unilateralmente, em um só sentido, a partir de um ponto de início único e em direção a um objetivo igualmente único: é orientado, e um progresso se cumpre nele, do passado para o futuro; é único, orgânico e progressivo; ele tem, consequentemente, uma realidade plena. Sobrevém o gnosticismo. Pela necessidade de salvação imediata, ele romperá a servidão e a repetição do tempo cíclico do helenismo, assim como a continuidade orgânica do tempo unilinear do cristianismo; ele fará voar em pedaços (a expressão não é exagerada) tanto um como o outro. Em termos mais breves e mais visuais, a disputa ocorre entre três concepções opostas, em que o tempo pode ser respectivamente

114 Cf. SÃO CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Extraits de Théodote*, nº38

representado, na primeira por um círculo, na segunda por uma linha reta, na terceira, enfim, por uma linha quebrada.[115]

Assim como o Demiurgo, ao criar o mundo, fez uma obra caricata do mundo superior, assim também o tempo seria uma caricatura da eternidade:

> [...] o tempo, obra do Deus criador, seria, no máximo, uma caricatura da eternidade, uma imitação defeituosa que um hiato considerável separa de seu modelo, o fruto de uma degradação e, em última análise, uma mentira.[116]

> O gnóstico se sente aqui em baixo esmagado pelo peso do Destino, submisso aos limites e à servidão do tempo, do corpo, da matéria, sujeito às suas tentações e à sua degradação. [...] Do que decorre, inicialmente, um movimento de revolta e de rejeição: o gnóstico recusa-se a aceitar o mundo e a aceitar a si mesmo em seu estado atual. Do que decorre - a título de simples consequência particular - um nojo e uma condenação do tempo; no extremo, uma tentativa apaixonada em vista de negar o tempo. [...] O tempo é também uma nódoa: nós estamos mergulhados e participamos dele por meio do corpo, o qual, como toda outra coisa material, é obra abjeta do Demiurgo inferior ou do Príncipe do mal; no tempo e pelo tempo, nosso verdadeiro "eu", espiritual ou luminoso por essência, está preso a uma substância estranha, à carne e às suas paixões ou às trevas da Matéria.[117]

---

115 L'hellénisme conçoit, avant tout, le temps comme cyclique ou circulaire, revenant perpétuellenent sur lui-même, bouclé éternellement sur soi, sous l'effet des mouvements astronomiques qui en commandent et en règlent nécessairement le cours. Pour le christianisme, au contraire, le temps, lié à la Création et à l'action continue de Dieu, se déroule unilatéralement, en un seul sens, à partir d'un point de départ unique et en direction d'un but également unique: il est orienté, et un progrès s'accomplit en lui, du passé vers l'avenir; il est un, organique et progressif; il a, en conséquence, une réalité plénière. Survienne le gnosticisme. Par besoin de salut immédiat, il brisera la servitude et la répétion du temps cyclique de l'hellénisme aussi bien que la continuité organique du temps unilinéaire du christianisme; il fera voler en éclats (le mot n'est pas trop fort) l'un et l'autre. En termes plus brefs encore et plus imagés, la partie se joue entre trois conceptions opposées, où le temps peut être respectivement figuré, dans la première par un cercle, dans la deuxième par une ligne droit, dans la troisième, enfin, par une ligne brisée. PUECH, Henri-Charles. *En quête de la Gnose.* Vol. I, La Gnose et le Temps, p. 217.

116 [...] le temps, oeuvre du Dieu créateur, sera tout au plus la caricature de l'éternité, une imitation défetueuse qu'un hiatus considérable sépare de son modèle, le fruit d'une déchéance et, au bout de compte, un mensonge. Idem. Ibidem, p. 242.

117 Le gnostique se sent ici-bas écrasé par le poids du Destin, soumis aux limites et à la servitude du temps, du corps, de la matière, sujet à leurs tentations et à leur dégradation. [...] D'où, d'abord, un mouvement de révolte et de rejet: le gnostique se refuse à accepter le monde et s'accepter lui-même en son état actuel. D'où – à titre de simple conséquence particulière – un dégout et une condamnation du temps; à l'extreme, une tentative passionnée en vue de nier le temps. [...] Le temps est aussi souillure: nous y sommes plongés et y participons par le corps, qui, comme toute

> [...] o tempo que é resultado da obra do Demiurgo não é mais a imagem mais perfeita, a imitação – a seu nível - mais fiel da eternidade, mas um pseudo, uma "mentira", um embuste e uma caricatura: no limite, uma ilusão.[118]

Finalmente, queremos citar ainda um texto de Puech que mostra claramente que a Gnose procura negar a contingência do ser, ou "aprisionando" a divindade no universo, ou inserindo o homem na divindade. O que, em matéria de duração e permanência, significa inserir o tempo na eternidade, ou "aprisionar" a eternidade no tempo. O resultado disso é a mutabilidade da divindade ou o sonho da imutabilidade da criatura. Em outras palavras, a Gnose ou faz Deus mudar, ou faz o homem imutável:

> Nesse sentido, a atitude gnóstica parece juntar-se à do helenismo, exceto em que, onde o grego vê imagem necessária e verdadeira da eternidade, o gnóstico vê caricatura e mentira. Entretanto, o gnóstico não concebe nem o temporal puro como o cristão, nem o intemporal puro como o helênico. A história é para eles duplicada e finalmente absorvida, em sua maior parte, por mitos; o intemporal, por sua vez, é tratado miticamente. Ou, se quisermos, o mundo intemporal e inteligível, o Pleroma, perde sua imutabilidade, para transformar-se no teatro das aventuras sucessivas e mutáveis dos Éons, enquanto os eventos concretos da duração histórica são transformados em suportes, ecos ou símbolos das peripécias desse drama intemporal, que se prolonga neles ou se passa à margem deles. Parece, então, que o temporal (sob forma de mobilidade, de sucessão) penetra o intemporal, e que, ao contrário, o intemporal (sob forma de transcendente) tende a absorver o temporal. De fato, ocorre que em um e em outro domínio, trata-se de um intemporal e de um temporal ambos concebidos por um pensamento de estrutura fundamentalmente mítica.[119]

---

chose matérielle, est l'oeuvre abjecte du Démiurge inférieur ou du Principe du mal; dans le temps et par le temps, notre vrai "moi", spirituel ou lumineux par essence, est enchaîné à une substance étrangère, à la chair et à ses passions ou aux ténèbres de la Matière. Idem. Ibidem, pp. 245-246.

118 [...] le temps que résulte de l'oeuvre démiurgique n'est plus l'image la plus parfaite qui soit, l'imitation – à son rang - la plus fidèle de l'éternité, mais un pseudos, un "mensonge", une imposture et une caricature: à la limite, une illusion. Idem. Ibidem, p. 256.

119 En ce sens, l'attitude gnostique semble rejoindre celle de l'hellénisme, sauf que, là où le Grec voit image nécessaire et vraie de l'éternité, le gnostique voit caricature et mensonge. Cependant, le gnostique ne conçoit ni le temporel pur comme le chrétien ni l'intemporel pur comme l'hellène. L'histoire est pour lui doublée et, finalement, absorbée en majeure partie par le mythe; l'intemporel, de son côté, est traité mythiquement. Ou, si l'on veut, le monde intemporel et intelligible, le Plérôme, perd de son immutabilité, pour devenir le théâtre des aventures successives et changeantes des Eóns, tandis que les événements concrets de la durée historique sont transformés en supports, échos ou symboles des aventures de ce drame intemporel, qui se

É essa revolta e negação do tempo que leva a Gnose a negar a história, a ter horror dela. O gnóstico, então, sonha com o paraíso terrestre inicial ou com a realização do milênio. E, para ele, o paraíso original e o milênio acabam sendo coincidentes, no sentido de que ambos negam as vicissitudes da história e do tempo.

Mito e Apocalipse são constantes no pensamento do homem gnóstico.

> O pensamento gnóstico é, em seu âmago, um pensamento mítico. Ele é dominado pela nostalgia duma situação inicial que comanda toda a atualidade por meio do mito da *Urzeit* e da *Ursprung*. Ele é incapaz de pensar racionalmente por conceitos ou concretamente por apreensão, em sua singularidade, em pessoas e em eventos da história [...].[120]

E, finalmente, há a noção de que a salvação, que para o gnóstico significa divinização, se obtém apenas quando se consegue escapar do tempo, manifestação da contingência.

> [...] para o gnóstico, a salvação individual consiste na recuperação de um estado intemporal, sobre o qual o tempo não teria influência, livre de todo condicionamento tanto no passado quanto no futuro [...].[121]

---

prolongent en eux ou se jouent en marge d'eux. Il semble donc que le temporel (sous forme de mobilité, de succession) pénètre l'intemporel, et qu'à l'inverse, l'intemporel (sous forme de transcendant) tende à absorber le temporel. En fait, c'est que, dans l'un et l'autre domaine, nous avons affaire à un intemporel et à un temporel conçus tous deux par une pensée de structure foncièrement mythique. Idem. Ibidem, p. 269.

120 La pensée gnostique est, en son fond, une pensée mythique. Elle est dominée par la nostalgie d'une situation initiale qui commande toute actualité, par un mythe de la *Urzeit* et du *Ursprung*. Elle est incapable de penser rationnellement par concepts ou concrètement, par appréhension, dans leur singularité, des personnes et des événements de l'histoire [...]. Idem. Ibidem, p. 267.

121 [...] pour le gnostique, le salut individuel consiste dans la récupération d'un état intemporel, sur lequel le temps ne saurait mordre, affranchi de tout conditionnement dans le passé aussi bien que dans le futur [...] Idem. Ibidem, p. 22

9
DIALÉTICA E ANTROPOTEÍSMO: AS DUAS PONTES ENTRE GNOSE E PANTEÍSMO

Os dois ramos da Religião do Homem - Gnose e Panteísmo, gêmeos idênticos e inversos - apresentam-se como opostos e, às vezes, até como inimigos. Essa oposição, porém, não é profunda e essa luta é "fraterna". A oposição entre a Gnose (mística, espiritualista, anticósmica, antirracionalista) e o Panteísmo (naturalista, cósmico, racionalista e, por vezes, materialista) é uma oposição dialética.

Ambos são ramos da mesma língua bífida que dialeticamente diz coisas contrárias, mas, no fundo, iguais. Gnose e Panteísmo são pólos dialéticos que se opõem mais à posição de equilíbrio e harmonia, quer na criteriologia, quer na moral, do que se opõem entre si.

Sendo dialética essa oposição, um pólo acaba revertendo no outro, anulando-se ou se invertendo suas posições mais antagônicas. Gnose e Panteísmo funcionam como vasos comunicantes entre os quais podem ser notados dois canais ou pontes de comunicação mais importantes: a ponte metafísica ou criteriológica e a ponte moral.

A PONTE METAFÍSICA OU CRITERIOLÓGICA

Chamamos a primeira ponte de metafísica ou criteriológica, embora o antropoteísmo negue a metafísica tradicional, porque a Religião do Homem tem de dar, necessariamente, uma explicação sobre a realidade dos seres, do Universo ou de Deus.

A metafísica antropoteísta é sempre dialética.

Para o Antropoteísmo, a realidade é sempre formada por dois contrários idênticos, cuja união constitui a realidade, os extremos revertendo-se um no outro. Essa é a essência da dialétíca: cada ser é resultante da coexistência nele

de dois princípios contrários e iguais. Tomemos, como exemplo, a Gnose de Mestre Eckhart:

> É certo que Mestre Eckhart é o dialético por excelência, e que é muito fácil extrair de suas obras as verdades mais contraditórias. Nele, pôde-se afirmar: "negação e afirmação, ambas formam a verdade". Uma não é verdadeira sem a outra, e não se pode conceber uma senão em relação à outra. A afirmação e a negação são inseparáveis, sendo dois aspectos de uma mesma verdade.[122]

Jacob Boehme assim definiu a dialética do ser: "Todo ser é síntese do sim e do não que se implicam mutuamente."[123]

Consideremos, por exemplo, a oposição dialética fundamental entre Gnose e Panteísmo, que é suas posições diante da matéria.

A Gnose considera o mundo como o mal, como o reino das trevas. Por sua vez, o materialismo crasso nega a existência de qualquer ser espiritual. Entretanto, nos livros Herméticos, que são panteístas, se lê que:

> A parte mais sutil da matéria é o ar, do ar a alma, da alma a inteligência, Deus.
>
> [...]
>
> Quer se trate da matéria, do corpo ou da essência sabe-se que são energias de Deus, energia material na matéria, energia corporal nos corpos, energia essencial na essência. Todo esse conjunto é Deus e no universo não há nada que não seja Deus [...][124]

O gnóstico Henri More, no século XVII, fundamentando-se na Cabala de Isaac Luria, publicou dezesseis (16) axiomas cabalísticos, dos quais destacamos o 4º, 5º, 12º e 15º:

> 4º) *Nullam igitur Materiam esse in rerum natura.* (Não há nenhuma Matéria na natureza das coisas.)

---

122 Ce qui est certain c'est que Maître Eckhart est le dialecticien par excellence, et qu'il est trop facile d'extraire de ses oeuvres les vérités les plus contradictoires. Chez lui, a-t-on pu dire "négation et affirmation forment à elles deux la vérité. L'une n'est pas vraie sans l'autre, et ne se peut concevoir que par rapport à l'autre. Affirmation et négation sont inséparables, n'étant que les deux aspects d'une même vérité". ROUGEMONT, Denis de. *L'Amour et l'Occident*, p. 132.

123 *In Ja und Nein bestehen alle Dinge.* Tout être est synthèse du oui et du non qui s'impliquent mutuellement. BOEHME, Jacob. *Quaestiones Theosophicae*, q. III, 2, *apud* KOYRÉ, Alexandre. *La Philosophie de Jacob Boehme*, p. 394.

124 La partie la plus subtile de la matière est l'air, de l'air l'âme, de l'âme l'intelligence, Dieu. [...] Que se soit matière, corps ou essence sache que ce sont là des énergies de Dieu, énergie matérielle dans la matière, énergie corporelle dans les corps, énergie essentielle dans l'essence. Tout cet ensemble est Dieu, et dans l'univers il n'est rien qui ne soit Dieu. TRISMEGISTO, Hermes, pp. 87-92.

> 5º) *Quidquid vero est spiritum esse.* (Tudo o que é verdadeiro é espírito.)
>
> 12º) *Ex contractos his partibus constare Mundum, qui vocatur Materialem, cum revera adhuc spiritualis sit, constans cetique ex divisis Spiritibus, particulisve Diviniae Essentiae in monadas Penctavae Physica contractis et constipatis.* (Da reunião dessas partículas se formou o mundo que se chama material, embora seja, na realidade, espiritual, formado seguramente por espíritos em partículas divididas de essencia divina, contraídas e reunidas em mundos ou pontos físicos).
>
> 15º) *Ac proinde particularem hunc Spiritum et pulviscula puta marmoris fieri posse Plantam e planta Brutum, e Bruto Hominem, et Homine Angelum, e angelo denique novae Terrae Coeli que Creatorem Deum.* (E, por consequência, esse Espírito particular pode - conforme o exemplo da fina poeira de mármore - tornar-se planta, e da planta, animal, do animal, homem, do homem, anjo, do anjo, enfim, Deus criador de uma nova Terra e de um novo Céu).[125]

Por outro lado, há aqueles que identificam Deus e a matéria.

> [...] Deus é um fogo devorador. Para Oetinger, esse fogo é uma matéria, do mesmo modo que a luz. Quando a Escritura afirma que Deus é a luz, é uma verdade que é nessário tomar em sentido próprio, que nós devemos entender segundo um modo físico: *physice*. [...] A filosofia sagrada de Oetinger opõe-se resolutamente a todas as formas de docetismo [...] ela pode ser considerada como uma Gnose antignóstica.[126]

---

125 (4º) Nullam igitur Materiam esse in rerum natura. (Il n'existe donc aucune matière dans la nature des choses). (5º) Quidquid vero est, spiritum esse (tout ce qui est vraiment est esprit). (12º) Ex contractos his partibus constare Mundum, qui vocatur Materialem, cum revera adhuc spiritualis sit, constans cetique ex divisis Spiritibus, particulisve Diviniae Essentiae in monadas Penctavae Physica contractis et constipatis. (De l'assemblage de ces particules est formé le monde qu'on appele matériel bien qu'il soit en réalité spirituel, formé assurement d'esprits en particules divisés de l'essence divine, contractées et ramassées en mondes ou points physiques) (15º) Ac proinde particularem hunc Spiritum et pulviscula puta marmoris fieri posse Plantam e planta Brutum, e Bruto Hominem, et Homine Angelum, e angelo denique novae Terrae Coeli que Creatorem Deum. (Et, par conséquent, cet Sprit particulier peut - à partir de l'exemple de la fine poussière de marbre - devenir la plante, à partir de la plante l'animal, de l'animal l'homme, de l'homme l'ange enfin le Dieu createur d'une nouvelle Terre et d'un nouveau Ciel). MORE, Henri apud HUTIN, Serge. "Note sur la création chez trois kabbalistes chrétiens" in *Cahiers de l'hermétisme*, pp. 152-153.

126 [...] Dieu est un feu dévorant. Pour Oetinger, ce feu est une matière, de même que la lumière. Lorsque l'Escriture affirme que Dieu est la lumière, c'est une veritè qu'il faut prendre au sens propre, que nous devons entendre selon un mode physique: *physice* [...] La philosophie sacrée

E ainda:

> A noção de fixação nos remete à Alquimia [...]. O volátil fixa-se e o fixo se volatiliza. Isso significa que o espírito se torna corpo e o corpo, espírito. É o que traduz a palavra *Geistleiblichkeit* que resume toda a filosofia de Oetinger.
>
> Significa que, em Jesus Cristo, o espírito se torna corpo, e o corpo, espírito? É universalizando essa verdade que Oetinger declara, por um lado, que tudo é espírito, e, por outro lado, que tudo o que é espírito é também corpo.[127]

Ao explanar o sistema gnóstico de Simão Mago, afirma Leisegang:

> Nós assistimos a uma perpétua "inversão" de um conceito em seu contrário: o fogo invisível se transforma no fogo visível; o fogo visível se resolve, por sua vez, em fogo invisível. O espiritual transforma -se em sensível, o sensível, no fim do mundo, consome-se e retorna ao espiritual, o espírito se torna corpo, o corpo, por sua vez, torna-se espírito; o eterno dá o tempo, o tempo de novo o eterno. Deus torna-se o Cosmo, o Cosmo torna-se novamente Deus; o bem torna -se o mundo mau, o mundo mau é julgado e se resolve, por sua vez, em bem. O Um torna-se muitos, a pluralidade retorna ao Um. É "o rio que deságua em si mesmo" dos místicos alemães; é o pensamento de Hegel: "o infinito é o porvir do finito e inversamente o finito é o porvir do infinito.[128]

É uma surpresa, para alguns, encontrar Hegel de braço dado com Simão Mago e a Gnose. Mas é Leisegang quem os apresenta assim...

---

d'Oetinger s'oppose résolument à toutes les formes de docétisme [...] elle peut être considerée comme une Gnose antignostique. DEGHAYE, Pierre. "La philosophie Sacrée" in *Cahiers de l'hermétisme,* pp.240-241.

127 La notion de fixation nous renvoie à l' Alchimie [...]. Le volatile se fixe et le fixe se volatilise. Cela signifie que l'esprit devient corps et le corps esprit. C'est ce que traduit le mot *Geistleiblichkeit* que resume toute la philosophie sacrée d'Oetinger.

[...] Signifie qu'en Jesus Christ, l'esprit devient corps et que le corps devient esprit? C'est en universalisant cette vérité qu'Oetinger déclare d'une part que tout est esprit, d'autre part que tout ce qui est esprit, est aussi corps. Idem. Ibidem, p. 247.

128 On assiste à un perpétuel "renversement" d'une notion dans la notion contraire: le feu invisible se transforme dans le feu visible; le feu visible se résout à son tour dans le feu invisible. Le spirituel se mue en sensible, le sensible, à la fin du monde, se consume et fait rétour au spirituel, l'esprit devient le corps, le corps à son tour devient esprit; l'éternel donne le temps, le temps à nouveau l'éternel. Dieu devient le Cosmo, le Cosmo redevient Dieu; le bien devient le monde mauvais, le monde mauvais est jugé et se résout à son tour dans le bien. L'Un devient plusieurs, la pluralité fait retour à l'Un. C'est "le fleuve qui s'écoule dans lui-même" des mystiques allemands; c'est la pensée de Hegel: "L'infini est le devenir du fini et inversement le fini est le devenir de l'infini. LEISEGANG, Hans. *La Gnose,* p. 72.

> [...] pois, para o gnóstico, luz e espírito, tudo é um. São consubstanciais. Deus também é espírito e, portanto, luz, "luz à qual ninguém pode ter acesso". Quando o gnóstico fala em espírito, não se trata de forma alguma do espírito abstrato de nossa concepção moderna; para ele, o espírito é ainda matéria, mas uma matéria extremamente tênue e leve, um sopro, um fluido, um perfume, um raio de luz.[129]

Também a ciência moderna é afetada por essa questão. Ela, que durante muito tempo manteve uma atitude mais semelhante à de Demócrito do que à de Platão em face da matéria, inverteu agora sua posição. É o que explica Heisenberg:

> Semelhante caráter da teoria quântica já torna difícil seguir inteiramente o programa da filosofia materialista e descrever as menores partículas de matéria, as partículas elementares, como a realidade verdadeira. À luz da teoria quântica, tais partículas elementares não são mais reais - no mesmo sentido que os objetos da vida quotidiana, árvores ou pedras, mas se apresentam como abstrações derivadas da matéria real da observação no verdadeiro sentido. Mas, se se faz impossível atribuir às partículas elementares tal existência no sentido mais genuíno, mais difícil ainda se torna considerar a matéria como "verdadeiramente real".[130]
>
> [...] Para a ciência natural moderna, não há mais no início o objeto material, porém forma, simetria matemática.[131]

Essa posição dos físicos teóricos modernos é confirmada por E. Schrödinger, que afirma:

> Existência real é sem dúvida um termo quase expulso por muitos sistemas filosóficos, e o seu simples e ingênuo significado está em grande parte perdido para nós.[132]

Assim, para o Panteísmo, Deus se confunde com a matéria que, por sua vez, se espiritualiza. Para a Gnose, ao contrário, Deus caiu na materialidade, mas aqui também a matéria se espiritualizará. A fórmula de Oetinger sintetiza bem a dialética do antropoteísmo face à matéria e ao espírito: "O espírito torna-se corpo; o corpo torna-se espírito".

---

129 [...] car, pour le gnostique, lumière et esprit, c'est tout un. Ils sont consubstantiels. Dieu aussi est esprit et donc lumière, "lumière à laquelle personne ne peut accéder". Lorsque le gnostique parle de l'esprit, il ne s'agit nullement de l'esprit abstrait de notre conception moderne; pour lui, l'esprit, c'est encore de la matière, mais une matière extremement ténue et légère, un souffle, un fluide, un parfum, un rayon de lumière. Idem. Ibidem, pp. 25-26.

130 HEISENBERG, W. et alii. *Problemas da Física Moderna*, p. 20.

131 Idem. Ibidem, p. 27.

132 Idem. Ibidem, p. 63.

De passagem, recordemos que, para o marxismo materialista, o ato de pensar é um mero produto glandular, mas o pensamento seria supramaterial.

Contradição? Sim, segundo a lógica aristotélica e segundo o bom senso. Mas contradição aceitável, pois a contradição é a alma da dialética que, por sua vez, está na essência do marxismo. Pela segunda lei da dialética marxista, os contrários se complementariam.

Segundo Lenin:

> a dialética é a teoria que mostra como os contrários podem ser e são habitualmente idênticos, em que condições eles são idênticos, convertendo-se um no outro, porque o espírito humano não deve considerar esses contrários como mortos, paralisados, mas como vivos, condicionados, móveis, convertendo-se uns nos outros.[133]
>
> Lenin e Stalin citam as palavras de Heráclito: "O mundo é um todo único, que não foi criado por nenhum deus nem por nenhum homem, mas foi e será uma chama eternamente viva, que se aviva e se afrouxa conforme leis determinadas". Diz Lenin que aqui temos uma excelente exposição do materialismo dialético.[134]

Ora, o que diz Heráclito? Ele afirma, exatamente, que os contrários são idênticos:

> As coisas frias tornam-se quentes e as coisas quentes tornam-se frias; o que é úmido torna-se seco e o que é seco torna-se úmido. A doença nos capacita a apreciar a saúde... Vida e morte, estar desperto ou estar adormecido, juventude e velhice tudo isso é idêntico; pois um se transforma no outro e o último retorna ao primeiro... os divergentes concordam entre si; é uma harmonia resultante das tensões opostas, como no arco, ou na lira... Os opostos pertencem-se mutuamente, a melhor harmonia resulta da discórdia e tudo se desenvolve pela luta... O caminnho que leva ao alto e o que leva para baixo são idênticos... O caminho reto e o coleante são um só e o mesmo... Para os deuses, todas as coisas são belas, boas e justas; os homens, porém, adotaram algumas coisas como justas e outras como injustas... O bem e o mal são idênticos.[135]

De Heráclito a Marx, a dialética é uma constante nos movimentos e sistemas panteístas ou gnósticos e é só por meio dela que se pode compreender a aparente oposição entre Gnose e Panteísmo, as duas faces do mesmo *slide* da Religião do Homem.

---

133 Cf. OUSSET, Jean. *Le Marxisme-Leninisme*.

134 LOJACONO, Pe. Jorge. *O Marxismo*, p. 25.

135 HERÁCLITO *apud* POPPER, Karl R. *A sociedade aberta e seus inimigos*, vol. 1, p. 30.

Do ponto de vista criteriológico, isto é, da capacidade intelectual do homem de compreender a realidade, Gnose e Panteísmo opõem-se: aquela negando a razão, e este exaltando-a.

A Gnose místico-especulativa embora – como vimos – negue a razão, é, na verdade, uma forma de racionalismo absoluto que pretende compreender e explicar o mistério divino.

A Gnose apresenta-se como anticósmica, mas, apesar disso, é fundamentalmente naturalista, no sentido de que afirma a capacidade natural do homem de alcançar o êxtase e a divinização, negando, pois, qualquer distinção, no fundo, entre a ordem sobrenatural e a ordem natural.

São esses naturalismos e racionalismos absolutos que permitem fazer a ponte entre a Gnose, anticósmica e antirracional, e o Panteísmo, racionalista e naturalista.

Por outro lado, o Panteísmo cientificista, em seu afã de explicar de modo absoluto o universo material, afirma que a própria matéria é, no fundo, espírito e, por fim, chega a negar a própria realidade material.

É essa ponte criteriológica entre Panteísmo e Gnose que permite compreender como do materialismo comunista dos "*enragés*" nasceu o culto religioso da deusa Razão, durante a Revolução Francesa[136], ou, então, como, do cientificismo racionalista do século XIX, foi gerada a religião positivista de Augusto Comte. Do mesmo modo ainda, se explica como, do materialismo cientificista e ateu do século XX, surgiu a Gnose de Teilhard de Chardin, ou ainda como magia e cientificismo coexistem em nossos dias. O irracionalismo nasce do extremo do racionalismo.

> A ciência incumbida de provar a regularidade do universo, na medida em que avança na sua investigação, põe em suspeita o racional. Surge sempre o irracional no seio do racional [...]. A ciência e o racionalismo, longe de cercear o homem na estreiteza de seus limites, excitam-no em direção ao mundo que não se vê, o sobrenatural não é excluído, mas confinado.[137]

A PONTE DA MORAL

A Gnose condena a matéria ao afirmar que ela é uma ilusão e uma prisão para o espírito divino. Consequentemente, ela prega uma moral ascética, de tipo budista, repudiando tudo o que vem do corpo e pregando até mesmo o suicídio. Ela se opõe *per diametrum* à moral do ramo panteísta, naturalista e até materialista, que prega o gozo livre de todos os prazeres.

---

136 Cf. GORCE, Pierre de la. *Histoire Religieuse de la Révolution Française*, pp. 53-54.

137 GOUVEA, Carolina Maria. *O maravilhoso no período realista.*

Entretanto, os gnósticos afirmam que, quando o homem alcança a "união mística" pelo êxtase, ele atinge um tal nível de perfeição que seu ser se funde com o próprio Deus. Desse modo, então, o homem se situa acima de toda lei moral, e tudo passa a ser permitido para ele.

Para alcançar o êxtase e a divinização, os messalianos, também chamados euchitas, tinham

> [...] um noviciado de três anos, na mais rigorosa abstinência. Mas, uma vez que a união com o Espírito Santo ficava completa, nada importava mais. O pecado não era mais possível. O iniciado podia reentrar no mundo e levar uma vida luxuriosa e devassa sem nenhum perigo para sua salvação, pois era, a partir de então, uma parte de Deus.[138]

Na Idade Média, os Irmãos do Livre Espírito tinham atitude tão semelhante a essa que muitos historiadores, segundo Norman Cohn, veem no messalianismo a origem dessa seita medieval.

> A heresia do Livre Espírito se define, sobretudo, pela atitude do adepto para consigo mesmo. Estava-se persuadido de ter atingido uma perfeição tão absoluta que não lhe era mais possível pecar. Apesar de grandes diferenças em suas consequências práticas, era certo que essa atitude podia chegar, entre outras coisas, ao antinomismo. O homem perfeito "podia sempre concluir que tinha o direito, ou mesmo o dever, de ultrapassar além dos tabus geralmente admitidos.[139]

Este mesmo autor cita uma carta de Santa Ildegarda em que ela acusa o falso ascetismo e o antinomismo dos Irmãos do Livre Espírito. Ela fala de heréticos que

> [...] não contentes de negar todo o valor da eucaristia e de condenar o estado matrimonial, consideram-se igualmente habilitados a ignorar os mandamentos de Deus e a viver conforme seu bel

---

138 [...] un noviciat de trois ans, implicant la plus rigoureuse abstinence. Mais une fois que l'union avec le Saint-Esprit était complète, rien n'importait plus. Le péché n'était plus possible. L'initié pouvait rentrer dans le monde et mener une vie de luxure et de débauché sans aucun danger pour son salut, car il était désormais une partie de Dieu. RUNCIMAN, Steve. *Le manichéisme médieval*, p. 27. Nota do autor: como fontes de sua afirmação, Runciman cita Santo Epifânio; Máximo, o Confessor; e Timóteo de Constantinopla.

139 L'hérésie du Libre Esprit se définit surtout par l'attitude de l'adepte envers lui même. Il était persuadé d'avoir atteint une perfection si absolue qu'il ne lui était plus possible de pécher. Malgré des grandes différences dans ses consequences pratiques, il était certain que cette attitude pouvait aboutir, entre autres choses, à l'antinomisme. L'homme parfait "pouvait toujours conclure qu'il avait le droit, ou même le devoir, de passer outre aux tabous généralement admis. COHN, Norman. *Les fanatiques de l'Apocalypse*, p. 151.

> prazer. Esses, continua ela, começam por enfraquecer seus corpos por jejuns prolongados; depois, sentem-se livres para saciar seus desejos mais lascivos.[140]

Nas antigas seitas gnósticas, encontra-se a mesma moral dialética que passa do ascetismo ao antinomismo. Para o gnóstico Basílides, por exemplo:

> [...] todo o pecado do homem está em seu desejo, na vigorosa "vontade de poder", que o leva a querer ultrapassar sua natureza. Toda aspiração contra a natureza, tanto a ascese quanto o desejo de ultrapassar os limites fixados ao homem pela natureza e a vontade concordante de Deus, toda aspiração deste gênero é pecado [...]. Todo desejo deverá, portanto, ser abafado pela razão, e principalmente os desejos sexuais, porque o instinto de gerar representa aqui a função central do homem.[141]

Entretanto, o sistema de Basílides degenerava depois no culto mais abjeto possível.[142]

> Basílides proclama que é normal e necessário abjurar sua fé para escapar a isso [à perseguição romana]. Da mesma forma, o desejo sexual não deve ser contido pelas instituições que por todo lado tentam canalizá-lo em direção a formas sociais, ele deve se acalmar livremente, por si mesmo, fora de toda ligação afetiva e matrimonial.[143]

Para os Carpocráticos, o mundo e a matéria eram obra de anjos inferiores e aprisionavam o espírito. O autor da Lei, o Deus dos judeus, seria o deus mau. Era preciso destruir a lei para se salvar. Daí pregarem eles a comunidade de bens e de mulheres. Todas as ações seriam, pois, permitidas. Enquanto o espírito

---

140 [...] non contents de nier toute valeur à l'eucharistie et de condamner l'état de mariage, se considèrent également habilités à ignorer les Commandements de Dieu et à vivre selon leur bon plaisir. Ces gens, porsuit elle, commencent pour affaiblir leur corps par des jeûnes prolongés; après quoi, ils se sentent libres d'assouvir leurs désirs les plus lascifs. Idem. Ibidem, p.151.

141 [...] tout le péché de l'homme est dans son désir, dans l'inlassable "volonté de puissance" qui le porte à vouloir dépasser sa nature. Toute aspiration contre nature, aussi bien l'ascèse que le désir de franchir les limites fixés à l'homme par la nature et la volonté concordante de Dieu, toute aspiration de ce genre est péché [...]. Tout désir devra donc être étouffé par la raison, et avant tout les désirs sexuels, car l'instinct génésique représente ici la fonction centrale de l'homme. LEISEGANG, Hans. *La Gnose*. pp. 163-164.

142 Cf. Idem. Ibidem, pp. 171, 173 e 177.

143 Basilide proclame qu'il est normal et nécessaire d'abjurer sa foi pour s'y soustraire [à perseguição romana]. De même, le desir sexuel ne doit pas être entravé par les institutions qui partout tentent de le canaliser vers des formes sociales, il doit s'assouvir librement, pour lui-même, en dehors de tout lien affectif et matrimonial. LACARRIÈRE, Jacques. *Les gnostiques*, p. 74.

não permitisse ao corpo praticar toda violação da lei, ele seria condenado a se reencarnar. Daí os Carpocráticos se entregarem a todas as piores aberrações.[144]

> [...] para encontrar a origem pura do desejo e a verdadeira Lei, os Carpocráticos devem violar, por toda parte e em toda ocasião, as leis enganadoras deste mundo. É a imoralidade erigida em sistema racional, a não submissão total elevada ao nível de via libertadora; segue, em resumo, o que um autor do tempo traduziu nesta frase: "O homem para ser salvo deve, segundo eles, perpetrar todas as ignomínias possíveis".[145]

Hans Jonas afirma que "[...] a expressão mais pura e mais radical da revolta metafísica é nihilismo moral".[146]

Cita, então, Santo Irineu para comprovar sua afirmação. De fato, Santo Irineu mostra a estranha duplicidade da ética gnóstica, ao explicar o comportamento dos pneumáticos, psíquicos e hílicos:

> Os homens psíquicos são educados com ensinamentos psíquicos, confirmados pelas obras e a fé simples e dizem que esses homens somos nós que pertencemos à Igreja e que por isso nos é indispensável boa conduta, de outro modo é impossível a salvação. Eles, porém, se salvam não pelas obras, e sim por serem pneumáticos por natureza. Como o que deriva do lodo não pode receber a salvação por não ter a capacidade receptiva dela, assim o elemento pneumático, que pretendem ser eles, está na impossibilidade absoluta de se corromper, sejam quais forem as obras que praticarem. Como o ouro lançado na lama perde o brilho e conserva a sua natureza sem que a lama o prejudique em nada, assim, dizem eles, podem estar misturados com qualquer obra hílica que não sofrerão dano nenhum, nem perderão sua substância pneumática.
>
> Por isso, entre eles, os perfeitos praticam sem escrúpulos todas aquelas obras proibidas das quais as Escrituras afirmam: quem pratica essas obras não herdará o reino de Deus. Comem indiferentemente as carnes sacrificadas aos ídolos porque pensam não ser inqüinados por elas e em toda festa pagã são os primeiros a misturar-se aos festejos dos ídolos, nem se abstém de espetáculos

---

144 Cf. LEISEGANG, Hans. *La Gnose,* pp. 184 e seguintes.

145 [...] pour retrouver la source pure du désir et la Loi véritable, les Capocratiens doivent violer, partout et en toute occasion, les lois trompeuses de ce bas monde. C'est l'immoralisme érigé en système rationnel, l'insoumission totale élevée au rang de voie libératrice, bref ce qu'un auteur chrétien du temps traduit par cette phrase: "L'homme, pour être sauvé, doit selon eux perpétrer toutes les ignominies possibles". LACARRIÈRE, Jacques. *Les gnostiques.* pp. 87-88.

146 [...] l'expression la plus pure et la plus radicale de la révolte métaphysique, c'est le nihilisme moral. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 352.

> sanguinários, odiosos a Deus e aos homens. Alguns, ao submeter-se insaciavelmente aos prazeres da carne, dizem que aos carnais são dadas coisas carnais e aos espirituais coisas espirituais. Alguns deles corrompem secretamente as mulheres que aprendem deles esta doutrina, como muitas, seduzidas por eles e que depois se converteram à Igreja de Deus, confessaram juntamente com outro erro também este. E outros, publicamente e sem se envergonharem, casaram, tirando dos seus maridos qualquer mulher por eles amada. Outros ainda, inicialmente muito corretos, fingindo habitar como irmãos, foram desmascarados pelo passar do tempo, quando se via que a irmã tinha engravidado por causa dos irmãos.[147]

A moral gnóstica acaba invertendo dialeticamente a moral e vendo no pecado o meio de salvação e redenção: "O pecado, via da salvação, é a inversão teológica da ideia do próprio pecado. Temos nisso um dos antecedentes do satanismo medieval."[148]

Isso pode ser confirmado pelo seguinte texto de Faggin sobre Mestre Eckhart e as seitas gnósticas do fim da Idade Média:

> A doutrina eckhartiana da liberdade do espírito, desvinculado da necessidade de obras exteriores, mostra, à primeira vista, estreita

147 2. Erudiuntur autem psychica (id est animalia), psychici (id est animales) homines, qui per operationem, et fidem nudam firmantur, et non perfectam agnitionem habent. Esse autem hos nos, qui sumus ab Ecclesia, dicunt. Quapropter et nobis quidem necessariam esse bonam conversationem respondente; aliter enim impossibile esse salvari. Semetipsos autem non per operationem, sed eo quod sint naturaliter spiritales, omnimodo salvari dicunt. Quemadmodum enim choicum impossibile est salutem percipere (non enim esse illum capacem salutis dicunt), sic iterum quod spiritale (quod semetipsos esse volunt) impossibile esse corruptela percipere, licet in quibuscunque fuerint factis. Quemadmodum enim aurum in coeno depositum non amittit decorem suum, sed suam naturam custodit, cum coenum nihil nocere auro possit: sic et semetipsos dicunt, licet in quibuscunque materialibus operibus sint, nihil semetipsos noceri, neque amittere spiritalem substantiam.

3. Quapropter et intimorate omnia, quae vetantur, hi qui sunt ipsorum perfecti operantur, de quibus Scripturae confirmant, quoniam qui faciunt ea, Regnum Dei non hoereditabunt (Gal. 5, 21). Etenim idolothyta indefferenter manducant, nihil inquinari ab iis putantes, et in omnem diem festum ethnicorum pro voluptate in honore idolorum factum, primi conveniunt; uti in nihilo quidem abstineant, quod est apud Deum et apud homines odiorum muneris homicidale spectaculum. Quidam autem et carnis voluptatibus insatiabiliter inservientes, carnalia carnalibus, spiritalia spiritalibus reddi dicunt. Et quidam quidem ex ipsis clam eas mulieres, quae discunt ab eis doctrinam hanc, corrumpunt; quemadmodum multae saepe ab iis suasae, post conversae mulieres ad Ecelesiam Dei, cum reliquo errore et hoc confessae sunt. Alii vero et manifeste, ne quidem erubescentes, quascunque adamaverint mulieres, has a viris suis abstrahentes, suas nuptas fecerunt. Alii vero valde modeste initio, quasi cum sororibus fingentes habitare, procedente tempore manifesti sunt, gravida sorore a fratre facta. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I,VI,2-3 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contra as Heresias*, I, 6,2-3.

148 Le péché, voie du salut, c'est le renversement théologique de l'idée même du péché'. Nous avons là un des antécédents du satanisme médiéval. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 357.

afinidade com o pensamento dos Amalricianos, dos Begardos e dos Irmãos do Livre Espírito. Todos esses hereges declaravam a necessidade de se preparar, com renúncias, orações e exercícios morais, para realizar em si a liberdade do espírito. Mas, uma vez alcançada a meta suprema, tudo se torna permitido: ninguém deve reprimir os desejos e os instintos; a natureza podia manifestar-se livremente com todas as suas forças imediatas e incontroladas, pois em todas as suas ações, em todos os seus impulsos, em todos os seus atos, mesmo aqueles externamente imorais e obscenos, Deus se revelava e operava. Assim declara um dos Irmãos do Livre Espírito:

> *Ego sum de libertate naturae et omnia quae natura appetit, satisfacio et concedo sufficienter, quia spiritur liber est et cum hoc homo naturalis et ideo oportet libere satisfacere operibus naturae.*
>
> Aquele que sabe que Deus opera nele todas as coisas, ainda que fornicasse, não pecaria. Pois que não a si, mas somente a Deus, deve atribuir tudo aquilo que faz, e quem atribuísse a si mesmo aquilo que faz, e não a Deus somente, permanece na ignorância, isto é, no inferno: partindo dessas premissas, também os seguidores de Amaury de Béne cometiam, sob tais espécies de piedade, toda sorte de coisas nefandas.[149]

Esse mesmo autor cita, em nota de rodapé, o original em latim dessas teses heréticas:

> Quem conhece a deus (pode) fazer todas as coisas, ainda que fornicasse, não pecaria. Não deve, pois, atribuir (nada) a si, mas tudo o que fez a deus – "Quem atribui algo que fez a si, e não somente a Deus é ignorância, que é o inferno" – "O inferno não é outra coisa senão a ignorância; nem outra coisa é o paraíso senão o conhecimento da verdade que dizem ter" – " Disseram também

149 La dottrina eckhartiana della libertà dello spirito, svincolato dalla necessità d'opere esteriori, presenta, a prima vista, strette affinità col pensiero degli Amalriciani, dei Begardi e dei Fratelli del Libero Spirito. Tutti questi eretici dichiaravano la necessità di prepararsi, con rinunce, preghiere ed esercizi morali, a realizzare in se la libertà dello spirito. Ma, una volta raggiunta la metta suprema, tutto diventa permesso: nessun dovere di reprimere i desideri e gli stinti; la natura poteva esplicarsi liberamente con tutte le sue forze immediate e incontrollate, poichè in tutte le sue azioni, in tutti i suoi impulsi, in tutte i suoi atti, anche quelli esternamente immorali e osceni, si rivelava ed operava Iddio. Così dichiara uno dei Fratelli del Libero Spirito:

Ego sum de libertate naturae et omnia quae natura appetit, satisfacio et concedo sufficienter, quia spiritur liber est et cum hoc homo naturalis et ideo oportet libere satisfacere operibus naturae.

Colui che sa che Dio opera in lui tutte le cose, anche se fornicasse, non pecherebbe. Poi chè non a sè, ma soltanto a Dio, deve attribuire tutto ciò che compre, e chi attribuisce a se stesso ciò che fa, e non a Dio solamente, dimora nell'ignoranza, cioè nell'inferno: partendo di queste premesse, anchi i seguaci di Amaury de Bène commetevano, sub tali specie pietatis, ogni sorte di neffandezze. FAGGIN, Giuseppe. *Magister Eckhart e la mistica tedesca Pre Protestante*, p. 231.

> que não imputavam nenhum pecado aos constituídos na caridade. De onde, sob tais espécies de piedade, seus sequazes cometiam toda espécie de torpeza.[150]

Também na Cabala, que é a Gnose judaica, se afirma que a origem do mal está em Deus. O mal seria algo de positivo e se identificaria com uma das qualidades ou forças de Deus (midda).

No livro Bahir (§ 109) o próprio Satã é apontado como sendo uma *midda* de Deus.[151]

> A frase: "O Santo bendito tem uma *midda* que se chama o mal" parece particularmente ousada. [...] No Bahir, o mal é uma das potências ou forças no meio das quais Deus age e se manifesta."[152]

A Gnose cabalista de Sabatai Tzvi e de Jacob Franck retirou suas doutrinas antinomistas desses textos do Bahir, assim como de textos talmúdicos mais antigos.

> Os ditos talmúdicos e semitalmúdicos como "Grande é o pecado cometido em causa própria", ou "A subversão da Torá pode tornar-se sua verdadeira realização", - reparos cujo significado originalmente não eram de modo algum antinomístico ou niilístico, mas que se prestavam a tal interpretação - foram invertidos. A Torá, como os sabatianistas radicais gostavam de formular, é a semente da Salvação e, assim como a semente precisa apodrecer na terra a fim de vingar e dar frutos, a Torá deve ser subvertida para aparecer em sua verdadeira glória messiânica.[153]

Os seguidores e sucessores de Sabatai Tzvi entregavam-se, por isso, a práticas antinomísticas, em consonância com a teoria da "santidade do pecado".

> [...] em certos conventículos radicais, eram praticados atos e ritos que visavam deliberadamente a degradação moral da personalidade humana: aquele que mergulhou nas mais extremas

---

150 Qui cognoscit deum in se omnia operari, etiam si fornicationem faceret non peccat. Non enim sibi attribuere debet, sed totum deo quod fecit - "Qui aliquid sibi attribuit quod facit, et non solum deo, ignorantia est quae est infernus" - "Infernus nihil aliud est quam ignorantia; nec aliud est paradisus quam cognitio veritatis quam se dicunt habere" - "Dixerant etiam quod in caritate constitutis nullum peccatum imputabant. Unde sub tali speciei pietatis eius sequaces omnem turpitudinem commitebant. Idem. Ibidem, p. 231.

151 Cf. SCHOLEM, Gerson. G. *Les origines de la Kabbale*, p. 162.

152 La phrase: "Le Saint béni soit-Il a une *midda* qui s'appelle le mal", paraît particulièrement hardie. [...] Dans le Bahir, le mal est une des puissances ou forces au moyen desquelles Dieu agit et se manifeste." Idem. Ibidem, p. 163.

153 SCHOLEM, Gerson G. *A mística judaica*, p. 319.

> profundezas tem maior possibilidade de ver a luz. [...] A bênção blasfema "Louvado sejais, ó Senhor, que permitísteis o proibido", veio a ser considerada por estes radicais a verdadeira expressão de seus sentimentos.[154]

De outra parte, a moral do Panteísmo, quer em sua forma grosseira, quer em sua expressão filosófica, produz normalmente uma visão epicurista ou hedonista, e, em suas formas mais radicais, leva à adoração do que há de mais animal no homem, como, por exemplo, nos cultos de Vênus, ou no culto fálico. Nesses cultos, se pretende chegar ao êxtase e à divinização por meio da adoração do sexo.

> Encontramos lá a ambivalência de toda atitude gnóstica, esta perpétua tentação que oscila entre a ascese rigorosa e a rigorosa busca desenfreada dos prazeres sensuais - visto que os dois têm o mesmo valor soteriológico - e que se traduzem na evolução histórica da Gnose, pelas vias opostas do catarismo místico (para a primeira) e do luciferismo mágico (para a segunda).[155]

Leisegang atesta que o bipolarismo ético dos gnósticos e panteístas tem raiz no seu pensamento dialético que identifica os contrários e faz reverter um extremo no outro.

> Que o radicalismo ético tenha conduzido, no seio de seitas gnósticas particulares, às vezes, à libertinagem, às vezes, à ascese, isso está na própria essência da dialética mística, a qual não cessa de se mover entre dois pólos contrários, e que só chega a forçar a *coincidentia oppositorum* quando introduz o segundo polo naquele a que está apegada. A coexistência dos opostos e a reversão de um no outro são aqui a regra. A cortesã torna-se uma Madalena arrependida, o padre ascético de Gerhard Hauptmann torna-se o herege de Soana que desperta na embriaguez dos sentidos. Na história das religiões, Astarté desenvolve-se com base numa linha dupla: de um lado, ela se transforma em um protótipo da madona casta, de outro, em deusa do amor sensual e da voluptuosidade. Aqui também os extremos se tocam desde que ascendamos até suas origens.[156]

---

154 Idem. Ibidem, pp. 320-321

155 On retrouve là l'ambivalence de toute l'attitude gnostique, cette perpétuelle tentation qui oscille entre l'ascèse rigoureuse et la débauche rigoureuse - puisque toutes les deux ont la même valeur sotériologique - et qui se traduisit, dans l'évolution historique de la Gnose, par les voies opposées du catharisme mystique (pour la première) et du lucifèrisme magique (pour la seconde). LACARRIÈRE, Jacques. *Les gnostiques*. p. 107.

156 Que le radicalisme éthique ait conduit, au sein des sectes gnostiques particulières, tantôt au libertinage, tantôt a l'ascèse, cela est dans l'essence même de la dialectique mystique qui ne cesse de se mouvoir entre deux pôles contraires et qui n'arrive à forcer la coincidentia oppositorum

Também Jonas nota a origem comum do ascetismo e da libertinagem gnósticas:

> A liberdade pelo abuso e a liberdade pelo não uso, iguais por sua indistinção, não são senão duas traduções diferentes do mesmo acosmismo. A libertinagem era a expressão mais insolente da revolta metafísica, e [...]. O ascetismo reconhece o poder corruptor do mundo [...] e é o medo que o anima mais que o desprezo.[157]

Lacarrière também assinala que um dos traços essenciais do gnosticismo é seu comportamento moral ambivalente:

> A atitude radical adotada com respeito à carne permite, indiferentemente, praticar uma ascese rigorosa ou uma devassidão não menos rigorosa, porque tanto uma via quanto a outra é libertadora.[158]

Dessa ambivalência moral dialética decorrerá uma ambivalência política.

> Se imagino hoje, na França de 1970, um homem como Basílides, Valentino ou Carpócrates [...] eu o vejo ou totalmente afastado de toda reflexão política ou, pelo contrário, totalmente comprometido na luta revolucionária do nosso tempo (estas duas atitudes são para ele duas formas idênticas de uma mesma ascese), distribuindo nas ruas panfletos assinados Proletário das estrelas [...].[159]

Em outras palavras, há concordância profunda entre o militante revolucionário engajado, que faz agitação e contesta as estruturas econômicas,

---

qu'en faisant passer le second pôle dans celui auquel elle s'attache. La coexistence des opposés et le renversement de l'un dans l'autre sont ici la règle. La courtisane devien une Madeleine repentie, le prêtre ascétique de Gerhard Hauptmann devient l'hérétique de Soana qui se réveille dans l'ivresse des sens. Dans l'histoire des religions, Astarté se développe sur une double ligne: d'un côté, elle se mue en prototype de la chaste madone, de l'autre en déesse de l'amour sensuel et de la volupté. Ici encore les extrêmes se touchent dès qu'on remonte jusqu'à leur origine. LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, p. 189.

157 La liberté par l'abus et la liberté par le non usage, égales en leur indistinction, ne sont que deux traductions differentes du même acosmisme. Le libertinage était l'expression la plus insolente de la revolte métaphisique [...]. L'ascétisme reconaît le pouvoir corrupteur du monde [...] et c'est la peur qui l'anime plutôt que le mépris. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p.358.

158 L'attitude radicale adoptée à l'égard de la chair permet, indifféremment, de pratiquer une ascèse rigoureuse ou une "débauche" non moins rigoureuse car l'une ou l'autre de ces voies est chacune libétrice. LACARRIÈRE, Jacques. *Les gnostiques*, p. 59.

159 Si j'imagine aujourd'hui, dans la France de 1970, un homme come Basilide, Valentin au Carpocrate [...] je le vois ou totalement dégagé de toute réflexion politique ou au contraire totalement impliqué dans la lutte révolutionnaire de notre temps (ces deux attitudes étant pour lui deux formes identiques d'une même ascèse), distribuant dans la rue des tracts signés Le Prolétaire des étoiles [...]. Idem. Ibidem, p. 31.

políticas e sociais, e o "*hippie* alienado", que contesta as estruturas racionalistas da sociedade de consumo: ambos contestam a ordem metafísica. Mas essa ambivalência política nos conduz a outro terreno - o político-social - que será discutido noutro capítulo.[160]

Como conclusão se deve, pois, identificar dialeticamente os dois ramos contrários do Antropoteísmo. Gnose e Panteísmo são dois ramos contrários e iguais da mesma língua bífida: a Religião do Homem.

---

160 Nota do editor: esse é um dos capítulos a que nos referimos na Apresentaçao que não chegou a ser escrito.

10
OS TIPOS DE HOMEM SEGUNDO O ANTROPOTEÍSMO

A tese da divindade do homem é comum ao Panteísmo e à Gnose. É essa, na verdade, a ideia fundamental do Antropoteísmo. Assim, nos livros herméticos, essa ideia se repete várias vezes: "Desta forma, ousamos dizer que o homem é um Deus mortal e que Deus celeste é um homem imortal."[161]

Para certos sistemas gnósticos, o nome da divindade suprema é Homem:

> [...] este é o grande mistério escondido, isto é, a Potência que está acima de tudo e tudo abrange e se chama Homem e é por isso que o Salvador se chama Filho do Homem.[162]

No estado atual, o homem seria composto de dois elementos: um divino e outro material em proporções diversas.

> Mas a espécie de deuses que forma a humanidade é composta por duas naturezas, uma divina, que é a primeira e, de longe, a mais pura; e outra, que pertence ao homem, e é a matéria da qual são fabricados esses deuses, que não têm somente cabeças, mas corpos inteiros com todos seus membros.[163]

Em geral, os sistemas gnósticos afirmavam que o homem era um ser composto de três elementos: corpo, alma e espírito divino.

---

161 Ainsi, osons dire que l'homme est un Dieu mortel et qu'un Dieu céleste est un homme immortel. TRISMEGISTO, Hermes, p. 69.

162 4. [...] et hoc esse magnum et absconditum mysterium, quoniam quae est super omnia virtus, et continet ominia, Anthropos vocatur: et ideo hoc filium hominis se dicere Salvatorem. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, XII, 4 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem.. *Contra as Heresias*, I, 12, 4.

163 Mais l'espèce de Dieux que forme l'humanité est composé de deux natures, l'une divine, que est la prémière et de beaucoup la plus pure; l'autre qui appartient à l'homme, c'est la matière dont sont fabriqués ces Dieux, qui n'ont pas seulement de têtes, mais de corps entiers avec tous leurs membres. TRIMÉGISTE, Hermès, p. 146.

> [...] se ouvimos os Nasiansenos, o universo compreende três tipos de seres: os seres angélicos, os psíquicos, os materiais, aos quais correspondem três Igrejas: a angélica, a psíquica, a material; eles dão a essas três Igrejas os nomes de chamada, de eleita e de cativa.[164]

E, explicando a Gnose de Valentino, diz Santo Irineu:

> Dizem ainda que esta semente é a Igreja, figura da Igreja superna. É este o homem que pretendem existir neles: aquele que recebeu a alma do Demiurgo, o corpo do lodo, a carne da matéria e o homem pneumático da Mãe Acamot.
>
> Há, portanto – asseveram eles –, três elementos: o hílico, que também chamam da esquerda, que há de perecer inelutavelmente por não ser capaz de receber nenhum sopro de incorruptibilidade; o psíquico, que também chamam da direita, médio entre pneumático e hílico, que seria reduzido naquele para o qual se inclinará; e o pneumático, enviado para que unido ao psíquico, por essa união, recebesse aqui em baixo a sua formação. Este elemento pneumático, segundo eles, é o sal e a luz do mundo.[165]

Portanto, na Gnose de Valentino, se distinguiam três tipos de homem conforme a preponderância do elemento material, psíquico ou divino.

> [...] a maior parte das seitas dividia a humanidade em três categorias, segundo a medida de fagulhas divinas que existiriam em cada homem. Essas categorias seriam, segundo Valentino: os Espirituais, os *πνευματικοι* (pneumatikoí / pneumáticos), que estariam repletos da divindade, e para cuja salvação a Gnose e as palavras de mistérios bastariam. Cristo não lhes teria trazido senão a doutrina iluminadora. Em seguida, os psíquicos (*ψυχικοι* / yucikoi) que tinham na alma uma pequena fagulha, mas não estavam seguros da salvação. Eles deveriam fazer o bem para a

164 [...] à entendre les Naassènes, l'univers comprend trois sortes d'êtres: les êtres angéliques, les psychiques, les matériels, auxquelles correspondent trois Églises: l'angélique, la psychique, la matérielle, ils donnent à ces trois Eglises les noms d'appelée, d'élue, de cative. SANTO HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, p. 126.

165 6. [...] Quod etiam ipsum Ecclesiam esse dicunt, exemplum superioris Ecclesiae: et hunc esse in semetipsis hominem volunt, uti habeant animam quidem a Demiurgo, corpus autem a limo, et carneum a materia, spiritalem vero hominem a matre Achamoth.

1. Cum sint igitur tria, alterum materiale (quod etiam sinistrum vocant) ex necessitate perire dicunt, quippe cum mullam spirationem incorruptelae recipere possit: animale vero, (quod etiam dextrum appellant) cum sit medium spiritalis et materiales, illuc redigi, quocunque declinaverit; spiritale vero emissum esse, uti hic animali conjunctum formetur, coeruditum ei in conversatione. Et hoc esse dicunt sal et lumen mundi. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, V, 6 et I, VI, 1 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem.. *Contra as Heresias*, I, 5, 6 e I, 6, 1.

merecer. Cristo era necessário também a eles pela obra de Sua vida e por Sua morte aparente na Cruz. Enfim, havia os Materiais (*Γλικοι* / Glikoi ou *Χοικοι* / Coikoi), homens desprovidos da fagulha e que retornariam inevitavelmente ao pó de onde vieram.[166]

Entre os maniqueus, havia também essa divisão dos homens em três categorias:

> Em todo caso, nós temos, portanto, três categorias de homens: Eleitos, Soldados e pecadores. Eis o que é visivelmente paralelo à tríade dos gnósticos cristãos: pneumáticos, psíquicos e carnais (sarkikoi). Paralelamente, há três "vias" ou destinos das almas após a morte: o Eleito vai ao "Paraíso da Luz", o Soldado, guardião da religião e auxiliar do "Eleito", deve retornar ao "mundo e seus terrores", tantas vezes e por quanto tempo for necessário, "até que sua luz e seu espírito sejam libertados, e depois de ter vagado longamente aqui e ali, ele chega à assembleia dos Eleitos. Os pecadores caem no poder do Demônio e terminam no Inferno (al Nadim).[167]

Esta divisão maniqueia e gnóstica dos homens pode ser encontrada também entre os cátaros do Languedoc que dividiam os homens em Perfeitos, Crentes e Materiais.

É natural que esta classificação dos homens provocasse a formação de graus de iniciação nas seitas gnósticas. Nelas, somente aqueles que pertenciam a grupos mais elevados tinham conhecimento dos últimos segredos da seita.

---

166 [...] la plupart des sectes divisaient l'humanité en trois catégories, suivant la mesure d'etincelles divines qui existait en chaque homme. Ces catégories étaient, selon Valentin: les Spirituels (*πνευματικοι* /pneumatikoi), qui étaient remplis de la divinité, et auxquels il ne fallait pour être sauvés que la Gnose et les mots de mystère. Le Christ ne leur avait apporté que la doctrine illuminatrice. Ensuite, les Psychiques (*ψυχικοι*/ yucikoi) qui avaient dans l'âme une petite étincelle, mais n'étaient pas assurés du salut. Ils devaient faire le bien pour le mériter. Le Christ leur était nécessaire, à eux aussi, par l'oeuvre de Sa vie et par Sa mort apparente sur la Croix. Enfin, il y avait les Materiels (*Γλικοι* /Glikoi ou *Χοικοι*/Coikoi), hommes dépourvus de l'étincelle et qui retournaient inévitablement à la poussière d'où ils étaient vênus. RUNCIMAN, Steve. *Le Manichéisme médiéval*, p. 13.

167 En tout cas, nous avons donc trois catégories d'hommes: Elus, Soldats et pécheurs. Voilà qui est visiblement parallèle à la triade des gnostques chrétiens: pneumatiques, psychiques et charnels (sarkikoi). À l'avenant, il y a trois "voies" ou destinations des âmes après la mort: l'Elu va au "Paradis de Lumière", le Soldat, gardien de la religion et auxiliaire de "l'Elu", doit retourner dans "le monde et ses terreurs", aussi souvent et aussi longtemps qu'il le faudra, "jusqu'à ce que sa lumière et son esprit soient délivrés, et aprés avoir longuement erré ça et là, Il parvint à l'assenblée des Elus. Les pécheurs tombent au pouvoir du Demon et finissent en Enfer (al Nadim). JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 306

Como em todo movimento esotérico, as crenças eram apresentadas com mitos e nomes diferentes, o que ajudava a proteger o núcleo doutrinário mais oculto, como também camuflava a unidade da seita, pois que, aos olhos dos não iniciados, parecia haver uma multidão de seitas distintas e não uma só.

Por vezes, o que se revelava nos mais altos níveis era o contrário do que se ensinava nos primeiros círculos. Por exemplo, o grande segredo dos Assassinos, seita islâmica que pregava um misticismo terrivelmente ascético nos primeiros graus, era que "Nada é verdadeiro. Tudo é permitido".[168]

A identidade dialética entre Gnose e Panteísmo - duas formas de uma única religião que diviniza o Homem - leva-nos a perguntar se, de fato, essas duas doutrinas não seriam revelações iniciáticas para dois níveis diversos de sectários.

Parece-nos claro que o Panteísmo, em suas formas mais elaboradas, oculta uma Gnose. Julgamos, pois, muito possível que a Gnose seja a forma religiosa para os iniciados mais elevados, enquanto o Panteísmo o seja para os menos entrosados.

Se relacionarmos a concepção do homem segundo a Gnose e a divisão em categorias que corresponderiam a essa concepção, que são três, com as formas da Religião do Homem, que são quatro, considerando-se a subdivisão da Gnose e do Panteísmo, poderemos montar o seguinte quadro esquemático:

168 Cf. BOLLE, Jacques. *Les séductions du communisme de la Bible à nos jours.*

Ramos da Religião do Homem
Tipos de homem segundo a Gnose
Homem
Alma → orgulho →
Antropoteísmo
ou
Religião do
Homem
Corpo → sensualidade →
Ramo
Espiritualista →
ou
Místico
Ramo
Materialista →
GNOSE
anticósmica
antimaterial
antiracional
mística
PANTEÍSMO
cósmico
racionalista
filosófico
Intelecto
ou
Intuição →
Vontade →
Inteligência →
ou Razão
Vontade →
Místicos
intuitivos
Místicos
do Amor
(Pentecostais)
Materialistas
filosóficos
Materialistas
crassos
← Pneumáticos ← Pneuma
← Psíquicos ← Psiqué
← Hílicos ← Corpo
O homem,
segundo a
Gnose

Explicando o quadro da página anterior temos o seguinte.

O homem é um ser composto de corpo material e alma espiritual.

Tal fato produz uma divisão entre homens sensuais e homens orgulhosos, conforme tendam mais aos prazeres corporais ou à autoexaltação, pecado do espírito.

Daí a Religião do Homem apresentar o Homem como Deus de duas formas distintas.

Para os materialistas - "que tem por Deus o próprio ventre" -, o Antropoteísmo ensina que o Homem todo é Deus, isto é, que também o corpo é divino. É o Panteísmo.

Para os místicos orgulhosos, que se julgam deuses, mas que se revoltam contra as limitações provenientes da matéria, se diz que no Homem há um espírito divino encarcerado na matéria má. É a Gnose.

Recordemo-nos, no entanto, de que Gnose e Panteísmo se opõem dialeticamente, isto é, como contrários iguais. A Gnose diviniza o espírito e repudia a matéria. É anticósmica, antirracional e mágica. O Panteísmo diviniza a matéria e o Cosmo; é racionalista e cientificista, mas, no fundo, a matéria seria igual ao espírito.

Entre os sensuais/materialistas podemos distinguir:

1. Aqueles em que prepondera a vontade sobre a inteligência: são homens sensuais que pouco ou nada se preocupam com uma justificativa teórica ou doutrinária de seu modo de viver. Querem apenas gozar a vida, o que os leva a um materialismo grosseiro.

2. Aqueles em que prepondera a inteligência sobre a vontade: são homens que buscam uma justificativa doutrinária para seu modo de viver hedonista e naturalista. Isso os leva a elaborar ou a aceitar filosofias que negam toda transcendência. É o caso, hoje, de muitos comunistas e, na Antiguidade, dos epicuristas. Isso não significa que todos os comunistas sejam do tipo sensual-filosófico - muitos deles podem tender mais para o orgulho do que para o sensualismo - mas que, normalmente, o processo criteriológico-moral de sua atitude consiste em passar do sensualismo à justificativa filosófica e que, às vezes, até alguns deles passam ao ramo gnóstico.

Também no grupo materialista-filosófico devem ser incluídos os antigos estóicos, que divinizaram o Cosmo e o Homem e se opunham à Gnose anticósmica, embora pregassem a apatia diante do prazer e da dor. É essa atitude apática que situa os estóicos numa posição de transição entre o ramo materialista e o místico.

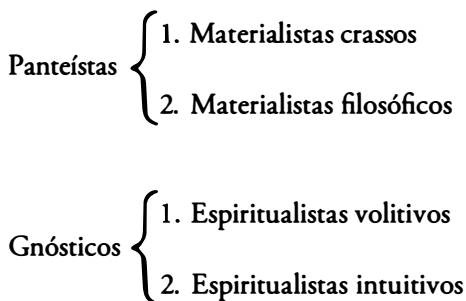
Entre os espiritualistas ou místicos, que em geral tendem mais para o orgulho que para o sensualismo, podemos distinguir também:

1. Os indivíduos mais volitivos que intelectivos: esses desprezam a matéria e a razão e afirmam que o homem tem dentro de si uma partícula divina aprisionada no corpo. Entretanto, a preponderância da vontade e o desprezo pela razão os leva a ver no Amor o grande meio de libertação da matéria. Sua preocupação não vai tanto para a elaboração de um sistema doutrinário, porém mais para uma união mística amorosa com a divindade. Podemos encontrar exemplo disso entre certos grupos medievais como os *fraticelli*.

2. Místicos orgulhosos, em que predomina a inteligência sobre a vontade: esse grupo tem mais ojeriza pela matéria e pela razão que qualquer outro. Eles afirmam não só que o corpo não presta, mas também a alma racional é ignóbil. Daí desprezarem o prazer e a dor, o querer e o compreender. Para eles, nem o Amor de Deus importa. Em vez da razão, que desprezam, falam da intuição. A compreensão da divindade não seria fruto de um processo racional, mas de uma misteriosa intuição que possibilitaria a união da centelha divina que há, segundo eles, no fundo da alma humana, com a substância divina. Desse modo, o Homem se tornaria Deus. Nesse grupo se inclui Mestre Eckhart, por exemplo.

Podemos, pois, distinguir dois grupos panteístas e dois grupos gnósticos:

Panteístas {
1. Materialistas crassos
2. Materialistas filosóficos

Gnósticos {
1. Espiritualistas volitivos
2. Espiritualistas intuitivos

Nota-se, por esse esquema, uma crescente espiritualização, que vai desde os materialistas crassos até os místicos/espiritualistas intuitivos.

Se fizermos a correspondência entre esses quatro grupos antropoteístas e os três tipos homens, segundo as seitas gnósticas, temos o seguinte:

1. Materialistas crassos, correspondendo aos Hílicos, aos quais pouco ou nada se revelava da doutrina antropoteísta.

2. Materialistas intelectivos e místicos volitivos, correspondendo aos Psíquicos, aos quais se revelavam alguns dos segredos da seita.

3. Místicos intuitivos, puramente espiritualistas, correspondendo aos Pneumáticos, que eram os únicos a conhecer os mais profundos arcanos do Antropoteísmo.

A passagem do Panteísmo para a Gnose por meio desses quatro grupos de nosso esquema é de natureza lógica e ética. Isso não quer dizer que essa passagem fosse necessária para todos os iniciados.

Historicamente, pode-se provar que houve passagens paradoxais e surpreendentes de grupos ou indivíduos materialistas para o misticismo e vice-versa. Porém é impossível provar (ou negar) com documentos que o Panteísmo é uma mera etapa iniciática para a Gnose. A prova permanecerá preponderantemente no campo especulativo, filosófico e ético, embora, como dissemos, haja muitos casos históricos que evidenciam que Gnose e Panteísmo são vasos comunicantes.

Cremos que a distinção apresentada nesse quadro entre Gnose e Panteísmo, como dois ramos de uma única religião que chamamos de Antropoteísmo, ajuda a desfazer um grande número de equívocos e confusões. Em geral, os autores não fazem essa distinção. Muitos usam Gnose e Panteísmo como sinônimos. Também é comum que os autores chamem com o nome genérico de Gnose a religião única que se percebe existir por trás de tantas seitas e sistemas filosóficos do Ocidente.

O Padre Festugière, ao tratar do problema da alma, em sua obra sobre a Revelação do Hermes Trismegisto, mostra que gnósticos e filósofos trataram da questão da alma de forma diversa e que essa diferença formal foi causada por uma diversa atitude de espírito.

> O sábio grego tem por objetivo conhecer e compreender toda a realidade para admirar nela a bela ordenação. Seu ideal é de *θεωρια* todo puro. Ele se satisfaz inteiramente quando atinge esse objetivo. Esse ideal permanecerá tradicional na sabedoria grega até o fim [...] Mas existem, no II e III séculos de nossa era, muitos homens que não se satisfazem mais com o puro desapego do contemplativo, muitos homens inquietos, atribulados, que aspiram serem salvos. O que lhes importam as opiniões divergentes dos sábios? Um único ensinamento lhes basta que seja o verdadeiro e que os salve. E visto que a salvação se dá na união com Deus, que essa doutrina verdadeira seja, portanto, também um caminho de vida, um modo de atender a Deus.
>
> Ora, pode-se ir a Deus pelo conhecimento da ordem do mundo e das leis do céu estrelado. A ciência da Astronomia e todas as outras ciências que a Astronomia supõe podem levar a uma mística. Mas se está cansado dessas ciências, da dialética, como da física, e das provas racionais da existência de Deus. Quer-se entre

Deus e a alma uma relação mais imediata e mais direta. Disso decorre que, na tradição platônica, se abandona daí em diante a corrente cósmica, a corrente de Timeu e as Leis e, se se quer de Epinomis, para retornar ao Platão dualista, ao Platão do Phédon e da República, que faz da alma um *ειδοζ τι*, uma espécie de Forma supra-sensível, irmã da Ideia, filha de Deus. [...] Que o homem "se conheça", e ele "conhecerá a Deus".

Como, enfim, se está cansado do ar frio, etéreo, da ciência pura, e se tem necessidade de calor e de vida, é sob a forma do mito que se revestirão essas doutrinas. Ora, não é isso também um retorno a Platão? É preciso procurar outro modelo? Resumindo, estou persuadido de que este retorno às doutrinas dualistas e à forma do mito é um retorno ao platonismo do Phédon, e que esse retorno é comandado pela atmosfera espiritual da época: o desgosto do racionalismo, o desejo de uma fé, o desejo de uma verdade simples e vivificante que proporciona a paz da alma numa união com Deus.[169]

169 Le sage grec a pour but de connaître et de comprendre tout le réel pour en admirer la belle ordonnance. Son idéal est de *θεωρια* toute pure. Il est entièremet satisfait quand il y atteint. Cet idéal restera traditionel dans la sagesse grecque jusqu'à la fin [...] Mais il y a, au II^e et au III^e siècles de notre ère, beaucoup d'hommes que le pur détachement du contemplatif ne satisfait plus, beaucoup d'hommes inquiets, troubles, qui aspirent à être sauvés. Que leur importent les opinions diverses des sages? Un seul enseignement suffit, qui soit le vrai et qui les sauve. Et puisque le salut est dans l'union à Dieu, que cette doctrine véritable soit donc aussi une voie de vie, un moyen d'atteindre Dieu.

Or, on peut aller à Dieu par la connaissance de l'ordre du monde et des lois du ciel étoilé. La science de l'astronomie et toutes les autres sciences que l'astronomie suppose peuvent conduire à une mystique. Mais on est las de ces sciences, de la dialectique, et de la physique, et des preuves rationnelles de l'existence de Dieu. On veut entre l'âme et Dieu une relation plus immédiate et plus directe. De là vient que, dans la tradition platonicienne, on abandonne désormais le courant cosmique, le courant du Timée et des Lois et, si l'on veut, de l'Epinomis, pour retourner au Platon dualiste, au Platon du Phédon et de la République, qui fait de l'âme un *ειδοζ τι*, une sorte de Forme suprasensible, soeur de l'Idée, fille de Dieu. [...] Que l'homme "se connaisse", et il "connaîtra Dieu".

Comme enfin on est las de l'air froid, étherée, de la science pure, qu'on a besoin de chaleur et de vie, c'est sous la forme du mythe qu'on revêtira ces doctrines. Or n'est-ce pas, là encore, un retour à Platon? Faut-il chercher d'autre modèles? Pour tout dire d'un mot, je suis persuadé que ce retour aux doctrines dualistes et à la forme du mythe est un retour au platonisme du Phédon, et que ce retour est commandé par l'atmosphère spirituelle de l'époque: le dégoût du rationalisme, le désir d'une foi, le désir d'une vérité simple et vivifiante que procure la paix de l'âme dans l'union à Dieu. FESTUGIÈRE, R.P. André-Jean. *La Revelation d'Hermès Trismégiste,* Vol. III, pp. 25-26.

Se esquematizarmos esse texto do Padre Festugière, teremos o seguinte quadro:

Tradição Platônica	1. Corrente cósmica: monista, otimista (a matéria é boa), racionalista. Deus é identificado com o Cosmo.
	2. Corrente gnóstica: dualista, pessimista (a matéria é má em si mesma), antirracionalista, mística. Deus seria hipercósmico e o universo seria um cárcere para o espírito divino nele aprisionado.

Historicamente, o Padre Festugière considera que a causa dessa divisão da tradição platônica numa corrente cósmica e noutra dualista e gnóstica foi uma mudança de atitude de espírito. Essa nova atitude seria um desejo de união natural e direta da alma com Deus.

Essas considerações do autor sobre a Gnose e o Panteísmo gregos confirmam, em linhas gerais, nosso quadro acima apresentado quanto à divisão das duas correntes da Religião do Homem.

11
A RELIGIÃO DO HOMEM NA HISTÓRIA

O "rio cársico" do Antropoteísmo tem uma longa e misteriosa história, com surtos ora superficiais, ora subterrâneos. Assim como os egípcios antigos, não conhecendo as nascentes do Nilo, não sabiam explicar aquele rio correndo no deserto, assim também alguns, não conhecendo as origens da Gnose, pretendem que se deve renunciar a elucidar esse problema.

"É preciso renunciar a esclarecer a origem do gnosticismo. Ela deve ser buscada, em parte, em uma tradição mágica vinda do fundo das eras".[170]

Esse desânimo de Runciman não o impede, entretanto, de querer, também ele, vislumbrar alguma coisa das fontes da Gnose. Com efeito, ele observa que:

> Escritos gnósticos, como a Pistis Sophia, parecem ter uma ligação com o ocultismo hermético dos egípcios, e a doutrina gnóstica dos éons assemelha-se aos contos da Cabala com seus arcanjos.[171]

E, renunciando a sua renúncia de procurar esclarecer as origens da Gnose, afirma que ela vem de uma tradição muito antiga:

> [...] havia um ensinamento espiritual constante, uma religião definida que se desenvolveu e depois declinou, como a maior parte das religiões, mas que encarnava uma tradição persistente. Que tradição era essa? Onde e quando teve ela seu começo? Seu nascimento remonta a um passado muito longínquo, aos dias em que, ao olhar o mundo com consciência e reflexão, o homem viu que o mundo era mau, e se espantou que um tal mal pudesse existir, perguntando-se por que Deus – se há um Deus – havia podido permitir isso.[172]

---

170 Il faut renoncer à éclaircir l'origine du gnosticisme. Elle doit être cherchée, en partie dans une tradition magique venue du fond des âges. RUNCIMAN. Steven. *Le Manichéisme médiéval*, p.11.

171 Des écrits gnostiques comme la Pistis Sophia paraissent avoir un lien avec l'occultisme hermétique des Egyptiens, et la doctrine gnostique des éons ressemble aux contes de la Cabbale avec leurs archanges. Idem. Ibidem, p.11.

172 [...] il y avait un enseignement spirituel constant, une religion définie que se dévellopa puis déclina, come la plupart des réligions, mais qui incarnait une tradition persistante. Quelle était

Runciman, que insinua na frase seu ceticismo pessoal, afirma que o mundo é mau, e que, desde que o homem teve consciência e reflexão, ele se encaminhou para uma forma gnóstica de pensamento.

Mas além dessa tese da origem, por assim dizer, psicológica do Antropoteísmo, Runciman afirma que, para alguns adeptos do Antropoteísmo, a tradição antiga a que alude, quer sob a forma gnóstica, que sob a forma panteísta, viria de uma revelação feita a Adão.

A tradição antiga a que alude Runciman viria, para alguns adeptos do Antropoteísmo, quer sob a forma gnóstica, quer sob a forma panteísta, de uma revelação feita a Adão.

> Pressentiu-se neles [nos mitos ocultos da Antiguidade] uma sabedoria profunda, remontando a uma revelação primordial, que se deveria revelar novamente à razão do iniciado se ele chegasse a encontrar-lhe o caminho.[173]

Já vimos também que os teósofos consideram que houve uma sabedoria adâmica que estaria na origem de todas as religiões.

Quando examinadas mais profundamente, as religiões da Antiguidade revelam uma surpreendente unidade estrutural subjacente aos mitos, que são os mais variados.

Até há pouco, em geral, os autores que estudavam a Gnose mostravam que nela podem ser encontrados elementos de origem muito variada, mas que se agrupam em dois blocos principais: o oriental e o grego.

> Em geral, digamos que até hoje se insistiu mais ou se insistiu menos sobre a proveniência grega ou oriental, segundo se estimasse determinante o aspecto filosófico ou o mitológico, racional ou irracional do fenômeno [gnóstico].[174]

Leisegang é prova desse posicionamento face à origem histórica da Gnose:

> A moderna ciência das religiões [...] tem, ao mesmo tempo em que identifica [suas] afinidades com os Mistérios e a filosofia da Grécia, procurado a origem dos temas essenciais do gnosticismo nas religiões

---

cette tradition? Où et quand fit-elle ses débuts? Sa naissance remonte à un passé fort lointain, aux jours où, a regarder le monde avec conscience et reflexion, l'homme vit que ce monde était mauvais, et s'étonna qu'un tel mal pût exister, se demandant pourquoi Dieu - s' il y a un Dieu - avait pu permettre cela. Idem. Ibidem, p. 153.

173 On pressentit en eux [nos mitos ocultos da Antiguidade] une sagesse profonde, remontant à une révélation primordiale, qui devait se révéler à nouveau à la raison de l'initié s'il arrivait à en trouver le chemin. LEISEGANG, Hans. *La Gnose,* p. 8.

174 En général, disons que jusqu'à ce jour on a plus ou moins insisté sur la provenance grecque ou orientale selon qu'on estimait déterminant l'aspect philosophique ou mythologique, rationnel ou irrationnel du phénomène. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 10.

orientais. Certos estudiosos detiveram-se na Babilônia, outros preferiram o Egito, outros o Irã; levou-se a busca de afinidades até a Índia.

[...] Os sistemas gnósticos que conhecemos não manifestam o espírito de uma religião oriental determinada; conjugam, pelo contrário, em proporção desigual, elementos judaicos, cristãos, persas, babilônicos, egípcios e gregos de modo a formar uma espécie de mosaico.[175]

E conclui Leisegang que na Gnose:

> [...] o modo do pensamento e da visão, da combinação da especulação, a forma profunda dos sistemas e sua estrutura espiritual revelam-se gregos, enquanto o material reutilizado e elaborado acusa parcialmente uma origem oriental.[176]

Jean Doresse afirma que, sobre a origem da Gnose, se levantaram duas hipóteses:

1. A Gnose seria simples heresia, desenvolvendo-se no interior do cristianismo;
2. A Gnose teria origem pré-cristã.

> [...] outros historiadores, considerando que mitos cuja estrutura é autenticamente gnóstica também se desenvolveram no judaísmo ou no Islã, supuseram que essas doutrinas diversas tiveram por fonte um mesmo fundo de mitos e de imagens remontando a alguma fonte comum anterior ao início de nossa era; essa fonte, elas a buscaram no Egito, na Babilônia e no Irã, às vezes, até mesmo na Índia.[177]

---

175 La science moderne des religions [...] a, tout en identifiant les affinités avec les Mystères et la philosophie de la Grèce, cherché l'origine des motifs essentiels du gnosticisme dans les religions orientales. Certains savants se sont arrêtés à Babylone, d'autres ont préféré l'Égypte, d'autres l'Iran; on a poussé la chasse aux affinités jusque dans l'Inde.

[...] Les systèmes gnostiques que nous connaissons ne trahissent pas l'esprit d'une religion orientale déterminée; ils composent au contraire, en proportion inégale, des éléments juifs, chrétiens, perses, babyloniens, égyptiens et grecs de manière à former une sorte de mosaïque. LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, pp. 9-10.

176 [...] le mode de la pensée et de la vision, de la combinaison de la spéculation, la forme profonde des systèmes et leur structure spirituelle s'avèrent grecs, cependant que le matériau remployé et élaboré accuse partiellement une origine orientale. Idem. Ibidem, p. 10.

177 [...] d'autres historiens, considérant que des mythes dont la structure est authentiquement gnostique se sont aussi bien développés dans le judaïsme ou dans l'Islam, ont supposé que ces doctrines diverses ont eu pour source un même fond de mythes et d'images remontant à quelque source commune antérieure aux débuts de notre ère; cette source, ils l'ont cherchée vers l'Égypte, vers la Babylonie et l'Iran, parfois même vers l'Inde. DORESSE, Jean. *Les livres secrets des gnostiques d'Égypte*, pp. 115-116.

E, resumindo o posicionamento dos principais estudiosos do problema da origem da Gnose, Doresse diz que, para Anz, a Gnose proviria das religiões orientais; para Ratzenstein, a origem seria egípcia; para Bousset, a Gnose seria do Irã e da Babilônia, do Mandeísmo e do Maniqueísmo; Matter julgava que na Gnose se reuniram Platão e Filon, o Avesta e a Cabala, além dos Mistérios gregos.[178]

As mais recentes pesquisas têm dado realce a uma possível origem judaica da Gnose, mas, para Hans Jonas, embora isso corrija uma falha das pesquisas anteriores, não solucionará totalmente o problema da gênese do movimento gnóstico. Embora admita que há relação entre Gnose e judaísmo ocultista:

> Dos textos coptas recentemente descobertos no alto Egito (ver abaixo, "Panorama das fontes") diz-se que eles manifestam a influência de um judaísmo ocultista heterodoxo; é melhor reservar todo julgamento esperarando a tradução desse vasto conjunto de material; é preciso, em todo caso, supor uma certa relação entre o gnosticismo e os começos da *kabbala*, qualquer que seja a ordem de causa e de efeito. O violento preconceito antijudaico dos sistemas gnósticos mais importantes não é incompatível com uma origem judaica herética já afastada.[179]

A descoberta dos manuscritos gnósticos de *Khenoboskion* veio trazer nova luz a esse problema. Em 1945 ou 1946, camponeses do Alto Egito encontraram numa caverna quarenta e quatro livros secretos dos gnósticos dos primeiros séculos do cristianismo. Até então, havia poucas fontes gnósticas originais. A descoberta dos manuscritos de *Khenoboskion* permitiu um grande aprofundamento no estudo da Gnose.

Jean Doresse, que publicou já algumas obras e trabalhos sobre esses documentos, considera que cresceu a probabilidade de que seja judaica a origem das doutrinas gnósticas das seitas dos primeiros séculos do cristianismo.

Segundo ele, o esqueleto da mitologia gnóstica não é grego e sim judaico. Cita, entre outros, como elementos judaicos nas Gnoses cristãs: a visão mística do trono e do carro divinos (merkabá); a deformação sistemática do texto do Gênesis para afirmar a maldade do mundo; a concepção do tempo; os enviados que vêm despertar Adão.[180]

---

178 Cf. Idem. Ibidem, pp. 2-3.

179 Des textes coptes récemment découverts en haute Égypte (voir ci-dessous, "Coup d´oeil sur les sources"), on dit qu´ils font valoir la part d´un judaïsme occultiste hétérodoxe; mieux vaut réserver tout jugement en attendant la traduction de ce vaste ensemble de matériaux. Il faut en tout cas supposer un certain rapport entre le gnosticisme et les commencements de la *kabbale*, quel que soit l´ordre de cause et d´effet. Le violent parti pris anti-juif des systèmes gnostiques les plus importants n´est pas incompatible avec une origine juive héretique déjà éloignée. Idem. Ibidem, p.54

180 Cf. DORESSE, Jean. *Les livres secrets des gnostiques d´Égypte*, pp. 298-299.

A tese comumente defendida pelos padres da Igreja e especialmente por Santo Hipólito é a de que a Gnose cristã proviria da filosofia grega: "Esta "heresia", enfim - e esta é a tese fundamental dos heresiólogos -, nasceu da contaminação do cristianismo pela filosofia grega".[181]

Outras vezes, porém, os mesmos heresiólogos mostram que havia influência judaica na Gnose:

> Os heresiólogos relacionam às vezes os gnósticos com aqueles que pertencem ao que eles chamam de "heresias judaicas" – da qual derivariam, por meio do velho Hegésipe, em particular, a heresia cristã [...].[182]

Também Simone de Pétrement considera que "[...] o problema das origens da Gnose é um problema obscuro e talvez insolucionável".[183]

Essa autora mostra que, se na Gnose há elementos gregos, os primeiros gnósticos, porém, foram judeus:

> Por aí, o cristianismo (e, sobretudo, o gnosticismo) é grego. Todavia, foram os judeus que desenvolveram as ideias no começo da era cristã, apesar de suas próprias Escrituras. É preciso não esquecer que os primeiros cristãos e, sem dúvida também (como veremos), os primeiros gnósticos são judeus.[184]

Puech distingue várias "camadas" na Gnose:

Uma primeira camada pagã:

> [...] tão longe quanto possamos retroceder, estamos em presença de uma Gnose pagã e em maior ou menor grau impregnada de iranismo. Seu berço é inicialmente a baixa Babilônia e, em seguida, a Ásia Menor e a Síria.[185]

---

181 Cette 'hérésie', enfin - et c'est la thèse fondamentale des hérésiologues -, est née de la contamination du christianisme par la philosophie grecque. PUECH, Henri-Charles. *En quête de la Gnose.* Vol. I - La Gnose et le Temps, p. 147.

182 Les hérésiologues mettent parfois les gnostiques en relation avec ce qu'ils appellent les "hérésies juives" - dont dériverait, pour le vieil Hégésippe, en particulier, l'hérésie chrétienne [...]. Idem. Ibidem, p. 148.

183 [...] le probleme des origines de la Gnose est un problème obscur et peut être insoluble. PÉTREMENT, Simone de. *Le dualisme chez Platon, les gnostiques et manichéens*, p. 129.

184 Par là le christianisme (et surtout le gnosticisme) est grec. Toutefois ce sont des Juifs qui ont développé les idées au début de l'ère christiènne, en dépit de leurs propres Écritures. Il ne faut pas oublier que les premiers chrétiens et sans doute aussi (comme nous le verrons) les premier gnostiques sont des Juifs. Idem. Ibidem, p. 185.

185 [...] aussi haut que l'on puisse remonter, on est en présence d'une Gnose originellement païenne et plus ou moins imprégnée d'iranisme. Son berceau est d'abord le bas pays babylonien, ensuite l'Asie Mineure et la Syrie. PUECH, Henri-Charles. *En quête de la Gnose.* Vol. I - La Gnose et le Temps, p. 172.

Uma segunda camada judaica:

> [...] distingue-se uma camada judaica que se sobrepõe à camada pagã ou que entrou em composição com ela.[186]

E uma terceira camada cristã:

> [...] em certo sentido, a Gnose cristã origina-se do que podemos chamar: "Gnose judaica"; talvez, daquela que os heresiólogos designam pelo nome de "heresias judaicas". Já em 1898, Moriz Friedländer lançou a ideia de um gnosticismo judaico anterior à Gnose judaico-cristã e cristã e cujos começos coincidiriam, de fato, com a helenização do judaísmo na Diáspora. Seus representantes seriam os *minim*, anatematizados pela literatura talmúdica.[187]

Simone de Pétrement considera que a tese de Cullman de que a Gnose é essencialmente judaica é difícil de ser sustentada, mas ela não nega que há algo de verdadeiro nisso –"*qu'il y a du vrai là dedans*".

> É muito verdadeiro que há uma Gnose judaica, ou mais precisamente que é no judaísmo que se vê aparecer primeiro alguma coisa semelhante à Gnose (como, aliás, semelhante ao cristianismo); Filon é a prova disso. Mas se trata de um judaísmo novo, helenizado, profundamente transformado, de um judaísmo revolucionário em revolta contra si mesmo, quer tenha ou não consciência disso. Da mesma forma, os *minim*, nos quais Friedländer acreditou ter descoberto gnósticos, eram judeus heréticos, que atacavam o judaísmo oficial, a religião nacional. Da mesma forma, os Essênios eram uma seita, eles recusavam seguir certas prescrições da Lei. A Gnose, não menos que o cristianismo, aparece antes entre os judeus; mas são judeus que se opõem ao judaísmo tradicional, ou que ao menos se esforçam por transformá-lo. O judaísmo foi ultrapassado pelos próprios judeus.[188]

---

186 [...] nous distinguos une couche juive qui s'est superposée à la couche païenne ou est entrée en composition avec celle-ci. Idem. Ibidem, p. 172.

187 [...] en un sens la Gnose chrétienne sort de ce que l'on peut appeler: la "Gnose juive"; peut-être, de ce que les hérésiologues désignaient du nom d'hérésies juives". Déjà, en 1898, Moriz Friedländer avait lancé l'idée d'un gnosticisme juif antérieur à la Gnose judéochrétienne et chrétienne et dont les débuts coïncideraient, en fait, avec l'hellénisation du judaïsme dans la Diaspora. Les représentants en seraient les minim qu'anathématise la littérature talmudique. Idem. Ibidem, pp. 172-173

188 Il est très vrai qu'il y a une Gnose juive, ou plutôt que c'est dans le judaïsme qu'on voit d'abord apparaître quelque chose de semblable à la Gnose (comme d'ailleurs au christianisme); Philon en est la preuve. Mais il s'agit d'un judaïsme nouveau, hellénisé, profondément transformé, d'un judaïsme révolutionnaire en révolte contre lui-même, qu'il en ait ou non conscience. De même les minin, dans lesquels Friedlander avait crut decouvrir des gnostiques, étaient des juifs hérétiques, qui acttaquaient

Para confirmar sua posição, Pétrement cita longamente Edouard Zeller a respeito das influências possíveis no neoplatonismo e no neopitagorismo, que ela considera tendo os traços fundamentais da Gnose. Zeller mostra que essas influências poderiam ter provindo do Egito, da Caldeia, da Pérsia ou da Índia, mas apenas de modo acidental e secundário e não essencial. E diz depois:

> Muito mais provas poderiam ser trazidas em favor da suposição de que o judaísmo contribuiu, não somente com o nascimento da filosofia judaico-alexandrina, mas também com o nascimento do neopitagorismo. Este, de início, como nós veremos, nasceu segundo toda a verossimilhança em Alexandria, exatamente como aquela, isto é, no mesmo lugar onde o contato entre o judaísmo e a filosofia grega foi o maior e o mais profundo; e crer que, nesse comércio, os judeus se comportaram de uma maneira puramente passiva... é bem difícil. Além disso, há no judaísmo, e levado ao mais alto grau, essas características nas quais nós reconhecemos os pontos de contato essenciais do pitagorismo e do platonismo tardios com o modo de pensamento oriental: de um lado, a elevação do divino acima do mundo, de outro lado, a crença nas revelações imediatas, e a forma profética e estática dessas revelações. A religião judaica é também, por seu caráter ético e seu severo monoteísmo, muito mais próxima dos sistemas dos quais saiu o neopitagorismo que das religições orientais da natureza. É sobre o terreno do judaísmo, na seita dos Essênios, que nós encontramos, como mostraremos mais adiante, alguns dos primeiros sinais da existência do neopitagorismo. Ademais, na especulação do judeu de Filon, o gênero de pensamento que é comum às duas partes (o alexandrismo judaico e grego) se desenvolveu mais rápido e mais poderosamente que na cultura helenística antes de Plotino. Não será uma suposição por demais audaciosa dizer: o alexandrismo judaico e o grego estão unidos em sua raiz, e toda essa maneira de pensar resulta do contato e mistura dessas duas culturas, a judaica e a grega.[189]

---

le judaisme officiel, la religion nationale. De même les Esseniens étaient une secte, ils réfusaient de suivre certaines prescriptions de la Loi. La Gnose, non moins que le christianisme, apparait d'abord chez les Juifs; mais ce sont des Juifs qui s'epposent au judaisme traditionnel, ou qui tout au moins s'efforcent de le transformer. Le judaisme a été dépassé par les Juifs eux-mêmes. PÉTREMENT, Simone de. *Le dualisme chez Platon, les gnostiques et manichéens*, p. 239.

189 Bien plus de preuves pourraient être apportées en faveur de la supposition qui le judaisme a contribué, non seulement à la naissance de la philosophie judeo-alexandrine, mais aussi à la naissance du neo-pythagorisme. D'abord celui-ci, comme nous le verrons, est né suivant toute vraisemblence à Alexandrie, tout comme celle-là, c'est-a-dire, dans le lieu même où le contact entre le judaisme et la philosophie grecque a été le plus profond et le plus important; et croire que, dans ce commerce, les Juifs se soient comportés d'une façon purement passive... est bien difficile. En outre, il y a dans le judaisme, et poussés au plus haut point, ces caractères dans

Por sua vez, Grant, resumindo a opinião de diversos historiadores, julga que há quatro possíveis origens para a Gnose:

> Segundo a opinião de diversos historiadores, o gnosticismo se originaria: 1º da filosofia helenística; 2º das religiões orientais, em particular a do Irã; 3º do cristianismo; 4º do judaísmo heterodoxo.[190]

Das três possíveis origens que apresentamos, Grant acaba preferindo a última.

> Assim, portanto, alguns, ao menos entre os mais característicos dos sistemas gnósticos, mergulham suas raízes no judaísmo. Mas o gnosticismo não deve ser considerado por isso judaico. Nenhum dos mestres gnósticos conhecidos tem um nome judeu e os doutores rabínicos dos séculos II e III mostram bastante, pela luta contra os *minin* – os "hereges" –, o horror que lhes inspiravam as doutrinas dualistas. Deve-se perceber também que os rabinos não refletem em sua totalidade os diversos aspectos da experiência religiosa que se encontra no seio do judaísmo, antes da tomada ou da destruição de Jerusalém. Há bastante dualismo na literatura apocalíptica, ainda que a supremacia de Deus aí seja sempre mantida. Mas os gnósticos vão muito além do pensamento apocalíptico. Seus mestres talvez se tenham considerado como os únicos judeus verdadeiros, mas é certo que os doutores rabínicos mais autorizados não os consideravam como tais. De fato, os gnósticos deveram ter sido os apóstatas do judaísmo, porque não identificavam mais o Criador com Deus, não se sentiam mais vinculados à Lei de Moisés e não criam mais na ressurreição.[191]

---

lequels nous avons reconnu les points de contact essentiels du pythagorisme et du platonisme tardifs avec le mode de pensée oriental: d'une part l'elevation du divin au dessus du monde, d'autre part la croyance à les revelations immédiates, et la forme prophétique et extatique de ces révélations. La religion juive est aussi, par son caractère éthique et son sévére monothéisme, beaucoup plus proche des systèmes d'où est sorti le neo-pythagorisme, que des religions orientales de la nature. C'est sur le terrain du judaisme, dans la secte des Esséniens, que nous, trouvons, comme nous le montrerons plus loin, quelques uns des premiers signes de l'existence du neo-pythagorisme. En outre dans la spéculation juive de Philon, le genre de pensée qui est commun aux deux partis (l'alexandrisme juif et grec) s'est dévélopé plus vite et plus puissament que dans la culture hellenistique avant Plotin. Ce ne sera pas une supposition trop hardie de dire: l'alexandrisme juif et le grec sont unis dans leur racine, et toute cette manière de penser résulte du frottement et du mélange de ces deux cultures, la juive et la grecque. Idem. Ibidem, pp. 289-290, nota 114.

190 Selon l'opinion de divers historiens, le gnosticisme serait sorti: 1º de la philosophie hellénistique; 2º des religions orientales, en particulier celle de l'Iran; 3º de christianisme; 4º du judaïsme hétérodoxe. GRANT, Robert M. *La Gnose et les origines chrétiennes*, p. 22.

191 Ainsi donc certains, du moins parmi les plus caractéristiques des premiers systèmes gnostiques, plongent leurs racines dans le judaïsme. Mais le gnosticisme ne doit pas être pour

Grant considera que a queda de Jerusalém e o desmoronamento das expectativas apocalípticas judaicas concorreram para o desenvolvimento da Gnose judaica, pelo menos até certo ponto. Ele julga que, se se considerar a Gnose como "um dualismo anticósmico e escatológico", como o quer Jonas, o dualismo escatológico seria de origem judaica[192]. Para Grant, a Gnose seria um fruto abortivo da concepção messiânico-apocalíptica judaica.

Em conclusão, Grant considera que:

> [...] o mundo celeste dos gnósticos nasceu de diversas origens: uma mescla de ideias principalmente iranianas e gregas, a heterodoxia judaica. Os manuscritos do Mar Morto nos mostram a que ponto as seitas judaicas sofreram influência dos conceitos iranianos. Quanto à influência da filosofia grega, do platonismo em particular sobre o judaísmo, não é necessário para revelá-la buscar fora da obra de Filon de Alexandria. Para compor sua imagem do mundo celeste, o gnosticismo tomou emprestado de todas as partes, mas permanece o fato de que suas origens imediatas foram essencialmente judaicas, se não quanto à substancia, pelo menos quanto à forma.[193]

Foi dessa Gnose judaica primitiva que proveio a Cabala medieval.

Gershom Scholem reconhece que entre Cabala e Gnose há mais do que semelhança de visão: há ligação histórica, embora ele não diga qual seja ela.

---

autant considéré come juif. Aucun des maîtres gnostiques connus ne porte un nom juif et les docteurs rabbiniques du II^e et du III^e siècles montrent assez, par leur lutte contre les Minin - les "hérétiques" -, l'horreur que leur inspiraient les doctrines dualistes. Il faut se rendre compte aussi que les rabbins ne reflètent, pas dans leur totalité les divers aspects de l'expérience religieuse que se rencontrent au sein du judaïsme, avant la prise ou la destruction de Jérusalem. Il y a beaucoup de dualisme dans la littérature apocalyptique, quoique la suprématie de Dieu y soit toujours maintenue. Mais les gnostiques vont bien au-delà de la pensée apocalyptique. Leurs maîtres se sont peut-être considérés comme des seuls juifs véritables, mais il est certain que les docteurs rabbiniques les plus autorisés ne les considéraient pas comme tels. En fait les gnostiques ont dû être des renégats du judaïsme parce qu'ils n'identifiaient plus le Créateur avec Dieu, ne se sentaient plus tenus par la Loi de Moïse et ne croyaient pas à la résurrection. Idem. Ibidem, p. 30.

192 Cf. Idem. Ibidem, p. 37.

193 [...] le monde céleste des gnostiques est né de diverses sources: un mélange d'idées principalement iraniennes et grecques, l'hétérodoxie juive. Les manuscrits de la Mer Morte nous montrent à quel point les sectes juives ont subi l'influence des conceptions iraniennes. Quant à celles de la philosophie grecque, du platonisme en particulier sur le judaïsme, il n'est pas nécessaire pour la déceler de chercher ailleurs que dans l'œuvre abondante de Philon d'Alexandrie. Pour composer son image du monde céleste, le gnosticisme a emprunté de toutes parts mais il reste que ses sources immédiates ont été essentiellement juives, sinon quant à la substance du moins quant à la forme. Idem. Ibidem, p. 52.

> Para a escola teosófica do cabalismo, que, além de uma nítida semelhança em perspectiva, estava, através de certos canais, historicamente ligada ao gnosticismo, tratava-se de fato de uma questão fundamental [saber qual era a fonte do mal].[194]

Noutro lugar diz Scholem:

> O cabalismo, em outras palavras, não é dualista, embora historicamente exista uma estreita conexão entre sua forma de pensar e a dos gnósticos, para quem o Deus oculto e o Criador são princípios opostos.[195]

Doresse, depois de citar muitos temas comuns à Gnose e à mística judaica, afirma que é indiscutível que existe uma ligação entre elas e que é possível que a Gnose tenha inspirado o misticismo judaico.

> Entretanto, esses temas parecem tão concordantes com outros traços de um pensamento autenticamente judaico, que a Gnose ignora e que, por outro lado, ignoram quase absolutamente a noção dualista do universo, que se seria tentado a crer que foram as seitas gnósticas que receberam do judaísmo uma boa parte de suas teorias.[196]

Por fim, se se quiser fazer o elenco sumário dos grandes surtos de aparecimento do rio cársico do Antropoteísmo na história, deveriam ser citados:

1. A religião egípcia, a hindu (bramanismo e budismo), o mandeísmo persa, a religião caldaica, principalmente;
2. Os mitos e os Mistérios da Grécia;
3. Os grandes sistemas filosóficos gregos, especialmente os de Heráclito, Parmênides, Platão, o estoicismo, o neoplatonismo;
4. As seitas gnósticas dos primeiros séculos do cristianismo: simonianos, menandrianos, barbelo-gnósticos, ofitas, naassenos, etc.;
5. Muitas grandes heresias pós constantinianas do império oriental, como o Docetismo, o Monofisismo e a heresia iconoclasta;
6. No século VIII, há grande proliferação de doutrinas gnósticas entre os paulicianos, no Oriente, e nas obras de Scoto Erígena, de Isaac Israeli, neoplatônico judeu do norte da África, e entre os xiitas ismaelitas.

---

194 SCHOLEM, Gerson. G. *A mística judaica*, p. 237.

195 Idem. Ibidem, p. 14.

196 Pourtant, ces thèmes paraissent si bien en accord avec d'autres traits d'une pensée authentiquement juive que la Gnose ignore et que elle ignore à peu près absolument la notion dualiste de l'universe, que l'on serait tenté de croire que ce sont les sectes gnostiques qui ont reçu du judaïsme une bonne part de ses théories. DORESSE, Jean. *Les livres sécrets des gnostiques d'Égypte*, pp. 323-324.

7. No século X, Bogomilas e Búlgaros foram gnósticos dos Bálcãs;
8. No século XII, registram-se os primeiros círculos cabalistas do Languedoc e da Catalunha;
9. No século XIII, na Espanha, foi escrito o "Zohar", principal obra cabalista. Houve os movimentos gnóstico-panteístas dos Amauricianos, de Davi de Dinant, dos Fraticcelli e dos Irmãos do Livre Espírito;
10. No século XIV, desenvolveram-se as seitas gnósticas dos Begardos e Beguinos, os Fedeli d'Amore, na Itália, os Wyclefeanos e, especialmente, as doutrinas místicas de Mestre Eckhart;
11. O fim da Idade Média registra grande número de seitas e doutrinas de fundo gnóstico-panteísta, como, por exemplo, os Lollardos, na Inglaterra, os Hussitas, os Taboritas, o Nominalismo, o Misticismo alemão nascido de Eckhart, o Humanismo italiano, proveniente dos Fedeli d'Amore;
12. No século XVI, no Oriente, a maior expressão do gnosticismo foi a escola cabalista do Safed de Isaac Luria. No Ocidente, a Reforma e o Renascimento foram movimentos impregnados de espírito gnóstico e panteísta. Esses dois movimentos são, na verdade, duas das maiores manifestações do Antropoteísmo na História;
13. No século XVII, a grande figura gnóstico-cabalista no Ocidente foi Jacob Boehme de quem derivam o movimento pietista e o Romantismo alemão. No oriente foi Sabatai Tzvi o messias cabalista;
14. Do Romantismo alemão, vieram as Gnoses de Hegel, o antropoteísmo marxista, assim como a Gnose nazista.
15. Outros movimentos mais claramente gnósticos de nossos dias são o Existencialismo, as teorias freudianas[197] e a Arte Moderna.

Essa resenha *à vol d'oiseau* é sumaria demais. Para confirmá-la, no entanto, basta conferir as obras citadas na bibliografia.

197 Cf. BAKAN, Davi. *Sigmund Freud and the Jewish mystical tradition.*

Segunda parte

TERMINOLOGIA E TEMAS DO ANTROPOTEÍSMO

12

TERMINOLOGIA E INTRODUÇÃO AOS TEMAS DO ANTROPOTEÍSMO

Recordemos agora, antes de avançar, os principais conceitos já estudados, sem esquecer que todo resumo tem algo de simplificador e procura apenas ressaltar as linhas mestras de um sistema. Tanto mais que, sendo o sistema gnóstico cheio de mitos obscuros e intrincados, em que é fácil se perder, é preciso fixar bem seus principais traços.

> O exposto aproximativo condensado neste parágrafo não é verdadeiro senão de uma verdade bastante geral: ele arrisca ser falso, comparado a cada um dos sistemas tomados em particular.[198]

Antes de tudo, pois, relembremos o sentido de alguns termos:

Antropoteísmo, ou Religião do Homem, foi o nome que demos ao sistema oculto no fundo de um grande número de religiões e sistemas filosóficos na história. Literalmente, Antropoteísmo significa a crença na divindade do Homem.

Vimos que o Antropoteísmo se apresenta sob duas formas:

1. Uma forma materialista, cósmica, racionalista, cientificista, filosófica, que é o Panteísmo.
2. Uma forma mística, anticósmica, antimaterial e antirracionalista, que é a Gnose.

O termo Gnose significa, literalmente, conhecimento, mas, como vimos, essa pode englobar vários significados ou matizes. Contudo, os conceitos de Gnose são muitos, e a palavra comporta vários significados.

A Gnose pretende ser o conhecimento de Deus em sua essência, isto é, o conhecimento do incognoscível. No próprio termo "Gnose", oculta-se, pois, uma contradição dialética:

---

198 L'exposé approximatif condensé dans ce paragraphe n'est vrai que d'une vérité tout à fait générale: il risque d'être faux, comparé à chacun des systèmes pris en particulier. PUECH, Henri-Charles. *En quête de la Gnose.* Vol. I – La Gnose et le Temps, p. 151, nota 4.

> Entre os gnósticos, essa transfiguração vivida no face a face [com Deus no êxtase] é a Gnose no sentido mais elevado do termo, e também o mais paradoxal, visto que ela é conhecimento do incognoscível.[199]

Gnose é o conhecimento intuitivo e não racional da verdadeira natureza do homem e do próprio ser. O conhecimento de que o homem é deus e de que Deus e o ser são o nada absoluto.

Gnose é o conhecimento da natureza divina e de sua atual situação, isto é, o conhecimento de que no mais profundo de todos os seres está aprisionada uma centelha da divindade.

Gnose é o sistema doutrinário que relata a história da evolução do ser divino em si, no universo e no Homem.

Gnose é ainda um dos nomes do Filho de Deus. Pois como só o Filho tem o conhecimento do Pai, a Ele cabe não só o nome de Logos como também o de Gnose. É o que se lê nos Extratos de Teódoto, conforme São Clemente de Alexandria.[200]

Gnose é o conhecimento de uma doutrina que, pelo simples fato de ser conhecida, permite ao homem libertar-se da ilusão do mundo, que o aliena, e se divinizar. A Gnose é, pois, nesse sentido, o meio de salvação do Homem, isto é, de Deus.

"Tal é o bem final daqueles que possuem a Gnose: tornarem-se Deus".[201]

Gnose é um conhecimento irracional e mágico, que busca obter artificial, natural e infalivelmente a união com Deus, no êxtase.

Gnose é uma técnica que ensina as fórmulas mágicas que permitiriam aos homens vencerem os arcontes guardiães do universo, isto é, que permitiriam o Renascimento do Homem como Deus.

Hans Leisegang dá, logo no início de seu livro, os seguintes conceitos de Gnose:

> A Gnose é o conhecimento da Realidade suprasensível "invisivelmente visível num eterno mistério", o qual é provável constituir, no centro e fora do mundo sensível, a energia motriz de toda forma de existência. Um fragmento gnóstico define a Gnose:

---

199 Chez les gnostiques cette transfiguration vécu dans le face à face [com Deus no êxtase] c'est la gnosis au sens le plus élévé du terme, et aussi le plus paradoxal puisqu'elle est connaissance de l'inconnaisable. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 371.

200 Cf. SÃO CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Extraits de Théodote*, nº 7 e 31.

201 Tel est le bien final de ceux qui possèdent la Gnose, devenir Dieu. TRISMEGISTO, Hermes, p. 14.

> "O conhecimento do que somos e do que nos tornamos; do lugar de onde viemos e daquele no qual caímos; do objetivo para o qual nós avançamos e daquele o qual nós somos chamados de volta; da natureza de nosso nascimento e da de nosso renascimento".[202]

Também nos livros herméticos se liga a Gnose a um Renascimento. Tot pede a Hermès: "Conduze-me agora, segundo tua promessa, à última iniciação do renascimento [...]".[203]

E, então, Hermès inicia a Tot, dizendo-lhe, entre outras coisas, que ele precisa vencer seus carrascos: "O conhecimento de Deus [Gnose] entrou em nós, e desde este instante a ignorância se dissipou".[204]

Tot é iniciado e se liberta de sua tenda, isto é, de seu corpo e então ele exclama: "Meu pai, eu vejo o universo e a mim mesmo na inteligência."[205]

Ao que Hermes contesta: "Eis o renascimento, meu filho: desviar seu pensamento do corpo de três dimensões."[206]

Hans Jonas resume tudo isso mostrando que, no mito da Gnose, há três elementos fundamentais:

> O memorial da origem celeste e da história transcendente do homem; a promessa de redenção, à qual também pertence o relato que redentor faz de sua missão e de sua descida a este mundo; e, enfim, a instrução prática, o conselho dado sobre a maneira de viver doravante no mundo, conforme o conhecimento recém adquirido e como preparação à ascensão final. Ora, esses três elementos contém, em resumo, todo o mito gnóstico [...]. [207]

---

202 La Gnose est la connaissance de la Réalité suprasensible "invisiblement visible dans un éternel mystère", qui est censée constituer, au coeur et au-delà du monde sensibie, l'énergie motrice de toute forme d'existence. Un fragment gnostique definit la Gnose: "La connaissance de ce que nous sommes et de ce que nous sommes devenus; du lieu d'où nous venons et de celui dans lequel nous sommes tombés; du but vers lequel nous hâtons et de ce dont nous sommes rachetés; de la nature de notre naissance et de celle de notre re-naissance. LEISEGANG, *Hans. La Gnose,* p. 6.

203 Conduis-moi maintenant selon ta promesse à l'initiation dermière de la renaissance [...]. TRISMEGISTO, Hermes, p. 94.

204 La connaissance de Dieu (Gnose) est entrée en nous, et aussitôt l'ignorance a disparu. Idem. Ibidem, p. 98.

205 Mon père, je vois l'univers et moi-même dans l'íntelligence. Idem. Ibidem, p. 100

206 Voilà la renaissance, mon fils, détourner sa pensée du corps aux trois dimensions. Idem. Ibidem, p. 100

207 Le rappel de l'origine céleste et de l'histoire transcendante de l'homme; la promesse de rédemption à laquelle appartient aussi le récit que le rédempteur fait de sa mission et de sa desdente en ce monde; et enfin l'instruction pratique, le conseil donné sur la manière de vivre désormais dans le monde, conformément à la "connaissance" nouvellement acquise et préparativement à l'ascension finale. Or ces trois elements contiennent en résume le mythe gnostique tout entire [...]. JONAS, Hans. *La religion gnostique,* p. 113.

A palavra Gnose tem também, para alguns sectários, uma conotação sexual.

A própria palavra *gnosis* contém já uma referência ao ato gerador, visto que *gnosis* e *γιγωσκειν*, conhecer, têm a mesma raiz que *gignere*, gerar.[208]

Também, em hebraico, a palavra *da'at* (conhecimento) tem dois sentidos:

1. Pode significar conhecimento de Deus: "Um outro aspecto deste mesmo derramamento se chama em Azriel *da'at*, conhecimento ou Gnose de Deus".[209]

2. *Da'at* pode significar conhecimento da mulher, isto é, sua posse, a relação sexual:

> A identidade da Gnose e da geração expressa pelo próprio parentesco das palavras gênesis e gnôsis encaminha a esta segunda conclusão. As palavras da Bíblia: "Adão conheceu Eva" (Gn, IV, 1; no texto grego temos igualmente "conhecer": *γιγνωσκειν*) têm para o gnóstico, para o qual amor e conhecimento são realidades convergentes e comunicantes, uma significação muito mais fortemente evocadora que para nós.[210]

A Gnose é sempre uma doutrina esotérica que se revela gradativamente. Muitas vezes, de grau para grau, de iniciação para iniciação ou de seita para seita – que, às vezes, funcionam como graus iniciáticos – há tantas contradições e evoluções que Lacarrière diz ser a Gnose "um pensamento mutante" – *"une pensée mutante"*[211].

No sistema gnóstico-panteísta, podemos distinguir determinados temas essenciais:

1. A teogonia ou narração teosófica da origem e da evolução da divindade;
2. A cosmogonia ou narração da origem do Cosmo e da matéria. Nessa narração se conta como a divindade se transformou, por degeneração, no universo. É aqui que a Gnose inclui seu mito da origem do mal;
3. O Demiurgo ou o criador do universo, inimigo do Deus primordial;

---

208 Le mot "gnôsis" lui-même contient déjà une référence à l'acte générateur, puisque *gnosis* et γιγωσκειυ, connaître, sont issus de la même racine que *gignere*: engendrer. LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, p. 29.

209 Un autre aspect de ce même écoulement s'appelle chez Azriel da'at, connaissance ou Gnose de Dieu. SCHOLEM, Gerson. G. *Les origines de la Kabbale*, p. 469.

210 L'identité de la Gnose et de la génération exprimée par la parenté même des mots genesis e gnôsis achemine immédiatement à cette deuxième conclucion. Les mots de la Bible: "Adam connut Ève" (Gen., IV, 1; le text grec a également "connaître": *γιγνωσκειν*) avaient pour le gnostique, pour qui amour et connaissance étaient des réalités convergentes et communicantes, une signification autrement évocatrice que pour nous. LEISEGANG, Hans. *La Gnose*. p. 166.

211 LACARRIÈRE, Jacques. *Les gnostiques*, p. 11.

4. A antropogenia ou narração do aparecimento do homem no universo. Deus, Cosmo, Homem são, para a Gnose, três momentos ou formas da única divindade;
5. A psicologia ou a descrição da natureza mais profunda do homem;
6. A soteriologia ou a exposição dos meios que o homem possui em si mesmo para salvar o Homem, isto é, para salvar o próprio Deus. O Homem é seu autorredentor e, ao mesmo tempo, "*Salvator Dei*". É nesse tema que se encaixa a moral gnóstico-panteísta.
7. A Cristologia ou a doutrina sobre a natureza de Cristo, doutrina própria das Gnoses cristãs. No judaísmo, esse tema tem sua correspondência na doutrina messiânica cabalista;
8. A escatologia, que trata do destino final do homem, dos anjos, dos demônios e do universo material;
9. A mística e a doutrina do Amor, que são decorrentes do posicionamento do sistema da Religião do Homem face à matéria.
10. A eclesiologia gnóstico-panteísta e as esperanças no Reino de Deus.
11. A sóciopolítica-gnóstico-panteísta decorrente da antimetafísica do Antropoteísmo.[212]

212 Nota do editor: embora mencionado, o Prof. Orlando Fedeli não chegou a tratar desse ponto neste livro.

13
PRIMEIRO TEMA: A TEOGONIA GNÓSTICO-PANTEÍSTA

Na filosofia aristotélico-tomista, Deus é conceituado como ato puro. Isso significa que em Deus não há nenhuma possibilidade de mudança ou movimento. Com efeito, é aberrante supor que o Ser absolutamente perfeito possa mudar, quer para melhor, quer para pior, pois isso significaria uma aquisição ou uma perda de perfeição. O Ser Absoluto é, e não pode vir a ser ou deixar de ser. Daí Deus se definir a Moisés dizendo: "*Ego sum qui sum*"[213]. A filosofia, porém, mostra ainda que, no Ser perfeito, a essência se identifica com a existência e que, portanto, Deus é ser necessário. Ele é o Ser[214]. Deus criou todas as coisas, "*visibilia omnia et invisibilia*", do nada, "*ex nihilo*". O universo não foi, pois, criado da substância divina. Entre Deus e o universo há uma diferença infinita. Deus transcende absolutamente toda criação.

Entretanto, se há uma absoluta transcendência, o Gênesis lembra que o homem foi criado – "*et creavit Deus hominem ad imaginem suam*" – à imagem e semelhança de Deus[215], e que, se só Deus é bom – "*Unus est bonus, Deus.*"[216] –, é preciso lembrar que Ele elogiou cada coisa que fez e que, quando contemplou tudo o que havia criado, viu que o conjunto do universo era ótimo: "E viu Deus todas as coisas que fizera, e eram muito boas" – "*Viditque Deus cuncta quae fecerat, et erant valde bona*"[217].

Portanto, em resumo, temos que Deus é o Ser Absoluto, Perfeito, Imutável, Criador de todas as coisas a partir do nada, Ser transcendente, mas do qual as criaturas revelam otimamente algo, por imagem e semelhança.

Para a Gnose e para o Panteísmo, Deus não é perfeito, nem imutável, nem transcendente. Deus seria o mundo (Panteísmo) ou seria imanente ao

---

213 Ex 3,14.

214 SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, I, Iq, a.

215 Gn 1,27.

216 Mt 19,17.

217 Gn 1,31.

mundo (Gnose). Deus evoluiria constantemente e o universo seria a fase atual da evolução divina.

Dois pontos, portanto, seriam fundamentais para a Gnose e para o Panteísmo:

1. A igualdade e a identidade entre Deus e o Cosmo, entre o Criador e criatura.
2. A evolução do ser divino e, portanto, a evolução de todas as coisas.

O pensamento dialético, típico da Religião do Homem, identifica e opõe, ao mesmo tempo, Deus e o mundo. Deus seria o próprio Cosmo, mas, ao mesmo tempo, seria Ele tão distinto de tudo quanto existe que nada haveria de comparável entre eles, nem mesmo quanto ao ser e quanto à existência. E concluem daí que Deus não seria ser. Portanto, Deus seria, ao mesmo tempo, Tudo (Pan) e Nada, o Vazio.

Para o Panteísmo, Deus seria tudo, e, para a Gnose, seria o Nada. Mas, dialeticamente, quer para a Gnose, quer para o Panteísmo, o Tudo seria o Nada. Na Antiguidade, Heráclito afirmava essa noção dialética da divindade ao dizer: "O Único, o Sábio, não quer e quer ser chamado Zeus..."[218]

Para Heráclito:

> Deus é dia [e] noite, inverno [e] verão, guerra [e] paz, abundância [e] fome; ele se diferencia como (o fogo) que, quando misturado aos aromas, toma o nome de acordo com o perfume de cada um deles.[219]

E, dessa visão de Deus, decorria uma visão dialética de todas as coisas:

> São a mesma coisa o estar vivo e o estar morto, o estar acordado e o estar dormindo; pois esses estados, se revertidos, são estes, se revertidos ao avesso, são aqueles.[220]

Para o Panteísmo, Deus sendo tudo, todos os nomes poderiam lhe ser atribuídos (*pantonymia*). Para a Gnose, Deus sendo nada, nenhum nome lhe poderia ser atribuído (*anonymia*). "Deus tem todos os nomes – Deus não tem nome algum."[221]

---

218 L'Un, le Sage, ne veut pas et veut être appelé seulement du nom de Zeus. HERÁCLITO. *Fragment* 65, p. 243.

219 Dieu est jour nuit, hiver été, guerre paix, satieté famine; il se différencie comme (le feu), quand il est mêlé à d'aromates, est nommé suivant le parfum de chacun d'eux. Idem. *Fragment 109*, p. 379.

220 Sont le même le vivant er le mort, et l'éveillé et l'endormi, le jeune e le vieux; car ces états-ci, s'étant renversés, sont ceux-là, s'étant renversés à rebours, sont ceux-ci. Idem. *Fragment 107*, p. 372.

221 Dieu a tous les noms - Dieu n'a aucun nom. FESTUGIÈRE, R.P. André-Jean. *La Revelation d'Hermès Trismégiste, Vol. IV.* p. 66.

Nos escritos gnósticos hindus, Deus é considerado como estando além da noção de ser e de não ser, ou, então, como sendo, ao mesmo tempo, o ser e o não ser.

"O infinito, senhor dos deuses, em quem o mundo habita, tu imperecível, o ser e o não ser, e aquele que está além."[222]

E ainda: "Eu produzo o calor, eu retenho e derramo a chuva, e sou também a imortalidade e a morte, ó Arjuna, eu sou o ser e o não ser."[223]

Ao lado destes textos gnósticos e antimetafísicos, a Bhagavad Gitâ apresenta outros robustamente panteístas:

> Honra a ti pela frente, honra também por detrás, de todas as partes, tu és tudo, que tens o poder infinito, a glória incomensurável, penetras tudo, porque és tudo.[224]
>
> Todos os seres, ó filho de Kuntî, ao término do ciclo, passam à natureza que é minha de novo quando começa o ciclo, eu os produzo.[225]
>
> Os sábios veem com um mesmo olhar um Brahmane que tem o adorno da sabedoria e da humildade, uma vaca, um elefante, um cão e um pária.[226]

Isso porque, comenta J. B. Stella: "O eterno é o mesmo em todos os seres, nos animais e nos homens".[227]

Por outro lado, os gnósticos, não sabendo explicar o mal no mundo, e não querendo atribuí-lo a Deus, distinguiam a Divindade do criador do mundo.

> Um dos traços permanentes e fundamentais que caracterizam a estrutura própria do pensamento gnóstico consiste, com efeito, na oposição que esta coloca entre o mundo, ou a criação, e Deus. O universo sensível é inteiramente reprovado e julgado como mau. Deus não poderia ser, portanto, tido como responsável nem pelo mal que existe no mundo, nem também pelo mundo, que é mal. Ele é absolutamente transcendente em relação ao mundo: ele não tem com o mundo nenhuma relação, pois toda relação o rebaixaria, o tornaria escravo, o inferiorizaria e mancharia sua

222 *A Bhagavad Gîtâ*, XI, 37.

223 Idem. IX, 19.

224 Idem. XI, 40.

225 Idem. IX, 7.

226 Idem. V, 18.

227 STELLA, José Bertolaso. *A Bhagavad Gîta* – Tradução e comentário, p. 65.

pureza inalterável, faria com que ele não fosse mais Deus, no sentido supremo desse termo. Deus não produziu este mundo; ele não o rege. Ele não é conhecido pelo mundo, nem por intermédio do mundo ou no mundo, que não é sua obra ou objeto de seu governo. [...] Ele é [...] o "Deus Estrangeiro" [...], "o Outro", [...] o Deus desconhecido, Inefável, Escondido [...]. Abaixo d'Ele ou oposto a Ele, segundo estejamos tratando de dualistas mitigados ou de dualistas absolutos, distinto dele em todos os aspectos, existe outro deus, inferior ou essencialmente mau, criador e dominador do mundo, um Demiurgo fraco, limitado, senão ignorante, ou o próprio Demônio, príncipe não gerado ou Príncipe das Trevas e encarnação do Mal em si, sobre o qual pesa a falta original ou, para certas seitas, a maldição de ter produzido o universo material e o homem carnal, Deus conhecido - conhecido demais! - em sua imperfeição ou sua maldade, por suas obras e pela tirania das leis que ele impõe à sucessão dos eventos e a suas criaturas miseráveis. Dois deuses, portanto, cujas atividades são antagônicas: um Deus da Salvação e da Graça, um Deus da Criação e da Natureza ou da Matéria; um liberta da existência no tempo, o outro a inflinge e a domina. O universo encontra-se dividido em dois domínios heterogêneos ou inimigos: um invisível ou espiritual; outro visível ou material.[228]

228 Un des traits permanents et fondamentaux qui caractérisent la structure propre à la pensée gnostique consiste, en effet, dans l'opposition que met celle-ci entre le monde, ou la création, et Dieu. L'univers sensible est tout entier réprouvé et jugé comme mauvais. Dieu ne saurait donc être tenu pour responsable non seulement du mal qui est dans le monde, mais aussi de ce monde qui est mal. Il est absolument transcendant par rapport au monde: il n'a avec lui aucune relation, car toute relation l'abaisserait, l'asservirait, le rendrait inférieur et souillerait son inaltérable pureté, ferait qu'il ne serait plus Dieu, au sens suprême de ce terme. Dieu n'a pas produit le monde; il ne le régit pas. Il n'est pas connu du monde, ni par l'intermédiaire du monde ou dans le monde, qui n'est pas son œuvre et l'objet de son gouvernement. [...] il est [...] le "Dieu Étranger" [...], "l'Autre", [...] le Dieu Inconnu, Inefable, Caché [...]. Au dessous de lui ou opposé à lui, selon nous avons affaire à des dualistes mitigés ou à des dualistes absolus, distinct de lui dans tous les cas, il y a un autre dieu, inférieur ou essentiellement mauvais, créateur et dominateur du monde, un Démiurge faible, borné, sinon ignorant, ou le Diable lui-même, principe inengendré ou Prince des Ténèbres et incarnation du Mal en soi, sur qui pèse la faute originelle - ou, pour certaines sectes, la malédiction - d'avoir produit l'univers matériel et l'homme charnel, Dieu connu - trop connu! - dans son imperfection ou sa méchanceté par de telles oeuvres et par la tyrannie des lois qu'il impose à la marche des événements et à ses créatures misérables. Deux dieux donc, et dont les activités sont antagonistes: un Dieu du Salut et de la Grâce, un Dieu de la Création et de la Nature ou de la Matière; l'un délivre de l'existence dans le temps, l'autre l'inflige et la domine. L'univers se trouve scindé en deux domaines hétérogènes ou ennemis: l'un invisible ou spirituel, l'autre visible ou matériel. PUECH, Henri-Charles. *En quête de la Gnose.* Vol. I, La Gnose et le Temps, pp. 238-240

Um seria o Deus de que Basílides diz "aquele que não é verdadeiro" – "*eum qui vero non est*" –, o outro seria o Demiurgo criador que, por desprezo e ódio, é chamado de Cosmocrator.[229]

A Gnose, pois, levaria o método da teologia negativa a tal extremo, que negaria qualquer qualidade à divindade, não reconhecendo qualquer relação analógica entre o ser divino e o ser criado.

Ora, como o Deus criador dos céus e da terra se apresenta como o Ser – "*Ego sum qui sum*"[230] – e como Ser semelhante às criaturas (seres por analogia), embora Ele seja Ser Absoluto, e as criaturas sejam seres por participação, a Gnose conclui que é preciso fazer uma distinção entre Deus e a Divindade, entre o criador e o *Deus absconditus*, superior.

O criador seria denominado Deus Cosmocrator. E a divindade seria o princípio de que tudo se originou. Essa distinção entre "*divinitas*" e "Deus" é exposta claramente no sistema gnóstico de Mestre Eckhart.

> [...] Deus, para ser verdadeira causa do ser, deve estar além do ser, "*quia nihil formaliter in causa et causato, si causa sit vera causa*". Portanto, "*esse formaliter non est in Deo*".[231]

Portanto, Deus não seria Ser. Para Eckhart:

> Deus e Divindade são diferentes como céu e terra, como fazer e não fazer. A divindade é o fundo escuro no qual todas as coisas formam uma unidade absoluta, em que nenhuma distinção é possível; a Divindade não faz nada, pois nela não há nada para ser feito e, de fato, nunca procurou nada: ela habita em uma luz à qual ninguém chega, pois está além de toda alteridade e de toda relação; Deus, pelo contrário, é atividade que se exterioriza e opera, manifesta-se nas suas criaturas e vive no ser e através do ser se reconhece e se ama. Por isso, enquanto todas as criaturas o exprimem, também Deus transforma-se e passa, pois a vida da criatura é a vida de Deus.[232]

---

229 Cf. Idem. Ibidem, p. 240, nota 2.

230 Ex 3,14.

231 [...] Dio, per essere vera causa dell'essere, deve essere al di là di esso, "quia nihil est formaliter in causa et causato, si causa sit vera causa" Duncque "esse formaliter non est in Deo. MESTRE ECKHART apud FAGGIN, Giuseppe. *Meister Eckhart e la mistica tedesca pre protestante*, p.231.

232 Dio e Divinità sono differenti quanto cielo e terra, come fare e non fare. Da divinità é l'oscuro fondo in cui tutte le cose fonnano una unitá assoluta, dove nessuna distinzione é possible; la Divinità non fa nulla poiché in essa non v'è nulla da fare e di fatto non ha mai ricercato nulla: essa abita in una luce a cui nessuno giunge, poichè è al di là di ogni alteritá e di ogni relazione. Dio invece è attività che si estrinseca ed opera, si svela nelle sue creature e vive in esse e attraverso di esse si riconosce e si ama. Perciò in quanto tutte le creature lo esprimono, anche Dio diviene e passa, poichè la vita della creatura è la vita di Dio. Idem. Ibidem, pp. 153-154.

Para documentar seu texto, Faggin cita um sermão de Mestre Eckhart em que ele faz uma distinção entre a divindade e Deus:

> [...] natureza inaturalizada "*ungenatürte nature*", que sob "*ratione esse et essentie quase dormens et latens absconditus in se ipso, nec generans, nec genitus est*". Como "*essentia cum relatione*" ou como "*principium*", ele é "*genature nature*", isto é, natureza naturalizada, paternidade, fecundidade. Na natureza inaturalizada, as três pessoas da Trindade são um, na natureza naturalizada são distintas.[233]

E mostra logo a seguir que essa distinção de Mestre Eckhart talvez tivesse se originado da tese de Gilbert de la Porrée, condenada no Concílio de Reims em 1148:

> Esta distinção, se assim se pode chamá-la, não era nova; Eugênio III a tinha condenado na heresia de Gilbert de la Porrée no Concílio de Reims de 1148, confirmando solenemente que não se pode de fato negar "*Quin divinitas sit Deus et Deus divinitas*".[234]

Também nos livros herméticos se afirma que Deus é tudo e, ao mesmo tempo, que Ele está acima de toda essência e se discute que nome lhe cabe: "Se ele é divino, é essencial; se ele é Deus, está acima da essência".[235]

E ainda:

> Não creio que um nome, por mais complexo que seja, possa designar o princípio de toda majestade, o pai e mestre de todas as coisas. Mas é necessário dar-lhe um único nome, ou ainda todos os nomes, visto que ele é um e tudo; é necessário dizer ou que todas as coisas são seu nome, ou nomeá-lo com os nomes de todas as coisas.[236]

---

233 [...] natura innaturata, '*ungenatürte nâtûre*', che sub '*ratione esse et essentie quasi dormens et latens absconditus in se ipso, nec generans, nec genitus est*'. Come '*essentia cum relatione*' o come '*principium*', egli è 'genature nâtûre ', cioè natura naturata, paternità, fecondità. Nella natura innaturata le tre persone della Trinità sono uno, nella natura naturata sono distinte. Idem. Ibibem, p. 153.

234 Questa distinzione, se così può chiamare, non era nuova; Eugenio III l'aveva condannata nell'eresia di Gilbert de la Porrée al concilio de Reims de 1148, confermando solennemente che non si può affato negare 'Quin divinitas sit Deus et Deus divinitas'. Idem. Ibidem, p. 154.

235 S'il est divin, il est essentiel; s'il est Dieu, il est au-dessus de l'essence. TRISMEGISTO, Hermes, p. 19.

236 Je ne crois pas qu'un nom, quelque complexe qu'il soit, puisse désigner le principe de toute majesté, le père et le maître de toutes choses. Mais il est nécessaire de lui donner un seul nom, ou plutôt tous les noms, puisqu'il est un et tout; il faut, ou dire que toutes choses sont son nom, ou le nommer des noms de toutes choses. Idem. Ibidem, p. 141.

Mas o hermetismo insiste mais em chamar o primeiro princípio de Tudo, salientando, pois, a forma panteísta da Religião do Homem.

> Tudo o que existe, ó Asclèpios, está em Deus, produzido por ele e dependente dele [...]. E eu não digo apenas que ele contém tudo, mas que verdadeiramente ele é tudo. Ele não tira nada de fora, ele faz tudo sair dele. [...] jamais em tempo algum perecerá um ser sequer, em outras palavras, uma parte de Deus, pois Deus contém todos os seres, nada está fora dele e ele não está fora de nada.[237]

> Eu não disse ainda que tudo é um e que a unidade é tudo, porque todas as coisas existiam no criador antes da criação, e podemos chamá-lo de tudo, visto que todas as coisas são seus membros.[238]

O gnóstico Basílides, por sua vez, chama este princípio de Tudo, de Nada, o não-ser absoluto.

> Existiu, diz Basílides, um tempo em que nada era. Esse nada não era uma das coisas existentes, mas para falar claramente, sem rodeios, sem artifícios, nada absolutamente existia. E quando eu emprego o verbo "existia", diz ele, não é para afirmar que (o nada) existia, mas simplesmente para fazer compreender o que eu quero dizer. Eu afirmo, diz ele, que não existia absolutamente nada. Pois, diz ele, o que é nomeado não é puramente inexprimível, visto que nós dizemos ao menos que ele é inexprimível; ora o (nada de que falei) não é sequer inexprimível. O que não é sequer inexprimível não é chamado inexprimível, mas está, diz ele, acima de todo nome que se possa nomear (Cf. Ef 1,21). [...] Nada, portanto, existia, nem matéria, nem substância, nem seres simples, nem seres compostos, nem seres inteligíveis, nem seres não inteligíveis, nem seres sensíveis, nem seres não sensíveis, nem anjo, nem homem, nem deus, nem absolutamente nenhum dos seres que se nomeiam ou que se percebem pelos sentidos ou pela inteligência. Tudo, absolutamente tudo, sendo assim e ainda mais minuciosamente excluído e apartado, o Deus que não é, que Aristótelis chama de pensamento do pensamento e os basilianos de aquele que não é.[239]

---

237 Tout ce qui existe, ô Asclèpios, est en Dieu, produit par lui et dépendant de lui [...]. Et je ne dis pas seulement qu'il contient tout, mais que véritablement il est tout. Il ne tire rien du dehors, il fait tout sortir de lui. [...] jamais en aucun temps il ne périra un être quelconque, c'est-à-dire, une partie de Dieu, car Dieu contient tous les êtres, rien n'est hors de lui et il n'est hors de rien. Idem. Ibidem, p. 55.

238 Je n'ai pas encore dit que tout est un et que l'unité est tout, parce que toutes choses étaient dans le créateur avant la création, et on peut l'appeler le tout, puisque toutes choses sont ses membres. Idem. Ibidem, p. 115.

239 Il a été, dit Basilide, un temps où rien n'était. Ce rien n'était pas une des choses existentes, mais, pour parler nettement, sans détours, sans artifices, absolument rien n'était. Et quand

Para Basílides, pois, a divindade original era o Nada, aquele que não existia, como dissemos, o não-ser absoluto.

Também Simão Mago distinguia na divindade original, que ele chamava de fogo ou *dinamis*, duas naturezas, uma oculta, outra aparente. Essa divindade, ele a representava também sob a forma de uma árvore.

> [...] Simão ensina que o fogo é o princípio de Tudo [...] Para Simão, o princípio de Tudo é uma força infinita [...]. Segundo Simão, o fogo não é simples, como creem a maior parte dos homens, que consideram como simples os quatro elementos, ele tem, pelo contrário, duas naturezas, uma escondidade, outra aparente, como diz Simão. A natureza oculta do fogo está escondida na natureza aparente, e a natureza aparente deve sua existência à natureza escondida [...] pode-se dizer que o fogo supraceleste é o depósito e o tesouro de tudo o que existe, seres sensíveis e seres inteligíveis, ou, como os chama Simão, seres escondidos e seres aparentes. Ele é comparável a uma grande árvore, à árvore que Nabucodonosor viu em sonho e da qual toda carne se nutre.[240]

Também a Cabala judaica faz essa distinção entre Divindade e Deus. A Torá falaria de um Deus que se revela e que é, portanto, cognoscível. Ora, o Deus verdadeiro seria incognoscível, um *Deus absconditus*, que os cabalistas chamavam de Ein-Sof, nome esse que significaria o Infinito, mas também o Nada.

---

j'emploie le mot était, dit-il, ce n'est pas pour affirmer que (le rien) était, mais simplement pour faire comprendre ce que je veux dire. J'affirme, dit-il, que rien absolument n'était. Car, dit-il, ce qui est nommé n'est pas purement inexprimable, puisque nous disons au moins qu'il est inexprimable; or le (rien dont j'ai parlé) n'est même pas inexprimable. Ce qui n'est même pas inexprimable n'est pas appélé inexprimable, mais est, dit-il, au dessus de tout nom qui se puisse nommer (Cf. Eph. 1, 21). [...] Rien donc n'existait, ni matière, ni substance, ni êtres simples, ni êtres composés, ni êtres intelligibles, ni êtres non intelligibles, ni étre sensibles, ni êtres non sensibles, ni ange, ni homme, ni dieu, ni absolument aucun des êtres qu'on nomme ou qu'on perçoit par les sens ou par l'intelligence. Tout absolument tout étant ainsi et encore plus minutieusement exclu et écarté, le Dieu qui n'est pas, qu'Aristote appelle la pensée de la pensée et les Basiliens Celui qui n'est pas [...]. SANTO HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, p. 106.

240 [...] Simon enseigne que c'est le feu qui est le principe du Tout [...]. Pour Simon, le principe du Tout est une force infinie [...]. D'après Simon, le feu n'est pas simple, comme le croient la plupart des hommes, que considèrent comme simples les quatre éléments; il a au contraire deux natures, l'une cachée, l'autre apparente, comme dit Simon. La nature cachée du feu est cachée dans la nature apparente, et la nature apparente doit son existence à la nature cachée [...] on peut dire que le feu supracéleste est le dépot et le trésor de tout ce qui existe, des êtres sensibles et des êtres intelligibles, ou, comme les appelle Simon, des êtres cachés et des êtres apparents. Il est comparable à un grand arbre, à l'arbre que Nabuchonodosor vit en songe et dont toute chair se nourrit. Idem. Ibidem, pp.16-18.

> "Saiba que aquele Ein-Sof de que falamos não é mencionado nem na Torá, nem nos Profetas, nem na Hagiografia ou nas palavras dos sábios talmudistas [...]."[241]
>
> Nenhuma criatura pode visar ao Deus desconhecido, oculto. Em última análise, toda cognição de Deus é baseada numa forma de relação entre Ele e sua criatura, isto é, numa manifestação de Deus em algo mais, e não em uma relação entre Ele e Ele próprio. Foi levantado o argumento de que a diferença entre o deus absconditus, Deus em Si Mesmo, e Deus em Suas manifestações, é desconhecida para o cabalismo. Esta me parece ser uma falsa interpretação dos fatos.
>
> [...] a contradição implícita entre os dois aspectos de Deus não é sempre trazida à luz tão claramente como na famosa doutrina de um escritor anônimo, por volta de 1300, de acordo com quem Deus em Si mesmo, enquanto Ser absoluto, e, portanto, incapaz por Sua própria natureza de transformar-se no sujeito de uma revelação para outros, não é e não pode ser referido nos documentos da Revelação, nos escritos canônicos da Bíblia, e na tradição rabínica. Ele não é o tema desses escritos e, portanto, tampouco possui um nome documentado, pois todas as palavras das Escrituras Sagradas referem-se em última análise a algum aspecto de Sua Manifestação do lado da Criação. Segue-se que, enquanto o Deus vivo, o Deus de quem estes escritos são testemunhas, tem inumeráveis nomes - os quais de acordo com os cabalistas, pertencem-Lhe por Sua própria natureza, e não como resultado de uma convenção humana - o deus absconditus, o Deus escondido em Si mesmo, pode ser nomeado apenas num sentido metafórico e com o auxilio de palavras que, misticamente falando, não são em absoluto nomes reais.[242]
>
> O Deus oculto, o mais profundo Ser da Divindade por assim dizer, não possui qualidades, nem atributos. O Zohar e os cabalistas gostam de chamar este mais profundo Ser de Ein-Sof, isto é, o Infinito. Contudo, na medida em que este Ser oculto está ativo por todo o universo, também possui certos atributos que, por sua vez, representam certos aspectos da natureza divina; eles são outros tantos estágios do Ser divino e a manifestação divina de Sua vida oculta.[243]

Entre os cabalistas podem ser encontradas afirmações que tendem ao Panteísmo – identificando Deus com o universo – e afirmações claramente gnósticas, que negam qualquer realidade ao Ser divino e ao ser em geral.

---

241 MAAREHET HA-ELOUT apud SCHOLEM, Gerson. G. *A mística judaica*, p. 13.

242 SCHOLEM, Gerson G. *A mística judaica*, pp. 12-13.

243 Idem. Ibidem, p. 210.

Como exemplo de tendência panteísta, pode-se citar, segundo Scholem, Moisés Cordovero, que afirma:

> "Deus é toda a realidade, mas nem toda realidade é Deus". Segundo ele, pode-se também chamar o Ein-Sof de pensamento (isto é, de pensamento do mundo) "na medida em que tudo o que existe está contido em sua Substância. Ele abarca todo o existente, mas não segundo o modo em que existe isoladamente embaixo, mas antes na existência da substância unificada, pois Ele e as coisas existentes são (deste modo) um, nem separados nem multifários, nem externamente visíveis, mas Sua substância está presente em Suas Sefirot, e Ele Próprio é tudo, e nada existe fora d'Ele.[244]

A tendência gnóstica pode ser comprovada no sentido cabalista de Ein-Sof, como por textos do cabalista Azriel:

> [...] talvez seja de interesse examinar um *jeu de mots* místico que chega muito perto das ideias do Zohar e já era usado por Iossef Gikatila. A palavra hebraica para nada, ein, tem as mesmas consoantes que a palavra para eu, ani - e como vimos, o "Eu" de Deus é concebido como a etapa final da emanação das Sefirot, aquela etapa na qual a personalidade de Deus, em uma reunião simultânea de todos os seus estágios anteriores, revela-se à sua própria criação. Em outros termos, a passagem de ein par ani simboliza a transformação pela qual o Nada passa para o Eu - um processo dialético cuja tese e antítese começam e terminam em Deus: sem dúvida, um exemplo notável de pensamento dialético.[245]

Vejamos agora como Azriel identifica o Ser absoluto ao nada:

> Se alguém lhe pergunta: quem é Deus? responde: é aquele que não é deficiente sob nenhum aspecto. Se lhe pergunta: existe alguma coisa além d'Ele? responde: nada existe além d'Ele. Se lhe pergunta: como fez ele para tirar seu ser do nada, já que a diferença é tão grande entre ser e nada? responde: àquele que fez seu ser sair do nada, não lhe falta nada desse fato, pois o ser está no nada à maneira do nada, e o nada é o ser à maneira [isto é, segundo o modo] do ser. E a esse respeito o autor do livro Yetsura disse: Ele fez sair de seu nada seu ser, e ele não disse: ele fez o ser do nada. Isso nos ensina que o nada é o ser e que o ser é o nada. Ora, o nada é chamado 'sustentador', *omen*. Mas o lugar ao qual o ser está ligado lá onde, do nada, ele começa a ter existência, se denomina 'fé', *emuna*. Pois a fé se relaciona não com um ser

244 Idem. Ibidem, pp. 255-256.

245 Idem. Ibidem, p. 220.

> visível e apreensível, nem com um nada invisível e inapreensível, mas precisamente ao lugar onde o nada está em conexão com o ser. Pois o ser não provém do nada por ele mesmo; ser e nada juntos representam aquilo que se quer dizer quando se trata do 'ser a partir do nada'. O ser não é nada, portanto, senão um nada, e tudo é um na simplicidade do inseparado absoluto, e é a isso que faz referência a advertência [Qohelet 7, 16]: não exceda suas forças a especular, pois nosso intelecto limitado não pode captar a perfeição desta coisa insondável que é um com o Ein-sof.[246]

Scholem, depois de mostrar que essas ideias sobre o Ser e o nada foram citadas por Reuchlin, porque estavam próximas de seu próprio pensamento, assim resume a questão:

> Ser e nada não são, portanto, senão diferentes aspectos da realidade divina que é, no fundo, sobre ser. Há um nada de Deus, que dá nascimento ao ser, e há um ser de Deus que representa o nada. A maneira segundo a qual as coisas existem no nada de Deus é uma; a maneira segunda a qual elas existem em seu ser é outra. Mas uma e outra são modalidades do próprio Ein-Sof, que constitue a unidade inseparada de alguma coisa e do nada.[247]

Vemos aí como a Cabala identifica dialeticamente o Ser e o Nada e que, por isso, Deus, o *Deus absconditus*, passa a ser, ao mesmo tempo, tudo e nada.

---

246 Si quelqu'un te demande: qu'est Dieu? réponds: celui que n'est déficient à aucun égard. S'il te demande: existe-t-il quelque chose hormis Lui? réponds: rien n'existe hormis Lui. S'il te demande: comment a-t-il fait pour sortir son être du néant, des là que la différence est si grande entre être et néant? réponds: à celui qui fait sortir son être du néant, il ne manque rien de ce fait, car l'être est dans le néant à la manière du néant, et le néant est l'être à la façon [c'est à dire selon le mode] de l'être. Et à ce sujet l'auteur du Livre Yetsira a dit: Il fit de son néant son être, et il n'a pas dit: il fit l'être du néant. Ceci nous apprend que le néant est l'être est que l'être est le néant. Or, le néant est appelé "sustentateur", omen. Mais le lieu auquel l'être est relié là où, du néant, il commence à avoir existence, se nomme "foi", enuma. Car la foi se rapporte non pas à un être visible et saisissable, et non plus à un néant invisible et insaisissable, mais précisément au lieu où le néant est en conexion avec l'être. Car l'être ne provient pas du néant à lui seul; être et néant ensemble représentent ce que l'on veut dire quand il est question de l'être à partir du néant. L'être n'est donc rien qu'un néant, et tout est dans la simplicité de l'inséparé absolu, et c'est à cela que se rapporte l'avertissement [Qohelet 7, 16]: n'excède pas tes forces à spéculer, car notre intellect limité ne peut pas saisir la perfection de cet insondable-là qui est un avec En-Sof. AZRIEL, apud SCHOLEM, Gerson. G. *Les origines de la Kabbale*, p. 447.

247 Être et néant ne sont donc que différents aspects de la réalité divine qui est au fond sur-être. Il y a un néant de Dieu, qui donne naissance à l'être, et il y a un être de Dieu qui représente le néant. La manière dont les choses existent dans le néant de Dieu est une; la manière dont elles existent dans son être est autre. Mais l'une comme l'autre sont des modalités d'En-Sof lui-même, qui constitue l'unité inseparée du quelque chose et du néant. SCHOLEM, Gerson G. *Les origines de la Kabbale*, p. 448.

Alexandre Safran confirma isso nos seguintes textos:

> "O objetivo da criação *yech me-aïn*, da criação *ex nihilo*, é - segundo Habad - fazer com que o *yech*, aquilo que existe, assimile-se àquilo que não existe, ao nada, ao *aïn*". Esse desígnio não pode ser cumprido senão pelo homem, que existe, é verdade, no *yech*, mas que também é capaz de viver no *aïn*. [...] O *aïn*, o *kloum*, o "nada", é o *kol*, o "tudo", enquanto que o *yech*, o existente, é unicamente uma forma particular, efêmera, do *aïn*.[248]

Desse modo, Deus (o *deus absconditus*, a divindade de Eckhart, o *Ein Sof* da Cabala) é tudo e nada ao mesmo tempo. Daí a grande lei da Religião do Homem ser que os contrários são iguais e que Deus é, conforme dizia o Cardeal de Cusa, *"coincidentia oppositorum"*, ao que se referia Reuchlin quando tratou do Ensoph em seu *De arte cabbalistica*:

> Chama-se Ensoph, isto é, infinitude, aquele ser que é o mais excelente [e] em si mesmo incompreensível e inefável, que se retrai e se oculta no mais afastado retrocesso de sua divindade e no abismo inacessível da fonte de luz, de tal forma que nada seja entendido como dela procedente, como divindade absolutíssima que permanece por ócio de todas as formas na clausura de si em si mesma nua, sem veste e sem qualquer invólucro ao seu redor, não projetada (além) de si, nem dilatada pela bondade de seu esplendor, indiscriminadamente ser e não ser, e [de tal forma que] tudo que para nossa razão parece contrário e contraditório entre si implique uma simplicissimamente individual e livre unidade.[249]

Na Cabala de Nathan de Gaza, considera-se que há no Ein-Sof uma oposição dualista entre o Bem e o Mal e que ambos são elementos constitutivos da divindade:

> No contexto dessa doutrina, a designação do Zohar para a esfera do mal como "o outro lado" ganha um significado surpreendentemente

---

248 "Le but de la création *yech me-aïn*, de la création *ex nihilo* est - d'après le Habad - de faire de sorte que le *yech*, ce qui existe, s'assimile à ce qui n'existe pas, au néant, à l'*aïn*". Ce dessein ne peut être accompli que par l'homme, qui existe, il est vrai, dans le yech, mais qui est aussi capable de vivre dans l'*aïn*. [...] L'*aïn*, le *kloum*, le "rien", est le *kol*, le "tout", tandis que le *yech*, l'existant, est uniquement une forme particulière, éphémère, de l'*aïn*. SAFRAN, Alexandre. *La Cabale*, pp. 311-313

249 Nominatur *Ensoph*, id est infinitudo, quae est summa quaedam res secundum se incomprehensibilis et ineffabilis, in remotissimo suae divinitatis retrocessu et in fontani luminis inaccessibili abysso se retrahens et contegens, ut sic nihil intelligatur ex ea procedere, quasi absolutissima deitas per ocium omnimoda sui in se ipsa clausione immanens nuda sine veste ac absque ullo circumstantiarum amictu, nec sui profusa, nec splendoris sui dilatata bonitate indiscriminatim ens et non ens, et omnia quae rationi nostrae videntur inter se contraria et contradictoria, ut segregata et libera unitas simplicissime implícans. REUCHLIN, J. *De Arte cabbalistica* apud SCHOLEM, Gerson. G. *Les origines de la Kabbale*, pp. 463-464.

novo. Refere-se ao "outro lado" do próprio En-Sof, isto é, à metade dele próprio que resiste ao processo de diferenciação e organização e que, por sua própria resistência ao processo dramático da criação, se torna efetivamente satânica. O tehiru e a "linha reta" são, assim, concebidos como dois princípios opostos, comparáveis à dualidade e a criação é um movimento dialético que ocorre entre estes dois aspectos do Ein-Sof.[250]

Em vez de ser imutável, o *Deus absconditus* estaria em contínua evolução dialética, de tal forma que a divindade, como o Fogo de Heráclito, não seria ser, mas fluxo, eterno vir a ser.

A vida íntima da divindade consistiria exatamente nesse eterno processo de divisão dialética interior. A teogonia gnóstico-panteísta consiste na narração de extensas e complicadas "genealogias" emanadas do fundo abissal da divindade.

Cada seita ou pensador apresentava uma lista diferente dos éons emanados atribuindo-lhes nomes abstrusos e misteriosos, muitas vezes, substantivações ou hipóstases de ações ou potências divinas.

> Nas Gnoses menos filosóficas, a eonlogia se torna de uma extrema complicação: veem-se multiplicar entidades do mundo superior, qualificadas por nomes tomados não apenas do grego, mas das línguas hebraica, egípcia, etc. Citamos abaixo, ao acaso, alguns destes nomes: Barbelô, Prounikos, Harmozel, Oroiael, Daveithe, Eleleth, Monogenes, Autogenes, Thelema, Ialdabaoth, Iao, Sabaoth, Adoneus, Eloeus, Oreus, Astaphaeus, Michael, Samael, Daden, Sacla, Aberamentho, Agrammakhamarei, Harmas, Athoth, Sabbataios, Galila, Anthropos, Adamas... Essas entidades – parte abstratas, parte concretas – se movem num domínio intermediário entre a realidade e o mito; são fragmentos temporais, períodos do drama cosmogônico, delimitadas e consideradas como realidades metafísicas absolutas (Éon também significa "século"). Essas entidades se encarnam em personagens concretos dotados de inteligência, de vontade, de desejos; elas agem, elas se opõem.[251]

250 In the context of this doctrine, the Zoharic designation of the sphere of evil as the "other side" takes on startlingly novel meaning. It refers to the "other side" of En-Sof itself, that is, to that half of it which resists the process of differentiation and organization, and which, by it's very resistance to the dramatic process of creation, becomes actually Satanic. The tehiru and the "straight line" are thus conceived as two opposing principles, comparable to the duality of matter and form. Both derive from the same divine light, and creation is a dialectical movement taking place betwen these two aspects of En-Sof. SCHOLEM, Gerson G. *Sabbatai Sevi,* pp. 301-302. Tradução extraída de Idem. *Sabatai Tzvi*, vol. I, p. 292.

251 Dans les Gnoses moins philosophiques, l'éonologie devient une complication extrême: on voit se multiplier les entités du monde supérieur, qualifiées de noms empruntés non seulement au grec mais aux langues hébraïque, égyptienne, etc. Citons, au hasard, quelques-uns de ces noms: Barbélô, Prounikos, Harmozel, Oroiaêl, Daveithe, Eleleth, Monogênès, Autogênès, Théléma,

O número de emanações ou éons varia de seita para seita, ou mesmo, talvez, de grau para grau, dentro de cada seita. À guisa de exemplos, daremos algumas citações sobre os sistemas gnósticos de Simão Mago, de Basílides e de Valentino, a fim de que se tenha ideia da complicação voluntária e irracional das emanações gnósticas.

Vimos que, para Simão Mago, existiria um "Princípio de tudo", uma "Potência" que ele chama de Dynamis ou Fogo e que teria uma dupla natureza: uma oculta, outra aparente, isto é, as coisas inteligíveis e as visíveis, respectivamente. Essas duas naturezas do Fogo formariam uma como que árvore que é devorada pelo Fogo. Desse Fogo divino, emanariam três sizígias ou pares de éons:

> O mundo engendrado vem, pois, do fogo não engendrado. Eis, diz ele, como o mundo engendrado começou a nascer. Ele recebeu do princípio desse fogo seis raízes; é por lá que começou, antes de tudo, sua geração. Essas raízes, diz Simão, nasceram do fogo por casais; ele chama essas raízes Inteligência e Pensamento, Voz e Nome, Razão e Reflexão. A força infinita encontra-se, por sua vez, nessas seis raízes, mas em potência somente, não em ato. Essa força inifinita, diz ele, é aquela que se mantém de pé, se manteve de pé e se manterá de pé.[252]

E Hans Leisegang, comentando esses nomes dados às emanações divinas, diz:

> Nous e Epinoia, Phone e Onoma, Logismos e Enthymesis; trata-se sempre, para cada um desses pares, de uma função da inteligência e do ato dessa função: o espírito pensa, a voz exprime os nomes, a razão reflete.[253]

Ialdabaôth, Iaô, Sabaôth, Adoneus, Eloeus, Oreus, Astaphaeus, Michael, Samaël, Dadén, Sacla, Abéramentho, Agrammakhamarei, Harmas, Athôth, Sabbataïos, Galila, Anthrôpos, Adamas... Ces entités - mi-abstraites, mi-concrètes - se meuvent dans un domaine intermédiaire entre la réalité et le mythe; ce sont des fragments temporels, des périodes du drame cosmognonique, spatialisées et hypostasiées (Eons signifie aussi "siècles"). Ces entités s'incarnent en des personnages concrets dotés d'intelligence, de volonté, de désir; elles agissent, elles s'affrontent. HUTIN, Serge. *Les Gnostiques*, p. 40.

252 Le monde engendré vient donc du feu inengendré. Voici, dit-il, comment le monde engendré a commencé de naître. Il a reçu du principe de ce feu six racines; c'est par là qu'a comencé tout d'abord sa génération. Ces racines, dit Simon, sont nées du feu par couples; il appelle ces racines Intelligence et Pensée, Voix et Nom, Raison et Réflexion. La force infinie se trouve à la fois dans ces six racines, mais en puissance seulement, non en acte. Cette force infinie, dit-il, est celui que se tient debout, s'est tenu debout, se tiendra debout. SANTO HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, p. 19.

253 Nôus et Épinoïa, Phonê et Onoma, Logismos et Enthymêsis; il s'agit toujours, pour chacun de ces couples d'une fonction de l'intelligence et de l'acte de cette fonction: l'esprit pense, la voix exprime des noms, la raison réfléchit. LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, p. 53.

O gnóstico Basílides dá outros nomes às emanações da divindade primordial. A estrutura do pensamento, porém, é a mesma:

> Irineu censura Basílides por ter desenvolvido e multiplicado ao infinito sua teoria para lhe dar uma aparência de profundidade. Do Pai não engendrado – segundo esse gnóstico – teriam sido engendrados cinco éons dessas hipóstases que se podem conceber como espaciais ou temporais, como "moradas" divinas e como "séculos". A primeira era o Nous – o Espírito. Dela, procedeu o Verbo; do Verbo, a Reflexão; da Reflexão, a Sabedoria e a Força; da Sabedoria e da Força, as Virtudes, potências e anjos pelos quais, de emanação em emanação, foram criados os céus superiores; e assim por diante até o quarto desses céus que tem príncipes, anjos..., e trezentos e sessenta e cinco firmamentos – número segundo o qual o ano foi feito.[254]

O sistema emanativo elaborado por Valentino é o mais complexo de todos. Ei-lo, segundo o apresenta Santo Irineu:

> Eles dizem que existia, nas alturas, invisíveis e inenarráveis, um Eão perfeito, anterior a tudo, que chamam Protoprincípio, Protopai e Abismo. Incompreensível e invisível, eterno e ingênito que se manteve em profundo repouso e tranquilidade durante uma infinidade de séculos. Junto a ele estava Enóia, que chamam também Graça e Silêncio. Ora, um dia, este Abismo teve o pensamento de emitir, dele mesmo, um Princípio de todas as coisas; essa emissão, de que teve o pensamento, depositou-a como semente no seio de sua companheira, o Silêncio. Ao receber esta semente, ela engravidou e gerou o Nous, semelhante e igual ao que o tinha emitido e é o único capaz de entender a grandeza do Pai. Este Nous é também chamado Unigênito, Pai e Princípio de todas as coisas. Juntamente com ele foi gerada a Verdade e esta seria a primitiva e fundamental Tétrada pitagórica que chamam também Raiz de todas as coisas. Ela seria composta pelo Abismo e o Silêncio, o Nous e a Verdade. O Unigênito, tendo aprendido o modo como foi gerado, procriou, por sua vez, o Logos e Zoé, Pai

---

254 Irinée reproche à Basilide d'avoir développé et multiplié à l'infini sa théorie pour lui donner une apparence de profondeur. Du Père inengendré – selon ce Gnostique – auraient été engendrés cinq éons, - de ces hypostases que l'on peut concevoir comme spatiales ou temporelles, comme des "demeures" divines et comme de "siècles". La prémière était le Noûs – l'Esprit. De celui-ci, procéda le Verbe; du Verbe, la Réflexion; de la Réflexion, la Sagesse et la Force; de la Sagesse et de la Force, les Vertus, puissances et anges par lesquels, d'émanation en émanation, furent créés les cieux supérieurs; et ainsi de suite jusqu'au quatrième de ces cieux qui a des princes, des anges..., et trois cent soixante-cinq firmaments – nombre d'après lequel l'année a été faite. DORESSE, Jean. *Les livres secrets des gnostiques d'Égypte*, pp. 22-23.

de todos os que viriam após ele, Princípio e formação de todo o Pleroma. Por sua vez, foram gerados pelo Logos e Zoé, segundo a sizígia, o Homem e a Igreja. Esta seria a Ogdôada fundamental, Raiz e substância de todas as coisas, que por eles é chamada com quatro nomes: Abismo, Nous, Logo e Homem. Cada um deles é masculino e feminino, da seguinte forma: inicialmente o Protopai se uniu, segundo a sizígia, à sua Enóia, que eles chamam também Graça e Silêncio; depois o Unigênito, também chamado Nous, uniu-se à Verdade; depois o Logos, à Zoé; por fim, o Homem, à Igreja.

Estes Eões, produzidos para a glória do Pai, querendo, por sua vez, glorificar o Pai com algo de si mesmos, fizeram emissões em sizígia. O Logos e Zoé geraram, depois do Homem e da Igreja, outros dez Eões, cujos nomes dizem ser estes: Abissal e Confusão, Aguératos e União, Autoproduto e Satisfação, Imóvel e Mistura, Unigênito e Felicidade: estes são os dez Eões que dizem derivar do Logos e Zoé. Por sua vez, também o Homem com a Igreja produziu doze Eões aos quais atribuem estes nomes: Consolador e Fé, Paterno e Esperança, Materno e Caridade, Eterno e Compreensão, Eclesiástico e Bem-aventurança, Desejado e Sofia.

Esta é a teoria errada deles a respeito dos 30 Eões impronunciáveis e não conhecíveis. Segundo eles, este é o Pleroma invisível e espiritual [...].[255]

255 1. Dicunt esse quendam in invisibilibus, et inenarrabilibus altitudinibus perfectum Aeonem, qui ante fuit: hunc autem et Proarchen, et Propatora, et Bython vocant: esse autem illum invisibilem, et quem nulla res capere possit. Cum autem a nulo caperetur, et esset invisibilis, sempiternus, et in genitus, in silentio et quiete multa fuisse in immensis Aeonibus. Cum ipso autem fuisse et Ennoeam, quam etiam Charin et Sigen vocant: et aliquando voluisse a semetipso emittere hunc Bythum, initium omnium, (et velut semen prolationem hanc praemitti voluit) et eam deposuisse quasi in vulva ejus, quae cum eo erat, Sige. Hanc autem suscepisse semen hoc, et praegnantem factam generasse. Nun, similem et aequalem ei, qui emiserat, et solum capientem magnitudinem Patris. Nun autem hunc, et Unigenitum vocant, et Patrem, et initium omnium. Una autem cum eo emissam Veritatem, et hanc esse primam et primogenitam Pythagoricam quaternationem, quam et radicem omnium dicunt. Est enim Bythus et Sige, deinde Nus et Alethia. Sentietem autem Unigenitum hunc in quae prolalus est, emisse et ipsum Logon et Zoen, patrem omnium eorum, qui post se futuri essent, et initium et formationem universi Pleromatis. De Logo autem et Zoe emissum secundum conjugationem Hominem et Ecclesiam, et esse hanc primogenitam Octonationem, radicem et substantiam omnium, quattuor nominibus apud eos nuncupatam, Bython, et Nun, et Logon, et Anthropon. Esse enim illorum unumquemque masculo-feminam, sic: Initio Propatorem illum coisse secundum conjugationem suae Ennoeae, id est cogitationi, quam Gratiam et Silentium vocant; Unigenitum autem, hoc est Nun, Alethiae, id est Veritati; Logon autem Zoe, id est Vitae; et Anthropon cum Ecclesia.

2. Hos autem Aeonas in gloriam Patris emissos, volentes et ipsos de suo clarificare Patrem, emisisse emissiones in conjugatione; Logon quidem et Zoen, posteaquam emissus est Homo et Eclesia, alteros decem Aeonas, quorum nomina dicunt haec: Bithius et Mixis, Ageratos et

Assim Hans Jonas sintetiza a doutrina de Valentino sobre as emanações divinas:

> Nas alturas invisíveis e inumeráveis, existe um éon perfeito e preexistente, chamado Pré-Princípio, Pré-Pai e Abismo. Ninguém, ou nenhuma coisa, pode compreendê-lo (apreender, conter). Ele permanece tranquilo e em profundo repouso. Com ele, coexiste Ennoia (Pensamento), também chamada Graça e Silêncio. Um dia, esse Abismo teve o pensamento de projetar fora de si mesmo o começo [princípio] de todas as coisas e, como uma semente, ele depositou esse projeto no seio de Silêncio [feminino], coexistente com ele, e este concebeu e deu à luz o Intelecto (Nous: masculino), que é semelhante e igual àquele que o projetou e único a compreender (conter) a grandeza do Pai. Ele também é chamado Filho Único (Monogeno), e Pai e Começo (Princípio) de todos os seres. Foi coprojetada com ele a Verdade (Aletheia: feminino) e essa é a primeira e orginal Tétrade: Abismo e Silêncio e, depois, Intelecto e Verdade.
>
> O Filho Único, tendo compreendido por que fora projetado, projetou, por sua vez, Verbo (Logos: maculino) e Vida (Zoé: feminino), respectivamente Pai de todas as coisas que iam ser depois dele, e princípio e formação de todo o Pleroma. De Verbo e Vida foram coprojetados Homem e Igreja (Ekklesia: feminino), e essa é a Ogdoada primitiva. Esses éons, produzidos para a glória do Pai, quiseram glorificar o Pai por suas próprias criações, e fizeram novas projeções ou emanações. Do Verbo e da Vida saíram mais dez Éons; do Homem e da Igreja, doze; de modo que desses Oito, desses Dez e desses Doze foi constituída a Plenitude (Pleroma) de trinta Éons em quinze casais. [...] Nessa cadeia de emanações, o último Éon feminino é Sofia.[256]

Henosis, Authophyes et Hedone, Acinetos et Syncrasis, Monogenes et Macaria. Hi decem Aeones, quos dicunt ex Logo et Zoe emissos. Athropon autem et ipsum emisisse cum Ecclesia Aeonas duodecim, quibus nomina haec donant: Paracletus et Pistis, Patricos et Elpis, Metricos et Agape, Aeones et Synesis, Ecclesiasticos et Macariotes, Theletos et Sophia.

3. Hi sunt triginta erroris eorum Aeo - nes, qui tacentur, et non agnoscuntur. Hoc invisibile et spiritale secundum eos Pleroma tripartite divisam in octationem, et decada, et duodecada. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, I, 1-2 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contra as heresias*, I, 1, 1-2.

256 Dans les hauteurs invisibles et innombrables, il existe un Eon parfait préexistant, appelé Avant-Commencement, Pré-Père et Abîme. Nul, ou nulle chose, ne le peut comprendre (saisir, contenir). Il demeure tranquille et en profond repos. Avec lui coexiste *Ennoïa* (Pensée), appelée aussi Grâce et Silence. Un jour, cet Abîme eut la pensée de projeter hors de soi-même le commencement (principe) de toutes choses et, comme une semence, il déposa ce projet dans le sein de Silence, coexistente avec lui, et elle conçut et enfanta Intellect (*Noûs*: masculin), semblable et égal à celui qui l'avait projeté et seul à comprendre (contenir) la grandeur du Père. On l'appelle

Também no maniqueísmo há um sistema de emanações análogo. Embora o maniqueísmo seja reconhecido por todos como dualista - e ele de fato o é - note-se, na citação a seguir, como o princípio de bem, a Luz, tem certa primazia:

> Antes da existência do céu e da terra e de tudo que há neles houve duas naturezas, uma boa e outra má. Ambas estão separadas uma da outra. O princípio bom habita no lugar da Luz e é chamado Pai da Grandeza. Fora dele habitam seus cinco *Sh'kinas*: Inteligência, Conhecimento, Pensamento, Deliberação e Vontade. O princípio mau é chamado de Príncipe das Trevas e habita em sua terra de escuridão rodeado por seus cinco éons (ou Mundos), os éons das Brumas, do Fogo, do Vento, da Água e das Trevas. O mundo da Luz faz fronteira com o das Trevas sem que exista um limite entre eles dois (Theodoro bar Konai).[257]

É impossível não sublinhar a utilização do termo *Sh'kinas* que aparece também na Gnose mandeana e que tem importância única na Cabala. Num glossário dos termos mandeanos, Hans Jonas explica que, nessa seita, *Sh'kina* significaria "morada" (*demeure*) dos seres de luz, ou ainda, glória, "aura" de luz, que cercaria as emanações luminosas como uma habitação. Esse autor diz ainda que *Sh'kina*, tanto no maniqueísmo quanto na mística judaica, exprimiria uma personificação.[258]

No maniqueísmo, Luz e Obscuridade devem ser entendidos como princípios, personificações, e até mesmo como regiões, mas principalmente como forças:

---

aussi Fils Unique (Monogène), et Père et Commencement (Principe) de tous les êtres. Fut comprojetée avec lui Verité (*Alêthéia*: féminin), et telle est la prémière et originelle Tétrade; c'est Abîme et Silence, puis Intellect et Vérité.

Le Fils Unique, ayant compris pourquoi il était projeté, projeta à son tour Verbe (*Logos*: masculin) et Vie (*Zôé*: féminin), respectivement Père de toutes choses qui allaient être après lui, et principe et formation du Plérome tout entier. De Verbe et de Vie furent comprojetés Homme et Êglise (*Ekklêsia*: féminin), et c'est là l'Ogdoade primitive. Ces Eons, produits à la gloire du Père, voulurent glorifier le Père par leurs propres créations, et firent des nouvelles projections ou émanations. De Verbe et de Vie sortirent dix Eons de plus; d'Homme et d'Église, douze; en sorte que des Huit, des Dix et des Douze est constitué la Plénitude (Plérôma) de trente Eons en quinze couples [...] . Dans cette chaîne d'émanations, le dernier Eon féminin est Sophia. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 236-238.

257 Avant l'existence du ciel et de la terre et de tout ce qui s'y trouve, il y avait deux natures, l'une bonne et l'autre mauvaise. Chacune des deux est séparée de l'autre. Le principe bon réside dans le lieu de Lumière et on le nomme Père de la Grandeur". En dehors de lui résident ses cinq Sh'kinas: Intelligence, Pensée, Refléxion, Intention ou Volonté, Raisonement. Le principe mauvais est appelé "Roi" ou "Prince des Ténèbres", et il demeure dans sa terre en Ténèbres, entouré de ses cinq Eons (ou "Mondes") les Eons de la Fumée du Feu, du Vent, de l'Eau et des Ténèbres. Le mon de de la Lumière est contigu à celui de la Ténèbre, sans qu'aucune muraille les sépara (Theodore bar Konai). JONAS, Hans. *Le religion gnostique*, p.277.

258 Cf. Idem. Ibidem, p.136.

> Mas a oposição dos dois Princípios deve igualmente ser imaginada de maneira dinâmica. Mais que substâncias, espaços, personagens, e, bem entendido, mais que conceitos, Luz e Trevas são forças cuja expansão definiu o campo e a direção, a natureza. O Bem vai sempre em direção ao Alto, estendendo-se ao inifinito em direção ao Norte, Leste e Oeste. O Mal, pelo contrário, que tende em direção à Baixo, não tem expansão indefinida senão em direção ao Sul.[259]

Quanto à Gnose judaica, que é a Cabala, a explicação que ela dá das dez emanações divinas (*sefiroth*) é, se possível, ainda mais abstrusa e misteriosa que a dos outros sistemas gnósticos.

> No início, quando a vontade do Rei começou a atuar, Ele gravou sinais na aura divina. Uma chama escura jorrou do recesso mais íntimo do mistério do Infinito, Ein Sof, como uma névoa que se forma a partir do informe, cingida no anel desta aura, nem branca nem preta, nem vermelha nem verde, e de nenhuma cor seja ela qual for. Mas quando a chama começou a assumir tamanho e extensão produziu cores radiantes. Pois no centro mais profundo da chama, jorrou uma fonte da qual se verteram flamas sobre tudo abaixo, oculto nos segredos misteriosos do Ein Sof. A fonte irrompeu, mas não irrompeu inteiramente, através da aura etérea que a cercava. Era inteiramente irreconhecível até que, sob o impacto de sua irrupção, um ponto oculto e superno fulgiu. Além desse ponto nada pode ser conhecido ou entendido, e, portanto, é chamado *Reschit*, isto é, "Início", a primeira palavra da criação.[260]

Harnack, falando da Pistis Sophia, diz que é difícil achar leitura "mais intrincada e mais fastidiosa" – *"plus embrouillée et plus fastidieuse"*[261] –, e que se tem impressão de que foi escrita com "o desígnio de divulgar uma insanidade sistemática" – *"le dessein de divulguer une insanité systhématique"*[262]. Parece, pois, que o Zohar ultrapassa a Pistis Sophia em ilogicidade e insanidade sistemática.

Do Ein Sof teriam emanado as dez *Sefirot* que formariam uma espécie de "árvore" ou como que um Homem, expressões que lembram o sistema de Simão Mago.

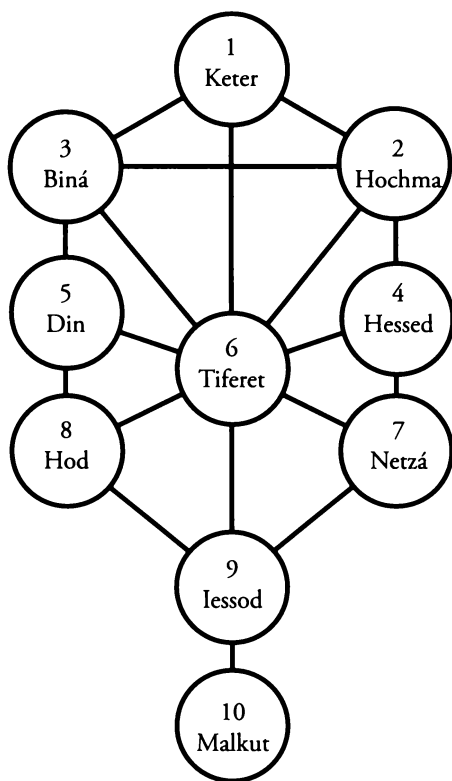
---

259 Mais l'opposition des deux Principes doit également être imaginée de façon dynamique. Plus que des substances, des espaces, des personnages, et bien entendu, plus que des concepts, Lumière et Ténèbres sont des forces dont l'expansion définit le champ et la direction, la nature. Le Bien va toujours vers le Haut, s'étendant à l'infini vers le Nord, l'Est et l'Ouest. Le Mal, au contraire, qui tend vers le Bas, n'a d'expansion infinie, que vers le Sud. PUECH, H. C. "Le Manicheisme" in *Histoire Générale des Réligions*, Vol. III, p. 96.

260 ZOHAR I, 15, apud SCHOLEM, Gerson G. *A mística judaica,* p. 221.

261 LEISEGANG, Hans. *La Gnose.* p. 247.

262 Idem. Ibidem, p. 247.

Eis o esquema das dez emanações sefiróticas saídas do Ein Sof, tal qual Scholem as apresenta[263]:

1. Keter Elion, a "suprema coroa" de Deus;
2. Hochmá, a "sabedoria" ou ideia primordial de Deus;
3. Biná, a "inteligência" de Deus;
4. Hessed, o "amor" ou misericórdia de Deus;
5. Din ou Guevurá, o "poder" de Deus, que se manifesta principalmente como o poder de julgamento e punição severos;
6. Tiferet ou Rahamim, a "compaixão" de Deus, à qual incumbe a tarefa de mediar entre as duas Sefirot precedentes; o nome Tiferet, "beleza", só é usado raramente;
7. Netzá, a "constância duradoura" de Deus;
8. Hod, a "majestade" de Deus;
9. Iessod, a "base" ou "fundação" de todas as forças ativas em Deus;
10. Malkud, o "reino" de Deus, comumente descrito no Zohar como a Knesset Israel, o arquétipo místico da comunidade de Israel, ou como a Schehiná.

263 Cf. SCHOLEM, Gerson G. *A mística judaica*, pp. 215-216.

> "Todos os poderes divinos formam uma sequência de camadas e são como uma árvore" - já lemos no livro Bahir, pelo qual, como vimos, os cabalistas do século XIII tornaram-se herdeiros do simbolismo gnóstico. As dez Sefirot constituem a mística Árvore de Deus, ou árvore do poder divino, representando cada uma um ramo cuja raiz comum é desconhecida e desconhecível. Mas o Ein-Sof é não só a oculta Raiz de todas as Raízes, como também a seiva da árvore; todo ramo que representa um atributo, existe não por si mesmo, mas em virtude do Ein-Sof, o Deus oculto. E esta árvore de Deus também, por assim dizer, o esqueleto do universo; ela cresce por toda a criação e espalha seus ramos por todas as suas ramificações. Todas as coisas mundanas e criadas só existem porque algo do poder das Sefirot vive e atua nelas.
>
> O símile do homem é usado com tanta frequência quanto o da Árvore. A palavra bíblica de que o homem foi criado à imagem de Deus significa duas coisas para o cabalista: primeiro, que o poder das Sefirot, o paradigma da vida divina, existe e é ativo também no homem. Em segundo lugar, que o mundo das Sefirot, isto é, o mundo de Deus, o Criador, é capaz de ser visualizado sob a imagem do homem, o criado. Disto segue-se que os membros do corpo humano, repetindo o exemplo que já dei, não são nada exceto imagens de um certo modo espiritual de existência, que se manifesta na figura simbólica de Adam Kadmon, o homem primordial.[264]

Em Valentino, entre os ofitas, como em Filon e outros gnósticos, encontra-se essa mesma ideia sobre o Homem primordial e divino, modelo do homem atual e do universo.

> [...] é "pelo nome do Homem" que Adão foi feito, e ele causa o medo do Homem preexistente o qual estava precisamente estabelecido nele [diz Valentino]." [...] Isso supõe que Deus, à imagem do qual o homem foi formado, se chamava igualmente Homem. Valentino move-se, portanto, no mesmo cenário especulativo que nós encontramos nos Ofitas e em Filon: o Cosmo espiritual é um homem em grande escala; o Cosmo terrestre é sua imagem e, desse fato, é igualmente um "grande homem"; quanto ao próprio homem, ele é um microcosmo ao mesmo tempo em que, graças à "semente" vinda a ele do mundo espiritual, é uma imagem do protótipo "Homem"; esse último, aqui como nos Ofitas, recebe o nome de "Homem preexistente", mas não é outra coisa senão o Cosmo espiritual imanente a Deus.[265]

---

264 Idem. Ibidem, p. 217.

265 [...] c'est "au nom de l'Homme" qu'Adam a été façonné, et il causa la crainte de l'Homme

De modo que Deus é o "Homem", e as imanações divinas formam o Adão Primordial, o Adão Kadmon da Cabala, o Cosmo espiritual, modelo do Cosmo inferior, que é como um Macro Antropos, um "Grande Homem".

Para os mitos hindus:

> [...] o mestre das criaturas, Prajapati, ou o grande Homem, Puruá, o Homem cósmico, constitui por seu corpo o mundo interior; que ele é o primeiro sacrificador e a primeira vítima, ao mesmo tempo.[266]

O homem atual, por sua vez, é um microcosmo, feito à imagem do universo, do Adão Kadmon e do Deus primordial.

Temos então um significado múltiplo do que sejam os éons para os gnósticos, que podemos enumerar do seguinte modo:

Éons são emanações da divindade primeira, do Tudo-Nada primitivo. Essas emanações são também chamadas gerações ou genealogias;

Éons são potências ou habitações da divindade ou ainda forças (*middot* para a Cabala) divinas emanadas do Nada absoluto.

Éon é o conjunto de

> Cosmo espiritual, o Ser em eterno repouso, à imagem do qual foi formado o mundo móvel. O Éon é o mundo das ideias cuja plenitude forma uma unidade; é, ao mesmo tempo, a eternidade em oposição ao tempo. Platão já havia unificado Ideias e Números.[267]

Mais raramente, éons é termo utilizado para designar os arcontes, isto é, os guardiães das esferas do universo material que procuram impedir que as partículas de divindade, presas na matéria universal, retornem ao Pan primitivo.

---

préexistant lequel était précisement établi en lui, [diz Valentino]". [...] Cela supose que le Dieu à l'image duquel l'homme a été formé s'appelait également l'Homme. Valentin se meut donc dans le même canevas spéculatif que nous avons rencontré chez les Ophites et jusque chez Philon: le Cosmo spirituel est un homme de grande échelle; le Cosmo terrestre est son image et, de ce fait, est également un "grand homme"; quant à l'homme lui même, il est un microcosme en même temps que, grâce à la "semence" venue en lui du monde spirituel, il est une image du prototype "Homme"; ce dernier, ici come chez les Ophites, reçoit le nom d'"Homme préexistant", mais il n'est autre chose que le Cosmo spirituel immanent à Dieu. LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, p. 202.

266 [...] le maître des créatures, Prajâpati, ou le grand Homme, Puruà, l'Homme cosmique, constitue par son corps le monde entier; qu'il est le premier sacrificateur et la prémière victime, tout ensemble. OURSEL, P. Masson. "Les Religions de l'Inde" in *Histoire Générale des Religions*, vol.III, p. 9.

267 Cosmo spirituel, l'Être en éternel repos, à l'image duquel a été formé le monde mobile. L'Aeon, c'est le monde des Idées dont la plénitude forme une unité; c'est en même temps, l'éternité par opposition au temps. Platon avait déjà unifié Idées et Nombres. LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, p. 209.

"Se me chamas, as palavras do mal não me atrapalham e me verei livre dos éons."[268]

Éons significam ainda extensões de espaço e de tempo, isto é, as limitações provenientes da materialidade, os mundos, as gerações, os séculos.

> De onde essa fórmula de grande efeito 'mundos e gerações' que reaparece sem cessar nos escritos mandeanos: "Vaguei através dos mundos e das gerações", diz o redentor. Para a alma não redimida (que talvez seja a do próprio redentor) essa perspectiva do tempo é uma fonte de angústia. Ao terror produzido pela vastidão dos espaços cósmicos responde o terror do tempo a suportar: "Quanto tempo já tenho suportado a permanência no mundo".[269]

Éons são seres dialéticos, pessoais e impessoais, reais e simbólicos, espaciais e temporais.

> O termo "éon" ou "século" designa, para os gnósticos, entidades hierarquizadas do universo. Não se sabe explicar melhor esse termo nebuloso senão citando essas linhas de M. H. C. Puech: A Gnose é incapaz de pensar racionalmente por conceitos, ou concretamente por apreensão, em sua singularidade, pessoas ou eventos da história, os conceitos tornam-se para ela esquemas de contorno mal definido, Entidades meio abstratas, meio concretas, meio pessoais, meio impessoais, éons... fragmentos de duração ou de períodos de tempo espacializados e hipostasiados – os elementos ou as personagens de um drama mitológico; e, por seu lado, indivíduos e fatos históricos são sublimados a meio caminho entre o real e o simbólico.[270]

---

268 Si tu m'appelles, les mondes malfaisantes ne me prendront pas au piège et je ne serai pas la proie des Eons. GUINZA, G., 485 apud, JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p.100.

269 D'où cette formule d'un grand effet 'les mondes et les générations', qui revient sans cesse dans les écrits mandéens: 'j'ai erré par les mondes et les générations' dit le, Rédempteur. Pour l'âme non rédimée (qui peut être celle du Rédempteur lui même), cette perspective du temps est source d'angoisse. À la terreur de l'imensité des espaces cosmiques répond la terreur des temps à endurer: 'Combien de temps ai-je déjà enduré le séjour du monde. Idem. Ibidem, p. 78.

270 Le terme d'"éon' ou 'siècle' désigne pour les gnostiques les entités hiérarchisées de l'univers. On ne saurait mieux expliquer ce terme nébuleux qu'en citant ces lignes de M. H. C. Puech: La Gnose est incapable de penser rationellement par concepts, ou concrètement par appréhension, dans leur singularité, des personnes ou des événements de l'histoire, les concepts deviennent pour elle des schèmes au contour mal défini, des Entités mi-abstraites, mi -concrètes, mi personelles, mi-impersonelles, des 'éons'... des fragments de durée ou des périodes de temps spatialisées et hypostasiées - les élements ou les personnages d'un drame mythologique; et de leur coté individus et faits historiques sont sublimés à mi chemin entre le réel et le symbolique". PUECH, H. C. *En quête de la Gnose* – Vol. I La Gnose et le temps apud JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 66, n. 41.

É interessante notar que essa ambiguidade do termo grego éon é muito semelhante à ambiguidade de sentidos da expressão bíblica *'alam*, que significa ordinariamente séculos e, secundariamente, mundos. Segundo Hanna Zakarias, que dá essas explicações sobre o significado de *'alam*, em hebraico não há expressão para designar mundo. A palavra grega Cosmo só aparece nos livros dos Macabeus.[271]

Uma última observação a respeito dessas emanações gnósticas é sobre o caráter claramente sexual de sua dialética, que, em certas seitas, acabou levando a cultos aberrantes e a práticas monstruosas, como, por exemplo, entre os carpocráticos.

Também nas emanações sefiróticas da Cabala se encontram traços de uma religião sexual.

> [...] a sigízia do masculino e do feminino, cuja introdução no mundo dos éons coloca a Cabala, de uma maneira muito clara, no quadro da tradição gnóstica.[272]

Os cabalistas afirmavam que a sefiroth Yesod era o princípio masculino divino e que a sefiroth Malkult ou Shehiná era o princípio feminino da divindade.

> Pois a sefiroth Yessod [simbolicamente, o *phallus*] do Sofrente-Duradouro nunca agiu na criação do mundo [pela união com sua consorte, mas exclusivamente por meio da união] [do Sofrente-Duradouro] consigo mesmo, pois, apenas no final dos tempos, ele se unirá com sua consorte. Mas quando chegar o tempo de o mundo ser renovado por uma simples vontade, então a união do Sofrente-Duradouro com sua consorte ocorrerá e se produzirá o mistério da alma do messias da Casa de David, que está no mistério da iechidá [o mais alto grau da alma] e, então, haverá permanência, construção e domínio.[273]

Também o significado do nome Faraó, atribuído ao Messias, estava ligado ao culto fálico.[274]

---

271 Cf. ZAKARIAS, Hanna. *De Moise à Mohammed-Islam entreprise juive*, vol. 1, pp. 125-126.

272[...] la syzygie du masculin et du féminin, dont l'introduction dans le monde des éons place la Kabbale, d'une façon fort nette, dans le cadre de la tradition gnostique. SCHOLEM, Gerson G. *Les origines de la Kabbale*, p. 164.

273 For the sefirah Yesod [symbolically, the phallus] of the Long Suffering One never acted in the creation of the world [by way of union with his consort, but exclusively by way of union] with himself, for only at the end of days will he unite himself with his consort. But when the time comes for the world to be renewed by his simple will, then the union of the Long-Suffering One with his consort will take place, and it will produce the mystery of the soul of the Davidic messiah who is the mystery of yehidah [the bighest type of soul], and then there shall be permanence and establishment and dominion. VITAL, apud SCHOLEM, Gerson G. *Sabbatai Sevi*, p. 307. Tradução extraída de SCHOLEM, Gerson G. *Sabatai Tzvi*, vol. I, p. 297.

274 Cf. SCHOLEM, Gerson G. *Sabbatai Sevi*, p. 310.

Se se procurar reduzir os mitos das emanações eônicas a um esquema mais simples, poder-se-ia dizer que os éons eram, para a Gnose, partículas resultantes da divisão dialética da divindade. Tais partículas se opunham dialeticamente umas às outras, de modo que podia dizer que elas eram absolutamente iguais e contrárias entre si.

A igualdade absoluta entre os éons fazia com que eles não tivessem consciência de sua limitação. O todo estaria em cada parte e cada partícula conteria o todo. Cada éon "via-se" nos outros éons, de modo que ao contemplar o conjunto do Pleroma, cada partícula via-se no todo e julgava-se o todo, e, ao mesmo tempo, porque não tinha consciência do que era, julgava-se nada. Em cada éon, portanto, repetia-se a dialética (Tudo = Nada), que havia na divindade primordial.

Se se compara a situação das partículas no *Pan-Bythes* com a situação atual dos seres no universo, verifica-se que o que distingue os éons é sua impessoalidade, sua não individuação. Cada éon não possui, no *Pan*, personalidade própria, mas faz parte do ser coletivo, e por isso cada éon é tudo.

Uma gota d'água no oceano (supondo-se a igualdade absoluta das gotas) ver-se-ia em todas as gotas, e julgaria ser o próprio oceano (tudo), e não teria consciência do que era. Seria como se fosse nada, como se não existisse.

Na Gnose bramânica dos Upanixades, ensinava-se que Brâman era a palavra criadora e a essência do universo. Cada ser material teria dentro de si um âtman (alma, espírito). Porém cada ser existente seria parte e formaria uma só coisa com o Brâman-tudo, de onde a fórmula upanixade:

"Isto tu és, tu és intimamente o brâman; o teu âtman é o brâman, porque o brâman é um âtman".[275]

E ainda: "O âtman cósmico, o âtman absoluto, eis o que tu és".[276]

No comentário de *A Bhagavad Gîta* já citado, o professor Bertolaso Stella diz que "Çamkara explica que o eu é um fragmento do Supremo, da mesma maneira que o espaço num vaso ou numa casa é uma porção do espaço universal".[277]

E já antes dissera o mesmo autor:

> [...] por grande Âtman se entende o intelecto cósmico de que é emanação a *buddhi* ou inteligência individual, um é puro sujeito do conhecer, a outra é propagação individual caduca.[278]

275 Cf. PADOVANI, Umberto et CASTAGNOLA, Luís. *História da Filosofia*, pp. 16-17.

276 L'âtman cosmique, l'âtman absolu, voilà ce que tu es. CURSEI, P. Masson. "Les religions de l'Inde" in *Histoire Générale des Religions*, v. 111, p. 10.

277 STELLA, José Bertolaso. *A Bhagavad Gîta* – Tradução e comentário, p. 112.

278 Idem. Ibidem, p. 55.

A situação de inconsciência dos éons no Pleroma e sua igualdade absoluta, sua identificação com o todo, sua falta de individuação determinavam neles ausência de qualquer limitação e, portanto, de qualquer desejo. Nem matéria, nem tempo, nem ignorância ou curiosidade de saber, nem lei ou regra limitavam os éons. Igualdade absoluta produzirá neles quietude e felicidade absolutas.

Note-se que, para o budismo, por exemplo, ser é sofrer e a causa do sofrimento é o desejo; para não sofrer, é preciso libertar-se do desejo e do ser.

Nas interpretações sexualóides da Gnose, a ausência de desejo proviria do fato de que a divindade seria andrógina, possuindo o masculino e o feminino eternamente unidos:

> [...] os cabalistas que se abstêm de empregar a imageria sexual ao descreverem a relação entre o homem e Deus não mostram nenhuma hesitação semelhante quando passam a descrever a relação de Deus com Si Próprio, no mundo das Sefirot. O mistério do sexo, como se afigura ao cabalista, tem uma significação terrivelmente profunda. Este mistério da existência humana não é para ele nada mais senão um símbolo do amor entre o "Eu" divino e o "Tu" divino, o Santo bendito seja Ele, e Sua Schehiná. O hierós gamos, a "união sagrada" do Rei e da Rainha, o Noivo Celeste e a Noiva Celeste, para mencionar alguns dos símbolos, é o fato central na corrente inteira das manifestações divinas no mundo oculto. Em Deus há união do ativo e do passivo, procriação e concepção, da qual toda vida e felicidade mundanas derivam.
>
> [...] A nona Sefirá, Iessod, da qual todas as Sefirot superiores - soldadas na imagem do Rei - fluem para a Schehiná, é interpretada como a procriadora força vital dinamicamente ativa no universo. Da profundeza oculta desta Sefirá, a vida divina transborda no ato de procriação mística [...] Cumpre notar que Zohar faz uso proeminente de simbolismos fálicos nas especulações concernentes à Séfirá Iessod.[279]

279 SCHOLEM, Gerson G. *A mística judaica*, pp. 228-229.

14
SEGUNDO TEMA: A COSMOGONIA GNÓSTICO-PANTEÍSTA

Tanto a Gnose quanto o Panteísmo rejeitam a criação *ex nihilo*.

No Panteísmo, o Cosmo é apresentado como uma simples etapa da evolução divina. O universo seria um ser divino, eterno e infinito, um organismo vivo.

Para a Gnose, a passagem do Pleroma divino para a situação atual se deu por meio de uma queda, uma ruptura, um exílio, uma degradação da divindade, que constituiu a criação. Foi essa "queda", ou pecado original pré-cósmico, que produziu o universo e todos os males atuais, não só os males físicos e morais, mas o que é, para os gnósticos, o verdadeiro mal, o fato de ser, a existência, isto é, o mal metafísico. A Gnose, como sistema irracional, não procura explicar a queda causadora da criação: apenas a narra. A história da queda divina é apresentada, como era de se esperar, por meio de mitos descabelados e absurdos.

Poder-se-ia dizer esquematicamente que, para a Gnose, a situação de felicidade absoluta reinante no Pleroma era fruto da igualdade e do coletivismo lá reinantes e teria sido destruída por algo que provocou a individuação e a personalização dos éons. Isso teria se dado, ou porque numa das emanações teria surgido um éon sem o contrário que o completasse dialeticamente, ou porque um éon teria agido sem seu cônjuge, produzindo um éon diferente, monstruoso e abortivo: o Demiurgo.

Esse éon diferente, por sua própria existência teria levado os outros éons a compreenderem que não eram tudo. Cada éon teria deixado de se ver naquele éon diferente, e teria tomado consciência de suas limitações e se individualizou. Ter-se-ia tornado algo, nem tudo, nem nada. Daí teriam adivindo a desigualdade, a infelicidade, a distinção entre sujeitos, a materialização, a noção de meu e de teu. Deus teria deixado de ser tudo em todos, e a unidade do Pleroma teria se rompido, surgindo o universo material. O Demiurgo, ignorando ou tendo ciúmes do *Pan-By-thos*, teria aprisiondo os éons na matéria.

Em cada coisa, assim, haveria uma parte material, que encarceraria uma partícula ou um pneuma divino. Por isso, todas as coisas seriam divinas e adoráveis.

No universo criado, haveria uma luta entre as partículas divinas e a materialidade, aquelas tentando se libertar desta.

Vejamos alguns mitos gnósticos sobre a criação do universo.

SIMÃO MAGO

Esse gnóstico dos tempos apostólicos ensinava que há vários deuses, mas que acima de todos há um Deus inconcebível e desconhecido: o Propater. Afirmava ainda que ele próprio era a encarnação do Propater e que a mulher com quem vivia, uma meretriz que comprara para si na Fenícia, era o pensamento primordial de Deus: a Ennoia divina.

> Simão, samaritano, do qual se originaram todas as heresias, apresenta para a seita esta teoria: tendo comprado em Tiro, cidade da Fenícia, Helena, uma prostituta, levou-a consigo nas suas idas e vindas e dizia que ela era o seu primeiro Pensamento, a Mãe de todas as coisas, e que no princípio teve a ideia de criar os Anjos e Arcanjos por meio dele. Essa Enóia saída dele com o conhecimento da vontade do Pai, desceu às regiões inferiores e gerou os Anjos e as Potências pelos quais, afirma ele, foi feito este mundo. Mas depois de os ter gerado, eles, por inveja, a mantiveram prisioneira, porque não queriam ser julgados filhos de alguém insignificante. Eles, porém, ignoravam completamente quem era o Pai deles. Enóia, portanto, ficou retida pelos Anjos e pelas Potências que ela tinha emitido e sofreu toda espéce de afrontas para que não subisse de volta ao Pai dela até que foi encerrada num corpo humano. Durante séculos transmigrou, como um vaso se derrama noutro, em corpos de mulheres. Entre outras, foi aquela Helena por cuja causa aconteceu a guerra de Tróia, e assim se entende porque Estesícoro, que falou mal dela nos seus versos, ficou cego e em seguida recobrou a vista por ter-se arrependido e escrito as assim chamadas palinódias em que a exaltava. Na sua transmigração de corpo em corpo, desde o início, sempre sofreu afrontas e ultimamente se estabeleceu num prostíbulo; ela seria a ovelha desgarrada.[280]

280 2. Hic Helenam quamdam ipse a Tyro civitate Phoenices quaestuariam cum redemisset, secum circumducebat, dicens hanc esse primam mentis ejus conceptionem, matrem omnium, per quam initio mente concepit angelos facere et archangelos. Hanc enin Ennoiam exsilientem ex eo, congnoscentem quae vult pater ejus, degredi ad inferiora, et generare Angelos et Potestates, a quibus et mundum hunc factum dixit. Posteaquam autem generavit eos, haec detenta est ab ipsis propter invidiam, quoniam nollent progenies alterius cujusdam putari esse. Ipsum enim se in totum ignoratum ab ipsis: Ennoiam autem ejus detentam ab iis, quae ab ea emissae sunt. Potestates et Angeli; et omnem contumeliam ab iis passam, uti non recurreret sursum a suum patrem, usque adeo ut et in corpore humano includeretur, et per saecula veluti de vase in vas

Nesse mito gnóstico, afirma-se o aprisionamento da Sabedoria divina na matéria. Autores desse aprisionamento teriam sido os anjos criadores do universo, mas ignorantes da existência do Propater, isto é, da divindade suprema e ignota. O corpo humano, como toda a matéria, seria mau e um cárcere para o elemento divino nele incarnado. Além disso, a vida seria um castigo para que o elemento divino no homem, por meio de sucessivas reencarnações, se purgasse e pudesse voltar afinal para a divindade primeira da qual viera. Em outras seitas gnósticas, vai se repetir essa ideia de uma sabedoria divina decaída: *Sophia-Prounikos*. Sabedoria, a prostituída, encarnada numa meretriz, o que lembra fortemente a deusa razão da Revolução Francesa, adorada em Notre Dame em 1793, na pessoa de uma atriz[281].

VALENTINO

Segundo a Gnose de Valentino, de todas as emanações, só o Nous podia contemplar o Propater. Ele desejava que os demais éons também conhecessem "a raiz sem começo" e todos os éons também tinham esse desejo.

> Dizem também que o seu Protopai é conhecido somente pelo que nasceu dele, o Unigênito, isto é, o Nous, que é invisível e incompreensível para todos os outros Eões. Segundo eles, o Nous era o único a deleitar-se em ver o Pai e a exultar ao contemplar a sua grandeza sem medida. Ele pensava também em participar aos outros Eões a grandeza do Pai, quer enquanto grande e extenso, quer também enquanto era sem princípio, incompreensível e invisível. Mas, pela vontade do Pai, o Silêncio o deteve nesta vontade de levar todos os Eões à compreensão e ao desejo de indagar sobre o seu Protopai. E, da mesma forma, todos os outros Eões desejavam secretamente ver o gerador de sua semente e contemplar aquela que é a sua Raiz sem princípio.[282]

---

transmigraret in altera muliebria corpora. Fuisse autem eam et in illa Helena, propter quam Trojanum contractum est bellum: [...]. Transmigranter autem eam de corpore in corpus, ex eo et semper contumeliam sustinentem, in novissimis etiam in fornice prostitisse: et hanc esse perditam ovem. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, XXIII, 2 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contra as Heresias*, I, 23, 2.

281 Cf. GORCE, Pierre de la. *Histoire Religieuse de la Révolution Française*.

282 1. Ac Propatorem quidem suum Monogeni soli ex se orto, hoc est, No cognitum esse dicunt, a caeteris omnibus nec cerni, nec comprehendi posse. Itaque Nus solus, de eorum sententia, Patrem contemplans in magna voluptate versabatur, atque immensam ipsius magnitudinem considerans exsultabat, ac reliquis etiam Aeonibus amplitudinem Patris exponere cogitabat, nempe quantus, quanque ingens is esset, magnus exsisteret, et quemadmodum erat sine initio, et incapabilis et incomprehensibilis ad videndum. Continuit autem eum Sige voluntate Patris, quoniam vellet omnes hos in intellectum et desiderium exquisitionis Patris sui adducere. Et reliqui quiddem

Aqui é que o mito gnóstico de Valentino coloca a origem de todo o mal: um dos éons, Sofia, quis imitar o Pai, emanando sem o auxilio de seu éon complementar e daí teria gerado um aborto informe, Achamoth, a matéria. Quanto a isso, queremos notar duas coisas:

1. O mito gnóstico não explicou por que a Sofia inferior teve esse desejo mau;

2. É curioso que, à matéria informe, aborto de Sofia, considerada um monstro, se dá também, e paradoxalmente, o nome de Sabedoria, pois que Achamoth é nome proveniente da palavra hebraica Hochma, que é a Sabedoria de Deus, primeira sefiroth da Árvore cabalística.

   O último dos Éons, o mais jovem (e, portanto, o mais exterior), isto é Sofia (a Sabedoria), que se lançou o mais longe e provou uma paixão fora do abraço de seu consorte. Essa paixão tinha começado em vizinhança do Nous e de Aletheia (Intelecto e Verdade), propagou-se e alcançou a Sofia por contágio; ela se declarou logo em Sofia, de sorte que ela perdeu a cabeça, sob pretexto de amor, mas, na realidade, por insensatez e temeridade, visto que ela não tinha com o Pai esta íntima comunhão de que gozava o Nous em sua qualidade de Filho Único.[283]

Fonte desse texto de Jonas é o seguinte trecho do *Contra Haereses* de Santo Irineu:

> Mas o último e mais novo Eão da Duodécada, gerado pelo Homem e a Igreja, isto é, Sofia, excitou-se grandemente e sofreu a paixão mesmo sem o abraço do cônjuge, o Desejado; essa paixão, nascida ao redor do Nous e da Verdade, propagou-se neste Eão, isto é, Sofia, que foi alterada, com aparência de amor, mas, na realidade, de temerariedade, porque não se comunicara ao Pai perfeito da mesma forma que ao Nous. A paixão consistia na procura do Pai: queria – dizem – compreender a sua grandeza e como não lhe fosse possível pelo fato de prender-se ao impossível, entrou em grande angústia por causa da grandeza do Abismo, da imperscrutabilidade do Pai e do amor por ele. Lançando-se

---

Aeones omnes tacite quodammodo desiderabant prolatorem seminis sui videre, et eam, quae sine initio est, radicem contemplari. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, II, 1 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contra as Heresias,* I, 2,1.

283 C'est le dernier des Éons, le plus jeune (et donc le plus extérieur), c'est-à-dire la Sophia (la Sagesse) qui s'élança le plus loin, et éprouva une passion hors de l'étreinte de son conjoint. Cette passion avait commencé au voisinage du Noûs et d'Alêthéia (Intellect et Verité), s'était propagée, et atteignait la Sophia par contagion; elle se déclarait bientôt en Sophia, de sorte qu'elle perdit la tête, sous pretexte d'amour, en réalité par déraison ou par témérité, puisqu'elle n'avait pas avec le Père cette intime communion dont joissait le Noûs en sa qualité de Fils Unique. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 239.

> sempre para a frente, seria finalmente absorvida pela docura do Pai e dissolvida na substância universal se não tivesse encontrado o Poder que consolida e guarda os Eões fora da grandeza inefável. A esta grandeza dão o nome de Limite: segurado por ela e consolidado, quando, com dificuldade, voltou a si e já convencido de que o Pai é incompreensível, abandonou a primitiva Entímese juntamente com a paixão por que fora tomado por causa do assombro e da admiração.[284]

Sofia, pois, não sabendo que só o Propater era capaz de gerar sozinho, gerou, não um ser perfeito, mas um aborto disforme. Quando ela o viu, ficou cheia de confusão, de desgosto e de remorso.

Para salvar Sofia, a Potência suprema ordenou que Nous e Aleitheia emanassem um novo par de éons (o Cristo e o Espírito Santo; masculino e feminino, respectivamente). Para fortalecer o Pleroma rompido por Sofia, o Propater emanou um éon que era, ao mesmo tempo, Cruz e Limite, Stauros e Horas, que tinham por fins respectivos restaurar o Pleroma e separá-lo da criação abortiva de Sofia. É o que se pode ler nos seguintes textos de Santo Irineu:

> Alguns deles transformam esta paixão e retorno de Sofia em mito: querendo fazer uma coisa impossível e incompreensível, gerou uma substância amorfa, da forma que era possível a uma mulher. Examinando-a, primeiramente entristeceu-se por causa do fruto incompleto do parto, em seguida teve medo de que ele perecesse, e por fim, como que fora de si e apavorada, isto é, confusa, procurava a causa disso e como poderia esconder o que tinha nascido dela. Submersa por estas angústias, tomou o caminho de volta e procurou recorrer ao Pai. Depois de curto espaço perdeu as forças e elevou suas súplicas ao Pai e com ela rezaram também os outros Eões, especialmente o Nous. Dizem que é este o início primevo da substância material: a ignorância, a tristeza, o medo e o assombro.

---

284 2. Praesiliit autem valde ultimus, et junior, de duodecade ea, quae ab Anthropo et Ecclesia emissa fuerat, Aeon, hoc est Sophia; et passa est passionem sine complexu conjugis Theleti; quae exorsa quidem fuertat in iis, qui sunt erga Nun et Alethiam; derivavit autem in hunc Aeonem, id est Sophiam, demutatam sub occasione quidem dilectionis; temeritatis autem, quoniam non communicaverat Patri perfecto, quemadmodum et Nus. Passionem autem esse exquisitionem Patris; voluit enim, ut dicunt, magnitudinem eius comprehendere. Dehinc cum non posset, quoniam impossibilem rem aggrederetur, in magna agonia constitutum propter magnitudinem altitudinis, et propter quod investigabile Patris est, et propter eam, quae erat erga eum dilectionem, cum extenderetur semper in priora, a dulcedine eius novissime forte absortum fuisse, et resolutum in universam substantiam, nisi ei, quae confirmat, et extra inenarrabilem magnitudem custodit omnia, occurrisset virtuti. Hanc autem virtutem et Horon vocant, a qua abstentum, et confirmatum, vix reversum in semetipsum, et credentem jam quoniam incomprehensibilis est Pater, deposuisse pristinam intentionem, cum ea, quae acciderat, passione ex illa stuporis admiratione. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, II, 2 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contra as Heresias* I, 2, 2.

> Além desses Eões, o Pai gera por meio do Unigênito, sem esposa e sexo, à sua margem, o acima citado Limite. Às vezes, porém, dizem que o Pai tem o Silêncio como cônjuge, outras, que não há nele distinção de sexo. O Limite é chamado também Cruz, Redentor, Emancipador, Delimitador e Guia. E é justamente por meio do Limite – dizem eles – que Sofia foi purificada e reintegrada na sizígia. Porque, quando foi separada de Entímese com a paixão que a tinha atingido, continou a ficar dentro do Pleroma; mas a sua Entímese com paixão própria, separada, crucificada, expulsa dele pelo Limite, dizem que seria uma substância pneumática, com impulso natural de Eão, porém sem forma nem substância, porque não as recebeu. Eis por que este parto seria um fruto fraco e feminino.[285]

Todo o drama de Sofia é ampla e abstrusamente explorado no famoso livro gnóstico *Pistis Sophia*. Nele se conta como Sofia caiu nas trevas do Caos e lá foi assaltada pelas potências das trevas e especialmente por uma "virtude" ou força com face de leão. Angustiada, ela clama pela luz divina que antes entrevira. O Jesus luminoso é enviado para salvá-la, restabelecendo-a em sua posição anterior no Pleroma divino. Os restos de luz, aprisionados pelas trevas nos homens, serão o centro da salvação na história.

Tudo isso teria sido explicado por Jesus aos apóstolos e às santas mulheres nos onze anos que passara na Terra depois de que "fora ressuscitado".

Dissemos que o texto da *Pistis Sophia* é abstruso. À guisa de exemplo, veja-se o seguinte trecho:

---

285 3. Quidam autem ipsorum hujusmodem passionem, et reversionem Sophiae, velut fabulam narrant: impossibilem et incomprehensibilem rem eam aggressam, peperisse substantiam informem, qualem naturam habebat femina parere: in quam cum intendisset, primo quidem contristatam, propter inconsummationem generationis: post deinde timuisse, ne hoc ipsum finem habeat: dehinc expavisse, et aporiatam, id est, confusam, quaerentem causam, et quemadmodum absconderet id, quod erat natum. In iis autem passionibus factam, accepisse regressionem, et in Patrem regredi conari: et aliquandiu ausam, tamen defecisse, et supplicem Patris factam. Una autem cum ea rogasse et reliquos Aeonas, maxime autem Nun. Hinc dicunt primum initium habuisse substantiam materiae, de ignorantia, et taedio, et timore, et stupore.

4. Pater aautem praedictum Horon super haec per Monogenem praemittit in imagine sua, sine conjuge, masculo-femina. Patrem enim aliquando quidem cum conjuge Sige, modo vero et pro masculo, et pro femina esse volunt. Horon vero hunc et Stauron, et Lytroten, et Carpisten et Horotheten, et Metagogea vocant. Per Horon autem hunc dicunt mundatam et confirmatam Sophiam, et restitutam conjugi. Separata enin intentione ab ea, cum appendice passione, ipsa quidem infra Pleroma perseverasse: concupiscentiam vero ejus, cum passione ab Horo separatam, et crucifixam, et extra eum factam, esse quidem spiritalem substantiam, ut naturalem quemdam Aeonis impetum, informem vero, et sine specie, quoniam nihil apprehendisset. Et propter hoc fructum ejus invalidum et femineum dicunt. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, II, 3-4 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contras as Heresias*, I, II, 3-4.

> Aconteceu, quando Jesus foi ressuscitado dentre os mortos, que ele passou onze anos a falar a seus discípulos e a instrui-los (quem estava lá) até os lugares das primeiras Ordens somente e até os lugares do primeiro mistério que está no interior do véu que está na primeira Ordem, a qual é o vigésimo quatro mistério, e abaixo daqueles que estão na segunda localização do primeiro mistério que está antes de todo mistério: o Pai à semelhança da Pomba. E Jesus dizia a seus discípulos: "Eu vim desse primeiro mistério que é o último mistério, isto é, o vigésimo quatro"; e como os discípulos não sabiam e não compreendiam que há alguma coisa dentro desse mistério, mas pensavam que esse mistério era o chefe do Pleroma e a cabeça de tudo o que existe, pois Jesus lhes havia dito a respeito desse mistério: "É aquele que circunda a primeira Ordem e os cinco Abismos e a grande luz", e, entretanto, Jesus não tinha absolutamente dito a seus discípulos toda a emanação de todos os lugares do Grande Invisível, nem as três Potências Triplas, nem os vinte e quatro Invisíveis com todos os lugares, seus Éons e sua hierarquia do modo que eles emanaram, pois são emanações do grande Invisível, assim como seus Inatos, seus Autogênitos, seus Engendrados, seus Astros, seus Solitários, seus Arcontes, seus Poderes, seus Senhores, seus Arcanjos, seus Anjos, seus Decanos, suas Liturgias e todos os habitantes de suas esferas e todas as hierarquias de cada uma delas, etc.[286]

As paixões de Sofia, atormentada pelos poderes das trevas enquanto estava fora do Pleroma divino, sua tristeza, seu temor e sua angústia ou estupor, foi que teriam sido o elemento original da substância do Cosmo.

É o que se pode ler nos Extratos de Teódoto, conforme São Clemente de Alexandria:

---

286 Il arriva, lorsque Jésus fut ressuscité d'entre les morts, qu'il passa onze ans à parler à ses disciples et à les instruire (qui se trouvait) jusqu'aux lieux des premiers Ordres seulement et jusqu'aux lieux du premier mystère qui est à l'intérieur du voile qui est dans le premier Ordre, lequel est le vingt-quatrième mystère, et en dessous de ceux qui sont dans le second Emplacement du premier mystère qui est avant tout mystère: le Père à la ressemblance de Colombe. Et Jésus disait à ses disciples: "Je suis venu de ce premier mystère qui est le dernier mystère c'est-à-dire le vingt-quatrième"; et comme les disciples ne savaient pas et ne comprenaient pas qu'il y a quelque chose en dedans de ce mystère, mais qu'ils pensaient que ce mystère était le chef du Plérome et la tête de tout ce qui existe, car Jésus leur avait dit au sujet de ce mystère: "C'est lui qui entoure le premier Ordre et les cinq Gouffres et la grande lumière ", et cependant Jésus n'avait point dit à ses disciples toute l'émanation de tous les lieux du Grand Invisible, ni les trois Triples Puissances, ni les vingt-quatre Invisibles avec tous les lieux, leurs Éons et leur hiérarchie, à la manière qu'ils se sont émanés, car ce sont les émanations du Grand Invisible, ainsi que leurs Innés, leurs Autogènes, leurs Engendrés leurs Astres, leurs Solitaires, leurs Archons, leurs Pouvoirs, leurs Seigneurs, leurs Archanges, leurs Anges, leurs Décans, leurs Liturgies et toutes le habitations de leur sphère et toutes les hiérarchies de chacune d'elles, etc. VALENTINO. *Pistis Sophia.* Ouvrage gnostique de Valentin, trad. É. Amélineau (1895), p. 112.

Por isso, o Demiurgo, tendo separado o "puro" do "pesado", enquanto que 'ele penetrava a natureza de cada um desses elementos!, "fez a luz" (Gn 1,3), isto é, fez aparecer esses elementos", os levou à luz e à forma: pois, quanto à luz do sol e do céu, foi muito mais tarde que ele a produziu (Gn 1,14).

E, entre os elementos hílicos, ele faz um a partir da tristeza, criando em sua essência "os Espíritos do mal, contra os quais nós temos de lutar" (Ef 6,12), donde as palavras do Apóstolo: "Não contristeis o Espírito Santo de Deus, no qual vós haveis sido marcados com o selo; (Eph, IV, 30); ele faz o outro a partir do medo, são os animais selvagens; o outro, enfim, a partir do estupor e da angústia, são os elementos do mundo (col. 2,8; 2-20). No interior dos três elementos (materiais), o fogo oscila, dissemina, esconde-se, acende-se por eles, morre com eles; pois ele não tem lugar reservado para si como os outros elementos que entram na composição dos corpos.[287]

O MANIQUEÍSMO

Vimos que para o maniqueísmo haveria duas forças antagônicas iniciais: o Bem, ou a Luz, e o Mal, ou as Trevas. Cada um desses princípios possuía cinco éons.

O princípio do mal (Arimã, Iblis) era também chamado de Matéria (Hylé), porém não no sentido usual. A Matéria primitiva do maniqueísmo era um ser mitológico, pessoal, ativo e espiritual, e não a simples matéria-prima passiva do aristotelismo. Essa Matéria ou Iblis era, ao mesmo tempo, material e imaterial.

Inicialmente, Luz e Trevas viviam lado a lado. Mas as Trevas, divididas e em contínua luta interior, sem saberem que o Deus forte residia na Luz, cobiçaram a Luz, quiseram possuí-la, mas sem quererem ser luz.

---

287 Donc, le Démiurge, ayant séparé le «pur» du «lourd», en tant qu 'il pénétrait la nature de chacun de ces éléments, «fit la lumiére» (Gen. I, 3), c'est-à-dire, fit apparaître ces éléments!, les»amena à la lumière» et à la forme: car, pour la lumière du soleil et du ciel, c'est beaucoup plus tard qu'il la produit (Gen., I, 14).

Et parmi les éléments hyliques, il fait l'un à partir de la tristesse, créant dans leur essence «les Esprits du Mal, contre lesquels nous avons à lutter» (Eph. VI, 12) d'où les paroles de l'Apôtre: 'Ne contristez pas l'Esprit Saint de Dieu, dans lequel vous avez été marqués du sceau; (Eph., IV, 30); Il fait l'autre à partir de la crainte, ce sont les animaux sauvages; l'autre, enfin, à partir de la stupeur et de l'angoisse, ce sont les éléments du monde (col. 2,8; 2-20). À l'intérieur des trois éléments (matériels), le feu oscile, dissémine, se tapit, s'allume par eux, meurt avec eux: car il n'a pour lui de place reservée comme les autres éléments qui entrent dans la composition des corps. SÃO CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Extraits de Théodote*, p. 161.

A Luz nada tinha para lutar e o Deus forte se recusou a enviar seus cinco éons para lutar contra os cinco Bons das Trevas. O Pai da grandeza fez, então, o Homem Primordial que representava o seu Eu.

O Homem Primordial, isto é, Ormuzd, revestiu-se dos cinco deuses - a brisa, o vento, a luz, a água e o fogo -, mas foi vencido pelo Arquidemônio das Trevas, e os cinco deuses da Luz se misturaram com as Trevas. Daí alma do Homem Primordial ter ficado aprisionada no corpo. Ora, essa alma do Homem Primordial é apenas uma hipóstase do Pai da Grandeza, mas a Luz, devorada pelas Trevas, envenenou-as e adormeceu-as, embora ficasse retida nelas.

"Por essa mescla, contudo, a alma se viu submetida às afecções da Matéria e, apesar de sua verdadeira natureza, degradada a participar do mal."[288]

Para libertar o Homem Primordial, o Pai fez outra emanação, o Espírito Vivo, que, com seus cinco filhos, foi salvar o Homem Primordial que jazia nas Trevas. O Espírito chamou o Homem Primordial e lhe deu a mão direita e o fez subir até Deus, mas a alma permaneceu nas Trevas.

"Por essa razão, os maniqueus, quando se encontram, se dão a mão direita em sinal de que aqueles mesmos são os que se salvam da escuridão."[289]

Então, o Espírito Vivo venceu os arcontes e, de seus despojos materiais, isto é, de suas peles e carcaças, fez os céus e a terra. Apesar disso, os arcontes não perdem suas vidas demoníacas e continuam capazes de atuar.

O Espírito Vivo, ou Demiurgo, liberta parte da luz, e, para libertar a restante, é emanado um terceiro enviado, o Mensageiro ou Virgem de Luz.

O Mensageiro organiza, então, uma "máquina" astral para salvar a Luz ainda aprisionada. Por meio das "rodas" do Vento, da Água e do Fogo, a luz libertada sobe por meio da Coluna de Luz (o Homem Perfeito) até a Lua, que vai se enchendo de luz até ficar Lua cheia. Então, a Lua derrama a luz no Sol e para Deus, e depois recomeça seu ciclo.

A CABALA

Para a Cabala, como é expressa no Sefer Ha Zohar, não havia, inicialmente, distinção entre Deus e a criação. O universo criado seria apenas outra forma de Deus e, como Ele, o mundo seria inteiramente espiritual.

---

288 Par ce mélange, toutefois, l'Âme devint sujette aux affections de la Matière et, à l'encontre de sa vraie nature, elle se trouva réduite à participer au mal. LYCOPO, Alexandre de et BOSTRA, Titus apud JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 289.

289 Pour cette raison, les manichéens, quand ils se rencontrent, se serrent mutuellement la main droite en signal qu'ils sont eux-mêmes du nombre des êtres sauvés des Ténèbres. HEGEMONIUS. Acta Aphelaii-VII-5 apud, JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 293.

> Teogonia e Cosmogonia representam não dois atos diferentes da Criação, mas dois aspectos da mesma [...]. A Criação não é nada salvo um desenvolvimento externo daquelas forças que são ativas e vivas em Deus Mesmo [...].
>
> Originalmente, tudo foi concebido como um grande todo, e a vida do Criador pulsou sem impedimento ou disfarce na vida de suas criaturas. Tudo encontrava-se em relação mística direta com tudo o mais, e sua unidade poderia ser apreendida diretamente e sem a ajuda de símbolos. Apenas a Queda fez com que Deus se tornasse "transcendente". Seus resultados cósmicos levaram à perda da união harmoniosa original e ao aparecimento de uma existência isolada das coisas. Toda criação era originariamente de natureza espiritual e, não fosse a intervenção do mal, não teria assumido forma material.[290]

A Queda, que produziu a individuação, teria sido produzida pela 10ª Sefiroth, Malkult ou Shehiná, a Sofia inferior, ao se separar das outras sefirot. A Shehiná é a Sofia inferior isolada no universo material.

A cosmogonia cabalística, que considera o Cosmo originário da Queda do próprio Deus, foi mais desenvolvida pela escola de Safed, no século XVI. A figura principal dessa escola cabalística foi Isaac Luria:

> [...] a forma pela qual Luria apresentou suas ideias lembra acentuadamente os mitos gnósticos da Antiguidade. A similaridade, claro está, não é intencional; simplesmente o fato é que a estrutura de seus pensamentos se assemelha muito de perto à dos gnósticos.[291]

Para Luria, Deus, para criar o universo, teria se contraído para deixar um vazio em seu interior, onde o universo fosse contido. Essa contração divina é chamada Tzimtzum por Luria. Deus contraiu-se, retraiu-se, exilou-se a si mesmo. O Tzimtzum foi um ato de negação e limitação de Deus feito por Ele próprio, e, portanto, seria um ato de julgamento, pois todo julgamento define, delimita. Sendo assim, o Tzimtzum teria sido uma ação da sefiroth chamada Din ou Julgamento.

Ora, essa sefiroth é vista por alguns cabalistas como o lado mau de Deus. Portanto, a origem da criação estaria no mal divino, em seu julgamento (Din).

Segundo os discípulos de Luria:

> [...] o primeiro ato, o ato do Tzimtzum, no qual Deus determina e, por conseguinte, limita a Si mesmo, é um ato de Din que revela

290 SCHOLEM, Gerson G. *A mística judaica*, pp. 225-226.

291 Idem. Ibidem, pp. 262-263.

> as raízes dessa qualidade em tudo o que existe; essas "raízes do julgamento divino" subsistem em mistura caótica com o resíduo da luz divina que remanesceu, após a retirada ou retraimento original, dentro do espaço primário da Criação de Deus. Então um segundo raio de luz emanado da essência do Ein-Sof traz ordem ao caos e põe o processo cósmico em movimento, ao separar os elementos ocultos e moldá-los em uma nova forma.[292]

Dentro do Ein Sof se estabeleceu, então, um processo de agressão e regressão, de fluxo e de refluxo, de inalação e de exalação, ou, como disse mais tarde Boehme, de concentração e de expansão.

À luz divina que restou no vazio determinado pelo Tzimtzum do Ein Sof, Luria chama Reschinu e o compara ao resíduo de óleo ou vinho num recipiente esvaziado.

> Antes de ir adiante, pode ser de interesse salientar que esta concepção do Reschinu tem estreito paralelo no sistema do gnóstico Basílides que floresceu por volta de 124 d.C. Também aqui encontramos a ideia de um "abençoado espaço primordial, que não pode ser concebido, nem caracterizado por nenhuma palavra, embora não tenha sido totalmente abandonado pela "Filialidade", termo com que ele designa a mais sublime realização das potencialidades universais. Da relação da Filialidade com o Espírito Santo ou Pneuma, Basílides afirma que, mesmo quando o Pneuma ficou vazio e separado do Filho, ainda assim reteve ao mesmo tempo o perfume deste, que impregnava tudo em cima e embaixo, até a matéria amorfa e a nossa própria forma de existência. Também Basílides emprega o símile do vaso em que a delicada fragrância de um "unguento docemente aromático" persiste, ainda que o vaso seja esvaziado com o máximo cuidado.
>
> Além disso, temos um protótipo precoce do Tzimtzum no gnóstico "Livro do Grande Logos", um desses espantosos remanescentes da literatura gnóstica preservados pelas tradições coptas. Aí aprendemos que todos os espaços primordiais e suas "paternidades" vieram à existência devido à "pequena ideia", o espaço que Deus deixou para trás como o radiante mundo de luz quando Ele "recolheu a Si mesmo dentro de Si mesmo". Esta retirada que precede toda emanação é repetidamente acentuada.[293]

Da luz divina, foi emanado o Adão Kadmon, o homem primordial, primeira manifestação da divindade depois do Tzimtzum. Dos olhos de Adão Kadmon, de sua boca, de seus ouvidos e de seu nariz jorravam as luzes das

---

292 Idem. Ibidem, p. 266.

293 Idem. Ibidem, pp. 267-268.

sefiroth. Estas luzes foram reunidas em "vasos". Os "vasos" que receberam as luzes das três primeiras sefiroth foram suficientemente fortes para contá-las, porém os vasos que receberam as luzes das sete outras sefiroth se romperam. Essa "ruptura dos vasos" foi que desencadeou o drama cosmogônico. Tal ruptura se deu, segundo Luria, porque no vazio provocado pelo Tzimtzum, a luz divina se misturara com as forças do mal, as "cascas" (klipot).

O mal, todavia, já existia misturado à essência divina da Sefirá do Julgamento (Din).

Foi para se purificar do mal que havia em si mesmo que o próprio Deus iniciou o seu processo catárquico com o Tzimtzum.

Foi, portanto, a "ruptura dos vasos" que permitiu a mistura da divindade e do mal, que existe em todo o Cosmo.

Toda a existência passou a ser, depois disso, um processo de recuperação da luz divina para fazê-la retornar à divindade original: é o Tikun dos cabalistas.[294]

294 Idem. Ibidem, pp. 268-271.

15
TERCEIRO TEMA: O DEMIURGO

Por mais que variem os mitos gnósticos, o que eles procuram explicar é o problema do mal, que era concebido como metafísico, isto é, como ser.

Sendo Deus bom, não se poderia atribuir a Ele a causa do mal. A falsa solução foi inventar um "deus" mau, responsável pela existência de todo o mal do universo.

No maniqueísmo, o principio do mal é posto, em certo sentido, como igual e coeterno ao Bem, embora, como dissemos, se possa perceber certa primazia do Pai da Grandeza, deus da Luz e do Bem.

Noutras seitas gnósticas, a oposição entre a divindade suprema e o princípio do mal se realiza ao afirmar-se que o deus criador é o princípio do mal.

O deus criador é apresentado como inimigo da divindade abissal. Ele é o "Demiurgo", éon diferente dos demais, personalizado, egoísta, porque não "esposa" a dialética; é ignorante, porque não conhece a divindade suprema e coletiva do Pleroma, e se considera, por isso, o único Deus; é mau, porque destruiu a felicidade divina, criando a desigualdade, a individuação e a personalização; é, por fim, o criador da matéria, isto é, do mal.

Quer na apresentação maniqueia, quer na fórmula gnóstica, o problema da origem do mal é apenas transferido e *não* solucionado: acaba-se por perguntar como o Deus bom permitiu um triunfo relativo do princípio do mal. De qualquer forma, ao se admitir que, metafisicamente falando, o mal existe, chega-se ao dualismo maniqueu gnóstico.

Na Gnose, o Demiurgo é sempre considerado mau e identificado com Satã e com Yahwé dos judeus, criador dos céus e da terra.

> Esse é, com efeito, um dos pontos em que o rompimento entre a filosofia grega e a Gnose é o mais aparente. Há blasfêmia para o sábio em negar a divindade do mundo. E é uma grosseira

impiedade, para o gnóstico, encarar como divino um mundo feito de matéria, portanto essencialmente mau.[295]

Na Antiguidade pagã, às vezes, surgiam filósofos que juntavam as duas correntes. Foi o que aconteceu com Platão, que ora condenava a matéria, ora não, e, por isso, ora considerava o Demiurgo como um ser mau, ora como um ser bom.

> Parece que Platão não tem em toda parte a mesma linguagem, de tal maneira que se tenha podido reconhecer facilmente o que ele quer dizer (Plotin IV, 8,1,27 ss). Pois, às vezes, ele despreza todo o sensível e censura a união da alma com o corpo (corpo, prisão, etc., mundo, caverna, perda de asas), às vezes (1.41, ss.), no Timeu, falando desse universo visível, feliz, ele diz que a alma foi dada pelo Demiurgo, que é bom para que esse universo seja provido de inteligência, visto que era preciso que ele fosse e que ele não podia sê-lo sem uma alma.[296]

Embora com algumas variações, o Demiurgo, criador da matéria, é normalmente apresentado como o inimigo do *Deus absconditus*, sendo que o primeiro imita caricaturamente ou ignora o segundo.

> O lugar exato no qual era preciso colocar o Demiurgo variava segundo as seitas. Ele poderia ser Yahwé, o deus dos judeus, que, segundo o Gênesis, fez a terra e tudo o que está nela. Em todos os casos, era ou ignorante de Deus, o Primeiro Princípio, ou seu adversário.[297]

Na corrente gnóstica, o Demiurgo é sempre considerado mau por ser o criador da matéria. Daí os gnósticos apresentarem o Deus do Antigo Testamento como mau e inimigo do Deus superior. Todas as seitas gnósticas que opõe o Novo ao Antigo Testamento estão nesse caso. Exemplo típico disso é Marcion.

---

295 C'est ici, en effet, l'un des points où la coupure entre philosophie grecque et Gnose est le plus apparente. Il y a blasphème, pour le sage, à nier la divinité du monde. Et c'est une grossière impiété, pour le gnostique, que de regarder comme divin un monde fait de matière, donc essentiellement mauvais. FESTUGIÈRE, R.P. André-Jean. *La Revelation d'Hermès Trismégiste* – Vol. III, p. 61.

296 Il apparait que Platon ne tient pas partout le même langage de telle manière qu'on eut pu reconnaître facilement ce qu'il veut dire (Plotin IV, 8, 1, 27 ss.). Car tantôt il méprise tout le sensible et blâme l'union de l'âme avec le corps (corps, prison, etc. monde, caverne, perte des ailes) tantôt (1. 41, ss.) dans le Timée, parlant de cet univers visible, heureux, il dit que l'âme a été donnée par le Démiurge, qui est bon pour que cet univers soit pourvu d'intelligence, puiqu'il fallait qu'il le fût et qu'il ne pouvait l'être sans une âme. PLOTINO *apud* FESTUGIÉRE, R. P. André Jean. *La révélation d'Hermès Trismégiste* – Vol. III, p. 72.

297 La place exate à laquelle il fallait mettre le Démiurge variait selon les sectes. Il pouvait être Yahwé, le dieu des juifs, qui, d'a près la Génèse, a fait la terre et tout ce qui est en elle. Dans tout le cas, il était, soit ignorant de Dieu, le Premier Principe, soit son adversaire. RUNCIMAN, Steven. *Le Manichéisme médiéval*, p. 12.

Entre os caimitas, considerava-se que, sendo Yahwé o deus do mal, todos seus protegidos eram maus e que aqueles que a Bíblia apresentava como malditos por Yahwé eram bons. Por isso, os caimitas tinham como patronos Caim, Esaú, Coré e Judas, e desprezavam Abel, Jacó e Moisés. E, porque a serpente se opõe ao Criador, muitas seitas gnósticas veneravam a serpente como imagem do Primeiro Princípio, do *Deus absconditus*, inimigo do Demiurgo.

> Esta serpente universal, diz o Perate, é o sábio discurso de Eva. É o mistério do Éden, é o rio que sai do Éden, é o sinal com o qual Deus marcou Caim para o impedir de ser morto por aqueles que o encontrassem. Esse Caim é aquele de quem o Deus deste mundo não recebeu com agrado o sacrífio, mas aceitou o sacrifício sangrento de Abel, pois o mestre desse mundo ama o sangue.[298]

A serpente, no paraíso terrestre, teria procurado revelar a Adão e Eva, ignorantes, que o criador não era o Deus verdadeiro. Fora a serpente, pois, quem primeiro revelara a Gnose.

> [...] o ato da serpente marca o início de toda Gnose na Terra. A Gnose, por sua própria origem, leva a marca da hostilidade ao mundo e a seu Deus e, por assim dizer, um contrasselo de rebelião.
>
> Os peratas, absolutamente lógicos, não titubearam em considerar o Jesus histórico como encarnação particular da 'Serpente universal', isto é, da serpente do Paraíso onde se viu um princípio.[299]

Talvez, em nenhuma Gnose tanto como na de Marcion, se tenha sublinhado tanto o ódio ao Deus do Antigo Testamento, identificado com o Demiurgo.

> E Marcion, cujo ódio ao Deus criador do Antigo Testamento o levou às conclusões mais radicais sob todos os pontos de vista, ensinava que, se Cristo desceu aos Infernos, foi só para redimir Caim, Coram, Datan e Abiram, Esaú e todas as nações que não aceitaram o Deus dos judeus, enquanto Abel, Enoc, Abraão, etc.

---

298 Ce serpent universel, dit le Pérate c'est le sage discours d'Eve. C'est le mystère de l'Éden, c'est le fleuve qui sort de l'Éden, c'est le signe dont Dieu marqua Cain pour l'empêcher d'être tué par ceux qui le rencontreraient. Ce Cain est celui dont le dieu de ce monde n'agréa pas le sacrifice, mais il agréa le sacrifice sanglant d'Abel, car le maître de ce monde aime le sang. SANTO HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena,* p. 176.

299 [...] l'acte du serpent marque le commencement de toute Gnose sur terre. La Gnose, par son origine même, porte le sceau de l' hostilité au monde et à son Dieu, et, pour ainsi dire, un contre-sceau de rebellion.

Les pérates, logiques absolument, ne répugnèrent même à tenir le Jésus historique pour incarnation particulière du 'Serpent universel', c'est à dire de ce serpent du Paradis où l'on a vu un principe. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p.129.

> foram abandonados nesse mundo inferior, pois tinham servido ao Criador e se comprazido em sua lei.[300]

E o gnóstico Cerinto ensinava que:

> [...] o mundo não foi feito pelo primeiro Deus, mas por uma Potência distinta e bem afastada da Potência que está acima de todas as coisas que não conhecia o Deus que está acima de tudo.[301]

O mundo foi feito não pelo primeiro Deus, mas por uma Potência que estava muito longe e muito separada dele, a qual está acima do universo, e que ignorava a Deus que está acima de todas as coisas.

Também Cerdon, como Marcion, opunha o Deus do Antigo Testamento ao Pai de Jesus Cristo:

> [...] ensinou que o Deus anunciado pela Lei e os profetas não é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo: o primeiro é conhecido, o segundo é incognoscível, um justo, o outro bom.[302]

Para Valentino e seus seguidores, o Demiurgo era um ser ignorante que criara um universo caricato por não conhecer o mundo do Pleroma:

> Asseguram que o Demiurgo julgava ter produzido tudo isso de si mesmo, mas que fora por obra de Acàmot que fez o céu sem conhecer o Céu, que plasmou o homem sem conhecer o Homem, fez aparecer a terra sem conhecer a Terra, e assim com todas as coisas, ignorando os modelos dos seres que fazia. Ignorando até a própria Mãe, imaginava ser ele todas as coisas.[303]

---

300 Et Marcion, que la haine du dieu-createur de l'Ancien Testament conduisit à des conclusions radicales à tous points de vue, enseignait que si le Christ descendit aux enfers, ce fut uniquement pour sauver Cain, Coré, Dathan et Abiram, Esaú, et toutes les nations qui ne reconnurent pas le Dieu des Juifs, tandis qu'Abel, Enoch, Noé, Abraham et les autres furent abandonnés dans le bas monde, eux qui avaient servi le createur et pris plaisir à sa loi. Idem. Ibidem, p. 131.

301 1. [...] non a primo Deo factum esse mundum docuit, sed a Virtutem quadam valde separata, et distante ab ea principalitate, quae est super universa, et ignorante eum, qui est super omnia, Deum. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, XXVI, 1 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contra as Heresias*, I, 26, 1.

302 1. [...] qui a lege et prophetis annuntiatus sit Deus, non esse Patrem Domini nostri Jesu Christi. Hunc enim cognosci, illum autem ignorari: et alterum quidem justum, alterum autem bonum esse. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, XXVII, 2 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contra as Heresias*, I, 27, 1.

303 3. Haec autem Demiurgum dicunt a semetipso quidem putasse in totum fabricasse; fecisse autem ea Achamoth. Coelum enim fecisse nescientem coelum, et hominem plasmasse ignorantem hominem, terram autem ostendisse non scientem terram, et in omnibus sic dicunt ignorasse eum figuras eorum, quae faciebat, et ipsam matrem, semetipsum autem putasse omnia esse. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, V, 3 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contra as Heresias*, I, 5, 3.

> [...]
>
> É por isso que o Demiurgo, incapaz de conhecer as coisas pneumáticas, pensou ser o único Deus e pelos profetas disse: Eu sou Deus e não há nenhum outro fora de mim. Em segundo lugar, ensinam que as coias espirituais más foram feitas pela tristeza; daqui se originarem o diabo, que chama também de Senhor do mundo, os demônios e toda a substância pneumática do mal. Mas, afirmam, enquanto o Demiurgo é o filho psíquico da Mãe deles, o Senhor do mundo é criatura do Demiurgo e entende as coisas que estão acima dele porque é espírito do mal, ao passo que o Demiurgo as desconhece, por ser de natureza psíquica.[304]

Santo Hipólito mostra que os peratas identificavam o criador com o demônio, pois aplicavam a ele o que o Cristo afirmava do demônio, que ele era homicida desde o princípio e inimigo do Pai de Cristo que estava nos céus.

> Quando, portanto, o Salvador diz 'Vosso Pai que está nos céus', ele fala daquele do qual o Filho tomou as características para as transportar aqui embaixo; e quando ele diz 'Vosso pai que é homicida desde o princípio' (Cfr. Jo, 8,44), ele fala daquele que é o Mestre e o artesão da Matéria, daquele que, tomando as características transmitidas pelo Filho, gerou aqui embaixo. Ele é homicida desde o princípio, pois é sua obra que produz a corrupção e a morte.[305]

Basílides confirma essa identificação gnóstica do Demiurgo com o Deus dos judeus:

> Os Anjos que ocupam o céu inferior, o que nós vemos, fizeram todas as coisas do mundo, dividindo entre si a terra e os povos que se encontram nela. O chefe de todos eles é aquele que passa por Deus dos hebreus. Este quis submeter aos seus homens, isto é, os

---

304 4. [...] Et propter hoc superiorem eum exsistentem praescire quae sunt spiritalia, et se putasse solum Deum, et per prophetas dixisse: Ego Deus, et praeter me nemo. De tristitia autem spiritalia malitiae docent facta: unde et diabolum genesin habuisse (quem est Cosmocratorem vocant), et daemonia, et omnem spiritalem malitiae substantiam. Sed Demiurgum quidem psychicum filium matris suae dicunt, Cosmocratorem vero creaturam Demiurgi: et Cosmocratorem quidem intelligere ea quae sunt supra eum, quoniam sit spiritalis malitia; Demiurgum vero ignorare cum sit animalis. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, V, 4 in Migne, Vol. VII. Idem. *Contra as Heresias*, I, 5, 4.

305 Quand donc le Sauveur dit: 'Votre Père qui est dans les cieux' il parle de celui dont le Fils a pris les traits pour les transporter ici-bas ; et quand il dit : 'Votre père est homicide dans le commencement' (cfr. Jean, VIII, 44), il parle de celui qui est le Maître et l'artisan de la Matière, de celui qui, prenant les traits transmis par les Fils, a engendré ici-bas. Il est homicide dès le commencement, car c'est son oeuvre qui produit la corruption et la mort. SANTO HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, pp. 180-181.

> hebreus, as outras nações. Então as outras Potestades insurgiram-se e combateram este povo, e por este motivo também os outros povos combateram o dele.[306]

As mesmas doutrinas eram ensinadas por aqueles que Santo Irineu chama de Barbelonitas.

> Depois, movida pela simplicidade e pela bondade, gerou um complexo de Ignorância e Presunção que eles dizem ser o Protoarconte, artífice deste universo. Ele tirou um grande poder de sua Mãe e se afastou dela nas regiões inferiores e criou o firmamento do céu, no qual dizem que mora. Sendo a Ignorância, criou as Potências que estão abaixo dele, os Anjos, os firmamentos e todas as coisas da terra. Em seguida uniu-se à Presunção e gerou a Iniquidade, o Ciúme, o Homicídio, a Vingança e a Paixão. Gerados estes, a Mãe Sofia fugiu e se refugiou contristada nas alturas, enquanto, a contar de baixo, se formou Ogdôada. Quando ela se afastou, julgando estar só, disse: "Eu sou um Deus ciumento e afora mim não há nenhum". Estas são as mentiras deles.[307]

Os chamados Ofitas davam ao Demiurgo o nome de Jaldabaoth e lhe atribuíam a mesma ignorância já comprovada pelos textos gnósticos citados.

> Jaldabaoth, cheio de contentamento, vangloriava-se motivado por todas estas coisas que lhe estavam submetidas, dizendo: "Eu sou o Pai e Deus, acima de mim não há ninguém". Ao ouvir isto a Mãe lhe gritou: Não mintas, Jaldabaoth, porque acima de ti há o Pai de todas as coisas, o Primeiro Homem, e o Homem, Filho do Homem.[308]

---

306 4. Eos autem, qui posterius continent coelum, Angelos, quod etiam a nobis videtur, constituisse ea quae sunt in mundo omnia, et partes sibi fecisse terrae, et earum, quae super eam sunt, gentium. Esse autem principem ipsorum eum, qui Judaeorum putatur esse Deus. Et quoniam hic suis hominibus, id est Judaeis, voluit subjicere reliquas gentes, reliquos omnes principes contra stetisse ei et contra egisse. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, XXIV, 4 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contra as Heresias*, I, 24, 4.

307 4. [...] Hoc autem opus ejus esse Proarchontem dicunt, fabricatorem conditionis hujus: virtutem autem magnam abstulisse eum a matre narrant, et abstitisse ab ea in inferiora, et fecisse firmamentum coeli, in quo et habitare dicunt eum. Et cum sit ignorantia, fecisse eas, quae sunt sub eo, potestates, et angelos, et firmamenta, et terrena omnia. Deinde dicunt adunitum eum authadiae, generasse kakian, zelon, et phthonum, et erinnyn, et epthymiam. Generatis autem his, mater Sophia contristata refugit, et in altiora recessit, et fit deorsum numerantibus octonatio. Illa igitur secedent, se solum opinatum esse, et propter hoc dixisse: *Ego sum Deus zelator, et praeter me nemo est.* Et hi quidem talia mentintur. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, XXIX, 4 in Migne, Vol. VII. Idem. *Contra as Heresias*, I, 29, 4.

308 6. Unde exultantem Ialdabaoth, in omnibus his quae sub eo essent gloriatum et dixisse: *Ego Pater, et deus et super me nemo.* Audientem autem matrem clamasse adversus eum: *Noli mentiri, Ialdabaoth: est enim super te Pater omnium primus Anthropus, et Anthropus filius Anthropi.* SANTO

Por isso, tanto os mandeanos quanto os maniqueus punham na boca de Adão palavras de maldição contra o criador do corpo.

Num texto da Gnose mandeana, lê-se: "Maldito seja o criador de meu corpo, o que pôs grilhões em minha alma, e esses rebeldes que me escravizaram."[309]

H. C. Puech resume um texto maniqueu de Théodor Bar Kônai sobre a criação de Adão em que se mostra como o Salvador (Jesus – o Luminoso, Ohrmizd, o Homem Primitivo ou o Filho de Deus) revelou a Adão sua verdadeira natureza divina aprisionada agora num corpo material. Quando Adão se deu conta de seu triste estado...

> Então Adão olhou e chorou. Ele elevou fortemente a voz como um leão rugindo, arrancou os cabelos, bateu no peito e disse: "Maldito seja o criador de meu corpo, aquele que pôs grilhões em minha alma e esses rebeldes que me escravizaram".[310]

Marcion opunha o "artesão", o Demiurgo, o "soberano deste éon", o deus da criação ou da geração, que era possível conhecer, ao deus escondido, ao deus desconhecido, o "estrangeiro". O Demiurgo seria justo e autor da lei do Antigo Testamento, enquanto que o deus do Novo Testamento seria bom e misericordioso, um deus-amor.

Por isso, dever-se-iam rejeitar a lei e as coisas deste mundo, e bastaria a fé para a salvação, sem necessidade de obras.[311]

Tudo isso faz lembrar muito a tese luterana da fé sem as obras, bem como a declaração de Lutero: "Moisés é um homem muito mal, servo do Deus do Mal" – "*Moîse c'est un homme très mauvais, serf du Dieu du Mal*".

A penetração de ideias gnósticas no luteranismo, aliás, é insinuada pelo seguinte texto de Leisegang:

> Um exemplo permitirá mensurar a repercussão da cosmologia gnóstica e de sua correspondente *Weltanschauung*. Trata-se de uma gravura de madeira da escola de Dürer e tirada da primeira Bíblia completa de Lutero, impressa em 1534 em Wittenberg por Hans Lufft. O conjunto inspira-se novamente na narrativa bíblica da

---

IRINEU. *Contra Haereses*, I, XXX, 6 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contra as Heresias*, I, 30, 6.

309 Malheur, malheur au créateur de mon corps, à celui qu'y a lié mon âme et aux rebelles qui m'ont asservi. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p.120.

310 Alors Adam regarda et pleura. Il éleva fortement la voix comme un lion rugissant, s'arracha les cheveux, se frappa la poitrine et dit: Malheur, malheur au créateur de mon corps, à celui qui a lié mon âme et aux rebelles qui m'ont asservi. PUECH, H. C. "Le Manichéisme" in Histoire Générale des Religions, v. III, p. 98.

311 Cf. JONAS, Hans. *La religion gnostique*. pp.187-195.

> criação. As figuras tenebrosas de prótomos desapareceram. Deus Pai lança-se sobre o mundo um olhar pleno de bondade. Ele não tem mais o mundo em suas mãos, ele voa sobre sua obra numa pura luz. Tudo é amável e tranquilo. As esfera compenetram-se discretamente, mas é possível ainda distingui-las. Contudo o mundo continua a estar circulado por um círculo de fogo obscuro que isola o mundo terrestre do reino da luz, no qual Deus governa.[312]

Na Reforma Protestante, manifesta-se de modo claro uma tendência a divinizar o homem nas seitas anabatistas, herdeiras do Panteísmo e da Gnose dos Irmãos do Livre Espírito.

Também no luteranismo se pode notar o mesmo fenômeno. Lutero deve suas tendências gnósticas mais claras ao pensamento de Mestre Eckhart. Além disso, Lutero não desconhecia a Cabala. Aliás, o Mestre Geral de sua Ordem – os Eremitas de Santo Agostinho –, quando da revolta luterana, era o cardeal Guido de Viterbo, que foi um dos mais famosos cabalistas cristãos da Renascença.[313]

Veja-se, por exemplo, o seguinte texto de Lutero, citado por Feurbach:

> O outro homem será renovado para viver uma vida espiritual; será igual a Deus em sua vida, em justiça, em glória e em sabedoria.[314]

Ou este outro:

> "Deus é onipotente; porém aquele que crê é um Deus" (Lutero T. I, XIV, p. 320). Em outro lugar, Lutero chama à fé "criadora da divindade". Certamente agrega a restrição, o que, a partir de seu ponto de vista é necessário: "isso não significa que tal homem creia em um ser divino e eterno a não ser que o creia em nós" (Lutero T. IX, p. 161).[315]

---

312 Un exemple permetra de mesurer le retentissement de la cosmologie gnostique et de sa Weltanschauung correspondante. Il s'agit d'une gravure de bois de l'école de Dürer et tirée de la prémière Bible complète de Luther, imprimée en 1534, à Wittenberg par Hans Lufft. L'ensemble s'inspire de nouveau de récit biblique de la création. Les figures ténébreuses de protomes ont disparu. Dieu le Père abaisse sur le monde un regard plein de bonté. Il ne tient plus le monde dans les mains, il plane sur son oeuvre dans une pure lumière. Tout est aimable et tranquille. Les sphères se compénètrent discrètement, mais on les distingue encore. Néanmoins, le monde continue d'être encerclé par le cercle de feu obscur qui isole le monde terrestre du royaume de la lumière, dans lequel Dieu trône. LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, p. 23.

313 Cf. SECRET, François. *Les kabbalistes chrétiens de la renaissance,* pp 106-126.

314 El otro hombre será renovado para vivir una vida espiritual; será igual a Dios en su vida, en justicia, en gloria y en sabiduria" (Lutero T. I p. 329). LUTERO apur FEURBACH, L. *La esencia del cristianismo*, p. 305, nota 143.

315 Dios es omnipotente; pero el que cree es un Dios" (Lutero T. I, XIV, p. 320). En otro lugar llama Lutero a la fe: "creadora de la divinidad". Por cierto agrega, lo que desde su punto de vista

Curiosamente, o demirugo é chamado também de Lugar (*topos*), talvez porque, criando a matéria, criou também o espaço, o lugar e o tempo: "Nos fragmentos de Teodoto, está dito também "Lugar"; na tradição judaica, trata-se de uma maneira indireta de se nomear Deus".[316]

No *Apócrifo de João*, livro gnóstico descoberto em Khenoboskion e do qual Jean Doresse dá um resumo, narra-se um mito semelhante ao dos valentinianos.

Diz-se aí que, do deus primordial inconcebível, surgiram muitas emanações. A última das emanações, Sofia, teria querido criar sozinha, como o Pai, isto é, sem cônjuge. Ela gerou então um monstro com aparência de serpente e de leão – chamado Jaldabaoth, Sada ou Samael – o deus cego ou deus dos cegos[317], que se tornou o Demiurgo do mundo inferior. Ele gerou com a Ignorância doze arcontes ou potências. Completada a criação, e ignorando o mundo superior, Jaldabaoth proclamou-se o único deus: Eu sou um deus ciumento e não há outros deuses além de mim.[318] Nesse mesmo livro gnóstico, sempre que Cristo se refere a fatos bíblicos, ele diz a São João: "Sobretudo, não compreenda isso da maneira como Moisés a disse".[319]

Uma observação a respeito do Demiurgo é dada por um texto de Leisegang. Falando a respeito da Gnose de Simão Mago, esse autor afirma que o Demiurgo era para alguns o lado espiritual desse mundo, dando uma apresentação dialética do Demiurgo-mundo bastante curiosa:

> Não se deve, em primeiro lugar, jamais perder de vista que o Demiurgo mau e o mundo mau formam uma unidade indivisível; o Demiurgo é simplesmente o lado espiritual do corpo do mundo. É do Deus bom que procede o mundo mau e esse, por um processo inverso, volta novamente ao Deus bom. No ciclo do vir a ser e sob a pressão de uma dialética que deve se desenvolver do bem ao mal e do mal ao bem, a aceitação de um deus cósmico mau é uma necessidade lógica. Que esse Deus mau descoberto à força de raciocínio tenha sido em seguida identificado, segundo as diferentes etapas da Gnose, com o Iahvé judaico, com o diabo, e

es necesario, la restriccion: "esto no significa que tal hombre cree un ser divino y eterno sino que lo crea in nosotros" (T. IX, p. 161). Idem. Ibidem, p. 299, nota 102.

316 Dans les Extraits de Théodote, il est dit aussi "Lieu" tout court (topos); dans la tradition juive, c'est une façon détournée de nommer Dieu. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 250, nota 1.

317 Cf. JONAS, Hans. *La religion gnostique*. p.399, nota 02 .

318 Cf. DORESSE, Jean. *Les livres secrets des gnostiques d'Égypte*, pp. 218-222.

319 Surtout, ne comprends pas celà de la façon dont Moïse l'a dit. Idem. Ibidem, p. 222.

mesmo com Satã, isso é apenas secundário e prova simplesmente as relações de um sistema concebido por si mesmo com elementos postos à sua disposição pelas religiões e mitologias anteriores.[320]

320 Il ne faut, tout d'abord, jamais perdre de vue que le Démiurge mauvais et le monde mauvais forment une indivisible unité; le Démiurge est simplement le côté spirituel du corps du monde. C'est du Dieu bon que procède le monde mauvais et celui-ci, par un processus inverse, remonte au bon Dieu. Dans le cycle du devenir et sous la pression d'une dialectique qui doit se développer du bien au mal et du mal au bien, l'assomption d'un dieu cosmique mauvais est une nécessité logique. Que ce Dieu mauvais découvert à la pointe de la pensée ait été dans la suite identifiée, suivant les différentes étapes de la Gnose, avec le Iahvé juif, avec le diable, voire avec Satan, cela n'est que secondaire et prouve simplement les attaches d'un système conçu pour lui-même avec les éléments mis à sa disposition par les réligions et les mythologies antérieures. LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, pp. 74-75.

16
QUARTO TEMA: A ANTROPOGENIA

A Religião do Homem, quer na forma panteísta, quer na forma gnóstica, tem de dar uma importância central ao papel do Homem.

Para o Panteísmo, são três as formas assumidas pela divindade:

1. O Deus primordial;
2. O Cosmo;
3. O Homem.

É o que se afirma no Hermes Trismegisto: "O mestre da eternidade é o primeiro Deus, o mundo é o segundo, o homem é o terceiro".[321]

A mesma doutrina já fora exposta no Poimandrès: "[...] o homem é o segundo Deus, um animal imortal".[322]

E também já foi dito que o homem é um animal divino: "Assim, ousemos dizer que o homem é um Deus mortal e que um Deus celeste é um homem imortal."[323]

O homem seria, pois, um microcosmo, enquanto o Cosmo seria um mega-antropos.

Na Gnose, o Homem é um tema central, já que ele é o ponto que une o espiritual e o material, e é, portanto, o ponto inicial do retorno à divindade.

Também a Gnose repete a ideia da relação Homem-Universo: "Pois se o homem é uma redução do universo, isso significa que o universo é um homem ampliado, um *Anthropos* gigante".[324]

---

321 Le maître de l'éternité est le premier Dieu, le monde est le second, l'homme est le troisième. TRISMEGISTO, Hermes, p. 128.

322 [...] l'homme est le second Dieu, un animal immortel. Idem. Ibidem, p. 48.

323 Ainsi, osons dire que l'homme est un Dieu mortel et qu'un Dieu céleste est un homme immortel. Idem. Ibidem, p. 69.

324 Car si l'homme est une réduction de l'univers, cela signifie que l'univers est un homme agrandi, un Anthropos géant. LACARRIÈRE, Jacques. *Les gnostiques*, p. 55.

> O Antropos é assimilado, por certos sistemas, ao universo, ao macrocosmo: para os naassenos, é pelo conhecimento do Homem, isto é - nesse sentido - do universo, que se chega ao conhecimento de Deus. O mundo espiritual é um "Homem preexistente" imanente a Deus; mas o Cosmo, que é sua imagem, é igualmente um "grande Homem", o macrocosmo, o homem terrestre seria, ao mesmo tempo, um microcosmo que resumiria o universo e - pela "semente" espiritual que possui - uma imagem do Adamas celeste. Nas *Homilias Clementinas*, encontramos uma teologia antropomorfista, que é como a conclusão extrema da doutrina do macrocosmo-microcosmo: "O Deus verdadeiro é aquele de cujo corpo humano possui a forma".[325]

O maniqueísmo identifica o Homem Primordial com o deus da luz, Orzmud, e com a própria alma do Pai supremo.

> A Mãe [primeira emanação do Pai de Grandeza] – algumas vezes chamada Ramratukh – projeta, por sua vez, o "Homem Primitivo", assimilado, nas traduções iranianas dessa mitologia, ao deus Ohrmizd. [...] Convém, antes de tudo, sublinhar que o Homem Primitivo não é senão uma hipóstase do Pai de grandeza, o próprio Deus. Na cosmogonia maniqueia, reproduzida por Théodore bar Kônaf, o Pai diz exatamente: "Eu não enviarei nenhum (de meus éons) à guerra, mas eu mesmo irei, eu lutarei por mim mesmo, por minha alma". O Homem Primitivo é, portanto, idêntico a essa alma ou, como o diz o maniqueu Faustus em Santo Agostinho, ele é feito "da substância de Deus, sendo a mesma coisa que é Deus".[326]

325 L'Anthropos est assimilé, par certains systèmes, à l'univers, au macrocosme: pour les Naassènes, c'est par la connaissance de l'Homme, c'est-à-dire – en ce sens – de l'univers, qu'on arrive à la conaissance de Dieu. Le monde spirituel est un "Homme préexistant" immanent à Dieu; mais le cosmos, qui est son image, est également un "grand Homme", le macrocosme, l'homme terrestre sera à la fois un microcosme résumant l'univers et – par la "sémence" spirituelle qu'il possède – une image de l'Adamas céleste. Dans les Homélies Clémentines, nous trouvons une théologie anthropomorphiste, qui est comme l'aboutissement extrême de la doctrine du macrocosme-microcosme: "Le Dieu véritable est celui dont le corps humain porte la forme." HUTIN, Serge. *Les Gnostiques*, p. 51.

326 La Mère [primeira emanação do Pai de Grandeza] – quelquefois appelée Râmrâtukh – projette à son tour l'Homme Primitif', assimilé, dans les traductions iraniennes de cette mythologie, au dieu Ohrmizd. [...] Il convient, tout d'abord, de souligner que l'Homme Primitif n'est qu'une hypostase du Père de grandeur, Dieu lui-même. Dans la cosmogonie manichéenne reproduite par Théodore bar Kônaf, le Père dit exactement: 'Je n'enverrai aucun (de mes éons) à la guerre, mais j'irai moi-même, je lutterai par moi-même, par mon âme'. L'Homme Primitif est donc identique à cette âme ou, comme le dit le manichéen Faustus chez Saint Augustin, il est fait 'de la substance de Dieu, étant cela même qu'est Dieu'. PUECH, H. C. "Le Manichéisme" in *Histoire Genérale des Religions*, III, p. 96.

Na Índia, o deus supremo, Brahman, era também chamado de Homem (Puruska):

> Tu és o imperecível supremo que é preciso conhecer, tu és o supremo apoio de todo universo, tu és o eterno guardião da lei antiga, para mim, penso, tu és o sempiterno Homem.[327]
>
> O supremo Brahman, a suprema habitação, a suprema purificação, o eterno Homem, o primeiro deus, o Senhor sem nascimento.[328]
>
> Tu conheces a ti mesmo, por ti mesmo, ó Homem supremo, fonte dos seres, Senhor das criaturas, Deus dos deuses, regedor do mundo.[329]
>
> Tu és o deus primordial, ó Homem antigo, és deste mundo sempre a base, és o conhecedor e que deve ser conhecido, és a suprema sede, tu permeias o universo, ó forma infinita.[330]

Leisegang confirma as ideias que relacionam o homem e o Cosmo com um texto de Philon:

> "Alguns ousaram, disse ele, assimilar o animal débil que é o homem com o Cosmo inteiro, pela razão que ambos (Cosmo e anthropos) se compõe de um corpo e de uma alma racional, de maneira que eles nomeiam alternadamente o homem de pequeno Cosmo e o Cosmo de grande homem." (Quis rer. Div. Her. § 155). Da mesma maneira que o anthropos é um micro Cosmo, o Cosmo é um mega anthropos. O "grande homem" em questão não é outra coisa senão o Cosmo-Logos, a criatura primeira originária dos princípios primordiais, o ser andrógino, unindo em si o Espírito do Pai e da Matéria material primordial.[331]

François Sagnard, em uma de suas notas aos *Extraits de Théodote*, afirma que:

> Philon já distinguia uma primeira formação, a do Homem ideal, e uma segunda, a do homem concreto, baseado em duas passagens

---

327 *A Bhagavad Gîtâ*, XI, 18.

328 Idem. X, 12.

329 Idem. X, 15.

330 Idem. XI, 38.

331 Certains ont osé, dit-il, assimiler l´animal chétif qu´est l´homme au Cosmo entire, pour la raison que tous deux (Cosmo et antrôpos) se composent d´un corps et d´une âme raisonable, de sorte qu´ils appelent tour à tour l´homme un petit Cosmo et le Cosmo um grand homme." (Quis rer. Div. Her. § 155). De même que l´anthropos est un microcosmos, le Cosmo est un mega anthropos. Le 'grand homme' en question n´est autre chose que le Cosmo-Logos, la créature première issue des príncipes primordiaux, l´être androgyne unissant en lui l´Esprit du Père et Matière matérielle primordiale. LEISEGANG, Hans. *La Gnose,* pp. 85-86.

do Gêneses (1,27 e 2,4-5), alegoria que pode ter uma origem mais antiga ainda.[332]

O homem teria sido criado pelo Demiurgo sozinho ou com a ajuda dos arcontes (potências ou anjos) planetários, tomando por modelo o Adão Primordial. O Demiurgo, éon maligno, teria aprisionado, de propósito ou por ignorância, algo da substância divina no corpo do homem.

Conforme outros mitos, a centelha divina, ao cair no Cosmo, teve de atravessar as sete esferas planetárias. Em cada uma delas, o arconte respectivo teria dado algo da matéria de sua esfera para constituir o corpo do homem. Portanto, assim como o universo é envolvido pelas sete esferas dos planetas, assim também o homem é física e espiritualmente envolvido por sete camadas materiais planetárias e pelos sete pecados capitais.

> À medida que as almas descem, arrastam consigo a torpeza de Saturno, a cólera de Marte, a concupiscência de Vênus, a avidez de ganho de Mercúrio, a sede de poder de Júpiter.[333]
>
> As coisas que se prendem à alma em sua viagem descendente têm o carácter de entidades substanciais, ainda que imateriais, descritas com frequência como 'invólucros' ou 'vestidos'. Desse modo, a alma terrestre que resulta dessas adições é comparável a uma cebola com suas camadas; segue, mas em ordem inversa, o modelo do Cosmo: o que é exterior é interior aqui; e uma vez a operação concluída na incarnação, o que há de mais interior no dispositivo das esferas do Cosmo, quer dizer, a terra, é, para o homem, a sua veste mais exterior, quer dizer o corpo. Que fosse uma coisa sinistra para a alma, os órficos o tinham pregado desde há muito tempo, e seus ensinamentos serão ressuscitados na era do gnosticismo.[334]

---

332 Philon distinguait déjà une prémière formation, celle de l'Homme idéal, et une deuxième, celle de l'homme concret, sur la base de deux recits de la Genèse (1, 27 e 2, 4-5), allégorie qui peut avoir une origine plus ancienne encore. SÃO CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Extraits de Théodote,* pp. 55-57, nota 8.

333 À mesure que les âmes descendent, elles entraîenent avec elles la torpeur de Saturne, le courroux de Mars, la concupiscence de Vénus, l'apreté au gain de Mercure, la soif de pouvoir de Jupiter. SERVIUS. *Sur L 'Enéide* VI, p. 714.

334 Les choses qui s'attachent à l'âme dans son voyage descendant ont le caractère d'entités substantielles, quoique immatérielles, et on les désigne souvent comme des 'enveloppes' ou 'vêtements'. De la sorte, l'âme terrestre qui resulte de ces additions est comparable à un oignon avec ses tuniques, elle suit, mais à rebours, le modèle du cosmos: ce qui est extérieur est intérieur ici; et une fois l'opération parachevée dans l'incarnation, ce qu'il y a de plus intérieur dans le dispositif des sphères du cosmos, c'est-à-dire la terre, est à l'homme son vêtement le plus extérieur, c'est-à-dire, le corps. Que ce corps fut une chose sinistre pour l'âme, les orphiques l'avaient prêché depuis longtemps, dont on ressuscitera les enseignements à l'ère du gnosticisme. JONAS, Hans. *La religion gnostique,* p.209.

O Adão criado pelo Demiurgo teria sido um ser fraco, feio, rastejante, pois não tinha membros, e bissexuado. O insuflamento do espírito divino nesse ser abortivo é que o teria tornado ereto.

Adão não seria o responsável pelo pecado e pelos males do mundo, pelo contrário, seria um deus-vítima do Demiurgo ciumento e ignorante que procuraria manter o homem "adormecido", isto é, ignorando o que tem de divino.

Alguns textos confirmam o exposto acima:

MENANDRO

> "Este corpo efêmero e enfermo que eles [os discípulos de Menandro] não temiam chamar de mau seria igualmente, a acreditá-los, obra dos anjos." (Tertuliano, De restauratione carnis, p. 5.). Essa opinião se encontra presente já em Philon. Querendo explicar o plural de Gênesis, 1, 26: 'Façamos o homem à nossa imagem e semelhança', Philon escreve: "Moisés insinua a intervenção de outros colaboradores, porque, nas decisões e nas ações inocentes do homem reto, é Deus, o reitor dos seres, do qual é o autor, sendo as ações opostas provenientes de outros seres que a ele são subordinados, porque o Pai não poderia ser causa de mal para seus filhos; ora as faltas e as ações pecaminosas são um mal".[335]

SATURNINO

> Saturnino, como Menandro, prega um único Pai, não conhecido por ninguém, que fez os Anjos, os Arcanjos, as Potências e as Potestades. Sete destes Anjos fizeram o mundo e tudo o que há nele. Também o homem é criatura dos Anjos: quando apareceu do alto, vinda da Potência suprema, uma figura luminosa que eles não conseguiram reter, porque ela logo voltou às alturas, animaram-se uns aos outros dizendo: Façamos o homem à imagem e semelhança dela. Mas a

---

335 'Ce corps éphémère et infirme qu'ils [os discípulos de Menandro] ne craignent pas d'appeler mauvais serait également, à les en croire, l'oeuvre des anges.' (Tertullien, De restauratione carnis, p. 5.). Cette opinion se rencontre déjà chez Philon. Voulant expliquer le pluriel de Genèse, I, 26: 'Faisons l'homme à notre image et à notre ressemblance', Philon écrit: 'Moïse insinue l'intervention d'autres collaborateurs, parce que, dans les décisions et les actions innocentes de l'homme droit, c'est Dieu, le recteur des êtres, qui est l'auteur, les actions opposées provenant d'autres êtres qui lui sont subordonnés, car le Père ne saurait être cause de mal pour ses enfants; or les fautes et les actions pécheresses sont un mal'. PHILON. *De opifitio mundi § 75*, apud LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, p. 76.

> criatura que foi feita não se podia levantar por causa da fraqueza dos Anjos e se arrastava como verme. Então a Potência do alto teve compaixão dele, porque tinha sido feito à sua imagem, e lançou uma fagulha de vida que fez o homem levantar, articular-se e viver.[336]

Lacarrière, comentando esse pré-homem miserável descrito pelos discípulos de Saturnino, diz que esse ser lembra os primeiros anfíbios que teriam deixado as águas para viver em terra firme.[337]

OFITAS

Os ofitas, gnósticos cultuadores da serpente – daí seu nome – afirmavam que do Demiurgo, Jaldabaoth, teriam emanado vários éons inferiores e, exultando, ele teria proclamado ser seu único deus. Porém, ao fazer isso, ele teria sido desmentido por sua mãe que afirmava haver acima dele o Pai supremo, o Homem e o Filho do Homem. Jaldabaoth teria, então, convocado os anjos dizendo: "Vinde, façamos o homem a nossa imagem".

> Mas as seis Potências, ouvindo isso, juntaram-se e fizeram um homem de largura e altura imensas, conforme a ideia de homem, inspirada nelas pela Mãe, para esvaziá-las com isso de seu poder original. Como só fosse capaz de se arrastar no solo, levaram-no ao Pai delas, enquanto Sofia encarregava-se da tarefa de eliminar dele o orvalho da Luz, para que, desprovido do poder, não se pudesse mais levantar contra os que lhe estão acima. Enquanto soprava no homem o hálito da vida, sem se aperceber, era-lhe tirado o poder. O homem, porém, possui desde então a inteligência e o pensamento – dizem que é isso que o salvará – e logo agradeceu ao Primeiro Homem, sem se importar com seus Criadores.
>
> Cheio de ciúmes, Jaldabaoth quis então arruinar o homem por meio da mulher, por isso a tirou do pensamento dele; mas Prunico tomou-a e invisivelmente a esvaziou do poder. Os outros se aproximaram,

---

336 1. Saturninus quidem, similiter ut Menander, unum Patrem incognitum omnibus ostendit qui fecit Angelos, Archangelos, Virtutes, Potestates. A septem autem quibusdam Angelis mundum factum, et omnia quae in eo. Hominem autem Angelorum esse facturam, desursum a summa Potestate lucida imagine apparente, quam cum tenera nom potuissent, inquit, eo quod statim recurrerit sursum, adhortati sunt semetipsos, dicentes: 'Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem' qui cum factus esset, et non potuisset erigi plasma, propter imbecillitatem Angelorum, sed quasi vermiculus scarizaret, miserantem ejus de super Virtutem, quoniam in similitudinem ejus esse factus, emisisse scintillam vitae, quae crexit hominem, et articulavit, et vivere fecit. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, XXIV, 1 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de IRENEU, Santo. *Contra as Heresias*, I, 24, 1.

337 Cf. LACARRIÈRE, Jacques. *Les gnostiques*. p. 36.

admiraram a sua beleza, deram-lhe o nome de Eva e apaixonados, geraram dela filhos que, dizem, são os Anjos. A Mãe deles então procurou por meio da serpente induzir Adão e Eva a desobedecer à ordem de Jaldabaoth. Eva acreditou facilmente, como se tivesse escutado a voz do Filho de Deus, e convenceu Adão a comer do fruto da árvore que Deus lhes proibira comer. Depois de o terem comido, dizem, conheceram a Potência que está acima de todas as coisas e se afastaram de seus Criadores. Prunico, vendo que tinha sido vencido por obra dela, ficou muito contente e gritou novamente que, existindo já um Pai incorruptível, Jaldabaoth mentira ao se atribuir o nome de Pai e que existindo já um Homem e uma Primeira Mulher, pecara ao fazer uma cópia falsificada deles.[338]

O mesmo mito se encontra entre os mandeanos:

> Os sete formam o corpo do primeiro homem, insuflam-lhe o ar nos ossos, mas são incapazes de fazer Adão manter-se de pé sobre suas próprias pernas. Ptahil vai para junto de seu pai, que tira do "Lugar Escondido", isto é, da Morada da vida, um maná idêntico a Adakas-Ziwa, "o Adão luminoso" ou "secreto", que introduzido no corpo do Adão terrestre, o vivificará e dará ao homem sua alma celeste, seu verdadeiro eu.[339]

---

338 6. Sex autem Virtutes audientes haec, matre dante illis excogitationem hominis, uti per cum evacuet eos a principali Virtute, convenientes formaverunt hominem immensum latitudine et longitudine: scarizante autem eo tantum advexerunt eum patri suo, et hoc Sophia operante, uti et illum evacuet ab humectatione luminis, ut non posset erigi adversus eos qui sursum sunt, habens virtutem. Illo autem insuflante in hominem spiritum vitae, latenter evacuatum eum a virtute dicunt: hominem autem inde habuisse Nun et Enthymesin et haec esse quae salvantur dicunt, et statim gratias agere eum primo homini, reflectis frabicationibus.

7. Zelantem autem Ialdabaoth voluisse excogitare evacuare hominem per feminam, et de sua Enthymesi e duxisse feminam, quam illam prunicos suscipiens invisibiliter evacuavit a virtute. Reliquos autem venientes et mirantes formositatem ejus vocasse eam Evam, et concupiscentes hanc generasse ex ea filios, quos et angelos esse dicunt. Mater autem ipsorum argumentata est per serpentem seducere Evam et Adam, supergredi praeceptum Ialdabaoth: Eva autem quasi a filio Dei hoc audiens, facile credidit, et Adam suasit manducare. Manducantes autem eos cognovisse eam, quae est super omnia, virutem dicunt, et abscessisse ab his, qui fecerant eos. Pronicum autem videntem, quoniam et per suum plasma victisunt, valde gratulatum, et rursum exclamasse, quoniam, cum esset Pater incorruptibilis, olim hi semetipsum vocans Patrem, mentitus est et cum homo oli esset et prima femina, et haec adulterans peccavit. SANTO IRINEU. *Contra Haereses,* I, XXX, 6 et 7 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contra as Heresias,* I, 30, 6 e 7.

339 Les sept forment le corps du premier homme, lui insufflent de l'air dans les os, mais sont incapables de faire tenir Adam débout sur ses jambes. Ptahil se rend auprès de son père, qui tire du "Lieu Caché", c'est-à-dire, de la Demeure de vie, un mânâ identique à Adakas-Zîwâ, "l'Adam lumineux" ou "secret" qui introduit dans le corps de l'Adam terrestre, le vivifiera et donnera à l'homme son âme céleste, son vrai moi. PUECH, H. C. "Le mandéisme "in Histoire Générale des Réligions, Vol. III, p. 73.

A Gnose valentiniana apresenta um mito semelhante ao dos ofitas com relação à criação do homem. Os anjos, por ordem do Demiurgo, teriam feito um homem à imagem do Homem Primordial (por eles entrevisto) e que seria o próprio Cosmo espiritual. A esse Adão teria sido dada uma semente do mundo espiritual de modo que nele haveria uma mistura de bem e de mal, de matéria e de substância divina.

> Tendo o Demiurgo feito o mundo, do lodo fez também o homem; não tomou essa terra seca, mas substância invisível, matéria inconsistente e fluida e, declaram eles, soprou nela o psíquico. E este homem é feito à imagem e semelhança: quanto à imagem é hílico, próximo a Deus sem lhe ser consusbstancial; quanto à semelhança é psíquico, motivo pelo qual a sua substância é chamada espírito de vida, por derivar do espírito. Por fim, dizem, foi revestido com túnica de pele; a acreditar neles, este seria o elemento carnal, perceptível aos sentidos.
>
> Dizem que a geração da Mãe deles, Acamot, que se realizou ao contemplar os Anjos que estão à volta do Salvador, consubstancial à Mãe, portanto pneumática, ficou desconhecida ao Demiurgo, e sem que ele o soubesse, foi depositada secretamente nele a semente para que por ele fosse lançada na alma que dele procederia, assim como no corpo hílico: desta forma, portado numa gestação nestes elementos, como num seio, ficasse apto a crescer e pronto para a recepção do Logos perfeito. Assim, portanto – como dizem eles –, o Demiurgo não se apercebeu do homem pneumático semeado por Sofia no interior do seu próprio sopro por um poder e uma providência inexprimíveis. Assim como ignorou a Mãe também ignorou a semente dela. Dizem ainda que esta semente é a Igreja, figura da Igreja superna. É este o homem que pretendem existir neles: aquele que recebeu a alma do Demiurgo, o corpo do lodo, a carne da matéria e o homem pneumático da Mãe Acamot.[340]

340 5. Cum fabricasset igitur mundum, fecit et hominem choicum, non autem ab hac arida terra, sed ab invisibili substantia, et ab effusibili et fluida materia accipientem: et in hunc insufflasse psychicum definiunt. Et hunc esse secundum imaginem et similitudinem factum: secundum imaginem quidem hylicum esse proximum quidem, sed non ejusdem substantiae esse Deo; secundum similitudinem vero psychicum; unde et spiritum vitae substantiam ejus dictans, cum sit ex spiritali deflutione. Post deinde circundatam dicunt et dermatinam tunicam: hanc autem sensibilem carnem esse volunt.

6. Partum vero matris ipsorum, quae est Achamoth, quem secundum inspectionem eorum angelorum, qui sunt erga Salvatorem, generavit, existentem ejusdem substantiae matri suae, spiritalem, et ipsum (enin) ignorasse Demiurgum dicunt: et latenter depositum esse in eum, nesciente eo, uti per eum in eam, quae ab eo esset animam seminatum, et in materiale hoc

Encontra-se uma descrição semelhante na carta do gnóstico Ptolomeu a Flora.[341]

Nos extratos de Teodoto, narra-se que o homem foi formado pelo Demiurgo com três elementos fundamentais: um hílico, outro psíquico e outro pneumático. Daí terem nascido de Adão três raças humanas distintas: a de Caim, que tinha natureza hílica e irracional; a de Abel, de natureza psíquica, racional e justa; finalmente, a raça de Seth, que seria pneumática e divina.

> 50. Tomando do limo da terra (Gn 2,7), não da terra seca, mas de uma porção da matéria múltipla e complexa, ele confeccionou uma alma 'de terra', 'alma hílica', irracional, consubstancial à dos animais: é o homem 'à imagem' (Gn 1,26).
>
> Mas o homem que é 'à semelhança' (Gn 1,26) do próprio Demiurgo, é aquele que ele 'insuflou' e 'semeou' (Gn 2,7) no precedente, ou depositou, por intermédio de Anjos, alguma coisa de consubstancial a ele mesmo.
>
> E, na medida em que esse homem é invisível e imaterial, ele chamou sua substância de 'sopro de vida' (Gn 2,7); mas, enquanto ele foi 'formado', tornou-se 'alma vivente' (Gn 2,7). Que seja assim, o próprio Demiurgo o confessa nos escritos proféticos.
>
> 51. Há, portanto, o homem no homem, o 'psíquico' no 'terrestre' não como uma parte que se junta a outra parte, mas como um todo ajuntado a um todo, pelo inexprimível poder de Deus (= do Demiurgo). Daí vem que o homem tenha sido formado no paraíso, no quarto céu. Pois a carne 'terrestre' não sobe até lá: mas para a alma 'divina' (= psíquica), a alma 'hílica' era como uma 'carne'. É o que significa - 'Eis agora o osso de meus ossos' (Gn 2,23) - alusão à alma 'divina', escondida no interior da carne, alma 'sólida', dificilmente 'passível', suficientemente forte – 'e a carne de minha carne' (Gn 2,23) , a alma hílica, que é o 'corpo' da alma 'divina'. É a respeito dessas duas almas que o Salvador diz: 'É preciso temer aquele que tem o poder de perder na geena nossa alma e nosso corpo', - o corpo psíquico (Mt 10,28; Lc 12,5).

---

corpus gestatum quoque velut in utero in iis, et amplificatum, paratum fiat ad susceptionem perfectae rationis. Latuit igitur, quemadmodum dicunt. Demiurgum conseminatus insufflationi ejus a Sophia spiritalis homo, inenarrabili virtute et providentia. Quemadmodum enin matrem suam ignoravit, sic et semen ejus. Qud etiam ipsum Ecclesiam esse dicunt, exemplum superioris Ecclesiae: et hunc esse in semetipsis hominem volunt, uti habeant animam quidam a Demiurgo, corpus autem a limo, et carneum a materia, spiritalem autem hominem a matre Achamoth. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, V, 5 et 6 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contra as Heresias* I, V, 5 e 6.

341 Cf. LEISEGANG, Hans. *La Gnose,* p. 220.

53. [...] Ora, Adão possuiu, sem saber, semeada nele pela Sabedoria, em sua alma, a semente pneumática, 'estabelecida, diz /Paulo/, 'por intermédio dos Anjos, na mão de um único termo; mas Deus é um (Gl 3,14-20). Assim, 'por intermédio dos Anjos' masculinos são servidas as sementes, aquelas que a Sabedoria tinha lançado na existência, tanto quanto lhes era possível existir. Pois, como o Demiurgo, movido secretamente pela Sabedoria, crê mover-se por si mesmo, acontece a mesma coisa com os homens. Logo, em primeiro lugar, a Sabedoria emitiu a semente pneumática que está em Adão, a fim de que o 'osso' – a alma 'racional' e 'celeste' – não esteja vazio, mas seja preenchido de medula pneumática.

54. Assim, a partir de Adão, três naturezas foram engendradas: a primeira, 'a irracional', à qual pertence Caim (Gn 4,1); a segunda, a natureza 'racional' e 'justa', de que faz parte Abel (Gn 4,2); a terceira, a 'pneumática', à qual pertence Seth (Gn 4,25). E o homem terrestre é 'à imagem' (Gn 1,26; 2,27); o psíquico, 'à semelhança' de Deus; o 'pneumático' é Deus propriamente. É dessas três /raças/ que se diz, sem outra menção de filhos de Adão: 'Eis o livro da geração dos homens (Gn 5,1).

E porque Seth é pneumático, ele não é nem pastor (Gn 4,26), mas ele 'frutifica' em um 'filho' como /tudo/ o que é pneumático. E esse /filho/ que 'teve a confiança de invocar o Nome do Senhor' (Gn 4,26), ele cujo olhar se dirige 'para alto' (Col 3,1-2) e do qual 'a vida se passa no Céu' (Fl 3,20), esse, o 'mundo' não o contém.

55. Sobre Adão, por cima dos três elementos imateriais, o homem 'terrestre' revestiu um quarto: 'as túnicas de pele'.[342]

---

342 50. Prenant du limon de la terre (Gn 2, 7), non de la terre sèche, mais une portion de la matière multiple et complexe, il confectionna une âme 'de terre', 'âme hylique', irrationelle, consubstantielle à celle des bêtes: c'est l'homme 'à l'image' (Gn 1, 26).

Mais l'homme qui est 'à la ressemblance' (Gn 1, 26) du Démiurge lui-même, c'est celui qu'il a 'insufflé' et 'semé' (Gn 2, 7) dans le précedent, où il a deposé, par intermédiaire de Anges, quelque chose de consubstantiel à lui-même.

Et, en tant que cet homme est invisible et immatériel, il a appelé sa substance 'soufle de vie' (Gn 2, 7); mais en tant qu'il a été 'formé', il est devenu 'âme vivante' (Gn 2, 7). Qu'il en soit ainsi, le Démiurge lui-même le confesse dans les écrits prophétiques (I Co 15, 45).

51. Il y a donc l'homme dans l'homme, le 'psychique' dans le 'terrestre' non comme une partie qui s'ajoute à une partie, mais comme un tout se joignant à un tout, par l'inexprimable puissance de Dieu (= du Démiurge). De la vient que l'homme est façonné dans le paradis, au quatrième ciel. Car la chair 'terrestre' ne monte pas jusque là: mais pour l'âme 'divine' (= psychique) l'âme 'hyllique' était comme une 'chair'. C'est ce qui signifie – 'Voici maintenant l'os de mes os' (gn. 2, 23) – allusion à l'âme 'divine', cachée à l'interieur de la chair, âme 'solide', difficilement 'passible', suffisamment forte – 'et la chair de ma chair' (Gn. 2, 23), l'âme hyllique, qui est le 'corps' de l'âme 'divine'. C'est au sujet de ces deux âmes que le Sauveur dit: 'Il faut craindre celui qui a le pouvoir de perdre dans la géhenne et notre âme et notre corps', - le corps psychique (Mt 10 , 28 – Lc 12, 5).

Depois que, pela aparição do Mensageiro, os arcontes libertaram parte da luz e, da outra parte que restara, misturada às trevas, nasceram as plantas, a treva teria excogitado um último meio de reter a luz aprisionada. Inspirou-se, para isso, na própria forma do Mensageiro e fabricou Adão e Eva, pondo neles toda a luz que restava.

O homem passou a ser, desde então, o campo de batalha entre a luz e as trevas.

> O corpo humano é do diabo. Ele o é por sua substância e – traço que o distingue acentuando o rebaixamento geral do universo – ele o é também por sua forma.
>
> [...] Na criação de Eva, introduz-se uma intenção mais particular. Eva é mais inteiramente sujeitada pelo demônio, e, por isso, ela se faz instrumento deles contra Adão:
>
> "A ela, eles transmitiram sua concupiscência a fim de seduzir Adão".
>
> Sedução que levará Adão não apenas à concupiscência carnal, mas à reprodução, a mais formidável artimanha da estratégia satânica. Não se trata somente aí de prolongar indefinidamente o

53. [...] Or Adam posseda, sémée en lui à son insu par Sagesse, en son âme, la sémence pneumatique, 'établie', dit /Paul/, 'par l'intermédiaire des Anges, dans la main d'un seul terme; mais Dieu est un (Gal. 3, 14-20). Ainsi 'par l'intermédiaire des Anges' mâles sont servies les semences, celles que Sagesse avait émisses dans l'existence, autant qu'il leur était possible d'exister. Car, comme le Démiurge, mû sécrètement par Sagesse, croit se mouvoir de lui-même, ainsi est il des hommes. Donc en premier lieu Sagesse a émis la semence pneumatique qui est en Adam, afin que 'l'os' – l'âme 'raisonable' et 'céleste' – ne soit pas vide, mais qu'il soit rempli de moelle pneumatique.

54. Ainsi à partir d'Adam, trois natures sont engendrées: la prémière, l''irrationelle' à laquelle appartient Caîn (Gn. 4, 1); la deuxième, la nature 'raisonnable' et 'juste', dont fait partie Abel (Gn. 4, 2); la troisième la 'pneumatique', à laquelle appartient Seth (Gn. 4, 25). Et l'homme terrestre est à l''image' (Gn. I, 26; 2, 27); le psychique 'à la ressemblance' de Dieu; le 'pneumatique'est 'en propre'. C' est de ces trois /races/ qu'il dit, sans autre mention d'enfants d' Adam: 'Voici le livre de la génération des hommes' (Gn 5, 1).

Et parce que Seth est pneumatique, il n'est ni pasteur (Gn. 4, 26), mais il 'fructifie' en un 'enfant' comme /tout/ ce qui est pneumatique. Et cet /enfant/ qui 'eut la confiance d'invoquer le Nom du Seigneur' (Gn. 4, 26), lui dont le regard se porte 'en haut' (Col 3, 1-2) et dont 'la vie se passe dans le Ciel' (Phil. 3, 20), celui-là, le 'monde' ne le contient pas.

55. Sur Adam par dessus les trois éléments immatériels, l'homme 'terrestre' en a revêtu un quatrième: 'les tuniques de peaux' (Gn 3, 21). SÃO CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Extraits de Théodote*, pp. 163-171.

> cativeiro da Luz, mas de tornar infinitamente mais difícil a obra da salvação.[343]

> [...] o aparecimento do Terceiro Enviado faz com que a matéria – personificada em Az, a concupiscência – temesse que sua cativa [a luz] não lhe escapasse. Para a reter por liames mais tenazes, a matéria planeja concentrar sua maior parte em uma criação pessoal que será a antípoda da criação divina. Para isso, dois demônios – um macho, Ashagloun, e uma fêmea, Namraeil –, depois que Ashagloun devorou todos os filhos dos Abortos para assimilar em si toda a luz que eles pudessem conter, copulam e dão à luz os dois primeiros homens: Adão e Eva ou Gehmourd e Mourdiganagh. Nossa espécie nasce, portanto, de uma série de repugnantes atos de canibalismo e sexualidade. Ela guarda os estigmas disso: o corpo, que é a forma animal dos Arcontes; a libido, que impulsiona também o homem a copular e a se reproduzir, isto é, segundo o plano da Matéria, a manter indefinidamente em seu cativeiro a alma luminosa.[344]

Em todos esses mitos, é clara a ideia de que Adão é uma vítima do Demiurgo, o Deus do Antigo Testamento, veladamente insinuado no nome desprezível de Jaldabaoth. Como já vimos, nos mitos maniqueus, se diz que após a criação de Adão pelos demônios, Jesus, o luminoso, despertou Adão e fez com que ele conhecesse seu estado miserável e sua essência íntima, divina e luminosa.

Teria sido, nesse momento, que Adão recebera a Gnose pela boca do Homem Primitivo, isto é, Crsmudzd. Sobre essa primeira revelação da Gnose

---

343 Le corps humain est du diable. Il l´est par sa substance et - trait qui le distingue en outrant l'abaissement général de l'univers - il l´est aussi par sa forme.

[...] Dans la création d'Eve, il rentre une intention plus particulière. Eve est plus entièrement assujetie aus démons, et par là, elle se fait leur instrument contre Adam:

"A elle, ils transmirent le leur concupiscence, afin de séduire Adam".

Séduction qui entrainera Adam non seulement à la convoitise charnelle, mais, par elle, à la reproduction, la plus formidable ruse de la stratégie satanique. Non seulement il s'agit là de prolonger indéfiniment la captivité de la Lumière, donc de rendre infiniment plus difficile l'oeuvre de salvation. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, pp. 299-300.

344 [...] l'apparition du Troisième Envoyé fait craindre à la matière – personifiée en Az, la concupiscence – que sa captive [a luz] ne lui échappe. Pour la retenir par des liens plus tenaces, la matière projette d'en concentrer la majeur partie dans une création personelle qui sera le contre pied de la création divine. À cet effet, deux démons – un mâle, Ashagloun, et une femmelle, Namraeil -, après qu'Ashagloun a dévoré tous les enfants des Avortons pour s'assimiler toute la lumière qu'ils peuvent contenir, s'accouplent et donnent le jour aux deux premiers hommes: Adam et Eve ou Gêhmourd et Mourdigânagh. Notre espèce naît donc d'une série d'actes dégoûtants de canibalisme et sexualité. Elle en garde les stigmates: le corps qui est la forme animale des Archontes; la libido, qui pousse l'homme à s'accoupler lui aussi et à se réproduire, c'est-à-dire, selon le plan de la Matière, à maintenir indéfiniment dans sa captivité l'âme lumineuse. PUECH, H. C. "Le Manichéisme" in *Histoire Générale des Religions*, III, p. 98.

ao próprio Adão, Puech dá a seguinte versão de um manuscrito maniqueu de Tourfan:

> O Homem Primitivo abriu-lhe os olhos e lhe mostrou claramente tudo o que foi e tudo o que será. Ele lhe revelou que não foi Ohrmuzd, o Senhor, que criou esse corpo de carne e que não foi ele que lhe ligou a alma.[345]

A culpa original de todo o mal terrestre deveria ser buscada não na história de Adão, mas na própria essência divina.

Já na Gnose pagã mais antiga, discutia-se a causa do mal, e alguns a colocavam na própria divindade. Outros diziam que a queda não era efeito de uma culpa anterior, mas ela mesma, a queda, é que seria a responsável pelo mal. A divindade fora atraída pela matéria, e, por isso também, a alma é atraída pelo corpo.[346]

Nesse capítulo de sua obra, o Pe. Festugière mostra que tanto os mitos que falam do amor do Homem-Primordial pela Physis, quanto os que dizem que o Homem se enamorou de sua própria imagem espelhada no mundo inferior, podem ser reduzidos a um único fato: o amor do Homem pela Matéria. E, analisando o Poimandrès, conclui o Pe. Festugière:

> [...] o Homem (a Alma) quis, por sua vez, criar, manifestar-se ele também como pessoa agente, como Criador, e de uma só vez se distinguir *ετεροτηζ* tanto do Pai como do Demiurgo. Eis o pecado original.[347]

O pecado original do Adão terrestre repete-se, como um símile, do pecado do Adão Primordial.

Para o maniqueísmo, esse pecado foi a união carnal de Adão e Eva, que perpetuou e multiplicou pelas novas gerações as prisões corporais da luz divina.

De modo geral, porém, os sistemas gnósticos quase não falam do pecado de Adão ou o negam, preferindo quase sempre falar da culpa da Sofia inferior ou do Demiurgo.

> Ora, é preciso notar que a Humanidade não é responsável por sua condição nem pela necessidade de uma intervenção divina. Não há

---

345 L'Homme Primitif lui ouvrit les yeux et lui montra clairement tout ce qui a été et tout ce qui sera. Il lui revela que ce n'est pas Ohrmuzd, le Seigneur, qui a crée ce corps de chair et que ce n'est pas lui qui y a lié l'âme. PUECH, H. C. "Le Manichéisme" in *Histoire Générale des Religions*, III, p. 99.

346 Cf. FESTUGIÈRE, R.P. André-Jean. *La Revelation d'Hermès Trismégiste*, Vol. III, p. 63-96.

347 [...] l'Homme (l'Ame) a voulu créer à son tour, se manifester lui aussi comme personne agissante, comme Créateur, et du même coup se distinguer *ετεροτηζ* et du Père et du Démiurge. Voilà le péché originel. Idem. Ibidem, p. 95.

queda, não há pecado original de Adão: se acontece que seja o primeiro a receber a revelação (como é frequentemente o caso) não é como transgressor, mas como vítima, diretamente da opressão arcôntica e em última análise, da queda primordial, que foi causa da existência do mundo e da sua própria. Portanto, se há falta, ela não é de Adão, mas dos Éons que provocaram a ruptura da ordem superior; ela não é humana, mas divina, e foi cometida antes e não na criação.[348]

No sistema cabalístico, o homem é apresentado como o ponto de ligação entre a esfera divina superior e a esfera divina aprisionada no Cosmo material.

> O homem [...] é "a soma de todas as criaturas, um grande selo no qual o começo e o fim" de todas as criaturas "estão enganchados um no outro".[349]

Como todas as Gnoses, também a Cabala vê na matéria o princípio do mal.

A Cabala identifica o Deus manifestado nas sefiroth como sendo o Homem Primordial, o Adão Kadmon. Para provar isso, um dos argumentos dados é, segundo os métodos da guematria, o seguinte. As letras que formam o nome de Deus, Iavé (iod-he-vav-he), têm o valor numérico de 45. Ora, as letras que formam a palavra Adam (alef-dalet-mem) dão um total de 45 também. Logo, Adão é igual a Deus, pois ambos valem 45.[350]

O Adão terrestre era, antes do pecado, um ser puramente espiritual. O pecado é que fez com que Adão passasse a ter corpo material.[351]

Para Isaac Luria, a alma humana teria 613 partes correspondentes aos 613 mandamentos judaicos e às 613 partes do corpo.

O Adão da Bíblia corresponderia ao Adão Kadmom, o homem terreno correspondia ao Homem Primordial divino e místico, sendo que "um é a vestimenta do outro", nas palavras de Haim Vital, citado por Scholem.

---

348 Or il faut noter que l'Humanité n'est pas responsable de sa condition ni de la nécéssité d'une intervention divine. Il n'y a pas de chute, pas de péché originel d'Adam: s'il arrive qu'il soit le premier à recevoir la révélation (comme c'est souvent le cas) ce n'est point en transgresseur, mais en victime, directement de l'opression archontique, et en dernier ressort, de la chute primordiale, qui a été cause de l'existence du monde et de la sienne propre. Pour autant, qu'il y ait faute, elle n'est pas faute d'Adam, mais des Éons qui ont provoqué la rupture de l'ordre supérieur; elle n'est pas humaine, mais divine, et elle a été comise avant et non dans la création. JONAS, Hans. *La religion gnostique,* p.455.

349 L'homme [...] est "la somme de toutes les créatures, un grand sceau dans lequel le commencement et la fin" de toutes les créatures "sont accrochés l'un à l'autre". ISAAC O CEGO apud SCHOLEM, Gerson G. *Les origines de la Kabbale*, p. 307.

350 Cf. Idem. *A Cabala e seu simbolismo,* p. 125.

351 Cf. Idem. *A mística judaica*, p. 232.

Pelo pecado, Adão perdeu sua condição de ser puramente espiritual e, por causa disso, a luz divina se misturou ao reino dos *Klipot*, das "cascas" do mal, isto é, da matéria.

Como Adão abrange tudo, sua queda afetou tudo. Assim como no Adão Kadmon houve a ruptura dos vasos, e assim como a Schehiná se separou do Deus Sefirótico e caiu no exílio, assim também o Adão terreno tinha de cair e ser exilado do paraíso.[352]

Da mesma forma, também Israel tinha de ser exilado da Terra Prometida. O retorno de Israel à terra dada a Abraão significa o retorno de Adão ao Paraíso, o estabelecimento da utopia milenarista, significa ainda a volta da Schehiná para unir-se ao Yessod e ao deus sefirótico.

Comentando a semelhança entre esses mitos da luz da Schehiná exilada e misturada com a matéria, diz Scholem:

"Ao estudioso da história religiosa, a estreita afinidade destes pensamentos com as ideias religiosas dos maniqueístas há de ser óbvia de imediato."[353]

Para o cabalista Azriel de Gerona, o pecado original é que teria produzido a individualização.

> Sem o pecado original, não teria havido individualidade; essa não se forma senão na separação e quando a multiplicidade se torna autônoma [...]. O estado paradisíaco teria, portanto, permanecido uma condição não individual e adialética.[354]

Uma outra ideia gnóstico-cabalística sobre antropogênese é que o homem seria produto de um processo evolutivo absoluto. Deus ter-se-ia transformado no Universo, isto é, os éons ou partículas divinas teriam caído e teriam sido aprisionadas na matéria pelo Demiurgo.

Por um processo evolutivo dialético, as partículas divinas iriam se libertando pouco a pouco, passando da matéria bruta para os vegetais; dos vegetais para os animais; dos animais para o homem; e desse para Deus. Tivemos já ocasião de citar um texto do cabalista Henri More a esse respeito.

Gershom Scholem mostra que, segundo Widmannstadt, Dattilo, um dos mestres judeus de Pico della Mirandola, defendeu em Turim a tese da redenção de todos os seres vivos:

> Nas entranhas da terra e nos outros elementos que a cercam estariam escondidas certas sementes vivas. Como consequência

352 Idem. Ibidem, p. 282.

353 Idem. Ibidem, p. 283.

354 Sans le péché originel, il n'y aurait pas eu d'individualité; celle-ci ne se forme que dans la séparation et lorsque la multiplicité devient autonome [...]. L'état paradisiaque serait donc resté une condition non individuelle et adialectique. Idem. *Les origines de la Kabbale*, p. 479.

> dos esforços infatigáveis da natureza e de seu trabalho incessante de criação e de perecimento, essas sementes passariam por formas diversas (plantas, arbustos, árvores frutíferas e seres animados) para penetrar primeiro nos corpos humanos, depois na alma sensível (*sentiendi anima*), e para serem finalmente admitidas a participar da felicidade eterna ao mesmo tempo que a alma (superior) vinda do céu, com a condição de que essa alma superior mantenha em estado de obediência essa (alma) inferior tirada da matéria. Dessa maneira, certos cabalistas entendem mostrar que toda espécie de seres vivos tem o direito de alimentar a esperança da redenção.[355]

Comentando essa doutrina, diz Scholem:

> Trata-se da doutrina capital – só ligeiramente disfarçada na versão atribuída a Dattilo por Widmannstadt – concernindo à transformação de todas as coisas desde o ser mais baixo até o mais alto grau das Sefirot, doutrina que foi desenvolvida, pela primeira vez, em todos os seus detalhes, por volta de 1300-1325 na Espanha por Joseph ben Shalom Ashkenozi, dito Rabbi Joseph, o Longo. Ela forma o elemento autenticamente novo em seu Comentário ao livro Yetsira (comentário impresso mais tarde sob o nome de Abrão ben David de Posquières (Rabad) e em um certo número de outras obras suas conservadas sob a forma de manuscritos, em que essa doutrina é exposta sob o título din bene 'haloph' ("a lei da transformação geral"). O Comentário de Yetsira, devido ao pseudo-Rabad, estava muito espalhado na Itália por volta do ano 1500, e Dattilo podia ter tomado conhecimento dele por numerosos manuscritos. É preciso notar que a ideia segundo a qual todas as coisas participam em definitivo da redenção, porque todas sofrem o mesmo processo de metamorfose de todas as formas no interior da matéria, não era de nenhum modo compartilhado por todos os cabalistas, e Dattilo – tal qual é citado por Widmannstadt – tinha perfeitamente razão de a atribuir somente a 'alguns' dentre eles.[356]

---

355 Dans les entrailles de la terre et dans les autres éléments qui entourent celle-ci seraient cachées certaines semences vivantes. À la suite des efforts infatigables de la nature et de son incessant travail de création et de dépérissement, ces semences passeraient par des formes diverses (plantes, arbustes, arbres fruitiers et êtres animés) pour pénétrer d'abord dans les corps humains, puis dans l'âme sensible (*sentiendi anima*), et pour être finalement admises à participer à la félicité éternelle au même temps que l'âme (supérieure) venue du ciel, à condition que cette âme supérieure tienne en état d'obéissance cette (âme) inferieure tirée de la matière. De cette manière, certains Kabbalistes entendent montrer que toute l'espèce des êtres vivants est en droit d'entretenir l'espoir de la rédemption. WIDMANNSATDT apud SCHOLEM, Gerson G. "Considérations sur l'Histoire des débuts de la Kabbale chrétienne" in *Cahiers de l'hermétisme*, p. 20-21.

356 Il s'agit de la doctrine capitale – à peine déguisée dans la version attribué à Dattilo par Widmannstadt – concernant la transformation de toutes choses depuis l'être le plus bas jusqu'au

Se se acrescentar a essa doutrina da migração das partículas divinas e mais a essa "lei da transformação geral" a ideia da metempsicose, comum nos sistemas gnósticos, pode-se chegar facilmente – o passo é muito pequeno – a uma lei panteísta de evolução ou transformação universal, em que tudo viria de Deus à matéria e, dessa, retornaria a Deus.

> Não podemos deixar de pensar na doutrina de Joseph ben Shalom ha-Ashkenazi, de Barcelona, que ensinava serem todas as coisas, desde a sefiroth Keter até a última pedra sobre a terra, sujeitas a um processo contínuo de mudança e transformação (din benei halof); o que apareceu alguma vez como inanimado pode, no devido momento, assumir a forma animada ou angelical, ou até a forma luminosa das sefirot.[357]

---

plus haut dégré des Sefirot, doctrine que fut développée, pour la première fois, dans tous ses details, vers 1300-1325 en Espagne par Joseph ben Shalom Ashkenozi, dit Rabbi Joseph, le Long. Elle forme l'élément authentiquement nouveau dans son Commentaire du livre Yetsira (commentaire inprimé plus tard sous le nom d'Abraham bem David de Posquières (Rabad) et dans un certain nombre de ses autres oeuvres conservées sous forme de manuscrits, où cette doctrine est exposée sous le titre din bne 'haloph ("loi de transformation générale"). Le Commentaire de Yetsira, dû au pseudo-Rabad, était très répandu en Italie vers l'an 1500, et Dattilo pouvait en avoir pris connaissance par de nombreux manuscrits. Il faut noter que l'idée selon laquelle toutes choses participent en definitive à la rédemption, parce que toutes subissent le même processus de métamorphose de toutes les formes à l'intérieur de la matière, n'était nullement partagée par tous les Kabbalistes, et Dattilo – tel qu'il est cité par Widmannstadt – avait parfaitement raison de l' atribuer seulement à 'certains' d' entre eux. Idem. Ibidem.

357 One is reminded here of Joseph b. Shalom ha-Ashkenazi of Barcelona, who taught that all things, from the sefirah Kether down to the last stone on earth, were subject to a continuous process of change and transformation (din beney halof); what appears at one time as inanimate may, in due course, assume animate or angelic form, and even the light form of the sefiroth. SCHOLEM, Gerson G. *Sabbatai Sevi*, p. 315. Tradução extraída de SCHOLEM, Gerson. *Sabatai Tzvi*, p. 304.

17
QUINTO TEMA: A PSICOLOGIA GNÓSTICO-PANTEÍSTA

Para o Panteísmo, o homem, quer em sua carne, quer em seu espírito, é divino. O universo proviria de Deus; seria Deus em forma material. A matéria, porém, pouco a pouco, iria se sublimando e se transformando em espírito. No homem, a divindade teria ainda os pés metidos no sangue e na lama da matéria, como diz Nikos Kazantzakis no livro *Ascese, salvatores Dei*. No final da evolução cósmica, todo o universo, numa apoteose, se transformaria em Deus.

Para a Gnose, o elemento divino do homem é uma centelha do Deus primitivo exilada e aprisionada na matéria, isto é, no corpo e no Cosmo, que seriam cascas envolvendo e aprisionando a divindade, que busca continuamente se libertar.

Desse modo, a Gnose afirma que o homem é um ser constituído dos seguintes elementos:

1. Corpo material;
2. Alma sensível e alma racional;
3. Alma pneumática, que seria o elemento divino no homem.

Para todas as seitas gnósticas, o corpo seria mau e o primeiro cárcere do qual a alma tem de se livrar. Mas também a alma sensível e a racional seriam más. A alma sensível seria má, porque é ligada ao corpo e aos sentidos enganadores. A alma racional, isto é, o elemento que torna o homem capaz de compreender e de querer, seria também má, porque a razão é enganadora, como já explicamos.

Embora a razão seja capaz de entender, seu entendimento depende sempre da matéria. Por isso, a razão seria incapaz de apreender o divino e até dificultaria fazê-lo. Só por meio da intuição pneumática isso seria possível. Daí a antipatia gnóstica contra os *logikoi* e contra a lógica.

Por sua vez, a vontade, fonte dos desejos, ligaria o homem às coisas criadas. Para se libertar, pois, o homem deveria destruir a segunda casca de maldade que o envolve, que é a alma racional.

O pneuma, espírito divino, centelha da divindade no homem, parcela da alma universal, constituiria propriamente o eu do homem.

Dessa composição tripartite do homem, deduziam os gnósticos, como já dissemos, os três tipos de homens. Conforme fosse o elemento constitutivo preponderante, os homens seriam:

1. Hílicos ou materiais;
2. Psíquicos ou racionais;
3. Pneumáticos ou espirituais.

Alguns textos comprovam o que até aqui resumimos. A composição tripartite do homem estaria em relação com a composição tripartite do Cosmo, devido à correspondência entre o micro e o macrocosmo:

> A harmonia multianalógica que une todos os elementos permitiu aos pensadores esotéricos distinguir no homem três modos de existir. Ao mundo material corresponde seu corpo, ao mundo psíquico, sua alma, e ao mundo espiritual, seu espírito. Esssa tripartição deu lugar a três disciplinas: a ciência da natureza ou física, a ciência da alma ou psíquica e a ciência do espírito ou metafísica. O espírito não é uma faculdade individual senão universal que está unida aos estados superiores do ser.[358]

Segundo a Gnose de Ptolomeu, discípulo de Valentino, o Demiurgo teria feito o homem "à sua imagem e semelhança". Ele o teria feito de substância invisível, de matéria fluida e móvel e, nessa, ele teria insuflado a alma psíquica. Depois, o Demiurgo revestiu tudo isso de uma túnica de pele, isto é, do elemento sensível e carnal. Às escondidas, a Sofia interior, Achamoth, havia depositado no Demiurgo, seu filho, um elemento divino, que, sem saber, o Demiurgo soprou no homem que ele fizera.

> O homem é composto, portanto, de três partes: a matéria, ou o lado esquerdo, morre necessariamente, porque não pode sequer receber um sopro de imortalidade; o psíquico, ou o lado direito, que está entre o espiritual e o corporal, irá para onde estiver inclinado; quanto ao espiritual, ele foi enviado aqui em baixo para ser, pelo seu casamento com o psíquico, formado, educado e elevado. É "o sal e a luz do mundo" (Mt, 5, 13-14).[359]

---

358 La armonía multianalógica que une todos los elementos ha permitido a los pensadores esotéricos distinguir en el hombre tres modos de existir. Al mundo material corresponde su cuerpo, al mundo psíquico, su alma, y al mundo espiritual, su espíritu. Esta tripartición dio lugar a tres disciplinas: la ciencia de la naturaleza o física, la ciencia del alma o psíquica y la ciencia del espíritu o metafísica. El espíritu no es una facultad individual sino universal que está unida a los estados superiores del ser. BENOIS, Luc. *El esoterismo* apud AZAY, Eduardo A. "Accesos a la visión unitaria del cosmos" in *La Nación*. Buenos Aires: 9/7/1978.

359 L'homme se compose donc de trois parties: la matière, ou le côté gauche, périt nécessairement, parce qu'elle ne peut recevoir même un souffle d'immortalité; le psychique, ou

O ódio ou desprezo da carne são comuns nas seitas gnósticas.

> Não tenha piedade da carne nascida da corrupção, proclama uma oração cátara, mas tenha piedade do espírito que está aprisionado. [...] O gnóstico intransigente manifesta uma repugnância invencível em relação às diversas manifestações da sexualidade comum (desejo sexual, união, concepção, nascimento) e mesmo para com os principais acontecimentos da vida corporal (nascimento, doenças, velhice, morte...). Tal repugnância em relação ao corpo leva pouco a pouco a considerar esse último como algo estranho, que é preciso suportar: o corpo é comparado a um "cadáver", a um "túmulo", a uma "prisão", a um "companheiro indesejável" ou um "intruso", a um "bandido", a um "adversário", a um "dragão devorador". O corpo, instrumento de humilhação e de sofrimento, puxa o espírito para baixo, mergulha-o em abjeta torpeza, ao degradante esquecimento de sua origem. O gnóstico puro chegará a execrar o parto, responsável pelo "encarceramento" das almas infelizes.[360]

Além dessa primeira prisão do corpo, uma segunda prisão seria constituída pela alma inferior ou psíquica:

> [...] cada homem abriga em si uma espécie de alma demoníaca, que asfixia o bom princípio. O homem tem duas almas: uma alma celeste, que é o seu verdadeiro "eu"; uma alma inferior, posta nele pelos demônios para obrigá-lo a pecar.[361]

---

le côté droit, qui est entre le spirituel et le corporel, ira là où il aura penché; quant au spirituel, il a été envoyé ici-bas pour être, par son mariage avec le psychique, formé, éduqué et élevé. C'est "le sel et la lumière du monde"(Mt 5,13-14). PTOLOMEU. *Carta a Flora* apud LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, pp. 224-225.

360 N'ayez pas pitié de la chair née de la corruption, proclame une prière cathare, mais ayez pitié de l'esprit qui est emprisonné. [...] Le gnostique intransigeant manifeste une répugnance invincible à l'égard des diverses manifestations de la sexualité ordinaire (désir sexuel, union, conception, naissance) et même des principaux événements de la vie corporelle (naissance, maladies, vieillesse, mort...). Une telle répugnance à l'égard du corps aboutit peu à peu à considérer ce dernier comme une chose étrangère, qu'il faut subir: le corps est comparé à un "cadavre", à un "tombeau", à une "prison", à un "compagnon indésirable" ou un "intrus", à un "brigand", à un "adversaire", à un "dragon dévorant", à une "mer dont les tempêtes menacent de nous engloutir". Le corps, instrument d'humiliation et de souffrance, tire l'esprit vers le bas, le plonge dans la torpeur abjecte, dans le dégradant oubli de son origine. Le pur gnostique en arrivera à exécrer l'enfantement, responsable de l'"incarcération" des malheureuses âmes. HUTIN, Serge. *Les Gnostiques*, pp. 16-17.

361 [...] chaque homme abrite en lui une sorte d'âme démoniaque, qui étouffe le bon principe. L'homme a deux âmes: une âme céleste, qui est son "moi" véritable; une âme inférieure, mise en lui par les démons pour l'obliger à pécher. Idem. Ibidem, pp. 18-19.

Também o gnóstico Basílides fala da existência de duas almas no homem e essa doutrina reaparece nos neoplatônicos.

> O homem tem duas almas: uma saída do Primeiro Intelecto, e que tem também parte no poder do Demiurgo; outra alojada nele pelo efeito da revolução dos céus e nela entra a alma que vê Deus. Visto que é assim, a alma que desceu em nós das esferas (literalmente: "dos mundos") está sujeita à revolução das esferas; mas a que está presente em nós como espírito saído do Intelecto é superior ao movimento que opera o devir, e é graças a ela que nós somos libertados da heimarmene e que se produz a ascensão em direção aos Deuses Inteligíveis.[362]
>
> Toda alma sai, portanto, do Primeiro Deus, e é ao Segundo que cabe distribuir as almas nos corpos humanos (pois apenas os homens têm participação em Deus), de plantá-las neles no primeiro nascimento, de transplantá-las quando a alma, ainda não purificada, tiver de passar para um novo corpo.
>
> A origem divina da alma é, portanto, para Numénius, um dogma bem estabelecido. Contudo é preciso distinguir. Como Numénius, com Plutarco, admite duas Almas do Mundo, uma boa, outra má (test. 30, p. 94. 6 ss.), assim reconhece duas almas no homem, uma racional, outra desprovida de razão (test. 36), que não cessam de se combater (test. 35, p. 98, 14 s.). Apenas é divina, evidentemente, a alma racional.[363]

Assim como o Cosmo, também a alma (psiqué) seria má, a tal ponto que, por vezes, a expressão "homem demoníaco" é usada como equivalente à expressão "homem psíquico" ou "homem carnal".[364]

---

362 L'homme a deux âmes: l'une est issue du Premier Intellect, et elle a aussi part à la puissance du Démiurge; l'autre a été logée en lui par l'effet de la révolution des cieux et en celle-ci entre l'âme qui voit Dieu. Puisqu'il en est ainsi, l'âme qui est descendue en nous des sphères (littéralement : "des mondes") est assujetie à la révolution des sphères; mais celle qui est présente en nous comme esprit issu de l'Intellect est supérieure au mouvement qui opère le devenir, et c'est grâce à elle que nous sommes délivrés de la Heïmarménê et que se produit l'ascension vers les Dieus Intelligibles. JAMBLICO. *De mysteriis* VII, 6 apud JONAS, Hans. *La religion gnostique,* p.212.

363 Toute âme sort donc du Premier Dieu, et c'est au Second qu'il appartient de distribuer les âmes dans les corps humains (car seule les hommes ont participation à Dieu), de les y planter à la première naissance, de les y transplanter quand l'âme, non encore purifiée, doit passer dans un nouveau corps.

L'origine divine de l'âme est donc, pour Numénius, un dogme bien assuré. Encore faut-il distinguer. Comme Numénius, avec Plutarque, admet deux Ames du Monde, l'une bonne, l'autre mauvaise (test. 30, p. 94. 6 ss.), ainsi reconnaît-il deux âmes dans l'homme, l'une raisonnable, l'autre dépourvue de raison (test. 36), qui ne cessent de se combatre (test. 35, p. 98, 14 s.). Seule est divine, évidemment, l'âme raisonable. FESTUGIÈRE, R.P. André-Jean. *La Revelation d'Hermès Trismégiste,* Vol. III, p. 44-45.

364 Cf. JONAS, Hans. *La religion gnostique,* p.367.

Segundo o Hermes Trimegisto, a constituição do homem seria a seguinte:

> Eis como é constituída a alma do homem: a inteligência está na razão, a razão na alma, a alma no espírito, o espírito no corpo.
>
> [...] A inteligência totalmente nua não poderia se estabelecer em um corpo de terra, e esse corpo passível não poderia conter uma tal imortalidade, nem levar uma tal virtude. A inteligência toma a alma por envelope; a alma, que é divina, envelopa-se com o espírito, e o espírito se derrama no animal.[365]

Essa doutrina dos "envelopes" é frequente entre os gnósticos. A alma, em sua queda através das esferas celestes, ir-se-ia carregando de túnicas materiais planetárias que seriam as fontes dos vícios humanos, como já vimos.[366]

As almas humanas, enquanto individualizadas, estariam num estado de peregrinação penitencial. Todas, na verdade, constituiriam originalmente uma grande alma coletiva e divina.

> Tu não aprendeste, nas *generalidades*, que da alma única do universo saem todas as almas que se derramam e são distribuídas em todas as partes do mundo? Essas almas atravessam numerosas mudanças, para melhor ou para pior. As almas dos répteis passam para os seres aquáticos, as dos animais aquáticos passam para os seres que habitam a terra, as dos animais terrestres, para as aves, as almas aéreas, para os homens; as almas humanas atingem a imortalidade tornando-se demônios. Em seguida, elas entram no coro dos Deuses imóveis. [...] Mas quando a alma, depois de ter entrado em um corpo humano, permanece má, ela não experimenta a imortalidade e não participa do bem. Ela retorna para trás e desce novamente aos répteis. Tal é a punição da alma má, e o mal da alma é a ignorância.[367]

---

365 Voici comment est constitué l'âme de l'homme: l'inteligence est dans la raison, la raison dans l'âme, l'âme dans l'esprit, l'esprit dans le corps.

[...] L'intelligence toute nue ne pourrait s'établir dans un corps de terre, et ce corps passible ne pourrait contenir une telle immortalité ni porter une telle vertu. L'intelligence prend l'âme pour enveloppe; l'âme, qui est divine elle-même, s'enveloppe d'esprit, et l'esprit se répand dans l'animal. TRIMEGISTE, Hermès, p. 61 e 65.

366 Cf. Notas nº 330 e 331.

367 N'as-tu apris, dans les *généralités*, que de l'âme unique de l'univers sortent toutes les âmes qui se répandent et sont distribuées dans toutes les parties du monde? Ces âmes traversent de nombreux changements, soit heureux, soit contraires. Les âmes rampantes passent dans les êtres aquatiques, celles des animaux aquatiques, dans ceux qui habitent la terre, celle des animaux terrestres, dans les volatiles, les âmes aériennes, dans les hommes; les âmes humaines parviennent à l'immortalité en devenant des démons. Ensuite elles entrent dans le choeur des Dieux immobiles. [...] Mais quand l'âme, après être entrée dans un corps humain, reste mauvaise, elle ne goute pas

A alma divina seria, para alguns gnósticos, feminina.

> Entre os Valentinianos, a crença no "duplo" toma uma forma bastante curiosa: nossa alma - que é feminina mesmo nos homens - é uma sizígia rompida, um anjo feminino que quer se reunir ao anjo masculino e assim junto com o qual ela forma um ser completo; por outro lado, os anjos masculinos que estão em torno do Salvador chamam nossas almas.[368]

Conforme o *Hermes Trismegisto*, o Nous divino seria andrógino. Daí também toda a criação ter essa mesma marca: homens e animais, a princípio, seriam andróginos e só depois de certo tempo é que os sexos teriam sido separados.[369]

Talvez se encontram reflexos dessa doutrina nas ideias de Zoroastro: que cada ser humano teria um *alter ego* no mundo superior, e que seria sua consciência religiosa sob a forma de uma jovem virgem belíssima, uma como que Beatriz de Dante.[370]

A alma superior seria ou toda divina, ou teria, pelo menos, uma parte divina. Esse elemento divino no homem era chamado pelos gnósticos "eu", "centelha", "pneuma", "intelecto" e de muitos outros nomes.

> [...] existe no homem algo que escapa à maldição deste mundo, um fogo, uma fagulha, uma luz saída do verdadeiro Deus, longíquo, inacessível, estranho à ordem perversa do universo real, e que a tarefa do homem é tentar, escapando dos sortilégios e ilusões do real, voltar à sua pátria perdida, reencontrar a unidade primeira e o reino deste Deus desconhecido, subestimado por todas as religiões anteriores.[371]

---

l'immortalité et ne participe pas au bien. Elle retourne en arrière et redescend vers les reptilles. Telle est la punition de l'âme mauvaise, et le mal de l'âme c'est l'ignorance. TRIMEGISTE, Hermès, pp. 60-61.

368 Chez les Valentiniens, la croyance au "double" prend une forme assez curieuse: notre âme – qui est féminine même chez l'homme – est une "syzygie" rompue, un ange féminin qui veut se réunir à l'ange masculin avec lequel elle forme un être complet; de leur côté, les anges masculins qui entourent le Sauveur appellent nos âmes (Cf. *Excerpta ex Theodoto*, 35-36). HUTIN, Serge. *Les Gnostiques*, pp. 69-70.

369 Cf. TRISMEGISTO, Hermes, pp. 8-10.

370 JONAS, Hans. *La religion Gnostique*, p.164.

371 [...] il existe en l'homme quelque chose qui échappe à la malédiction de ce monde, un feu, une étincelle, une lumière issue du vrai Dieu, lointain, inaccessible, étranger à l'ordre pervers de l'univers réel, et que la tâche de l'homme est de tenter, en s'arrachant aux sortilèges et aux illusions du réel, de regagner sa patrie perdue, de retrouver l'unité première et le royaume de ce Dieu inconnu, méconnu par toutes les réligions antérieures. LACARRIÈRE, Jacques. *Les gnostiques*, p. 11.

A mesma teoria é dada por Leisegang:

> Para o homem, essas duas almas [a vegetativa e a animal] são completadas pela alma intelectiva dotada de linguagem e de razão, o logos. Apenas a parte pensante da alma, o espírito, é imortal; e ainda não inteiramente, porque ele se divide em intelectivo passivo, receptor de formas, e em intelectivo agente, "informante" e criador. Apenas esse último é divino, dado ao homem "de fora"; só ele retorna, no momento da morte, a seu princípio.[372]

No maniqueísmo, essa partícula divina da alma humana é chamada de "eu".

> Nos fragmentos maniqueus de Turfan, utiliza-se uma outra palavra persa, *grîw*, que se pode traduzir por "eu" ou por "ego". Esse termo faz referência à pessoa metafísica, o sujeito transcendente e verdadeiro da salvação, diferente da alma empírica. No tratado maniqueu chinês, traduzido por Pelliot, ele recebe o nome de "natureza luminosa", "nossa natureza luminosa original", "natureza interior", o que lembra o homem interior de São Paulo; nos hinos maniqueius, é o "eu vivente" ou o "eu luminoso".
>
> O alquimista Zosimo fala de "nosso pneuma luminoso", e do homem pneumático interior, etc. Em certos gnósticos cristãos, é também a "centelha" e a "semente da luz".[373]

E conclui Hans Jonas:

> Não é exagerado dizer que a descoberta desse princípio transcendente e interior ao homem, e a altíssima preocupação de seu destino, são o próprio coração da religião gnóstica.[374]

---

372 Chez l'homme, ces deux âmes [a vegetativa e a animal] sont complétées par l'âme intellective douée de langage et de raison, le logos. Seule la partie pensante de l'âme, l'esprit, est immortelle; et encore, pas toute entière, car elle se divise en intellect passif, récepteur de formes, et en intellect agent "informant" et créateur. Seul ce dernier est divin, donné à l'homme "du dehors" ; seul il fait retour, au moment de la mort, à son principe. LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, p. 17.

373 Dans les fragments manichéens de Tourfan, il est fait usage d'un autre terme iranien, grîw, que l'on peut traduire par 'moi' ou par 'ego'. Il désigne la personne métaphisique, le sujet transcendant et véritable du salut, qui n'est identique à l'âme empirique. Dans le traité, il est appelé 'la nature lumineuse', 'notre nature lumineuse originelle', ou 'nature intérieure', ce qui rappelle 'l'homme intérieur' de saint Paul (sic); dans les hymnes manichéens, c'est le 'moi vivant' ou le 'moi lumineux'. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 167.

374 L'alchimiste Zosime parle de 'notre pneuma lumineux', et de l'homme pneumatique intérieur, etc. Chez certains gnostiques chrétiens, c'est aussi 'l'étincelle' et la 'semence de lumière'. Il n'est pas exagéré de dire que la découverte de ce principe transcendant et intérieur à l'homme, et le très haut souci de sa destinée, sont le coeur même de la religion gnostique. Idem. Ibidem, p. 168.

Essa doutrina da partícula divina, que habita a alma humana, está presente desde o paganismo mais antigo até os pensadores modernos. Os egípcios chamavam essa partícula de Ka e os hindus de Atman.

Mestre Eckhart, no fim da Idade Média, expressou essa doutrina gnóstica de modo bem claro:

> A alma é divina não porque seja objeto pensado, mas porque é subjetividade como Deus e porque nela se cumpre o nascimento eterno. Porém a alma, porque é inteligência, não se limita, como o universo, a ser semelhante a Deus, mas quer e pode ser igual a ele, que é Espírito, e instaura em si a própria vida do Absoluto.[375]

A psicologia eckhartiana é semelhante à dos gnósticos:

> No homem, há três coisas: uma é irracional, nunca obedecendo a razão. A segunda também é algo irracional, nascida, todavia, para obedecer à razão, isto é, o apetite concupiscível e o irascível... A terceira é o racional por essência.[376]

Na alma, haveria um fundo espiritual que permitiria a divinização do homem:

> Eckhart chama com vários nomes esse fundo espiritual que faz a alma uma com Deus: *domu dei, abditum animal,* ou *abditum cordis, anima nuda, syderesis,* razão *(vernünfiticheit), scintilla (vünkelin, vünke),* castelo da alma *(bürgelin der sêle),* fundo da alma *(grunt der sêle),* mente *(gemüt),* gérmen *(zwic),* fortaleza do espírito *(houte dês geistes).* Mas, na realidade, apesar dos muitos nomes, o "fundo da alma" é inominável como a Divindade.[377]
>
> A teoria eckhartiana tem seus genuínos precedentes históricos no "centro da alma" de Plotino e na "flor do intelecto" de Proclo,

---

375 L'anima è divina non perchè sia oggetto pensato, ma perchè è soggettività como Dio e perchè in lei si compie la nàscita eterna. Soltanto l'anima, perchè è intelligenza, non si limita, come l'universo, ad essere simile a Dio, ma vuole e può essere eguale a lui, che è Spirito, e instaura in se la vita stessa dell'Assoluto. FAGGIN, Giuseppe. *Meister Eckhart e la mistica tedesca pre protestante*, pp. 172-173.

376 In homine, tria sunt : unum irritionale nec oboediens rationi. Secundum est irritationale quidem, natum tamen oboedire rationi, appetitus scilicet concupisciobilis et irascibilis... Tertium est rationale per essetiam. MESTRE ECKHART, Pred. Ix 270, 4-6 apud FAGGIN, Giuseppe. *Meister Eckhart e la mistica tedesca pre protestante*, p. 175.

377 L'Eckhart chiama con vari nomi questo fondo spirituale che rende l'anima una con Dio: *domu dei, abditum animal*, o *abditum cordis, anima nuda, syderesis*, ragione (*vernünfiticheit*), *scintilla* (*vünkelin,vünke*), castello dell'anima (*bürgelin der sêle*), fondo dell'anima (*grunt der sêle*), mente (*gemüt*), germoglio (*zwic*), rocca dello spirito (*houte dês geistes*). Ma in realtà, malgrado i molti nomi, il "fondo dell'anima" é innominabile come La Divintà. FAGGIN, Giuseppe. *Meister Eckhart e la mistica tedesca pre protestante*, p. 192.

e me parece que interpreta o espírito autêntico da doutrina neoplatônica.[378]

Para Eckhart, a individualização da alma é uma situação má e de decadência para ela. O conjunto de todas as almas é que formaria o Pleroma divino.

> [...] aquilo que a alma possui de determinate ou de individual está condenado a morrer e permanece no sistema eckhartiano significando aquele fundo escuro da criaturidade, que não é e que não deve ser, que não toca a alma imortal, mas que a acompanha no breve ciclo de uma vida efêmera que não é a única e verdadeira vida.
>
> [...] As almas inteligentes não são criadas no tempo e não aumentam a quantidade do ser, mas são eterna genitura de Deus e constituem a plenitude do espírito, o Pleroma de Deus operante.[379]

Surpreendentemente, talvez, para alguns, se encontram ideias análogas também em Dante Alighieri:

> E aquela alma que compreende todas essas potências, [e] é perfeitíssima entre todas as outras, é a alma humana, a qual com a nobreza da última potência, isto é, a razão, participa da natureza divina à guisa de sempiterna inteligência; mas a alma é tão nobilitada naquela soberana potência e desnudada da matéria, que a divina luz, como no anjo, irradia nela: e, porém, o homem é chamado animal divino pelos filósofos. [...]
>
> Onde se pode doravante ver o que é a mente: que é aquela fina e preciosíssima parte da alma que é divindade. E esse é o lugar em que digo que o Amor discorre sobre minha senhora.[380]

---

378 La teoria eckhartiana ha i suoi genuini precedenti storici nel "centro dell'anima" di Plotino e nel "fiore del'intellecto" di Proclo, e mi sembra che della dottrina neoplatonica interpreti lo spirito autentico. Idem. Ibidem, p. 193.

379 [...] ciò che l'anima possiede di determinato o di individuale è condannato a morire e rimane nel sistema eckhartiano, a significare quel fondo oscuro della creatulità, che non è e non deve essere e che non toca l'anima immortale, ma che se la accompagna nel breve ciclo di uma vita effemera che non è la vita única e vera. [...] Le anime intelligenti non sono create nel tempo e non aumentano la quantità dell'essere, ma sono eterne geniture di Dio e constituisccono la pienezza dello spirito, il Pleroma del Dio operante. Idem. Ibidem, p. 186.

380 E quella anima che tutte queste potenze comprende, e perfettissima di tutte l'altre, è l'anima umana, la quale con la nobilità de la potenza ultima, cioè ragione, participa de la divina natura a guisa di sempiterna intelligenzia; però che l'anima è tanto in quella sovrana potenza nobilitata e dinudata da materia, che la divina luce, come in angelo, raggia in quella: e però è l'uomo divino animale da li filosofi chiamato.

[...] Onde si puote omai vedere che è mente: che è quella fine e preziosissima parte de l'anima che è deitade. E questo è il luogo dove dico che Amore mi ragiona de la mia donna. ALIGHIERI, Dante. "Convívio", III, II.

O que se sucede às partículas ou centelhas da divindade existentes em estado cativo nas almas humanas ocorreria semelhantemente aos éons no pan. Vimos que, no pan, cada éon era o todo e, ao mesmo tempo, nada. Assim também se dava com as almas; elas seriam homoeômeras, isto é, compostas de partículas semelhantes umas às outras e cada uma delas seria semelhante ao todo. É o que explica o seguinte texto de Jamblico citado por Festugière:

> Há pessoas que têm a substância da alma em sua totalidade (Alma do mundo + almas particulares) para a homoeômera, idêntica e una, de modo que, em qualquer uma das partes, há todo o conjunto, que, além disso, instalam também na alma particular o mundo inteligível, os deuses, os demônios, o Bem e todos os gêneros superiores, e declaram que todas as coisas se encontram igualmente em todas as almas, salvo que elas aí estão de uma maneira apropriada a ser de cada uma dentre elas.[381]

Vimos anteriormente como os maniqueus e gnósticos em geral consideravam que existiriam três tipos de homens:

1. Os hílicos ou materiais;
2. Os psíquicos, "*logikoi*" ou racionais;
3. Os pneumáticos ou espirituais.

Para os naassenos também havia essa divisão e por isso haveria três igrejas:

> [...] de acordo com o naassenos, o Universo compreende três tipos de seres: o seres angélicos, os psíquicos e os materiais aos quais correspondem três Igrejas: a angélica, a psíquica e a material; eles dão a essas três Igrejas os nomes de chamada, eleita e cativa. (Cf. Mt 20,16).[382]

Vejamos o que diz a Cabala sobre a psicologia humana:

> A ligação íntima entre a cosmogonia e a psicologia em todos os sistemas gnósticos é tão bem conhecida que seu aparecimento no Zohar quase não causa surpresa. Em um hino místico, Moisés ben-Nachman descreveu o nascimento da alma na profundeza das

---

381 Il y a des gens qui tiennent la substance de l'Âme en sa totalité (Âme du monde + âmes particulières) pour homoehomère, identique et une, en sorte que, dans n'importe laquelle de ses parties, il y a tout l'ensemble, qui de plus installent jusque dans l'âme particulière le monde intelligible, les dieux, les démons, le Bien et tous les genres supérieurs, et declarent que toutes choses se trouvent également dans toutes les âmes, sauf qu'elles y sont d'une manière appropriée à l'être de chacune d'entre elles. FESTUGIÈRE, R. P. *La Révelation d' Hermès Trimegiste*, vol. III, p. 46.

382 [...] à entendre les Naassenes, l'Univers comprend trois sortes d'êtres: les êtres angéliques, les psychiques et les matériels auxquels correspondent trois Églises: l'angelique, la psychique et la matérielle; ils donnent à ces trois Églises les noms d'appelée, d'élue, de captive. (Cf. Mt 20, 16). SANTO HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, p. 126.

> esferas divinas de onde sua vida jorra. Pois a alma, também, é uma centelha da vida divina e carrega em si a vida dos estágios divinos que percorreu.[383]

No Zohar, livro cabalístico do século XIII, acha-se uma mistura de doutrinas psicológicas platônico-aristotélicas e de doutrinas árabes. Segundo os seguidores de Platão e de Aristóteles, era preciso distinguir a alma vegetativa, a alma animal e a alma racional. Para os aristotélicos, a alma teria essas três faculdades, enquanto os platônicos tendiam a considerar que haveria três almas.

Os árabes e Maimônides defendiam a teoria do "intelecto adquirido", isto é, a latente faculdade racional se atualizaria no processo cognoscitivo.

Para o Zohar, haveria que distinguir:

1. Nefesch ou vida;
2. Ruach ou espírito;
3. Neschamá ou alma propriamente dita.

Todas essas três entidades existiriam latentes na Nefesch e dela desabrochariam.[384]

Essa mesma explicação se acha em Waite:

> É ensinado de uma forma resumida que o homem é composto de três coisas: Vida ou Nephesh; Espírito, que é Ruah ou Haïâ, e Alma, isto é, Neshamah. Por isso, ele se torna "um espírito vivo" - um termo que é, entretanto, aplicado mais especificamente à Neshamah. Eles são chamados também de três graus, ou espírito vital, espírito intelectual e alma propriamente. Nephesh é a parte falível, pois o pecado não é sugerido nem pela Ruah nem pela Neshamah. Diz-se em outro lugar e mais claramente que o espírito vital peca, mas não a alma. Esses três graus são sobrepostos uns aos outros na ordem dada, e Neshamah é unida a Deus, mas a posse de todos esses não é imprescindível à vida de toda pessoa: as partes mais altas são obtidas servindo o Mestre.[385]

---

383 SCHOLEM, Gerson G. *A mística judaica,* p. 241.

384 Cf. Idem. Ibidem, p. 242.

385 It is taught in a summary way that man is composed of three things: Life or Nephesh; Spirit, which is Ruah or Haïâ; and Soul, that is, Neshamah. By these he becomes "a living spirit" – a term, however, which is applied more especially to Neshamah. They are called also three degrees, or vital spirit, intellectual spirit and soul proper. Nephesh is the fallible part, for sin is suggested neither by Ruah nor Neshamah. It is said elsewhere and more plainly that the vital spirit sins, but not the soul. The three degrees are superposed one upon another in the order already given, and Neshamah is attached to God; but all these are not the imprescriptible possession of every person in life: the higher parts are earned by serving the Master. WAITE, Arthur Edward. *The holy Kabbalah,* pp. 241-242

E continua esse mesmo autor:

> O Nephesh é o único que é imprescidível, ou necessário para a existência do homem. Se ele se comporta dignamente com esse dom outro espírito é posto dentro dele, que é como uma coroa para o Nephesh, e esse é Ruah. O homem é então iluminado pela luz de uma região superior e está em condições de discernir as leis do Rei Secreto. Se ele ainda continua digno ele recebe a coroa de Ruah, cujo nome é Neshamah; mas é também chamada Alma de Deus.[386]

Noutro texto, Waite mostra que as duas almas inferiores parecem ter uma mesma essência, enquanto só a Neshamah seria alma propriamente dita, o que aproxima a doutrina cabalística da doutrina gnóstica das duas almas.

> Noutra especulação, Nephesh é designado como a alma em estado de sono, e essa definição parece excelente. Ruah é a alma em estado de vigília, por isso eu entendo ser os estágios iniciais de nascer para as coisas do alto. Diz-se que estas duas não diferem em essência. Acima deles está Neshamah, que é a alma propriamente. Essas graduações do espírito do homem são a imagem do Mistério da Sabedoria, e sondá-las é descobrir essa Sabedoria. Quando Neshamah é proeminente no homem, ele é chamado de santo.[387]

A Neshamá, pois, só existe pelo devoto perfeito, que bem serve "*the Master*", isto é, segundo o Zohar, pelo cabalista que, conhecendo os mistérios da Torá, obtém a Neshamá e se diviniza.

> Neschamá é o mais profundo poder intuitivo que leva aos segredos de Deus e do universo. Portanto é natural que a Neschamá seja também concebida como uma centelha da Biná, o próprio intelecto divino.[388]

---

386 The Nephesh alone is imprescriptible, or necessary to the man's existence. If he comports himself worthily with this gift another spirit is poured into him, which is like a crown of Nephesh, and this is Ruah. The man is then illuminated by light from a superior region and is in a position to discern the laws of the Secret King. If he still continues worthy he receives the crown of Ruah, the name of which is Neshamah; but it is called also Soul of God. Idem. Ibidem, p. 242.

387 Another speculation designates Nephesh as the soul in a state of sleep, and this definition seems excellent. Ruah is the soul in a waking state, by which I understand the earlier stages of becoming alive to things above. It is said that these two do not differ in essence. Above them is Neshamah, which is the soul proper. These grades of the spirit of man are the image of the Mystery of Wisdom, and to fathom them is to discover that Wisdom. When Neshamah is pre-eminent in man he is called holy. Idem. Ibidem, p. 244.

388 SCHOLEM, Gerson. G. *A mística judaica*, p. 242.

Sobre as relações da Cabala com a Gnose, no que concerne ao problema da alma, o mesmo Scholem diz o seguinte:

> Mas voltando à questão da alma, sustentam, assaz surpreendentemente, as tradições procedentes do segundo século, que Gênesis 1:24 "Produza a terra alma vivente", refere-se ao espírito (ruach) do primeiro Adão, que, portanto, não é um pneuma soprado nele, mas um espírito terrestre, uma potência vital a habitar dentro da terra. Tenho certeza de que essa concepção se relaciona com ideias gnósticas que, embora adotadas por heréticos, eram originariamente judaicas – um fato que, estranhamente, muitas vezes tem sido negado ou negligenciado.[389]

Para o cabalista Isaac, o cego, que viveu no Languedoc no século XII:

> O homem [...] é "a soma de todas as criaturas, um grande selo no qual o começo e o fim" de todas as criaturas "estão enganchados um no outro".[390]
>
> Para explicar Gn 2,7: "Ele soprou em seu nariz um hálito de vida", Isaac utiliza a seguinte parábola: "Aquele que sopra em um outro coloca nele seu próprio hálito". Nós devemos, portanto, admitir que ele via o pneuma humano diretamente saído do mundo das emanações; isso era para ele o divino no homem, e esse divino não tinha senão necessidade de ser atualizado.[391]

Embora a Neshamah seja considerada uma partícula da terceira sefiroth, Binah, sua relação com a divindade se faz por meio da Sofia inferior, Malkut ou Shekinah, que, tendo se separado do corpo sefirótico, caiu no universo material.

> Essa Sofia inferior está em relação com o pneuma, parte constitutiva superior da alma humana [...].[392]

Tendo saído da Binah, todas as almas retornarão à Binah.

> Trata-se, com efeito, de uma identidade escatológica com o éon da Criação ao qual tudo retorna - ideia que volta igualmente, sob

389 Idem. *A Cabala e seu simbolismo*, p. 196.

390 L'homme [...] est "la somme de toutes les créatures, un grand sceau dans lequel le commencement et la fin" de toutes les créatures "sont accrochés l'un à l'autre". ISAAC, O CEGO apud SCHOLEM, Gerson G. *Les origines de la Kabbale*, p. 307.

391 Pour expliquer Gn 2,7: "Il soufla dans son nez une haleine de vie", Isaac utilise la parabole que voici: "Celui qui soufle dans un autre y met sa propre haleine". Nous devons donc admettre qu'il voyait le pneuma humain directement issu du monde des émanations; c'était pour lui, le divin dans l'homme, et ce divin n'avait besoin que d'être actualisé. SCHOLEM, Gerson G. *Les origines de la Kabbale*, p. 308.

392 Cette Sophia inférieure est en rapport avec le pneuma, partie constitutive supérieure de l'âme humaine [...]. Idem. Ibidem, p. 103.

uma forma diferenciada, na Cabala, onde tudo sai do éon da Biná, denominado também "o éon futuro", e para onde tudo volta e se une de novo a ele, mas, antes de tudo, as almas dos justos.[393]

Outros textos apresentam as almas como partículas da Shehinah ou como parcelas da alma de Adão que existiriam não só no homem como também em todas as coisas.

> [...] as centelhas da Shehiná encontram-se por toda parte, espalhadas entre todas as esferas de existência metafísica e física. Mas isto não é tudo. A "grande alma" de Adão, na qual estava concentrada toda a substância da alma de toda humanidade, também se fragmentou. O primeiro homem, com sua vasta estrutura cósmica, encolhe-se para suas dimensões atuais. As centelhas da alma de Adão e as centelhas da Shehiná dispersam-se, caem e entram em exílio, onde serão dominadas pelas "cascas", as klipot.[394]

Quanto ao corpo, diz a Cabala que ele foi resultante do pecado e que Adão, antes da queda, seria um ser puramente espiritual.

> Adão era um ser espiritual, cujo lugar estava no mundo do Asiá, o qual, como vimos, era também um reino espiritual. Quando ele caiu em pecado, então e só então é que também este mundo caiu de seu lugar anterior e destarte mesclou-se ao reino das Klipot, que originalmente se localizava abaixo dele. Assim surgiu o mundo material em que vivemos, e a existência do homem como um ser em parte espiritual e em parte material. E sempre que caímos em pecado, causamos uma repetição desse processo, da confusão do sagrado com o impuro, a "queda" da Schehiná e seu exílio. "Centelhas da Schehiná" acham-se espalhadas por todos os mundos, e "não há esfera de existência, seja de natureza orgânica seja inorgânica, que não esteja repleta de centelhas sagradas que estão misturadas às Klipot e pecisam ser separadas delas e elevadas.
>
> Ao estudioso da história religiosa, a estreita afinidade destes pensamentos com as ideias religiosas dos maniqueístas há de ser óbvia de imediato.[395]
>
> [...] cada alma encerra as potencialidades dessa aparição espiritual, ultrajada e degradada pela queda de Adão, cuja alma continha todas

---

393 [...] Il s'agit en fait d'une identité eschatologique avec l'éon de la Création auquel tout retourne – idée qui revient également, sous une forme différenciée, dans la Kabbale, où tout sort de l'éon de la Bina, nomée aussi "l'éon futur", et où tout retourne et s'unit de nouveau à lui, mais avant tout les âmes des justes. Idem. Ibidem, pp. 84-85.

394 SCHOLEM, Gerson G. *A Cabala e seu simbolismo*, p. 139.

395 Idem. *A mística judaica*, p. 283.

> as almas. Desta alma de todas as almas espalharam-se centelhas em todas as direções e elas difundiram-se na matéria.[396]

À medida que a alma verdadeira, Neshamá, desabrocha da Nefesh de Ruah, o corpo vai se espiritualizando. Os "justos" não teriam corpos materiais, mas apenas aparentes.

> O Justo é um corpo sagrado, tecido pelos anjos [...]. O pecador tem um corpo tecido pelos anjos da destruição, e a cada membro é designado um arconte, de modo que ele cometa com ele [o membro] um pecado. O pecador tem um intelecto leve como palha, mas o do Justo é pesado como ouro.[397]

E ainda:

> [...] os corpos dos Profetas, que são formas de corpos e, entretanto, não são corpos.[398]

As centelhas da divindade estariam encadeadas no homem, quer por fatores decorrentes da materialidade, quer por fatores de ordem psicológica.

Elementos psicológicos encarcerantes da divindade seriam a personalização, a lógica ou racionalidade e o desejo. Fatores decorrentes da materialidade seriam a individualização, o espaço e o tempo.

A personalização provocaria a separação dos éons divinos e impediria a fusão de todos no Todo. Daí a Gnose ser profundamente contrária a tudo o que personaliza e, pelo contrário, favorecer todo igualitarismo e coletivismo. Por exemplo, em todos os sistemas gnósticos, a propriedade particular é vista como um mal não só por ser material, mas especialmente por ser particular.

Já mostramos como a Gnose é antilógica e antirracional. Fazer juízos e definir estabelecendo limites são separar, e isso o faz a razão, criando a ilusão da multiplicidade de seres da alteridade. Por sua vez, a lógica, fundamentada nos princípios de identidade e de contradição, impede a compreensão do vir-a-ser dialético próprio da Gnose.

O querer é fruto da personalização e da alteridade que afirmam o eu e mantêm em prisão as partículas divinas.

Para se libertar da existência e da matéria, algumas seitas gnósticas praticavam uma apatia ou uma inatividade completa. Os euchitas, por exemplo.

---

396 Idem. Ibidem, p. 281.

397 Le Juste est un corps sacré, tissé par les anges [...]. Le pécheur a un corps tissé par les anges de la destruction, et à chaque membre est préposé un archonte, de sorte qu'il commet avec lui [le membre] un péché. Le pécheur a un intellect léger comme de la paille, mais le Juste est lourd comme de l'or. ISAAC, O CEGO apud SCHOLEM, Gerson G. *Les origines de la Kabbale*, p. 307.

398 [...] les corps des Prophètes, qui sont des formes de corps et néanmoins pas de corps. SCHOLEM, Gerson G. *Les origines de la Kabbale*, p. 381.

> Unicamente preocupados com fazer ao demônio este combate sem misericórdia, os euchitas se preocupavam muito pouco com as contingências. Eles recusavam todas as formas de trabalho - manual ou intelectual - (o que os fez serem chamados às vezes de os Preguiçosos) e subsistiam unicamente de mendicidade. Homens e mulheres viviam em comum, vagando ociosamente ao acaso das estradas, (principalmente na província de Osroena, nos arredores de Edessa) por bandos errantes que dormiam ao relento e praticavam a livre comunidade das mulheres e dos bens. Eles rejeitavam também toda obediência e toda submissão às autoridades, quaisquer que fossem – eclesiásticas ou temporais –, o que os transformou não apenas em vagabundos e mendicantes, mas também e, sobretudo, em rebeldes.[399]

Mesmo que não se queira, é-se obrigado a notar a enorme semelhança dessa descrição dos euchitas com o estilo de vida e a "filosofia" *hippie*.

Vimos como a matéria é, para a Gnose, o grande mal. É ela que produz a individuação e que submete o homem às limitações de tempo e espaço. É ela que submete o homem à lei escravizante do destino cósmico (heimarmene), "[...] fornecida pelos planetas ou pelas estrelas em geral, que são os intérpretes míticos da hostil e inexorável lei do universo."[400]

> É somente por ter perdido seu status de totalidade para se particularizar e, ao mesmo tempo, se demonizar, que a ideia de "mundo" se tornou suscetível de pluralidade. Nós poderíamos dizer que "mundo" exprime um objeto coletivo mais que uma unidade, uma família demoníaca mais que um indivíduo único de sua espécie demoníaca. A pluralidade marca também o aspecto labiríntico do mundo: nos mundos, a alma perde seu caminho, ela erra e por toda parte onde ela busca uma passagem para escapar, ela não faz mais que passar de um mundo a outro que não é menos mundo.[401]

---

399 Uniquement préocupés de livrer au démon ce combat sans merci, les Euchites se souciaient fort peu des contingences. Ils refusaient toutes les formes de travail – manuel ou intelectuel – (ce qui fit qu'on les appelait parfois les Paresseux) et subsistaient uniquement de mendicité. Hommes et femmes vivaient en commun, vagabondant au hasard des routes (notament dans la province d'Osrhoène, autour d'Édesse) par bandes errantes qui dormaient en plein air et pratiquaient la libre communauté des femmes et des biens. Il rejetaient aussi toute obéissance et toute soumission aux autorités quelles qu'elles soient - ecclésiastiques ou temporelles - ce qui en fit non seulement des vagabonds et des mendiants mais aussi et surtout des insoumis. LACARRIÈRE, Jacques. *Les gnostiques,* p. 127.

400 [...] dispensée par les planètes, ou par les étoiles en général, qui sont les interprètes mythiques de l'hostile et inexorable loi de l'univers. JONAS, Hans. *La religion gnostique,* p.334.

401 C'est seulement pour avoir perdu son statut de totalité pour s'être particularisée et en même temps démonisée, que l'idée de 'monde' est devenue susceptible de pluralité. Nous pourrions dire

Espaço e tempo são forças que se opõem à libertação da alma de sua prisão cósmica. O gnóstico, aspirando a ser deus imutável, não pode aceitar senão como um mal as mudanças do ser contingente.

> O tempo, que é em si insuficiente, nasceu de um desastre, de uma "deficiência, do desmoronamento e da dispersão no vazio, no *kenoma*, de uma realidade que existia anteriormente, una e integral, no seio do Pleroma, da "plenitude", ou do Aion, da Eternidade... Desse modo, o gnóstico aspira apenas a ser libertado do tempo, estabelecido ou restabelecido fora de todo devir, num estado que ele supõe ter sido o seu na origem: na estabilidade e na verdade do Pleroma, de Aion, do ser eterno, de seu ser pleno.[402]

A criação do tempo pelo Demiurgo teria sido uma tentativa frustrada de imitar a eternidade:

> Além disso, dizem [os marcosianos] que o Demiurgo, querendo imitar a infinitude, a eternidade, a ilimitabilidade e a intemporalidade da Ogdôada e não tendo o poder de reproduzir a estabilidade e perpetuidade dela, por ser ele fruto de uma degradação, reduziu esta eternidade em períodos e tempos numerosíssimos, pensando imitar a infinidade dela com a multiplicidade dos tempos.[403]

Dispensamo-nos de citar novos textos gnósticos ou de autores que trataram do tema para demonstrar que a matéria era considerada a prisão ou o túmulo da divindade.

Sobre o comunismo e a igualdade entre os gnósticos, trataremos adiante de modo especial, no capítulo sobre a utopia e o milenarismo.[404] Agora, limitar-nos-emos a citar dois textos.

---

que 'monde' exprime un objet collectif plutot qu'une unité, une famille démonique plutôt qu'un individu seul de son espèce démonique. La pluralité marque aussi l'aspect labyrinthique du monde: dans les mondes, l'ame perd son chemin, elle erre et partout où elle cherche un passage pour s'évader, elle ne fait que passer d'un monde à un autre qui n'est pas moins monde. Idem. Ibidem, p. 76.

402 Le temps, qui est en soi insuffisance, est né d'un désastre, d'une "déficience", de l'effondrement et de la dispersion dans le vide, dans le kénôma, d'une réalité qui existait auparavant, une et intégrale, au sein du Plérôma, de la "plénitude", ou de l'Aiôn, de l'Eternité... Aussi le gnostique n'aspire-t-il qu'à être délivré du temps, établi ou rétabli hors de tout devenir, dans l'état qu'il suppose avoir été le sien à l'origine: dans la stabilité et la vérité du Plérôme, de l'Aiôn, de l'être éternel, de son être plénier. PUECH, H. C. *Annuaire Collège de France, 55ᵉ année,* pp. 173-174 apud HUTIN, Serge. *Les Gnostiques.* p. 23.

403 Ad haec autem volentem aiunt Demiurgum superioribus ogdoadis interminabile, et aeternum, et infinitum, et intemporele imitari: et cum non potuisse persevaribile ejus et perpetuum deformare, ideo quod fructus sit labis, in temporum, spatia, et tempora, et numeras multorum annorum ae ternitatem ejus, deposuisse, existimantem in multitudine temporum imitari ejus interminatum. SANTO IRINEU. *Contra Haereses,* I, XVII, 2 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contra as Heresias,* I, XVII, 2.

404 Nota do editor: o autor não chegou a redigir esse capítulo.

Segundo São Clemente de Alexandria, os carpocráticos afirmavam que "A justiça consiste numa comunidade de igualdade" ("*La justice consiste dans une communauté d'égalité*"), porque assim como há um céu e um sol para todos, assim como o sol brilha igualmente para todos ("ninguém pode, portanto, tê-lo em maior quantidade nem subtraí-lo a seu próximo a fim de dobrar sua parte de luz" – "*personne ne peut donc en posséder davantage ni en dérober à son prochaín afin de doubler sa part de lumière*"), assim como o alimento na terra é comum para todos os animais, assim o Pai não faz distinção entre os homens, nem entre os homens e os animais, e nem mesmo entre quaisquer seres.

As leis humanas que teriam criado a desigualdade contrariariam a lei divina:

> Pois as leis particulares fragmentam e destroem a comunhão com a lei divina. Não compreendeis [perguntava Epifânio, filho de Carpócrates]a palavra do Apóstolo: "Mas eu não teria conhecido o pecado se não existisse a Lei (Rm 7,7)?". O Apóstolo quer dizer com essas palavras que o meu e o teu entraram no mundo pelas leis e que isso foi, portanto, o fim de toda comunidade. Porque o que resta de comum àqueles que não desfrutam de propriedades, de bens ou mesmo do casamento? E, entretanto, Deus criou igualmente para todos as vinhas, que não expulsam nem o passarinho nem o ladrão, e o mesmo fazem os cereais e as outras frutas. Mas foi a partir do dia em que a comunidade não foi mais entendida com o sentido de igualdade e foi deformada pela Lei que ela produziu o ladrão que rouba animais e frutas. Deus, tendo tudo criado para a fruição comum dos homens, reuniu o homem e a mulher para um comércio comum, e acasalou do mesmo modo todos os seres viventes para manifestar sua justiça como a comunidade na igualdade. Mas aqueles que nasceram graças a isso renegaram sua origem da comunidade que aproxima os homens. Eles dizem: "Que aquele que se casar a conserve para si", quando todos podem ter parte com ela, como mostra o exemplo de todos os outros seres vivos.[405]

405 Car les lois particulières fragmentent et détruisent la communion à la loi divine. Ne comprends-tu pas [perguntava Epifanio filho de Carpócrates] la parole de l'Apôtre: "Je n'ai connu le péché que par la loi (Rom.VII,7)?". L'Apôtre signífie par là que le mien et le tien ne sont entrés dans le monde que par les lois et que ç'a été alors la fin de toute communauté. Car que reste-t-il de commun à ceux qui ne jouissent ni de propriétés, ni de biens, pas même du mariage? Et pourtant Dieu a crée communément pour tous les vignes qui ne chassent ni le passereau ni le voleur, et de même les céréales et les autres fruits. Mais c'est du jour où la communauté n'a plus été comprise au sens d'égalité et a été déformée par la Loi, qu'elle a produit le voleur qui vole bêtes et fruits. Dieu ayant tout crée pour la jouissance commune de l'homme, il a réuni l'homme et la femme pour un commerce commun, et il a accouplé pareillement tous les êtres vivants pour manifester sa justice comme la communauté dans l'égalité. Mais ceux qui sont nés grâce à cela ont renié leur origine de la communauté qui rapproche les hommes. Ils disent: "Que celui qui en épouse une la garde",

Daí concluíram os carpocráticos que os mandamentos do decálogo que proibiam cobiçar a mulher e as coisas alheias eram ridículos e contrários à verdadeira lei de Deus.

Em suma, o mal consistiria nas limitações do ser contingente e, simplesmente mesmo, no fato de ser. Existir é sofrer, é estar na posse do demônio. Ser é o mal.

> "A angústia e a miséria, nos diz Basílides, acompanham a existência como a ferrugem cobre o ferro." O mal é o próprio fato de existir no mundo sensível. O universo inteiro é mau.[406]

Por meio do eu e da matéria, isto é, por meio do destino, os arcontes maus governam o homem neste mundo, de modo que a própria existência é má.

> [...] a heimarmena é esse governo que os senhores do mundo exercem sobre nós, por meio de nosso eu [...]. Assim, a existência no mundo é essencialmente o estado em que se é possuído pelo mundo, no sentido literal, isto é, no sentido demoniológico do termo.[407]

Hans Jonas mostra ainda como na literatura mandeana a vida e a existência são apresentadas como dejeções:

> [...] a vida foi dejetada no mundo; a luz na treva, a alma no corpo. Ela exprime a violência original que me foi feita quando me fizeram estar onde estou e ser o que eu sou.[408]

Talvez não se encontre em nenhum autor um ódio antimetafísico tão grande quanto em Émile Cioran. As citações a seguir são todas de seu livro *Précis de décomposition* e ilustram bem o que até aqui afirmamos sobre a posição gnóstica em face do ser contingente e do ser enquanto tal.

O próprio ser é apenas um anúncio do Nada.[409]

> [...] passado, presente, futuro são apenas aparências variáveis de um mesmo mal, idêntico em sua substância, inexorável em

alors que tous peuvent avoir part à elle, comme le montre l'exemple de tous les autres êtres vivants. SÃO CLEMENTE DE ALEXANDRIA. Strom. III, 2, 9 et 3, 9, apud LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, p. 183.

406 L'angoisse et la misère, nous dit Basilide, accompagnent l'existence comme la rouille couvre le fer. Le mal, c'est le fait même d'exister dans le monde sensible. L'univers tout entier est mauvais. HUTIN, Serge. *Les Gnostiques*, p. 21.

407 [...] la heimarménê est ce gouvernement que les maîtres du monde exercent sur nous au moyen de notre moi [...] Ainsi, l'existence dans le monde est essentielement l'état où l'on est possedé par le monde, au sens litteral, c'est à dire, démonologique du terme. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 367.

408 [...] la vie a été déjetée dans le monde; la lumière dans la ténèbre, l'âme dans le corps. Elle exprime la violence originelle qui m'a été faite quand on m'a fait être où je suis et ce que suis [...]. Idem. Ibidem, p. 453.

409 L'être lui-même n'est qu'une préterition du Rien. CIORAN, Émile. *Précis de decomposition*, p.,73.

sua insinuação e monótono em sua persistência. E esse mal é coextensivo ao ser, é o próprio ser.[410]

Eu não quero mais colaborar com a luz, nem empregar o jargão da vida. Eu não diria mais: "eu sou" sem enrubescer. O impudor do sopro, o escândalo da respiração estão ligados ao abuso de um verbo auxiliar [...].[411]

Chegado ao mais íntimo de seu outono, ele [o homem] oscila entre a Aparência e o Nada, entre a forma enganadora do ser e sua ausência: vibração entre duas irrealidades [...].[412]

A salvação, pois, estaria na recusa ou na renúncia ao ser.

Pelo que é "profundo" em nós, estamos expostos a todos os males: nenhuma salvação enquanto nós conservarmos uma conformidade com nosso ser [...] assim há apenas uma saída: abolir a alma, suas aspirações e seus abismos.[413]

Eu quereria semear a Dúvida até as entranhas do globo, embeber dela a matéria, fazê-la reinar onde o espírito jamais penetrou, e, antes de atingir a medula dos seres, sacudir a quietude das pedras e introduzir nelas a insegurança e os sobressaltos do coração. Arquiteto, eu teria construído um templo à Ruína; pregador, revelado a farsa da oração; rei, arvorado o emblema da rebelião. Como os homens acalentam um desejo secreto de se repudiar, eu teria excitado em toda parte a infidelidade a si mesmo, mergulhado a inocência no estupor, multiplicado os traidores de si mesmos, impedido a multidão de chafurdar no pântano das certezas.[414]

---

410 [...] passé, présent, futur ne sont qu'apparences variables d'un même mal, identique dans sa substance, inexorable dans son insinuation et monotone dans sa persistance. Et ce mal est coextensif à l'être, est l'être lui-même. Idem. Ibidem, pp. 79-80.

411 Je ne veux plus collaborer avec la lumière ni employer le jargon de la vie. Et je ne dirai plus: 'je suis' - sans rougir. L'impudeur du souffle, le scandale de la respiration sont liés à l'abus d'un verbe auxiliaire [...]. Idem. Ibidem, p. 133.

412 Parvenu au plus intime de son automne, il [o homem] oscille entre l'Apparence et le Rien, entre la forme trompeuse de l'être et son absence: vibration entre deux irréalités [...]. Idem. Ibidem, p. 134.

413 Par ce qui est 'profond' en nous, nous sommes en butte à tous les maux: point de salut tant que nous conservons une conformité à notre être [...] aussi n'y a-t-il qu'une seule issue: abolir l'âme, ses aspirations et ses abîmes. Idem. Ibidem, p. 176.

414 J'aurais voulu semer le Doute jusqu'aux entrailles du globe, en imbiber la matière, le faire régner là où l'esprit ne pénétra jamais, et, avant d'atteindre la moelle des êtres, secouer la quiétude des pierres y introduire l'insécurité et les défauts du coeur. Architecte, j'eusse construit un temple à la Ruine; prédicateur, révélé la farce de la prière; roi, arboré l'emblème de la rébellion. Comme les hommes couvent une envie sécrète de se répudier, j'eusse excité partout l'infidelité à soi, plongé l'innocence dans la stupeur, multiplié les traîtres à eux-mêmes, empêché la multitude de croupir dans le pourrissoir des certitudes. Idem. Ibidem, p. 221.

Como matar de outro modo o tempo que não passa mais? Nesses domingos intermináveis, o mal de ser manifesta-se plenamente.[415]

Uma doutrina da salvação não tem sentido senão se partimos da equação existência-sofrimento.[416]

Qual pecado você cometeu para nascer, qual crime para existir? Sua dor como seu destino é sem motivo.[417]

O espírito está sem defesa contra os miasmas que o assaltam, pois eles surgem do local mais corrompido que existe entre a terra e o céu, o local onde jaz a loucura, na ternura, cloaca de utopias e verminário de sonhos: nossa alma.[418]

Para desejar fundamentalmente outra coisa, é preciso estar desinvestido do espaço e do tempo, e viver num mínimo de parentesco com o lugar e o momento.[419]

Ser arrancado do solo, exilado na duração, cortado de suas raízes imediatas é despedaçar uma reintegração nas fontes originais de antes da separação e do despedaçamento.[420]

A injustiça governa o universo. Tudo o que aqui se constrói, tudo o que aqui se faz leva a marca de uma fragilidade imunda, como se a matéria fosse o fruto de um escândalo no seio do nada.[421]

Neste mundo, nada está em seu lugar, começando pelo próprio mundo.[422]

Remorso de não ser Atlas, de não poder sacudir os ombros para assistir ao desmoronamento desta risível matéria.[423]

---

415 Comment tuer autrement ce temps qui ne coule plus? Dans ces dimanches interminables le mal d'être se manifeste à plein. Idem. Ibidem, p.38.

416 Une doctrine du salut n'a de sens que si nous partons de l'équation existence-souffrance. Idem. Ibidem, p. 44.

417 Quel péché as-tu commis pour naître, quel crime pour exister? Ta douleur comme ton destin est sans motif. Idem. Ibidem, p.46.

418 L'esprit est sans défense contre les miasmes qui l'assaillent, car ils surgissent de l'endroit le plus corrompu qui existe entre la terre et le ciel, de l'endroit où la folie gît, dans la tendresse, cloaque d'utopies et verminière des rêves: notre âme. Idem. Ibidem, pp. 47-48.

419 Pour désirer fondamentalement autre chose, il faut être désinvesti de l'espace et du temps, et vivre dans un minimum de parenté avec le lieu et le moment. Idem. Ibidem, p. 50.

420 Être arraché au sol, exilé dans la durée, coupé de ses racines immédiates, c'est déchirer une réintégration dans les sources originelles d'avant la séparation et la déchirure. Idem. Ibidem, p. 51.

421 L'injustice gouverne l'univers. Tout ce qui s'y construit, tout ce qui s'y défait porte l'empreinte d'une fragilité immonde, comme si la matière était le fruit d'un scandale au sein du néant. Idem. Ibidem, p. 60.

422 Dans ce monde rien n'est à sa place, en commençant par ce monde même. Idem. Ibidem, p.61.

423 Regret de n'être pas Atlas, ne pouvoir secouer les épaules pour assister à l'écroulement de cette risible matière. Idem. Ibidem, p. 65.

Cada ser está necessariamente sozinho pelo fato de que ele é indivíduo.[424]

A definição é a mentira do espírito abstrato.[425]

[...] execrando a ação, mãe de todos os vícios [...].[426]

[...] Verdade [...] Não há vocábulo mais vazio [...] essa superstição [...] resulta da sobreposição da esperança sobre a lógica.[427]

Como eu execro, Senhor, a torpeza de tua obra e essas larvas nojentas que te incensam e se te assemelham! Odiando-te, eu escapei das melosidades de teu reino, dos absurdos de teus fantoches.[428]

Odiando o Criador, Cioran tem de cultuar o demônio:

Espírito de mentira, Príncipe das Trevas, o Maldito, o Inimigo, como me é doce rememorar os nomes que perturbaram sua solidão! E como eu o amo desde que ele é relegado dia após dia! Possa eu restabelecê-lo em seu primeiro estado! Eu creio nEle com toda minha incapacidade de crer. Sua companhia me é necessária: o ser sozinho vai em direção ao mais sozinho, em direção ao Sozinho... Eu devo a mim mesmo o tender para ele: meu poder de admirar, de medo de permanecer inutilizado, me obriga a isso. Eis-me face a meu modelo: apegando-me a ele, eu puno minha solidão por não ser total, encho dela um outro que a ultrapassa: é minha maneira de ser humilde...

Substitui-se Deus como se pode; pois todo deus é bom, desde que ele perpetue na eternidade nosso desejo de uma solidão capital.[429]

424 Chaque être est nécessairement seul du fait qu'il est individu. Idem. Ibidem, p. 83.

425 La définition, c'est le mensonge de l'esprit abstrait. Idem. Ibidem, p. 30.

426 [...] exécrant l'action, mère de tous les vices [...]. Idem. Ibidem, p. 217.

427 [...] Vérité [...] Point de vocable plus creux [...] cette superstition [...] résulte de l'empiétement de l'espoir sur la logique. Idem. Ibidem, p. 233.

428 Combien j'exècre, Seigneur, la turpitude de ton oeuvre et ces larves sirupeuses qui t'encensent et te ressemblent! Te haissant, j'ai échappé aux sucreries de ton royaume, aux balivernés de tes fantoches. Idem. Ibidem, p. 199.

429 Esprit de mensonge, Prince des Ténèbres, le Maudit, l'Ennemi, combien il m'est doux de me rémémorer les noms qui flétirent sa solitude! et combien je le chéris depuis qu'on le relègue jour après jour! Puisse-je le rétablir dans son premier état! Je crois en Lui de toute mon incapacité de croire. Sa compagnie m'est nécessaire: l'être seul va vers le plus seul, vers le Seul... Je me dois d'y tendre: ma puissance d'admirer de peur de demeurer sans emploi – m'y oblige. Me voilà face à mon modèle: en m'y attachant, je punis ma solitude de n'être point totale, j'en gorge un autre qui la dépasse: c'est ma façon d'être humble...

On remplace Dieu comme on peut; car tout dieu est bon, pourvu qu'il perpétue dans l'éternité notre désir d'une solitude capital [...]. Idem. Ibidem, pp. 147-148.

Falando do traidor-modelo, Cioran afirma que Judas traiu apenas um Deus, como outros traíram a pátria, ou outras pessoas. Haveria um modelo mais complexo de traição: é a que não se refere a uma pessoa ou objeto.

> [...] repudiar – por um divórcio metafísico – a substância que o moldou, que o cerca e que o carrega. [...] Quando se traiu o ser, traz-se consigo apenas um mal estar indefinido, nenhuma imagem vindo apoiar com sua precisão o objeto que suscita a sensação de infâmia. Ninguém o apedreja; você continua um cidadão respeitável como antes; [...] É que o traidor da existência só tem contas a prestar a si mesmo....
>
> Você tem o direito de sabotar o próprio ser, mas nenhum ser; você pode licitamente demolir as bases de tudo o que existe, mas a prisão ou a morte o esperam ao menor atentado às forças individuais. Nada protege a Existência; não há processo contra os traidores metafísicos, contra os Budas que recusam a salvação, esses não sendo julgados traidores senão da sua própria vida. Entretanto, de todos os malfeitores, esses são os mais prejudiciais: eles não atacam os frutos, eles atacam a seiva, a própria seiva do universo. Sua punição, somente eles a conhecem...
>
> Pode ser que em todo traidor haja uma sede de opróbio, e que a escolha que ele faz de um mundo de traição depende do grau de solidão a que ele aspira. Que não sentiu o desejo de perpetrar uma façanha incomparável que o excluiria do número dos humanos? Quem não cobiçou a ignomínia, para cortar para sempre os liames que o prendem aos outros, para sofrer uma condenação sem apelação e chegar assim à quietude do abismo? E quando se rompe com o universo não é pela paz de uma falta irremissível? Um Judas com a alma de Buda, que modelo para uma humanidade futura e moribunda.[430]

---

430 [...] repousser – par un divorce métaphysique – la substance qui vous a pétri, qui vous entoure et qui vous porte. [...] Quand on a trahi l'être on n'emporte avec soi qu'un malaise indéfini, aucune image ne venant appuyer de sa précision l'objet qui suscite la sensation d'infamie. Nul ne vous jette la pierre; vous êtes citoyen respectable comme devant; [...] C'est que le traître à l'existence n'a de comptes à rendre qu'à soi [...].

Vous avez le droit de saper l'être même, mais aucun être; vous pouvez licitement démolir les bases de tout ce qui est, mais la prison ou la mort vous attend au moindre attentat aux forces individuelles. Rien ne garantit l'Existence: il n'y a pas de procédure contre les traîtres métaphysiques, contre les Bouddhas qui refusent le salut, ceux-ci n'étant jugés traîtres qu'à leur propre vie. Pourtant, de tous les malfaiteurs, ce sont eux les plus nuisibles: ils n'attaquent pas les fruits, ils attaquent la sève, la sève même de l'univers. Leur punition, eux seuls la connaissent...

Il se peut que dans tout traître il y ait une soif d'opprobre, et que le choix qu'il fait d'un mode de trahison dépend du dégré de solitude auquel il aspire. Qui n'a ressenti le désir de perpétrer un forfait incomparable qui l'excluerait du nombre des humains? Qui n'a convoité l'ignominie, pour

Judas com alma de Buda que aspira a uma condenação sem apelo, para ser lançado no abismo... Tal é o fundo da psicologia gnóstica nas palavras de um autor atual. A Gnose não foi apenas um absurdo elaborado por insanos de séculos remotos. Ela é o culto do absurdo e do mal, resultante de um ódio metafísico. Ela pode existir hoje. Em todos os tempos podem existir Judas com alma de Buda.

---

couper à jamais les liens qui l' attachaient aux autres, pour subir une condamnation sans appel et arriver ainsi à la quiétude de l'abîme? Et quand on rompt avec l'univers n'est il point pour la paix d'une faute irrémissible? Un Judas avec l'âme de Bouddhas, quel modèle à une humanité future et finissante. Idem. Ibidem, pp. 82-85.

18
SEXTO TEMA: A SOTERIOLOGIA DO ANTROPOTEÍSMO

Soter, em grego, significa salvador. Entende-se por soteriologia a doutrina da salvação do homem do atual estado em que se encontra devido ao seu pecado original.

Quando se estuda a soteriologia gnóstico-panteísta se deve, inicialmente, fazer algumas observações e introduzir certos matizes para se evitar confusões.

Enquanto na soteriologia ortodoxa apenas o homem é objeto da redenção, esse objeto, na Gnose, é a própria divindade decaída.

"O verdadeiro objeto da salvação é a própria divindade: seu tema é a integridade divina."[431]

Para a Gnose, não houve pecado original humano, mas sim uma queda do próprio Deus.

> Jamais houve o pecado original humano, uma culpabilidade da alma humana: houve a culpabilidade de um Éon, antes da existência do tempo, e foi uma comoção divina [...].[432]
>
> [...] a humanidade não é responsável por sua condição nem pela necessidade de uma intervenção divina. Não há queda, não há pecado original de Adão: se ele chega a ser o primeiro a receber a revelação (como é frequentemente o caso) não é como um transgressor, mas como vítima – diretamente, da opressão arcôntica e, em última análise, da queda primordial, que foi causa da existência do mundo e da sua própria. Por isso, se há falta, ela não foi de Adão, mas dos Éons que provocaram a ruptura da

431 Le véritable objet de salvation, c'est la divinité elle-même; son thème, c'est l'integrité divine. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 257.

432 Jamais il n'y eut de 'péché originel' de l'homme, de culpabilité de l'âme humaine: Il y eut la culpabilité d'un Éon, avant l'existence du temps, et ce fut une commotion divine [...]. Idem. Ibidem, p. 257.

ordem superior; ela não é humana, mas divina, e ela foi cometida antes e não na criação. Eis que difere da posição judaica e cristã, e que nos introduz no coração do fenômeno gnóstico. Eis o que, entre outras razões, faz com que o gnosticismo seja incapaz de assimilar qualquer afirmação séria da encarnação e da cruz.[433]

Tendo sido a queda da própria divindade, não se deve pensá-la em termos morais. A queda teria consistido na passagem do nada absoluto – a vazia "essência" da divindade – ao ser. A queda não teria sido moral, mas ontológica. Ela é descrita mais como "engano" ou "ignorância" de um éon superior que como uma ação positiva.

Daí, para a Gnose, a primeira condição absolutamente necessária para a salvação da divindade ser a própria Gnose, isto é, o conhecimento de que em nós existe um espírito divino encarcerado, que clama por libertação, e de que esse espírito é o que há de mais profundo em nós.

> A salvação hermética não comporta Salvador: é apenas necessário conhecer.[434]
>
> Este é o bem final daqueles que possuem a Gnose: tornarem-se Deus.[435]

O seguinte texto de Santo Irineu é elucidativo:

> A redenção perfeita é o conhecimento da grandeza inefável; as coisas que derivam da ignorância, da degradação e da paixão, todo o conjunto da ignorância é dissolvido pela Gnose. Ela não é somática porque o corpo é corruptível, nem psíquica porque a alma deriva da degradação e é somente a morada do pneumático e para ele basta o conhecimento do universo: esta é a verdadeira redenção.[436]

---

433 [...] l'humanité n'est pas responsable de sa condition ni de la nécessité d'une intervention divine. Il n'y a pas de chute, pas de péché originel d'Adam: s'il arrive qu'il soit le premier à recevoir la révélation (come c'est souvent le cas) ce n'est point en transgresseur, mais en victime - directement, de l'opression archontique, et en dernier ressort, de la chute primordiale, qui a été cause de l'existence du monde et de la sienne propre. Pour autant qu'il y ait faute, elle n'est pas faute d'Adam, mais des Éons qui ont provoqué la rupture de l'ordre supérieur; elle n'est pas humaine, mais divine, et elle a été commise avant et non dans la création. Voilà qui diffère de la position juive et chrétíenne, et qui nous introduit au coeur du phénomène gnostique. Voilà qui, entre autres raisons, fait que le gnosticisme est incapable d'assimiler aucune affirmation sérieuse de l'incarnation et de la croix. Idem. Ibidem, p. 455.

434 Le salut hermétique ne comporte pas de Sauveur: il n'est besoin que de connaître. FESTUGIÈRE, R.P. André-Jean. *La Revelation d'Hermès Trismégiste,* Vol. III, p. 103.

435 Tel est le bien final de ceux qui possèdent la Gnose, devenir Dieu TRISMEGISTO, Hermes, p. 14.

436 Esse autem perfectam redemptionem, ipsam agnitionem inenarrabilis magnitudinis. E a enim quae sunt de ignorantia labia, et passione facta, per agnitionem dissolvi universum ignorantiae

Hans Jonas, comentando essa citação de Santo Irineu, acentua os aspectos antimetafísicos da Gnose:

> Eis, portanto, a grande "equação pneumática" do pensamento valentiano: o acontecimento humano individual, o conhecimento pneumático, é o equivalente inverso do acontecimento universal pré-cósmico, a ignorância divina; e, em seu efeito redentor, o conhecimento é, ele próprio, de ordem ontológica. O conhecimento, feito ato na pessoa, é, ao mesmo tempo, um ato em todo o campo do ser.[437]

Outros autores dizem o mesmo:

> [...] a γνωσιζ é – uma vez atingida - um conhecimento total, imediato, que o indivíduo possui inteiramente ou não possui; é o "conhecimento" em si, absoluto, que envolve o Homem, o Cosmo e a Divindade. E é apenas por esse conhecimento - e não pela fé ou pelas obras - que o indivíduo pode ser salvo.[438]
>
> Conhecer nossa condição real, saber sobre qual massa fantástica de obscuridade, de mares, de círculos sucessivos estamos condenados a viver, em quais antros submarinos nós vegetamos, atrofiados e enfermos [...] saber isso é a primeira etapa do pensamento gnóstico.[439]

A salvação não se faria, pois, pela obediência à lei moral, por meio de sacrifícios penitenciais para pagar os próprios pecados ou por obras de caridade.

Vimos que a Gnose defendia duas "morais" dialeticamente opostas:

---

statum: ut sit agnitio, redemptio interioris hominis. Et neque corporale esse eam; corruptibile enim est corpus: neque animalem, quoniam et anima de labe est, spiritus velut habitaculum: spiritalem ergo oportere et redemptionem esse. Redimi enim per agnitionem interiorem hominem spiritualem, et sufficere eis Universorum agnitionem, et hanc esse redemptionem veram. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, XXI, 4 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contra as Heresias*, I, 21,4.

437 Voilà donc la grande 'équation pneumatique' de la pensée Valentinienne: l'événement humain-individuel, la connaissance pneumatique, est l'équivalent inversé de l'événement universel précosmique, l'ignorance divine; et dans son effet rédempteur, la connaissance est de même ordre ontologique. La connaissance faite acte dans la personne c'est en même temps un acte dans tout le champs de l'être. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 232.

438 [...] la γνωσιζ est - une fois qu'elle est atteinte - une connaissance totale, immédiate, que l'individu possède tout entière ou n'a pas du tout; c'est la "connaissance" en soi, absolue, qui embrasse l'Homme, le Cosmo et la Divinité. Et ce n'est que par cette connaissance - et non par la foi ou par les oeuvres - que l'individu peut être sauvé. HUTIN, Serge. *Les Gnostiques*, pp. 14-15.

439 Connaitre notre condition réelle, savoir sous quelle masse fantastique d'obscurité, de mers, de cercles successifs nous sommes condamnés à vivre, en quels antres sous-marins nous végétons, atrophiés et infirmes [...] savoir cela est la première étape de la pensée gnostique. LACARRIÈRE, Jacques. *Les gnostiques*, p. 23.

1. Uma "moral" ascética, fruto do ódio gnóstico à matéria e à existência.
2. Uma "moral" antinomista que pregava a prática de ações as mais degradantes e repugnantes.

Para esses gnósticos, a Lei seria obra do Demiurgo e, por isso, devia ser desobedecida. Sobre os discípulos de Simão Mago, diz Santo Irineu:

> Pois, segundo eles, os homens podem salvar-se pela graça, mas não pelas obras justas. Com efeito, não há obras boas por natureza, mas somente por convenção, como dispuseram os Anjos criadores, para manter escravos os homens por meio destes preceitos.[440]

O gnóstico Marcion ensinava essa mesma doutrina a respeito da inutilidade das boas obras.

> Para o tempo que lhes falta viver na terra, a conduta dos crentes lhes é ditada não tanto por um cuidado positivo em santificar suas vidas como por um interesse negativo em reduzir o contato com o domínio do Criador. É pela fé somente que se pode antecipar na terra a felicidade futura.[441]

Não se pode negar a semelhança dessas ideias com as de Lutero.

Segundo Santo Irineu, também essa era a doutrina dos carpocráticos:

> [...] eles acrescentam que Jesus ensinou a seus apóstolos uma doutrina secreta e que os encarregou de transmiti-la àqueles que a soubessem compreendê-la. São a fé e o amor que salvam. Todo o resto é indiferente e apenas a opinião humana coloca distinções entre bem e mal.[442]

A salvação é automática para quem tem a Gnose.

> A salvação do "perfeito" dá-se de uma maneira quase automática: Não é a obra que faz entrar no Pleroma, mas a semente enviada

---

440 Secundum enim ipsius gratiam salvari homines, sed non secundum operas justas. Nec enim esse naturaliter operationes justas, sed ex accidentia; quemadmodum posuerunt qui mundum fecerunt Angeli, per hujus modi praecepta in servitutem aducentes homines. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, XXIII, 3 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contra as Heresias*, I, 23,3.

441 Pour le temps qu'il leur reste à vivre du terrestre séjour, la conduite des croyants leur est dictée moins par un souci positif de sanctifier leur vie que par le souci négatif de réduire le contact avec le domaine du créateur. C'est par la foi seulement qu'on peut ici-bas anticiper la félicité future. JONAS, Hans. *La religion gnostique,* p. 187.

442 [...] ils ajoutent que Jésus a enseigné à ses apôtres une doctrine secrète et qu'il les a chargés de la transmettre à ceux qui sauront la comprendre. C'est la foi et c'est l'amour qui sauvent. Tout le reste est indifférent et seule l'opinion humaine y met distinction de bien et de mal. LACARRIÈRE, Jacques. *Les gnostiques.* p. 93. & LEISEGANG, Hans. *La Gnose,* p. 185-186.

de lá como uma criancinha e que se torna perfeita aqui em baixo. (Texto valentiniano citado por Santo Irineu (*Adv. haer*. I, 6,4)).[443]

Por causa do ódio à Lei, muitos gnósticos "cristãos" declaravam que havia oposição entre o Antigo e o Novo Testamento, entre o Deus da Justiça e o Deus do Amor. É o que dizia Marcion, por exemplo, para quem Jesus era o inimigo do Deus do Antigo Testamento.

> Ele [Jesus] não cumpriu a Lei, ele a aboliu; ele desvendou a antinomia radical entre a Lei e o Evangelho e fundou sua Salvação unicamente sobre a fé. Ele exige do homem uma completa renuncia ao mundo e às obras de seu criador.[444]

Certos gnósticos deduziam que o Deus do Antigo Testamento era o Demiurgo, o deus do Mal, que estabelecera a Lei para manter encarceradas as partículas divinas na matéria. Por isso, dever-se-ia praticar o contrário do que Ele dizia. Daí a doutrina da santidade do pecado que já vimos existir também na Cabala.

Hans Jonas mostra como do relativismo moral se chegou, entre os gnósticos, ao antinomismo radical.

> [...] encontramos, por vezes, entre os gnósticos, o argumento subjetivista do ceticismo moral tradicional: nada é naturalmente bom ou mau, as coisas em si mesmas são indiferentes e é somente pela opinião humana que as ações são boas ou más.[445]

Daí se passa à condenação da lei.

> Mas os gnósticos vão mais fundo: refletindo sobre a fonte dessas "opiniões humanas", eles fazem de um argumento cético um argumento metafísico e transformam a indiferença em oposição. Descobre-se que a fonte primeira não é humana, mas demiúrgica, e que é, pois, a mesma que a da ordem da natureza. Em razão dessa origem, a lei não é indiferente: ela faz parte da grande empresa formada contra nossa liberdade. Sendo lei, o código moral não é senão o complemento psíquico da lei física e, a esse título, ele é o

---

443 Le salut du "parfait" s'opère d'une manière quasi automatique: "Ce n'est pas l'oeure qui fait entrer dans le Plérôme, mais c'est la semence envoyé de là-bas comme un petit enfant et qui devient parfaite ici-bas." (Texte valentinien cité par SAINT IRÉNÉE (Adv. haer., I, 6, 4)). HUTIN, Serge. *Les Gnostiques*, p. 78.

444 Il [Jesus] n'a pas accompli la Loi, il l'a abolie; il a dévoilé l'antinomie radicale entre la Loi et l'Évangile et fondé uniquement son Salut sur la foi. Il exige de l'homme un complet renoncement au monde et aux oeuvres de son créateur. LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, p. 196.

445 [...] nous rencontrons parfois, chez les egostiques, l'argument subjetiviste du scepticisme moral traditionnel: rien n'est naturellement bon ou mauvais, les choses sont en elles mêmes indifférentes, et 'c'est seulement par l'opinion humaine que les actions sont bonnes ou mauvaises. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p. 354.

> aspecto interior da dominação universal. Uma e outra lei emanam do senhor deste mundo; são os agentes de seu poder, unificado no Deus dos judeus único, mas duplo, criador e legislador.
>
> Como a lei do mundo físico, a heimarmena, faz os corpos individuais entrarem no organismo de conjunto, do mesmo modo, a lei moral insere as almas nele e as submete ao plano demiúrgico.[446]

A lei mosaica, os dez mandamentos são, pois, um meio de manter encarceradas as partículas divinas. A libertação faz-se pelo repúdio e violação da lei.

> É a lei outra coisa – quer seja revelada por Moisés e os profetas, quer opere nos hábitos e opiniões dos homens – senão o meio de tornar habitual e, assim, permanente, o atolamento do homem nos negócios, interesses e preocupações do mundo; de consagrar seu extremo compromentimento com o mal, legitimando-o com o selo da seriedade e da regra, louvor ou censura, recompensa ou castigo; de fazer de sua própria vontade uma auxiliar complacente e servil do aparelho de coação, o qual exerce assim sua função mais unido e de modo mais inextrincável? [...]
>
> Sob a lei normativa, o querer do homem é arrastado pelos mesmos poderes que dominam seu corpo. Quem obecede abdica das vontades sobre seu eu.[447]

Passou-se, assim, da simples indiferença subjetivista em face da lei para uma oposição sistemática a ela, com fundamento, no dizer de Jonas, numa

446 Mais les gnostiques vont plus profond: réflechissant sur la source de ces 'opinions humaines', ils font d'un argument sceptique un argument métaphysique et changent l'indifference en opposition. On découvre que la source première n'est pas humaine, mais, demiurgique, et qu'elle est donc, la même que celle de l'ordre de nature. En raison de cette origine, la loi n'est pas indifferente: elle fait partie de la grande entreprise formée contre notre liberté. Etant loi, le code moral n'est que le complement psychique de la loi physique, et à ce titre, il est l'aspect intérieur de la domination universelle. L'une et l'autre loi emanent du seigneur de ce monde; ce sont les agents de son pouvoir, unifié dans le Dieu des juifs un, mais double, créateur et législateur.

Tout comme la loi du monde physique, la heimarmènê fait entrer les corps individuels dans l'organisme d'ensemble, ainsi la loi morale y enrôle les âmes et les asservit au plan du démiurge. JONAS, Hans. *La religion gnostique,* p.355.

447 La loi est-elle autre chose – qu'elle soit révélée par Moïse et les prophètes, ou qu'elle opère, dans les habitudes et les opinions des hommes – sinon le moyen de rendre habituel, et par là permanent, l'enlisement de l'homme dans les affaires, intérets et préocupations du monde; de consacrer son extrême compromission en y mettant le sceau du sérieux et de la règle, louange ou blâme, récompense ou châtiment; de faire de sa volonté même une auxiliaire-complaisante et servile de l'appareil de contrainte, lequel fait donc sa fonction d'autant plus uniment et inextricablement? ... Sous la loi normative, le vouloir de l'homme est pris en charge par les mêmes puissances qui dominent son corps. Qui obéit fait abdication des volontés de son moi. Idem. Ibidem, p. 355.

"preocupação metafísica positiva" ("*souci métaphysique positif*"[448]): "o de repudiar a submissão a todas às normas objetivas ("*celui de répudier la soumission à toutes les normes objetives*"), havendo, portanto, um motivo de as violar sem escrúpulos" ("*un motif de les violer sans ménagement*"[449]).

Viola-se a lei para se afirmar a liberdade original absoluta do homem e também para se desafiar os arcontes.

Para os carpocráticos, para os caimitas, para os cabalistas, o pecado se torna o meio de salvação, invertendo-se, assim, dialeticamente, a moral.

> O pecado, caminho de salvação, é a inversão teológica da própria ideia de pecado: temos aí um dos antecedentes do satanismo medieval e, ainda esta vez, um arquétipo do mito de Fausto.[450]

Não só do satanismo medieval, como também da moral luterana. Não afirmava Lutero que a salvação só se obtém pela fé e não pelas obras? Não dizia ele que era preciso abolir todos os mandamentos, pois que eram mandamentos de Satanás? Não afirmava ele que Moisés era um homem péssimo, servo do Deus do mal?[451]

O pneuma divino, por ser divino, não está sujeito à lei e nem é capaz de pecado. Se houvesse pecado, ele consistiria na aceitação da lei ou na aceitação do mundo material. O pneuma divino está em pecado na medida em que ele aceita permanecer no inferno da matéria cósmica.

> Para os dualistas derivados de Platão, o pecado depende essencialmente da matéria. Porque o Anthropos saído de Deus se uniu à Physis material, os homens terrestres, nascidos dessa união, são duplos; bons quanto à alma, maus quando ao corpo (C. H. 15). A alma, por ela mesma, puríssima, visto que é divina, apenas contrai mácula por sua união ao corpo e na medida em que vive aqui embaixo segundo o corpo. Uma vez encarnada, e só por causa disso, ela está de alguma maneira em estado de pecado. Ao menos, é o que ocorre quanto ao profano. Por outro lado, o iniciado na Gnose está salvo. Está salvo, por um lado, porque, graças à vida de pureza que leva, afasta-se o máximo possível da mácula corporal. Está salvo, por outro lado, por uma espécie de iluminação interior que o salvou definitivamente, conhecendo Deus e conhecendo-se como saído de Deus, ele tem a certeza de não mais

448 "*interesse metafísico positivo*". Idem. Ibidem, p. 355.

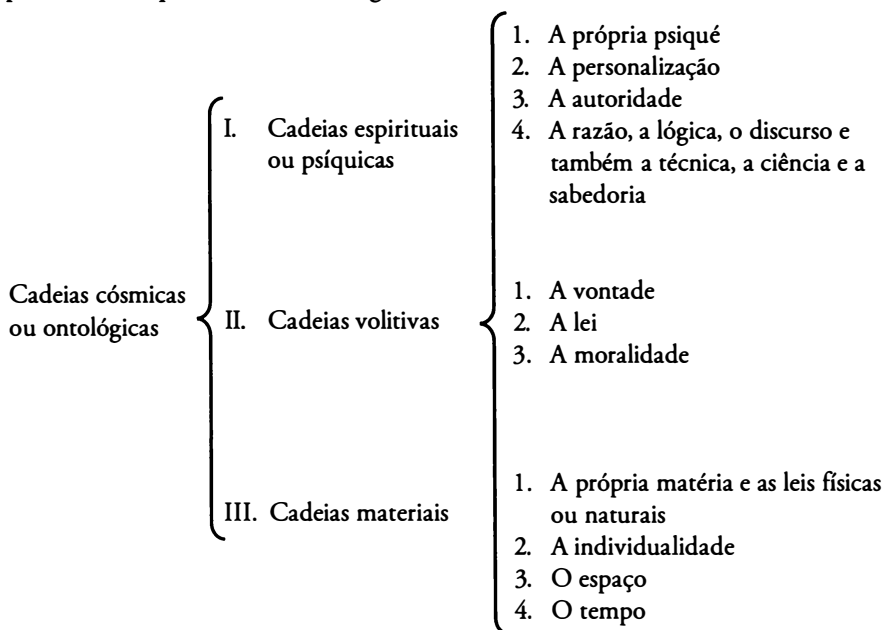
449 Idem. Ibidem, p.355.

450 Le péché, voie du salut, c'est le renversement théologique de l'idée même du péché. Nous avons là un des antécédents du satanisme médiéval; et, cette fois encore, un archétype du mythe faustien. Idem. Ibidem, p. 357.

451 Cf. LUTERO, Martinho. *Propos de table*.

pecar. O corpo pode, em aparência, cometer atos pecaminosos. Isso é obra da matéria da qual o gnóstico ou espiritual se livrou de uma vez por todas pela Gnose. Em uma palavra, não é alma que peca, mas o corpo material. E na medida em que ele se libertou, ou crê ter-se libertado da matéria, o homem não peca mais.[452]

Se o essencial da soteriologia gnóstica consiste no próprio conhecimento, na *Gnosis*, no conhecimento de que se é deus, desse conhecimento decorre não tanto uma moral, mas uma técnica de libertação das cadeias que retêm as partículas divinas no Cosmo. Tais cadeias cósmicas criadas pelo Demiurgo podem ser esquematizadas do seguinte modo:

Cadeias cósmicas ou ontológicas		
	I. Cadeias espirituais ou psíquicas	1. A própria psiqué 2. A personalização 3. A autoridade 4. A razão, a lógica, o discurso e também a técnica, a ciência e a sabedoria
	II. Cadeias volitivas	1. A vontade 2. A lei 3. A moralidade
	III. Cadeias materiais	1. A própria matéria e as leis físicas ou naturais 2. A individualidade 3. O espaço 4. O tempo

452 Pour les dualistes dérivés de Platon, le péché tient essentiellement à la matière. C'est parce que l'Anthrôpos issu de Dieu s'est uni à la Physis matérielle que les hommes terrestres, nés de cette union, sont doubles, bons quant à l'âme, mauvais quant au corps (C.H. I 15). L'âme, pour elle-même toute pure puisque divine, ne contracte de souillure que par son union au corps et dans la mesure où ici-bas elle vit selon le corps. Une fois incarnée, et de ce seul fait, elle est en quelque sorte en état de péché. Du moins en va-t-il ainsi pour le profane. En revanche, l'initié à la Gnose est sauvé. Il l'est d'une part en ce que, grâce à la vie de pureté qu'il mêne, il s'eloigne autant que possible de la soillure corporelle. Il l'est d'autre part en ce que, par une sorte d'illumination intérieure qui l'a définitivement sauvé, connaissant Dieu et se connaissant comme issu de Dieu, il a la certitude de ne plus pécher. Le corps peut bien, en apparence, commettre des actes peccamineux, c'est là le fait de la matière dont le gnostique ou spirituel s'est une fois pour toutes délivrés par la Gnose. D'un mot, ce n'est pas l'âme qui pèche, mais le corps matériel. Et dans la mesure où il s'est libéré, ou croit s'être libéré, de la matière, l'homme ne pèche plus. FESTUGIÈRE, R.P. André-Jean. *La Revelation d'Hermès Trismégiste,* Vol. III, p. 102.

As técnicas de salvação gnóstica, isto é, seus rituais, seus "sacramentos", suas práticas ascéticas ou antinomistas, visariam unicamente a destruir essas cadeias ontológicas, destruir o ser.

Entre as cadeias psíquicas ou espirituais, deve-se citar, em primeiro lugar, a própria psiqué ou alma racional. Isso se faria buscando a comunhão com todos os seres pela destruição do que há de espiritual e de racional no ser humano.

A personalização, fruto de nossa racionalidade, também deveria ser destruída. O igualitarismo, cultuado e buscado, como um bem em si mesmo e a destruição de toda noção de alteridade seriam meios para fundir tudo e todos no todo gnóstico. Daí a preferência gnóstica pelo que é comunitário e coletivo em relação ao que é pessoal e particular.

A razão teria sido criada pelo Demiurgo para iludir o homem, fazendo-o julgar o Cosmo como um bem, visto que é cognoscível. A razão, como vimos, é o meio que o Demiurgo criou para impedir uma visão unitária e coletiva do universo, já que a visão racional é sempre fragmentadora e fragmentada.

Assim, a razão deveria ser substituída por uma cosmovisão unitária ou monoentísta.

A lógica seria o modo operativo próprio da razão e se fundamentaria nos princípios de identidade e de contradição, que criam uma visão estável e falsa do universo. Razão e lógica confeririam "realidade" ao ser e o expressariam pelo discurso.

Da razão e da lógica, adviriam a ciência e a técnica. Ciência que consiste no conhecimento e aceitação das leis que o Demiurgo pôs na natureza. Técnica que consiste na aplicação prática dos conhecimentos das leis naturais, visando uma vida melhor neste mundo.

A lógica deveria ser substituída pela dialética, ou seja, pela lógica do vir-a-ser; e o discurso lógico, pelo mito.

A ciência deveria ser substituída pelo conhecimento esotérico, isto é, pelo conhecimento das leis ocultas de simpatia que interrelacionam as partículas divinas presas nos seres materiais.

A técnica deve ser substituída pela magia, ou seja, a aplicação das leis de causa e efeito, que supõem alteridade, devem ser substituídas pela aplicação das leis de simpatia, que supõe a comunhão unitária de todas as coisas entre si.

A sabedoria, visão arquitetônica e teleológica do universo criado, como um reflexo de Deus que permite ter dele um conhecimento analógico, deve ser substituída pela Gnose.

As drogas tóxicas, a embriaguês, o "êxtase" erótico, o pensamento irracional, a linguagem abstrusa ou "tatabitati", a gíria, tudo o que possa destruir ou diminuir o papel da razão e da lógica deve ser valorizado.

Método curioso de destruição da razão foi inventado pelo cabalista Abraão Abuláfia, no século XII. Segundo ele, é preciso "[...] libertar a alma, desatar os laços que a prendem"[453]. A libertação reconduziria tudo ao uno divino: "O 'desatamento' é, pois, retorno da multiplicidade e reparação em direção à unidade original."[454]

O homem viveria mergulhado no dilúvio da corrente divina, mas dela estaria separado pelos diques da finitude.

> Por que a alma é como que selada? Simplesmente porque, responde Abuláfia, a vida diária dos seres humanos, suas percepções do mundo sensível, invadem e impregnam a mente com uma multidão de formas ou imagens sensíveis [...]. A mente, ao perceber todos os tipos de objetos naturais e ao admitir suas imagens à consciência, cria para si mesma, por esta função natural, um certo modo de existência que traz o selo da finitude.[455]

Para se libertar dessa falsidade do múltiplo e do finito, o homem deveria meditar em coisas não só abstratas, mas também indeterminadas. Para isso, Abuláfia aconselhava combinar letras hebraicas de tal modo que, de preferência, formassem palavras sem significado, sem sentido e então a alma entraria em contato com a divindade infinita.[456]

O querer, afirmação do eu pessoal, deveria também ser aniquilado pela abulia e pela apatia de tipo budista. A lei e a moral deveriam, como vimos, ser sistematicamente violentadas, porque tanto a lei física, quanto a lei moral seriam obra do Demiurgo.

Cadeias materiais a destruir seriam:

1. A própria matéria, apontada como a principal fonte do mal. Daí a condenação gnóstica do sexo, da geração e da mulher enquanto tal, pois são meios de se perpetuar a vida física, de se perpetuar a prisão por excelência das partículas divinas.

O desprezo pelo sexo se fazia, como dissemos, ou pela abstenção absoluta e condenação de seu uso, ou pelo abuso mais torpe e degradante.

Assim como se desprezava a matéria, desprezavam-se as leis naturais que a regiam e que deviriam ser violadas por meio da magia.

2. A individualidade, efeito da materialidade, também considerada como má em si mesma. Daí a condenação de tudo que era individual, como, por exemplo, a propriedade e o matrimônio.

---

453 SCHOLEM, Gerson G. *A mística judaica*, p. 133.

454 Idem. Ibidem, p. 134.

455 Idem. Ibidem, p. 134.

456 Cf. Idem. Ibidem, pp. 121 a 137.

Também se odiavam as limitações ontológicas do ser material, isto é, o espaço e o tempo. Desejava-se tornar o homem eterno, dar-lhe infinitude.

Essas seriam, em resumo, as práticas gnósticas que permitiriam realizar a divinização do homem.

Para o Panteísmo, a salvação seria o resultado de um longo processo evolutivo em que o homem, pouco a pouco, graças à razão e à ciência, eliminaria todos os males do mundo, e suplantaria todas suas limitações realizando no universo a plenitude da vida divina.

19
SÉTIMO TEMA: A DOUTRINA MESSIÂNICA OU CRISTOLÓGICA DO ANTROPOTEÍSMO

Quer na Gnose, quer no Panteísmo, o homem é o "redentor que se redime, [o] salvador que se salva" – "*rédempteur qui se rédime, sauveur qui se sauve*".[457]

Não haveria, pois, um Redentor pessoal único para toda a humanidade. Aliás, a doutrina da redenção estava *ipso facto* negada ao se rejeitar a doutrina do pecado original.

A Encarnação no seio da Virgem Maria e a Redenção pela cruz são os dogmas cristãos a que o Antropoteísmo mais se opõe.

"Et Verbum caro factum est, et habitavit in nobis."[458]

Que o Verbo tenha se feito carne, isto é, que tenha se realizado a união hipostática na dupla natureza, divina e humana, de Cristo, tal não pode ser aceito nem pelo Panteísmo, nem pela Gnose.

O Panteísmo nega a Encarnação porque nega toda transcendência. A Gnose repele o dogma da Encarnação, porque odeia toda a carne. O Panteísmo não aceita que Cristo seja verdadeiro Deus pessoal. A Gnose não aceita que Ele seja homem verdadeiro.

Panteísmo e Gnose têm de rejeitar a Encarnação do Verbo, porque são dialéticos e a Encarnação tudo harmonizou: o espírito e a matéria, o céu e a terra, o eterno e o temporal, Deus e o homem.

> [...] o fato central de toda a vida religiosa de forma e conteúdo cristão é a chegada da Encarnação. Desde que nos afastamos, ainda que um pouco, desse foco, corre-se o duplo perigo do humanismo e do idealismo.[459]

---

457 JONAS, Hans. *La religion gnostique,* p. 301.

458 Jo 1,14.

459 [...] le fait central de toute vie religieuse de forme et de contenu chrétiens, c'est l'événement de l'Incarnation. Dès que l'on s'écarte un tant soit peu de ce foyer, l'on en court le double péril de

Duvidar ou negar a Encarnação, por mínimo que seja, leva ou ao Panteísmo humanista ou à Gnose idealista.

Com a Encarnação do Verbo no seio de Maria, sempre Virgem, foi esmagada a única cabeça da serpente e sua língua bífida. E é por isso que se diz de Maria: "sozinha destruístes todas as heresias".[460]

Pelas mesmas razões, a Gnose e o Panteísmo não podem aceitar a Redenção pela cruz. Os gnósticos cristãos, rejeitando a matéria como má, não podiam aceitar que Cristo tivesse corpo material. Eles, em geral, afirmavam a doutrina docetista, isto é, de que Cristo teria tido apenas um corpo aparente. Sendo assim, Maria Santíssima não teria sido sua mãe, nem Ele teria sofrido ou morrido na cruz, nem teria ressuscitado.

As versões docetistas sobre a paixão de Cristo variavam. Uns diziam que Cristo fora substituído por outra pessoa na crucificação; outros que seu corpo era uma pura aparência fantasmagórica. Outros ainda diziam que o Cristo era um éon divino que teria baixado sobre o homem Jesus no dia de seu batismo, sob a forma de pomba, e que se retirara dele na hora da Paixão. Daí ele ter reclamado: "Senhor, Senhor, por que me abandonaste?"[461] Eles distinguiam, portanto, Jesus, o homem que teria nascido de Maria e morrido na cruz, do Cristo, éon divino que baixara sobre Ele.

Outra consequência desses princípios era a negação da Eucaristia, pois que nela se recebe também o corpo e o sangue de Cristo, sob os aspectos de pão e de vinho. Para certos gnósticos, a comunhão seria apenas uma cerimônia mágica que permitiria a fusão das partículas divinas presas nos homens num único espírito, coletivo e divino, da assembléia dos fiéis.

Para Basílides, todo sofrimento era um castigo por culpa anterior. Os mártires não eram vítimas inocentes, mas pagavam crimes anteriores. Então, para explicar a Paixão de Cristo, Basílides recorria ao docetismo.

> Nem Jesus foi vítima inocente, se admitirmos que ele era um homem. Não há para Basílides senão um meio de evitar essa conclusão: o docetismo, ou seja, a teoria de uma humanidade puramente aparente de Jesus. Jesus tomou apenas um corpo aparente e suportou apenas sofrimentos aparentes.[462]

No *Livro de Baruch*, livro gnóstico ofita, dizia-se que:

---

l'humanisme et de l'idéalisme. ROUGEMONT, Denis de. *L'Amour et l'Occident*, p. 129.

460 Cunctas haereses sola interemisti. Hino *Gaude Maria Virgo*.

461 Eli, Eli, lamma sabacthani? Mt 27,42.

462 Jésus non plus n'a pas été une victime innocente, si l'on admet qu'il était un homme. Il n'est pour Basilide qu'un moyen d'éviter cette conclusion: le docétisme, c'est-à-dire, la théorie d'une humanité purement apparente de Jésus. Jésus n'a pris qu'un corps apparent et n'a subi que des soufrances apparentes. LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, p. 146.

> Furiosa de não ter podido perverter Jesus, Naas (a serpente) fez com que Ele fosse crucificado. Mas Jesus abandonou sobre o madeiro o corpo de Éden, e subiu em direção ao Bom. Ele disse a Éden: "Mulher, devolvo-te teu filho" (Cf. Jo 19,26), isto é, o homem físico e o homem material; depois ele entregou seu Pneuma nas mãos do Pai e se elevou em direção ao Bom.[463]

Além disso:

> [...] salvo raras exceções, os gnósticos recusam crer na Encarnação e na Paixão de Cristo; esses hereges são partidários do chamado docetismo: "Jesus não era feito de carne... - dizia uma cátara, Raimunda Bezerza, por volta de 1270 - jamais Deus veio se revestir de nossa carne mortal no seio da bem-aventurada Virgem; Maria não foi a mãe de Deus.
>
> O Cristo não teve senão a aparência de homem ou, se Ele teve um corpo, era um corpo não submisso a necessidades grosserias [...].
>
> A Paixão escandaliza a maioria dos gnósticos cristãos: Basílides não admitia que Cristo houvesse sido supliciado; foi Simão Cirineu que morreu em seu lugar na Cruz. [464]
>
> [...] para os maniqueus, foi o próprio Príncipe das trevas que Jesus fez ser crucificado e que se contorceu na cruz. Sobre o Batismo, depois do qual Cristo teria tomado o lugar da pessoa humana de Jesus, Mani e Basílides concordavam.[465]

Por considerar que a matéria é má e que, por isso, Cristo não teria tido corpo, os gnósticos, consequentemente, não podiam admitir senão a

---

463 Furieux de n'avoir pu dévoyer Jésus, Naas (a serpente) le fit crucifier. Mais Jésus abandona sur le bois le corps d'Éden, et monta vers le Bon. Il dit à Éden: 'Femme, je te rends ton fils' (cf. Jean XIX, 26), c'est-à-dire l'homme psychique et l'homme materiel; puis il remit son Pneuma entre les mains du Père et il s'éleva vers le Bon. SANTO HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, p. 204-205.

464 [...] sauf rares exceptions, les gnostiques refusent de croire à l'incarnation et à la Passion du Christ; ces hérétiques son partisans de ce qu'on appelle le docétisme: "Jésus n'était pas fait de notre chair... - disait une Cathare, Raymonde Bézerza, vers 1270 - jamais Dieu n'est venu revêtir notre chair mortelle dans le sein de la bienheureuse Vierge; Marie n'a pas été mère de Dieu.

Le Christ n'a eu de l'homme que l'apparence ou, s'il a eu un corps, c'était un corps non soumis à des nécessités grossières [...]

La Passion scandalise la majorité des gnostiques chrétiens: Basilide ne veut pas admettre que le Christ ait été supplicié; c'est Simon de Cyrène qui est mort à sa place sur la Croix. HUTIN, Serge. *Les Gnostiques*, pp. 54-55.

465 [...] pour les Manichéens c'était le Prince des ténèbres lui-même que Jésus y avait fait clouer et qui était tordu sur le gibet. Sur le Baptême, à la suite du quel le Christ avait remplacé la personne humaine de Jésus, Mani et Basilide s'accordaient. DORESSE, Jean. *Les livres secrets gnostiques d'Égypte*, p. 355.

igreja pneumática, formada exclusivamente pelos homens "espirituais". Daí rejeitarem eles todos os elementos estruturais da Igreja: organização, hierarquia, leis, templos, etc. Para eles, a igreja deveria ser despojada de todo elemento "material". Deveria ser uma igreja pobre, sem pompa, sem cerimônias, sem paramentos ricos, sem imagens de santos.

Como o espírito divino habita no imo de cada homem, cada um teria sua revelação pessoal e possuiria a sua verdade. Daí eles defenderem o maior latitudinarismo doutrinário e condenarem todo dogmatismo. Recusavam, especialmente, os dogmas e as posições estáveis, pois que, tudo evoluindo continuamente, nada poderia ser fixo.

Encontram-se exemplos de igreja pneumática não só entre os antigos gnósticos dos primeiros séculos do cristianismo, mas também entre as seitas medievais (*fraticcelli* ou espirituais, irmãos do Livre Espírito), entre os anabatistas e pietistas protestantes, como ainda, em nosso século, defendem essa posição os modernistas e os atuais "grupos proféticos".

Na soteriologia de Simão Mago, a salvação do mundo seria realizada pelo resgate de Helena-Ennoia pelo próprio Simão. Quem aceitasse sua doutrina estaria salvo. Ele, Simão, era o salvador (e mesmo o Deus do começo absoluto) por cuja graça - e não por pretensas obras justas - os homens se salvariam.[466]

A soteriologia valentiniana é bem mais elaborada. Assim como o Demiurgo criara um mundo paralelo e caricato do Pleroma divino, assim também o Jesus histórico e humano teria sido também mero paralelo ou veículo do Salvador do Pleroma.

Quando o último éon emanado, Sofia, provocou a catástrofe divina, o Nous divino teria emanado uma nova sizígia de éons para restabelecer a ordem no Pleroma. Esses éons seriam o Cristo (masculino) e o Espírito Santo (feminino).

A missão de Cristo teria sido dupla: restaurar a paz no interior do Pleroma divino e cuidar do "aborto" informe produzido pelo desejo de Sofia nas trevas exteriores do Pleroma.

O éon Cristo teria devolvido a harmonia e a serenidade aos trinta éons do Pleroma, simplesmente dando-lhes o conhecimento (a Gnose) de que o Pai supremo era incognoscível.[467]

Então, restabelecida a ordem no Pleroma, todos os éons teriam produzido, em conjunto, cada um dando o que tinha de melhor, um novo éon, sem companheira, mas no qual todo o Pleroma era sintetizado. Esse novo éon seria Jesus, o Salvador, também chamado Logos e Tudo, porque resumia todos.

---

466 Cf. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, XXIII, 3 in Migne, Vol. VII. Ou SANTO IRINEU, *Contra as Heresias*, I, 23,3.

467 Cf. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, XXIII, 5 in Migne, Vol. VII. Ou SANTO IRINEU, *Contra as Heresias*, I, 23,5.

> Por esse benefício, numa única vontade e pensamento de todo o Pleroma dos Eões, com o consentimento do Cristo e do Espírito, cada um deles trouxe e pôs em comum o que tinha de mais excelente e belo; e por uma harmoniosa composição e cuidadosa união fizeram, em honra e glória do Abismo, uma emissão de beleza perfeita e astro do Pleroma, fruto perfeito, Jesus, que também se chama Salvador e Cristo e Logos, nomes que derivam do Pai, e o tudo, porque produzido por todos.[468]

Quem iniciou a obra de Salvação do ser abortivo produzido por Sofia, chamado Achamoth ou Sofia inferior pelos valentinianos, foi o éon Cristo ao dar-lhe uma forma primeira. Entretanto, o éon Cristo não poderia realizar plenamente a salvação de Achamoth, porque ele não pode deixar o Pleroma.

É, então, enviado o éon Jesus que será o cônjuge da Sofia exterior e seu salvador. Sua aparição livra imediatamente a Sofia inferior de suas paixões, as quais darão origem aos elementos do mundo, isto é, à matéria prima ainda incorpórea.

Para salvar os elementos divinos aprisionados pelo Demiurgo no mundo material, haverá um novo processo de salvação executado pelo Jesus histórico. Esse seria na verdade um mero veículo do éon Cristo e do éon Jesus ou Salvador que teriam descido sobre ele, na forma de pomba, no dia de seu batismo e o teriam abandonado durante a Paixão.

Jesus seria o Salvador, não pelos méritos de sua Paixão, mas apenas por ter trazido uma mensagem de salvação que revela ao homem o conhecimento de sua verdadeira natureza.

No sistema valentiniano, portanto, distinguem-se três salvadores:

1. O éon Cristo, que salvou Sofia;
2. O éon Jesus, fruto emanado por todos os éons coletivamente, que salvou Achamoth;
3. O Jesus histórico (sobre o qual baixaram os éons Cristo e Jesus), que salvou os homens.

Esses salvadores, porém, realizam sua missão apenas pela revelação que fazem de uma Gnose àqueles que vêm salvar.[469]

---

468 Et propter hoc beneficium (Gnoseos) una voluntate et sententia universum Pleroma Aeonum, consentiente Christo ut Spiritu, unumquemque Aeonum, quod habebat in se optimum et florentissimum conferentes, collationem fecisse: et haec apte compingentes, et diligenter in anum adaptantes emisisse problema, et in honorem et gloriam Bythi perfectissimum decorem quemdam, et sidus Pleromatis, perfectum fructum Jesum, quem et Salvatorem vocari, et Christum, et Logon, patronymice, ac omnia, quoniam ab omnibus esset. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, II, 6 in Migne, Vol. VII. Tradução extraída de Idem. *Contra as Heresias*, I, 2,6.

469 Cf. SANTO IRINEU. *Contra Haereses*, I, VII, 2 in Migne, Vol. VII. Ou SANTO IRINEU, *Contra as Heresias* I, 7,2 et JONAS, Hans. *La religion gnostique*, pp. 242-258.

No maniqueísmo, encontramos um processo soteriológico de estrutura semelhante. À medida que o mundo divino da Luz se degrada por seu aprisionamento nas Trevas, são enviados salvadores para cada nível de queda.

Quando se dá o primeiro aprisionamento da Luz pelas Trevas, é emanado e enviado um primeiro salvador: o Homem Primordial, com seus cinco filhos (ar, vento, luz, água e fogo). Mas o Homem Primordial é também aprisionado pelas Trevas e para salvá-lo é emanado e enviado um segundo salvador: o Espírito Vivo. Este salva o Homem Primordial com um apelo e lhe estendendo a mão, mas não salva seus cinco filhos.

Para salvar a esses, é emanado um terceiro salvador: o Mensageiro, que principia a salvação se revelando e organizando um sistema de purificação da luz material. Os demônios, então, criam Adão e Eva para reterem a Luz e multiplicarem as prisões de luz por meio das gerações.

Um quarto salvador é enviado para salvar Adão: é o Jesus-luminoso ou Jesus transcendente, que salva Adão ao lhe dar o conhecimento de sua verdadeira natureza.

Para salvar os homens, foram enviados, posteriormente, salvadores entre os quais estão Jesus de Nazaré e Mani. Entretanto, todos esses salvadores não seriam mais que transformações de um único princípio, o intelecto divino, que salva a si mesmo.

> Trata-se, pois, sempre do mesmo tema: o elemento a ser salvo é uma parte consubsancial de Deus; o Salvador de Adão salva-se a si mesmo, e nós não podemos encontrar aplicação mais evidente do mito do "Salvador-Salvo" que a versão em que o Salvador é o próprio Homem Primitivo. Em segundo lugar, quer seja o Homem Primitivo ou Jesus, o Salvador é aqui a encarnação do Nous. Em outras narrativas do episódio, Jesus é chamado o "Deus do Nous" e, por Alexandre de Licópolis, simplesmente o Nous.[470]

Jesus foi uma encarnação do Nous, enviado para despertar a divindade adormecida nas trevas da matéria por meio de sua mensagem reveladora. Ele foi um dos que trouxe a Gnose, e sua Paixão só tem valor enquanto fonte de conhecimento. Ele, de fato, não teria sofrido e sua morte não teria tido nenhum valor de sacrifício redentor. Mani teria tido um papel análogo, embora superior ao de Jesus.

---

470 Nous avons donc toujours affaire au même thème: l'élément à sauver est une partie consubstantielle de Dieu; le Sauveur d'Adam se sauve lui-même, et on ne peut trouver d'application plus évidente du mythe du 'Sauveur-Sauvé' que la version où le Sauveur est l'Homme Primitif lui-même. En second lieu, qu'il soit l'Homme Primitif ou Jésus, le Sauveur est ici l'incarnation de Noûs. Dans d'autres récits de l'épisode Jésus est appelé 'le Dieu du Noûs' et, par Alexandre de Lycopolis, le Noûs tout court. PUECH, Henri-Charles. "Le Manichéisme", in *Histoire Générale des Religions*, vol.III, p. 99.

Jesus – o Jesus histórico, distinto do Jesus transcendente, que é o Pai do Nous Luz ou o Deus do éon (ou do mundo) do Nous – é a emanação do Nous que ele encarna. Em numerosos hinos maniqueus, ele é invocado como o "Senhor", o "Poderoso", "Aquele que revela o Eu Vivente todo crucificado e misturado". Ele traz a Gnose. Ele é o "Protetor", o "Amigo", o "Mestre", aquele que tem o poder de remir os pecados e que, no fim dos tempos, será o juiz das almas. Aspecto mais significativo ainda: sua Paixão não tem valor salvífico senão a título de exemplo. Aliás, para o maniqueísmo, ela é Paixão apenas aparentemente. A realidade dos sofrimentos da cruz tiraria à Paixão todo caráter divino. Como no gnosticismo docetista foi, ao contrário, ao que parece, porque Jesus permaneceu impassível que ele ensinou à alma essa separação absoluta que ela deve estabelecer entre o corpo e o nous. Em segundo lugar, a Paixão de Cristo é somente uma ilustração da crucificação cósmica do Jesus Patibilis do mito. É um ato histórico que revela sob forma impressionante a doutrina do "Salvador-Salvo".[471]

Mani, "apóstolo de Jesus Cristo", manifesta-se na piedade maniqueia sob traços análogos. Mensageiro da Luz, ele é também emanação do Nous. Mais ainda: sendo "selo dos profetas", o Paráclito, ele é o Espírito Santo dos cristãos, que corresponde no maniqueísmo ao "Grande Espírito", ou seja, o Nous.

Ele é também frequentemente invocado nos textos de Tourfan como o "Despertador".[472]

---

471 Jesus - le Jésus historique, distinct du Jésus transcendant qui, Lui, est le Pére Du Nôus Lumière ou le Dieu de l'éon (ou du monde) du Noûs - est l'émanation du Noûs qu'il incarne. Dans de nombreux hymnes manichéens il est invoqué comme le 'Seigneur', le 'Puissant', 'Celui qui reveille le Moi Vivant tout entier crucifié et mélangé. Il apporte la Gnose. Il est le 'Protecteur'. l'Ami', le 'Maître', Celui qui a pouvoir de remettre les péchés et qui, à la fin des temps, sera juge des âmes. Trait plus significatif encore: sa Passion n'a pas de valeur salvatrice qu'à titre d'exemple. D'abord, pour le manichéisme, elle n'est Passion qu'en apparence. La réalité des souffrances de la Croix enléverait à la Passion tout caractère divin. Comme dans le gnosticisme docétiste, c'est au contraire, semble-t-il, parce que Jésus est resté impassible qu'il a enseigné à l'âme cette séparation absolue qu'elle doit établir entre le corps et le noûs. En second lieu, la Passion du Christ n'est qu'une illustration du crucifiement cosmique du Jesus Patibilis du mythe. C'est un acte historique qui révèle sous forme saisissante la doctrine du 'Sauveur-Sauvé'. Idem. Ibidem, p. 104.

472 Mani, 'apôtre de Jésus-Christ', apparait à la piété manichéenne sous des traits analogues. Messager de la Lumière, il est, lui aussi, émanation du Noûs. Plus encore: étant le 'sceau des prophètes', le Paraclet, il est l'Esprit Saint des chrétiens, qui correspond dans le manichéisme au 'Grand Esprit', c'est-à-dire au Noûs.

"Lui aussi est fréquement invoqué dans les textes de Tourfan comme 'éveilleur'. Idem. Ibidem, p.104.

Para Marcion, como para a maior parte dos gnósticos chamados cristãos, Jesus teria tido um corpo aparente e não real. É a tese docetista que rejeita tanto a Encarnação quanto a Paixão.

Basílides dizia que Simão de Cirene é que fora crucificado no lugar de Cristo.

O MESSIANISMO JUDAICO

O messianismo judaico, costumeiramente, é julgado como idêntico ao cristão, consistindo a única diferença na recusa de Jesus Cristo como Messias. Na realidade, a questão é bem mais complexa.

Em primeiro lugar, o judaísmo recusa a ideia de redenção moral. A redenção, para o judaísmo, tem caráter muito mais ontológico do que ético. Ela consistiria na libertação das partículas divinas aprisionadas na matéria e não no perdão do pecado original pelo sacrifício messiânico. O mal seria o próprio existir.

Em segundo lugar, a libertação pessoal seria mais o resultado de um esforço pessoal pela aplicação de certas técnicas do que uma graça *gratis data*. O homem seria seu autorredentor.

Em terceiro lugar, a redenção teria como resultado a identificação do homem com Deus.

Quanto ao Messias, filho de Davi, ele teria de divino tanto quanto outro homem qualquer, embora sua alma fosse mais santa do que as almas comuns. Seu papel seria muito mais político e social do que religioso. Ele deveria reconduzir Israel à Palestina, pondo fim ao exílio e inaugurando um reino messiânico milenarista.

Nesse sentido, o Messias seria mais um libertador que, em vez do pecado, combateria toda tirania e toda desigualdade.

Mais que o filho de Davi, é o próprio povo de Israel que teria uma missão messiânica mundial. Caberia ao povo judeu a recuperação de todas as centelhas divinas esparramadas na prisão do universo. Para melhor realização dessa missão, Israel teria sido exilado, dispersado por toda a terra.

Como comprovação, veja-se esta conceituação atual do *Messias*, feita por um categorizado rabino, o Rabbi Abrahan R. Besdin, que, depois de descrever o Messias cristão, afirma:

> Esse retrato messiânico tem um agudo contraste com o Messias judaico, tal como descrito pelos profetas, elaborado por nossos

> Sábios e codificado por Maimônides. Em nossa tradição, o Messias será um ser humano, nascido naturalmente de pais e sem pretensões divinas. Ele, portanto, não pode perdoar *pecados* nem realizar milagres por sua própria iniciativa. Seu campo de operações é somente trazer felicidade aqui na terra para Israel e para toda a humanidade, combater a injustiça social e disseminar as verdades eternas. Ele não tem nenhuma missão ou papel em relação ao destino das almas após a morte.
>
> [...] Principalmente, nós devemos rejeitar a ideia inteira do Cristo Messias como alheia à toda tradição judaica e como moralmente não atraente. A preocupação messiânica judaica é voltada para este mundo e ela responde a nosso desejo ético ardente por um mundo mais justo, por uma vingança dos direitos ultrajados da aliança de Israel e seu destino singular na história humana. Ele busca trazer "o céu para a terra", infundir a conformidade com Deus [*Godliness*] na condição humana social e criar uma verdadeira fraternidade humana "sob a soberania de Deus".[473]

Vemos, por esse texto, que o messianismo judaico apresenta um caráter declaradamente milenarista e revolucionário e não moral e pessoal.

> A redenção, isto é, a redenção da alma, era um assunto privado, individual, e por isso independia da esfera de redenção nacional com a qual o messianismo tradicional estava envolvido. [474]

É interessante citar aqui um texto de autor atual e que prova como a conceituação da Nova Igreja progressista sobre o Messias tem mais semelhança com a conceituação judaico-cabalista que com a concepção messiânica tradicional.

---

473 This Messianic portrait bears sharp contrast to the Jewish Messiah, as described by the prophets, elaborated upon by our Sages and as codified by Maimonides. In our tradition, the Messiah will be a human being, born naturally from the parents and without divine pretentions. He, therefore, cannot forgive *sins* nor can he perform miracles on his own initiative. His field of operations is solely here on earth, to bring bliss to Israel and to all mankind, to combat social injustice and to disseminate eternal truths. He has no mission or role as regards the destiny of souls after death.

[...] More principally we should reject the entire Christian-Messiah-Idea as allien to all Jewish tradition and as morally unattractive. The Jewish Messianic concern is this-worldly and it responds to our ethical craving for a more just world, for a vindictation of Israel's covenantal claims and its singular destiny in human history. It seeks to bring "heaven down to earth", to infuse Godliness into man's social condition and to create a true human brotherhood "under the sovereignty of God". RABBI ABRAHAM R. BESDIN apud SCHOLEM, Gerson. *Sabbatai Sevi*.

474 Redemption, that is, redemption of the soul, was a private, individual matter and therefore independent of the sphere of national redemption with which traditional messianism was concerned. SCHOLEM, Gerson. G. *Sabbatai Sevi*, p. 15. Tradução extraída de Idem. *Sabatai Tzvi*, vol. I, p. 16.

> Sem entrar em discussão com os problemas bultmannianos, basta dizer que o cristianismo de Bultmann é essencialmente individualista. Segundo Bultmann, a salvação é fato individual. Ora, isso, com toda a certeza, não corresponde à mensagem evangélica. Nessa, a salvação se apresenta como fato coletivo, salvação de povos, salvação da humanidade. A salvação do indivíduo não interessa ao Novo Testamento a não ser como realização da salvação global da humanidade. Cristo não veio para recolher certo número de almas, mas para salvar a humanidade como tal; não é "um" homem, mas sim "o novo Adão", salvador de toda a estirpe do primeiro Adão, seu pai.[475]

Para a salvação pessoal, não seria necessário o Messias, filho de Davi, pois que, pela contemplação, cada homem seria suficiente para se libertar.

> Seu ideal [dos cabalistas] da vida contemplativa em comunhão com Deus não necessitava de um mundo messiânico para sua realização [...].[476]

Com efeito, sendo possível a cada homem fazer desabrochar, de sua Nefesch e de seu Ruah, sua própria Neschamá divina, cada um seria seu próprio redentor. Ora, os processos cabalistas visam exatamente à redenção do homem por sua identificação com Deus por meio do êxtase.

> O místico que, em sua ascensão contemplativa, atinge o ponto de comunhão com a fonte de todo ser, chegou por esse ato ao fim do caminho que leva a sua redenção. A contemplação cabalística é uma espécie de antecipação individual do messianismo escatológico.[477]

A redenção individual é de caráter ontológico e não moral. O homem deve libertar-se do exílio da existência. Existir é estar exilado do Paraíso e da Divindade: "[...] o exílio é o modo de existência fundamental e exclusivo - se bem que oculto."[478]

Por meio dos métodos cabalísticos para se atingir o êxtase, o homem libertar-se-ia do seu próprio eu, isto é, separaria o seu eu terreno do eu divino.

---

475 COMBLIN, Joseph. *Os sinais dos tempos e a Evangelização*, p. 184.

476 Their ideal [dos cabalistas] of the contemplative life in communion with God did not require a messianic world for its realization [...]. SCHOLEM, Gerson G. *Sabbatai Sevi*, p. 15. Tradução extraída de Idem. *Sabatai Tzvi*, vol I, p. 16.

477 The mystic who in his contemplative ascent attains the point of communion with the source of all being has by that act reached the end of the fath to his individual redemption. Kabbalistic contemplation is a kind of individual anticipation of eschatological messianism. Idem. *Sabbatai Sevi*, p. 16. Tradução extraída de Idem. *Sabatai Tzvi*, p. 17.

478 [...] exile is the fundamental and exclusive - albeit hidden - mode of all existence Idem. *Sabbatai Sevi*, p. 34. Tradução extraída de Idem. *Sabbatai Tzvi*, p. 35.

> [...] no êxtase profético, o homem encontra seu próprio eu que o confronta e lhe fala [...]. "Sabei que o segredo completo da profecia consiste, para o profeta, em que ele subitamente vê a forma do seu eu em pé diante dele, e esquece o seu eu, e é libertado dele, e vê o seu eu postado à sua frente, falando-lhe e predizendo o futuro, e deste segredo disseram nossos mestres: Grande é a força dos profetas que comparam a forma (que lhes aparece) Àquele que a formou. Diz Rabi Abraão ibn Ezra: "Na profecia, o que fala é um ser humano e o que ouve é um ser humano!"
>
> [...] Ele [o profeta] é, por assim dizer, seu próprio Messias, pelo menos durante seu breve período de experiência extática.[479]

Essas doutrinas explicam por que, na Cabala, a figura do Messias pessoal tem pouco relevo.

> O ponto mais supreendente desse sistema, marcado por uma tensão escatológica característica, é a fraqueza de sua imagem do messias. [...] nesse processo, o próprio messias desempenha um papel apagado e insignificante. Se o messias não tivesse sido objeto de uma tradição firmemente estabelecida e altamente elaborada, talvez os cabalistas a houvessem descartado totalmente. [...] Ao transferir a Israel, a nação histórica, grande parte da tarefa redentrora anteriormente atribuída ao messias, muitos de seus traços pessoas distintivos, tal como desenhados na literatura apocalíptica, estavam agora obliterados.[480]

Pessoalmente, cada cabalista, sendo seu autorredentor, era igual ou superior ao próprio Messias.

> Graças a suas práticas místicas, eles [os cabalistas] [...] não tinham necessidade do messias. Eles morarão no paraíso "e seu Messias será Moisés", e não o filho de Davi, a quem não se podem sujeitar, pois são superiores a ele.[481]

---

479 Idem. *A mística judaica*, pp. 144-145.

480 The most surprising feature of this system, with its characteristic eschatological tension, is the feebleness of its image of the messiah. [...] in this process the messiah himself plays a pale and insignificant role. Except for the highly developed and firmly established tradition of the messiah, perhaps the kabbalists would have dispensed with him altogether. [...] By transferring to Israel, the historical nation, much of the redemptive task formerly considered as the messiah's, many of the distinctive personal traits, as drawn in apocalyptic literature, were now obliterated. Idem. *Sabbatai Sevi*, p. 52. Tradução extraída de Idem. *Sabatai Tzvi*, pp. 51-52.

481 By their mystical practice they [os cabalistas] [...] did not need a messiah at all. They will dwell in Paradise "and their messiah will be Moses", not the son of David to whom they cannot be subject since they are superior to him. Idem. *Sabbatai Sevi*, p. 59. Tradução extraída de Idem. *Sabatai Tzvi*, p. 58.

A figura do Messias, filho de Davi, era considerada como sendo uma reencarnação de Adão e de Davi.

> [...] a escola de Safed preservara uma tradição remontando aos primeiros cabalistas espanhóis e conhecida desde Moisés de Léon, segundo a qual o messias é uma reencarnação de Adão e do Rei David. As três consoantes hebraicas que formam a palavra 'ADaM' podem ser lidas como um acróstico composto das inicias dos nomes Adão, David e Messias.[482]

Scholem mostra que as doutrinas cabalistas a respeito do Messias têm estreito relacionamento com as doutrinas messiânicas dos gnósticos.

> Em seguimento à Ruptura dos Vasos, quando algumas centelhas da luz divina, irradiando do Ein Sof a fim de criar formas e moldes no espaço primevo caíram no abismo, caiu também a alma do Messias, que estava incrustada naquela luz divina original. Desde o começo da Criação, esta alma morou na profundeza do grande abismo, retida na prisão das Klipot, o reino da escuridão. Com esta alma santíssima, habitam no fundo do abismo as "serpentes" que a atormentam e tentam reduzi-la. A estas "serpentes" é entregue a "serpente sagrada" que é o Messias - pois não tem a palavra hebraica para serpente, *Nahasch*, o mesmo valor numérico que a palavra Messias, *Maschiah*? Só na medida em que o processo do *Tikun* de todo o mundo perfaz a seleção do bem e do mal na profundeza do espaço primevo será a alma do Messias liberta da escravidão. Quando o processo de perfeição, para o qual esta alma trabalha em sua "prisão" e pelo qual luta com as "serpentes" ou "dragões", estiver completo - o que, entretanto, não acontecerá antes do fim do Tikun em geral - a alma do Messias deixará sua prisão e revelar-se-á ao mundo numa encarnação terrena. Assim pensava Natã de Gaza. É do mais profundo interesse o fato de encontrarmos nos escritos de um jovem gnóstico do gueto de Jerusalém, no século XVII, um antiquíssimo mito gnóstico sobre o destino da alma do Redentor, composto de ideias cabalísticas, mas, não obstante, com o intuito óbvio de constituir uma apologia do estado mental patológico de Sabbatai Tzvi. Não fosse pelo fato de se achar a matéria-prima desta doutrina cabalista realmente no Zohar e nos escritos luriânicos, seríamos tentados a postular uma intrínseca, embora para nós obscura, conexão entre o primeiro mito sabatiano e o da antiga escola

482 [...] the Safed school preserved a tradition going back to the early Spanish kabbalists and known since Moses de Léon, according to which the messiah is a reincarnation of Adam and of King David. The three Hebrew consonants forming the word 'ADaM', can be read as an acrostic made up of the initials of the names Adam, David, Messiah. Idem. *Sabbatai Sevi*, p. 57. Tradução extraída de Idem. *Sabatai Tvzi*, p. 56.

> gnóstica, conhecida como Ofitas ou como Naassenos, que colocava o simbolismo místico da serpente no centro de sua Gnose.[483]

A restrição feita por Scholem - o fato de que essas doutrinas já existiam no Zohar e nos meios luriânicos - transfere o problema da conexão de Natã de Gaza e dos ofitas para o Zohar e os escritos luriânicos. Mas o problema da conexão persiste.

Para os cabalistas de Safed, uma centelha da alma messiânica estaria presente nas almas de muitos homens rotos ao longo da história. Em cada geração, haveria um "messias", mas a parte suprema da alma do Messias propriamente dita não estaria sujeita à metempsicose e só seria dada ao Messias após a consumação do Tikun, ou seja, após a recuperação das centelhas divinas presas no Cosmo.

> A Nesfesh, Ruah e Neshamá do messias ou, possivelmente, as centelhas provenientes de suas raízes, estavam sujeitas à metempsicose e deveriam ser salvas pela qelipá [as "casas" materiais], assim como as almas dos patriarcas e de outros santos. A parte mais alta da alma do messias, contudo, a iehidá, graças a qual ele adquire sua total dimensão messiânica, ser-lhe-á somente conferida com a realização completa do tiqun.[484]

Se cada geração tem seu "messias", se cada cabalista é, no fundo, seu próprio messias, a missão de Israel é recuperar as centelhas divinas espalhadas por todo o universo. Israel é o messias coletivo e, por isso, o povo judeu foi espalhado por todo o universo.

> [...] o próprio conceito de Galut [exílio] adquire aqui novo significado. Anteriormente fora considerado - em Saadia, por exemplo - quer um castigo pelos pecados de Israel, quer uma provação para a fé de Israel. Agora ainda é tudo isso, mas intrinsecamente é uma missão: seu propósito é o de reerguer as centelhas caídas de todas as suas variadas localizações. "E este é o segredo por que Israel está fadado a ser escravizado por todos os gentios do mundo: a fim de que possa elevar aquelas centelhas que também caíram entre eles... E por isso era necessário que Israel se espalhasse pelos quatro ventos a fim de levantar tudo".[485]

---

483 Idem. *A mística judaica*, pp. 300-301.

484 The messiah's nefesh, ruah, and neshamah, or possibly sparks deriving from their root, were subject to metempsychosis and had to be saved from the gelippah [as "cascas" materiais], much as the souls of the patriarchs and other saints. Yet the highest part the messiah's soul, the yehidah, by virtue of which he acquires his full messianic nature, is conferred on him only at the consummation of the general tikkun. Idem. *Sabbatai Sevi*, p. 57. Tradução extraída de Idem. *Sabbatai Tzvi*, p. 56.

485 Idem. *A mística judaica*, pp. 286-287.

Os próprios gentios, enquanto tais, seriam as próprias cascas aprisionantes das centelhas divinas. Israel seria o libertador, o messias delas e de si mesmo:

> A redenção não chega subitamente, mas aparece como o resultado lógico e necessário da história judaica. Os esforços de Israel em relação ao tiqun têm, por definição, caráter messiânico. A redenção final não está, pois, dissociada do processo histórico que a precedeu: "A redenção de Israel desenrola-se por graus, uma purificação após outra, um refinamento após outro". O rei messias, longe de trazer o tiqun, é trazido por este: ele aparece após a realização do tiqun. A redenção cósmica da elevação das centelhas confunde-se com a redenção nacional de Israel e o símbolo da "reunião dos exilados" compreende a ambos.[486]

Conforme Scholem, deve-se distinguir duas tendências principais no messianismo: a primeira seria a do messianismo popular mitológico, a segunda seria a do messianismo filosófico racionalista tradicional.

O messianismo popular tem um caráter catastrófico e utópico, ou melhor, milenarista. Guerras, epidemias, fome, apostasia geral, heresias precederiam o surgimento da era messiânica. "A redenção significava a revolução na história" - *"Redemption meant a revolution in history"*.[487]

O messianismo filosófico de que Maimônides é o expoente máximo excluía os aspectos apocalípticos e milenaristas. O Messias reconstruiria o templo de Jerusalém e poria fim ao exílio de Israel, conduzindo o mundo para um estado ideal de coisas e para a perfeição da vida contemplativa.[488]

Em todo caso, os judeus admitiam um messianismo que tivesse consequências na vida terrena, no corpo e na história. O messianismo judaico é, pois, revolucionário.

> Não viam nenhum progresso espiritual em uma concepção messiânica que abdicara da esfera histórica e negara que a redenção fosse um ato público, manifesto nessa terra, na alma e no corpo. Orgulhavam-se da recusa em trair seus ideais e desconfiavam de

---

486 Redemption does not come suddenly but appears as the logical and necessary fruition of Jewish history. Israel's labors of tiqqun are, by definition, of a messianic character. Final redemption is therefore no longer dissociated from the historical process that preceded it: "The redemption of Israel takes place by degrees, one purifying after another, one refining after another." The messianic king, far from bringing about the tiqqun, is himself brought about by it: he appears after the tiqqun has been achieved. The cosmic redemption of the raising of the sparks merges with the national redemption of Israel, and the symbol of the "ingathering of the exiles" comprises both. Idem. *Sabbatai Sevi*, p. 46. Tradução extraída de Idem. *Sabatai Tzvi*, vol. 1, p. 46.

487 Idem. *Sabbatai Sevi*, pp. 8-9.

488 Cf. Idem. *Sabbatai Sevi*, pp. 12-14.

uma espiritualidade cuja redenção não se realizaria nem na terra nem no céu.[489]

Para o messianismo judaico popular, a era messiânica "continha todas as qualidades de uma idade áurea, incluindo manifestações miraculosas e uma transormação radical da ordem natural" – "*contained all the qualities of a golden age, including miraculous manifestations and a radical transformation of the natural order.*"[490]

Na era messiânica, a Torá se manifestaria apenas sob o aspecto de "Árvore da Vida" e não sob o aspecto de "Árvore do conhecimento do bem e do mal", o que significaria a abolição da lei e de todas as suas proibições, que valeriam para o tempo do exílio.[491]

Já na Haggadah rabínica se acreditava que todas as coisas seriam reconduzidas ao estado que tinham antes do pecado de Adão, quando o Messias viesse.

> Embora todas as coisas tivessem sido criadas na plenitude do ser [num estado de perfeição], foram corrompidas pelo pecado de Adão e somente serão restauradas em sua perfeição com a vinda do messias.[492]

Embora os cabalistas dissessem, ao contrário do texto acima, que o Messias só viria depois do aperfeiçoamento do todo, após o término do tikkun, todos concordam com que haveria um retorno ao estado adâmico.[493]

Para os cabalistas, a Torá antes do pecado de Adão teria sido puramente espiritual, como o próprio Adão, e não teria mandamentos e proibições materiais, que teriam surgido com o pecado que dera a Adão um corpo material.

> Todos os cabalistas concordam em que a Torá, a expressão suprema de um poder divino oculto, era, essencialmente, imaterial. A Torá é a lei do Cosmo e, se esta havia preservado seu caráter espiritual originário, a Torá, também, jamais se teria "materializado", do

489 They saw no spiritual progress in a messianic conception that admittedly abdicated from the sphere of history and denied that redemption was a public act, manifest on this earth in soul and body. They prided themselves on their refusal to betray their ideal, and distrusted a spirituality whose redemption was not realized on earth as in heaven. Idem. Ibidem, p. 94. Tradução extraída de Idem. *Sabatai Tzvi* , vol. I, p. 92.

490 Idem. Ibidem, p. 10.

491 Cf. Idem. *Sabbatai Sevi*, p. 11.

492 Although all things were created in the fullness of their being [in a state of perfection], by Adam's sin they were corrupted and they shall not be restored to their perfection until the messiah comes. BERACKIA, Rabi apud SCHOLEM, Gerson G. *Sabbatai Sevi*, p. 47. Tradução extraída de BERACKIA, Rabi apud SCHOLEM, Gerson G. *Sabatai Tzvi*, vol. I, p. 46.

493 Cf. SCHOLEM, Gerson G., *Sabbatai Sevi*, p. 47.

mesmo modo que o corpo de Adão nunca se tornaria material. O mistério da Torá superna é o mesmo da "Árvore da Vida"; seus mandamentos constituem, essencial e fundamentalmente, luzes espirituais, irradiando-se em várias combinações na pura espiritualidade da Torá.[494]

E, no mesmo contexto, Scholem cita as seguintes palavras de Elijah de Vidas, discípulo de Moses Cordovero:

> "Cada mandamento é, no mundo superior, uma luz superior unida à Árvore da Vida. Mas como resultado do pecado de Adão e, depois, do Bezerro de Ouro, a Torá e os mandamentos materializaram-se, passando os homens a ter de cumprir mandamentos materiais [isto é, práticos], tais como usar roupas quadrianguladas com franjas, ou tefilin feitos de couro etc. - e meu mestre tratou deste assunto em várias ocasiões". [Daí conclui Scholem] As implicações desta doutrina são óbvias. Na era messiânica, com o cumprimento do tiqun e os efeitos do pecado desfeitos, todas as coisas serão restauradas à sua espiritualidade pristina e a aplicação prática e "material" da observância tradicional dos mandamentos cessará automaticamente.[495]

E Abraham Azulay de Hebron, em sua obra "Hesed-le -Abraham", diz:

> Após o sexto milênio, atingirão até graus ainda mais elevados [de espiritualidade] e compreenderão o mistério da Torá em sua essência mais recôndida [...]. Este é o princípio básico: a Torá estava revestida em uma veste material, exatamente como o homem. Assim como o homem se elevará, no futuro, de sua

494 All kabbalists were agreed that the Torah, being the supreme expression of the hidden divine power, was essentialy nonmaterial. The Torah is the law of the cosmos, and if the latter had preserved its original spiritual character, the Torah, too, would never have been "materialized", even as Adam's body would not have become material. The mystery of the supernal Torah is that of the "Tree of Life"; its commandments are essentially and basically spiritual lights, shining forth in various combinations in the pure spirituality of the Torá. SCHOLEM, Gerson G., *Sabbatai Sevi*, p. 319. Tradução extraída de SCHOLEM, Gerson G., *Sabatai Tzvi*, p. 308.

495 "Every commandment is, in the higher world, a supernal light united to the Tree of Life. But as a result of Adam's sin, and again of the sin of the golden calf, the Torah and the commandments materialized, and hence men must note perform material [that is, practical] commandments, such as wearing a four-cornered garment with fringes, or tefilin made of leather and the like - and my master has treated this subject on many occasions". [Daí conclui Scholem:] The implications of this doctrine are obvious. In the messianic age, with the, tiqqun accomplished and the effects of sin undone, all things will be restored to their pristine spirituality, and the traditional type of "material" practice and observance of the commandments will automatically pass away. SCHOLEM, Gerson G., *Sabbatai Sevi*, p. 319-320. Tradução extraída de SCHOLEM, Gerson G., *Sabatai Tzvi*, Vol. I, p. 308.

> veste material para uma espiritual, a Torá também se erguerá acima de seu traje material, passando a ser percebida em níveis espirituais cada vez mais altos. Esta vestimenta durará até o tempo da ressurreição. Então eles [os homens] estarão [completamente] puros, e compreenderão a Torá em sua veste mais íntima.[496]

Na era messiânica, portanto, concluía Natã de Gaza, reinaria a Torá original, a Torá espiritual, o que implicaria: "[...] a abolição das normas do permitido e do proibido, do puro e do impuro [...]" – "[...] *the abolition of the norms of permitted and forbidden, pure and impure* [...]".[497]

Por ser ontológica, a redenção implicaria necessariamente uma transformação do universo, sendo essa transformação resultante da libertação das centelhas divinas.

A íntima relação simbólica entre o mundo divino e o mundo material obrigaria esse a se transformar, quando se désse a grande retransformação da divindade com o fim do *Tikun*, isto é, com o retorno das centelhas divinas ao Ein Sof.

> A Redenção não é mais fundamentalmente uma libertação do jugo da servidão no exílio, mas uma transformação da essência da Criação. Ela é concebida como um processo que corre através de todos os mundos ocultos e visíveis, pois nada mais é senão o *Tikun*, a restauração da grande harmonia que foi despedaçada pela Ruptura dos Vasos e posteriormente pelo pecado de Adão. A Redenção implica mudança radical na estrutura do universo. Sua significação é vista não tanto como o fim daquele exílio que começou com a destruição do Templo, mas antes como o fim daquele exílio interior de todas as criaturas que começou quando o pai da humanidade foi expulso do Paraíso. Os cabalistas davam ênfase muito maior à natureza espiritual da Redenção que a seus aspectos políticos e históricos. Estes de modo nenhum são negados ou diminuídos, mas tendem mais e mais a se tornarem meros símbolos do processo místico e espiritual do qual falei. "Quando o bem e o mal finalmente se separarem, virá o Messias", como Vital

---

496 After the sixth millenium they will attain to even higher degrees [of spirituality], and they will understand the mystery of the Torah in the most hidden essence [...] This is the basic principle: the Torah was clothed in a material clothing, exactly like man. As man will rise, in the future, from his material clothing to a spiritual one, so will the Torah rise above her material clothing and be perceived on increasingly spiritual levels. This clothing will last until the time of the ressurection. Then they [that is, men] will be [completely] pure, and they will understand the Torah according to its innermost clothing. AZULAY apud SCHOLEM, Gerson G. *Sabbatai Sevi*, p. 320. Tradução extraída de AZULAY apud SCHOLEM, Gerson G. *Sabatai Tzvi*, vol. I, pp. 308-309.

497 SCHOLEM, Gerson G., *Sabbatai Sevi*, p. 321.

> o diz. A redenção histórica é como se fora um subproduto natural de sua duplicata cósmica [...] o cabalismo luriânico [...] punha a regeneração da vida interior muito acima da nação como entidade política. Ao mesmo tempo estava convencido de que a primeira era a pré-condição essencial da segunda. O progresso moral deveria produzir a libertação do povo do seu exílio.[498]

Na era messiânica, a lei seria abolida ou subvertida, tudo passando a ser permitido. Seria, então, proibido proibir.

> Se a estrutura do mundo foi intrinsecamente alterada pela conclusão do processo do *Tikun*, a Torá, a verdadeira lei universal de todas as coisas, também deve aparecer daí em diante sob um aspecto diferente. Seu novo significado é o que corresponde ao estado primordial do mundo, agora jubilosamente restaurado [...]. O Messias ergue-se na encruzilhada de ambos os caminhos. Na sua liberdade messiânica, ele realiza uma nova lei, a qual, do ponto de vista da velha ordem, é puramente subversiva. Ele subverte a velha ordem, e todas as ações que se relacionam a ela encontram-se, portanto, em manifesta contradição com os valores tradicionais. Em outras palavras, a redenção implica a destruição daqueles aspectos da Torá que refletem meramente o *Galut* (o exílio). A Torá em si permanece uma e a mesma, o que mudou é sua relação com a mente.[499]

A doutrina de um período messiânico em que a lei seria abolida é largamente exposta no Sefer-ha Temuná. Segundo R. Qatina, em Sanhedrin 97a: "O mundo existe por seis mil anos e, em seguida, ele fica em descanso" - "*Six millénaires le monde existe et au suivant, il est en friche*".[500]

Daí deduzirem os cabalistas que já teriam existido outros universos correspondentes, cada um, a uma Shemittá do Ein Sof.

O atual universo corresponderia a Shemittá Din, ao éon do juízo. Daí as proibições da lei. Mas a próxima Shemittá seria a da graça e nela tudo seria permitido.

> A shemittá seguinte aparece, em comparação com a nossa, como um retorno em Utopia. Em lugar das diferenças de classe que reinam hoje, haverá a igualdade completa. A Torá não tratará senão de coisas santas e puras, e os sacrifícios não serão sacrifícios de animais, mas oferendas de gratidão e amor. Sem migração de

498 SCHOLEM, Gerson G. *A Mística Judaica*, p. 308.

499 Idem. Ibidem, p. 314.

500 SCHOLEM, Gerson G., *Les Origines de la Kabbale*, p. 490.

> almas, sem mácula, nem corpo, nem alma. O mundo inteiro é como um paraíso. Não existe nem má tendência, nem pecado.[501]

Chega-se mesmo a afirmar o antinomismo:

> Se, como afirma o *Livro Temuná,* "o que é proibido aqui embaixo é permitido lá em cima" (Sefer ha-Temuná 62a), segue-se logicamente que coisas proibidas no eão atual, por força da maneira atual de ler a Torá, podem muito bem ser permitidas ou mesmo ordenadas em outro eão governado por um outro atributo de Deus, ou seja, misericórdia e compaixão, em vez de julgamento severo.[502]

É impossível não ver a relação desse messianismo judaico com o milenarismo gnóstico-cristão, condenado no Concílio de Éfeso em 431.

O milenarismo voltou a ser uma ameaça revolucionária na Idade Média, especialmente a partir de Joaquim de Flora.

Scholem considera que as doutrinas cabalistas dos vários universos governados por diferentes shemittás divinas têm muita semelhança estrutural com as doutrinas de Joaquim de Flora sobre a história, que ele dividia em idade do Pai, ou da Lei, idade do Filho, ou da Graça, e finalmente idade do Espírito Santo, ou do Amor, em que haveria uma pura igreja espiritual, monacal e pobre, governada pelo "Evangelho Eterno".[503]

Scholem, entretanto, não crê que haja ligação histórica entre Joaquim de Flora e os cabalistas.

> Eu não creio que seja preciso supor relações históricas diretas entre as duas ideias. Joaquim desenvolveu sua doutrina entre 1180 e 1200 na Calábria, e quando chegou à França e à Espanha, a doutrina cabalística das shemittás já tinha se tornado o patrimônio comum dos cabalistas de Gerona, apesar do fato de que a composição do Livro Temuná deva ser colocada certamente no mesmo quarto de século em que foram redigidos o comentário de Jeremias e os outros grandes escritos pseudoepigráficos de Joaquim [...]. É precisamente o elemento utópico e radical, do qual as formas astrológicas da doutrina estão ainda desprovidas,

---

501 La shemitta suivante apparaît, en comparaison de la nôtre, comme un retour en Utopie. Au lieu des différences de classe qui règnent aujourd'hui, ce sera l'égalité complète. La Tora ne traitera que de choses saintes et pures, et les sacrifices seront non pas des sacrifices d'animaux, mais des offrandes de gratitude et d'amour. Pas de migration d'âmes, pas de souillure, ni du corps, ni de l' ame. Le monde entier est comme un paradis. Il n'existe ni mauvais penchant, ni péché. Idem. Ibidem, pp. 494-495.

502 SCHOLEM, Gerson G. *A Cabala e seu Simbolismo*, p. 97.

503 Cf. SCHOLEM, Gerson G. *Les Origines de la Kabbale*, pp. 488-489 / *Sabbatai Sevi*, pp. 98-99 / *A Cabala e seu Simbolismo*, pp. 101-102 / *A Mística Judaica*, p. 181.

> que aproximam a versão cabalística da de Joaquim. Eu não creio que a questão, recentemente surgida, da origem eventualmente judaica de Joaquim tenha um papel a representar no caso.[504]

O mesmo Scholem mostra outros pontos de contato entre o messianismo cabalístico sabataista e os milenaristas cristãos medievais:

> [...] as crenças da ala radical do movimento sabataista – a grande erupção de messianismo espiritual – revelam paralelos marcantes com o desenvolvimento que os ensinamentos de Joaquim de Flora sofreram em meados do século XIII entre os "espiritualistas" radicais da Ordem dos Franciscanos. O que os "Evangelhos Eternos" queriam dizer para Joaquim é essencialmente o mesmo que a *torá de-atzilut* para os cabalistas. Joaquim acreditava que nesse *Evangelium Aeternum* o significado místico do Livro seria revelado numa nova era espiritual e substituiria o sentido literal. É exatamente isto, *mutatis mutandis,* que a *torá de-atzilut* queria dizer para os cabalistas anteriores ao movimento sabataista. Mas alguns dentre os seguidores franciscanos de Joaquim identificaram os escritos de seu mestre com o "Evangelho Eterno", considerando-os uma nova revelação do Espírito Santo. Isto é boa parte do que aconteceu com a *torá de-atzilut*, entre os sabataistas.[505]

Outra correspondência curiosa entre os seguidores de Joaquim de Flora e os cabalistas é que os primeiros acreditavam na tese joaquimita de que, no reino milenarista do Amor, o Espírito Santo se encarnaria numa mulher.

"E Joaquim de Flora anuncia que o Espírito Santo, cuja era está iminente, se encarnará em uma Mulher."[506]

Entre os gnósticos primitivos já havia essa ideia.

> [...] alguns sabatianistas desenvolveram uma Trindade do Deus desconhecido, o Deus de Israel e a *Schehiná*, e não levou muito tempo para emergir a ideia de que o completamento da Salvação

504 Je ne pense pas qu'il faille supposer des rapports historiques directs entre les deux idées. Joachim a développé sa doctrine entre 1180 et 1200 en Calabre, et lorsqu'elle a gagné la France et l'Espagne, la doctrine kabbalistique des shemittot était déjà devenue le bien commun des kabbalistes de Gérone, en dépit du fait que la composition du Livre Temuna doive être placée certainement dans le même quart de siècle où ont été rédigés le commentaire de Jérémie et les autres grands écrits pseudépigraphiques de Joachim [...]. C'est précisément l'élément utopique et radical, dont les formes astrologiques de la doctrine sont encore dépourvues, qui rapproche la version kabbalistique de celle de Joachim. Je ne crois pas que la question, récemment surgie, de l'origine éventuellement juive de Joachim ait un rôle à jouer dans l'affaire. Idem. Ibidem, p. 489.

505 SCHOLEM, Gerson G. *A Cabala e seu Simbolismo*, pp. 101-102.

506 Et Joachim de Flore annonce que l'Esprit Saint, dont l'ère est imminente, s'incarnera dans une Femme. ROUGEMONT, Denis de. *L'Amour et L'Occident*, p. 94.

> depende do aparecimento em separado de um Messias para cada um desses três aspectos da Trindade, com um Messias feminino para o último.[507]

Talvez seja sintomático notar que milenaristas cristãos e judeus messiânicos simpatizavam uns com outros. O que é natural, dada a afinidade de suas posições doutrinárias.

> Sectários milenaristas foram os primeiros a defender publicamente os direitos dos judeus e a proclamar a restauração do reino de Israel como parte essencial da realização do milenarismo.[508]

Se houve influência mútua, parece que o sentido dessa influência tenha sido mais dos judeus sobre os cristãos que o contrário.

> Não subsiste também prova alguma para confirmar as hipóteses de Graetz e outros acerca de uma influência de crenças milenaristas dos negociantes ingleses e holandeses de Esmirna sobre os sonhos de Sabatai Tzvi em sua juventude. O contrário parece ser a verdade. Alguns círculos quialistas aguardavam o segundo advento para 1666, baseando os cálculos sobre o "número da besta" revelado no Apocalipse, 13,18, como 666. Do mesmo modo que os cabalistas centravam suas especulações no ano 408 (1648) mencionado no Zohar, os cristãos que calculavam o final dos dias apegavam-se a seu número messiânico, interpretando-o como designando o ano 1666, quando a besta seria subjugada e o reino dos santos estabelecido.[509]

E Scholem, sendo insuspeito e tendo autoridade, pode afirmar com radicalidade:

> Não foi sem razão que o quialismo foi denunciado nos meios ortodoxos como heresia "judaizante". Muitos quilialistas,

507 SCHOLEM, Gerson G. *A Mística Judaica*, p. 325.

508 Chiliast sectarious were among the first to defend in public the rights of the Jews and to proclaim the restoration of the kingdom of Israel an essential part of millenarian fulfillment. SCHOLEM, Gerson G. *Sabbatai Sevi*, p. 101. Tradução extraída de Idem. *Sabatai Tzvi*, p. 99.

509 Nor is there any evidence to confirm the hypothesis of Graetz and others that the messianic dreams of the young Sabbatai Sevi were inspired by the chiliast beliefs of English and Dutch merchants in Smyrna. The opposite seems to be true. Some chiliast circles expect the Second Coming in the year 1666, basing their calculations on the "number of the beast" given in Revelation 13:18 as 666. Just as kabbalists focused their speculations on the year 408 (1648) mentioned in the Zohar, so the Christian computers of the end of days held fast to their messianic number and interpreted it as signifying the year 1666 when the beast would be subdued and the rule of the saints established. Idem. *Sabbati Sevi*, p. 102. Tradução extraída de Idem. *Sabatai Tzvi*, Vol. I, p. 100.

particulamente no século XVII, simpatizavam com os judeus e alguns eram autênticos filosemitas.[510]

O exílio de Israel entre os gentios e a consequente submissão dos judeus a governos cristãos ou pagãos foram vistos, a princípio, como um castigo pelos pecados do povo. Com o cabalismo, o exílio do povo foi relacionado com o exílio da Shehiná, com a "ruptura dos vasos" e com a queda de Adão. Todos esses fatos, como já dissemos, passaram a ser vistos como necessários desde que representavam a separação da Shehiná das demais sefiroth.

A recuperação de todas as partículas divinas por meio de atos de Tikun também foi posta, pelos cabalistas de Safed, em relação com o exílio de Israel. O exílio do povo teria tido por finalidade mais alta a recuperação das partículas divinas que haviam caído entre as "cascas" materiais, as Klipot, identificadas nesse caso com os próprios gentios.

A materialidade e a maldade das Klipot manifestar-se-iam historicamente pela tirania, pela opressão, isto é, pela opressão e tirania a que os judeus estariam submetidos e, analogicamente, por qualquer tirania e por qualquer opressão.

Israel, tendo a missão de libertar as centelhas divinas, teria também a missão de lutar contra toda tirania e toda opressão, isto é, contra toda hierarquização social e contra toda lei.

A instauração do reino messiânico dar-se-ia quando todas as partículas divinas tivessem retornado e findasse o exílio da Shehiná. As Klipot, que se alimentavam da santidade da árvore da vida, não teriam mais o que comer e pereceriam.

Então, juntamente com o exílio de Israel, findaria toda tirania e, no mundo, se estabeleceria o reino messiânico, no qual não haveria nem hierarquia, nem lei, nem desigualdades, nem proibições.

> O exílio, portanto, tinha sua razão de ser e essa razão inscrevia-se na natureza da criação. Esta explicação cabalística é de uma originalidade surpreendente, na medida em que não considerava o exílio apenas uma prova para a nossa fé ou uma punição para nossos pecados, mas, antes de tudo, como uma missão. O propósito desta missão era o de elevar as centelhas sagradas dispersas e liberar a luz divina e as almas santas do domínio da qelipá, representada no plano terrestre e histórico pela tirania e opressão.[511]

510 It was not without reason that chiliasm was nounced in orthodox quarters as a "Judaizing" heresy. Many chiliasts, particularly in the seventeenth century were sympathetic to the Jews, and some of them were genuine philo-Semites. Idem. *Sabbatai Sevi*, p. 333. Tradução extraída de Idem. *Sabatai Tzvi*, vol. II, p. 7.

511 Exile, therefore, had its reason, and this reason was rooted in the nature of creation. There is something startling novel about this kabbalistic explanation which regarded exile not merely as

O messianismo judaico era revolucionário. Essas ideias repercutiram inicialmente, e de modo explosivo, entre os próprios judeus, dando origem, no século XVII, ao movimento messiânico gnóstico e antinomista de Sabbatai Sevi. Nos séculos posteriores, os seguidores do sabatianismo formaram seitas revolucionárias, como as dos frankistas, que participaram ativamente até mesmo de movimentos revolucionários modernos.

> Quando a irrupção da Revolução Francesa voltou a dar um aspecto político a suas ideias [sabatianistas] não precisaram passar por grande mudança para se tornarem os apóstolos de um apocalipse político sem fronteiras. O impulso para revolucionar tudo o que existia não necessitava mais encontrar sua expressão em teorias desesperadas, como a santidade do pecado, mas assumiu um aspecto intensamente prático na tarefa de introduzir a nova época.[512]

---

a test of our faith or a punishment for our sins, but first and foremost as a mission. The purpose of this mission was to raise the scattered, holy sparks and to liberate the divine light and the holy souls from the realm of the qelippah, represented on the terrestrial and historical plane by tiranny and oppression. Idem. *Sabbatai Sevi*, p. 45. Tradução extraída de Idem. *Sabatai Tzvi*, vol. I, p. 45.

512 Idem. *A mística judaica*, p. 321.

20

OITAVO TEMA: A METEMPSICOSE E A ESCATOLOGIA DO ANTROPOTEÍSMO

A escatologia panteísta é otimista: o Deus que se transformou no mundo alcançará de novo o primitivo estado de perfeição. Por meio da evolução, tudo caminha para uma perfeição cada vez maior. O homem, redentor do universo e de si mesmo, pela sua razão, pela ciência e pela técnica, eliminará todos os males e todas as limitações que nos afligem e construirá, na terra, o paraíso. O Panteísmo é, pois, progressista e utópico.

A Gnose considera que as partículas divinas que se desprenderam da divindade e que agora jazem no túmulo da matéria pouco a pouco serão libertadas pela Gnose e retornarão à divindade. Enquanto, porém, não estiverem autoconscientes de sua natureza divina, permanecerão neste mundo-cárcere e, após a morte, serão condenadas a renascer ou a transmigrarem para corpos de animais, de plantas, e até, segundo alguns, a caírem na matéria bruta.

Nisso é que consistiria propriamente o inferno: em renascer, em permanecer ligado a um corpo material. O inferno seria aqui e o paraíso seria a reabsorção no todo divino pela destruição de toda a multiplicidade, individualidade e personalização.

No Egito e na Índia, a doutrina da reencarnação teve grande importância. Para os hindus, o importante é libertar-se da lei do Kharma, não mais renascer, o que se conseguia pela renúncia a toda matéria.

Também na Antiguidade clássica se considerava que o verdadeiro inferno era a existência terrena:

> É uma crença geral, admitida sob o Império, que o Inferno tem seu lugar sobre a própria terra e que os carrascos infernais não são outros senão nossos próprios vícios [...]. Sobre a transmigração, não há, aliás, doutrina hermética coerente: a metensomatose em corpos de animais é admitida.[513]

513 C'est une croyance généralement admise sous l'Empire que l'Enfer a sa place sur la terre même et que los bourraux infernaux ne sont autres que nos propres vices [...]. Au sujet de la

Essa doutrina, aliás, teria vindo do Egito:

> A crer na tradição grega, a doutrina da metempsicose fora trazida do Egito por Pitágoras. De fato, as fontes nada dizem nesse sentido. O mais antigo testemunho constitui-se dos versos irônicos de Xenófanes: "conta-se que, passando um dia perto de um cão que era maltratado, fora tomado de piedade e disse: cessem de bater; é certamente a alma de um de meus amigos; eu reconheci sua voz" (Diels, 11 B, 7).[514]

> Heródoto, a propósito da crença egípcia na transmigração (II, 123), observa que essa crença concorda com a doutrina do órficos, dos báquicos e dos pitagóricos e que os gregos a devem aos egípcios.[515]

Do orfismo e dos filósofos dos séculos VI e V a.C., a doutrina da transmigração passou para Platão, que a defendeu expressamente no Timeu (Timeu 41-D 42-D), e daí para seus seguidores.

> A doutrina antiga da transmigração está estreitamente ligada, para os filósofos antigos, com sua negação por princípio de toda geração e de toda corrupção; com isso, é a vida eterna que eles professam. As almas apagam-se apenas para renascer sobre outra forma. O re-nascimento, a palingênese, é, como mostrou Rhode, o nome antigo mais frequente para exprimir a transmigração. Aqui ainda o místico naturista do Renascimento está de acordo com os Antigos, quando Paracelso e Agripa ensinam que não existe morte, que toda morte é re-nascimento e que as exposições sobre a transmigração são o próprio bom senso". (Karl Joël, *Der Ursprung der Naturphilosophie aus dem Geiste der Mystik*, Programm der Univ. Basel, 1903, p. 90 sq).[516]

---

transmigration, il n'y a d'ailleurs pas de doctrine hermétique cohérente: la métensomatose en des corps des bêtes est admise. FESTUGIÈRE, R. P. *La Révélation d'Hermès Trimegiste*, V. III, pp. 117 e 122.

514 À en croire la tradition grecque, la doctrine de la métempsycose aurait été ramenée d'Égypte par Pythagore. En fait, les sources ne disent rien en ce sens. Le plus ancien témoignage est constitué par les vers ironiques de Xénophane: "on rapporte que, passant un jour près d'un chien qu'on maltraitait, il fut pris de pitié et dit: cessez de battre; c'est sûrement l'âme d'un de mes amis; je l'ai reconnue à sa voix" (Diels, 11 B, 7). LEISEGANG, Hans. *La Gnose*, p. 186.

515 Hérodote, à propos de la croyance égyptienne à la transmigration (II, 123), observe que cette croyance concorde avec la doctrine des Orphiques, des Bacchiques et des Pythagoriciens et que les Grecs la doivent aux Égyptiens. Idem. Ibidem, p. 187

516 La doctrine antique de la transmigration est étroitement liée, chez les philosophes antiques de la nature, avec leur négation principielle de toute génération et de toute corruption; par là, c'est la vie éternelle qu'ils professent. Les âmes ne s'effacent que pour renaître sous une autre forme. La

Essa doutrina é comum entre os gnósticos, embora com pequenas variações de seita para seita. Em geral, diziam eles, os pneumáticos que possuíam a Gnose, ao morrer, eram reintegrados na divindade. Psíquicos e hílicos eram condenados a renascer, ou destruídos ou lançados no inferno.

Basílides aceitava a metempsicose, quer por meio de corpos humanos, quer por meio de corpos de animais.[517]

Os carpocráticos diziam o mesmo e que, para evitar a metempsicose, era preciso esgotar todas as potencialidades carnais, praticando o máximo de ações pecaminosas. Cada um teria um certo número de pecados a cometer, sem o que não se libertaria. Era, pois, preciso cometê-los o quanto antes para não mais renascer.

> As almas são, portanto, salvas e libertadas, seja cumprindo na primeira tentativa todas as ações, seja vagando de corpo em corpo e mergulhando em todos os tipos de vidas para pagar sua dívida. Feito isso, elas não terão mais necessidade de permanecer em um corpo.[518]

No maniqueísmo, os Eleitos, após a morte, iam para o "paraíso de Luz"; os "soldados", que correspondem ao grupo dos psíquicos da Gnose, devem retornar ao mundo, renascendo, até que se purifiquem e salvem seu espírito. Os pecadores (os hílicos gnósticos) iriam para o inferno.[519]

Para que os eleitos não mais se reencarnassem, era preciso que comessem apenas legumes e só o que não fosse sensível. Deviam abster-se do casamento, do sexo e não gerar filhos, pois que isso multiplicaria a matéria e aprisionaria as centelhas de luz. Entretanto, ao contrário dos cátaros, seus seguidores, parece que os maniqueus não autorizavam o suicídio.

> Além disso, [os eleitos deviam] reduzir ao mínimo o contato com a substância tenebrosa e de não se sentir em casa num mundo onde tudo conspira para a "separação", desta máxima surge o

---

re-naissance, la palingénésie, est, comme la montré Rhode, le nom ancien le plus fréquent pour exprimer la transmigration. Ici encore le mystique naturiste de la Renaissance est d'accord avec les Anciens, quand Paracelse et Agrippa enseignent qu'il n'y a pas de mort, que toute mort est re-naissance et que les récits sur la transmigration sont le bon sens même (Karl Joël, Der Ursprung der Naturphilosophie aus dem Geiste der Mystik, Programm der Univ. Basel, 1903, p.90 sq). Idem. Ibidem, pp. 188-189.

517 Cf. Idem. Ibidem, p. 146.

518 Les âmes sont donc sauvées et libérées, soit en accomplissant du premier coup toutes les actions, soit en errant de corps en corps et en plongeant dans toute sortes de vies pour épuiser leur dette. Cela fait, elles n'auront plus besoin de demeurer dans un corps. Idem. Ibidem, p. 185.

519 Cf. Idem. Ibidem, p. 306

> mandamento da pobreza em fidelidade ao qual é proibido ou desaconselhado construir uma casa.[520]

O pampsiquismo do maniqueísmo, proveniente da ideia de que em tudo há partículas de luz divina, levava os eleitos a uma completa renúncia a qualquer contato com a matéria e, até mesmo, a considerar que qualquer ato é, em si mesmo, pecado.

> Quem anda sobre o solo fere a terra (quer dizer, mais exatamente, a luz misturada com ela); quem move a mão fere o ar, porque esse é a alma dos homens e dos animais [...].[521]

Jonas cita ainda um manual de confissão maniqueu, o *Chnastuanift*, que considera pecado o comer e o beber e o uso dos sentidos:

> [...] vendo com nossos olhos, escutando com nossos ouvidos, falando com nossa boca, pegando com nossas mãos e caminhando com nossos pés, atormentamos a Luz dos Cinco Deuses, a terra seca e húmida, as cinco espécies de animais, as cinco espécies de ervas e de árvores.[522]

Quanto aos eleitos, diziam os gnósticos que, após a morte, sua alma divina se libertaria do Cosmo atravessando as esferas planetárias e se desfazendo nelas de suas túnicas materiais.

Algumas seitas defendiam expressamente a apocatastasis, isto é, a doutrina da salvação universal, inclusive do demônio, no final de toda evolução.

A escatologia cabalística tem os mesmos traços da gnóstica.

A criação do universo material representou uma decadência da divindade e o aprisionamento das centelhas da Schehiná.

"Todo homem que age em conformidade com a Lei faz retornar uma das centelhas perdidas da Schehiná e de sua própria alma."[523]

Os discípulos de Isaac Luria afirmavam claramente a doutrina de que tudo que saíra de Deus a Ele deveria retornar:

---

520 En outre, [os eleitos deviam] réduire au minimum le contact avec la substance ténébreuse, et ne pas se sentir chez soi dans un monde où tout conspire à la "séparation": de cette maxime découle le commandement de pauvreté, en foi de quoi il est interdit ou déconseillé de bâtir une maison. JONAS, Hans. *La religion gnostique,* p.304.

521 Qui marche sur le sol blesse la terre (c'est-à-dire, plus exactement: la Lumière qui s'y trouve mêlée); qui fait bouger sa main blesse l'air, car c'est l'âme des hommes et des bêtes [...]. Idem. Ibidem, p.305.

522 [...] en voyant avec nos yeux, en écoutant avec nos oreilles, en parlant avec notre bouche, en saisissant avec nos mains, et en marchant avec nos pieds, nous tourmentons la Lumière des Cinq Dieux, la terre sèche et humide, les cinq espèces d'animaux, les cinq sorts d'herbes et d'arbres. Idem. Ibidem, Nota 1, p. 305.

523 SCHOLEM, Gerson. G. *A Cabala e seu simbolismo*, p. 139.

> Tudo provém da Causa primeira e tudo retorna à Causa primeira.[524]
>
> Esse retorno se processa misticamente através da *Kawwana*, isto é, uma oração feita com a intenção de retornar a estar unido com a divindade. A esta união, ou melhor, "comunhão" com a divindade, davam os lurianistas o nome de debequt. Scholem afirma, porém, que a debequt não tinha um sentido panteísta.[525]
>
> [... entretanto,] a salvação nada mais significa senão restituição, reintegração do conjunto original, ou Tikun, para usar o termo hebraico.[526]

No processo de retorno das partículas divinas à divindade (Tikun), o homem tem um papel especial.

> [...] é o homem quem acrescenta o toque final ao semblante divino; é ele quem completa a entronização de Deus, o Rei e o Criador místico de todas as coisas, em Seu próprio Reino do Céu; é ele quem dá ao Criador de todas as coisas a Sua configuração final! Em certas esferas do ser, a existência humana e a divina se entrelaçam. O processo intrínseco, extramundano do Tikun, simbolicamente descrito como o nascimento da personalidade de Deus, corresponde ao processo da história mundana. O processo histórico e sua alma mais secreta, o ato religioso do judeu, preparam o caminho para a restituição final de todas as luzes e centelhas espalhadas e exiladas.[527]

A consumação do Tikun fará surgir o Messias: "O Tikun, caminho para o fim de todas as coisas, é também o caminho para o começo."[528]

A doutrina da transmigração das almas já foi apresentada no Bahir, no século XII, como um segredo para os iniciados. O Bahir, contudo, não afirma a metempsicose das almas em corpos de animais.

Segundo uma suposição de Scholem, a doutrina da metempsicose do Bahir tem origem em:

> [...] fragmentos de uma tradição judaico-gnóstica mais antiga [...], fragmentos provenientes do Oriente, por vias que não são discerníveis por nós, no círculo em que o livro Bahir nasceu.[529]

---

524 Tout est issu de la Cause première et tout retourne à la Cause première Idem. *Les origines de la Kabbale*, p. 317.

525 Idem. Ibidem, pp. 317-320.

526 Idem. *A mística judaica*, p. 271.

527 Idem. Ibidem, pp. 276-277.

528 Idem. Ibidem, p. 277.

529 [...] fragments d'une tradition judeo-gnostique plus ancienne [...] fragments parvenus d'Orient, par des voies qui ne sont pas discernables pour nous, au cercle où le livre Bahir a pris naissance. Idem. *Les origines de la Kabbale*, p. 207.

Segundo o Zohar, a metempsicose seria aplicada apenas às almas que tivessem pecados contra a procriação.[530]

> Contudo a concepção da metempsicose como uma forma geral de retribuição divina não é desconhecida para a antiga tradição cabalista. A contradição fundamental entre as ideias de castigo no Inferno e de metempsicose – duas formas de recompensa que no sentido estrito são mutuamente exclusivas – apresenta-se enevoada no Zohar devido à limitação da ideia de punição propriamente dita ao processo de tormento no Inferno.[531]

Os cabalistas de Gerona, em geral, admitiam que haveria apenas três reencarnações em corpo humano[532] e o cabalista Ben Belimá (o filho do Nada) admitia a metempsicose até o mundo das sefirot.[533]

Após a expulsão dos judeus da Espanha, a escola cabalista de Safed, liderada por Isaac Luria, acentuou a doutrina da reencarnação assim como o messianismo da Cabala.

> Os horrores do Exílio refletiram-se na doutrina cabalística da metempsicose, que agora ganhou imensa popularidade, ao acentuar os vários estágios do exílio da alma. O destino mais terrível que poderia caber ao pecador - muito mais horrível que os tormentos do inferno - era o das almas "banidas" e "nuas", um estado que impedia tanto a reencarnação quanto a danação no inferno [...].[534]

A doutrina da metempsicose (Guilgul) da escola de Safed afirmava que:

> Cada alma individual retém sua existência individual apenas até o momento em que realizou sua própria restauração espiritual. [...] Enquanto a alma não tiver executado esta tarefa, permanecerá submetida à lei da transmigração. A transmigração, destarte, não é mais simples retribuição, mas é ao mesmo tempo uma oportunidade de cumprir os mandamentos, que não foi dada à alma preencher antes, e desse modo continuar o trabalho de auto-emancipação. A pura recompensa está, na verdade, implícita na ideia de transmigração para outras esferas da natureza, como a dos animais, plantas e pedras. Este banimento na prisão de estranhas formas de existência, em animais selvagens, em plantas e pedras, é considerado uma forma de exílio particularmente terrificante.[535]

530 Cf. SCHOLEM, Gerson G. *A mística judaica*, p. 245.

531 Idem. Ibidem, p. 245.

532 Idem. *Les orgines de la Kabbale*, p. 482.

533 Idem. Ibidem, p. 413.

534 Idem . *A mística judaica*, p. 253.

535 Idem. Ibidem, p. 285.

A doutrina do Guilgul tornou-se popular, deixando de ser esotérica no século XVI. Ela foi largamente aceita, fortalecendo a crença popular animista ou pampsiquista.

> O Guilgul tornou-se parte integrante da doutrina cabalista do Tikun. Ele se harmonizava também com o papel apocatastático do Messias, salvador até das centelhas divinas que existiriam em Samuel ou Lúcifer, doutrina defendida desde os primeiros cabalistas como, por exemplo, Isaac, o cego.[536]

A doutrina cabalista do Guilgul impressionou fortemente os primeiros cabalistas cristãos, como, por exemplo, Marsílio Ficino, pois ela estava de acordo com seu próprio sistema gnóstico.[537]

Finalmente, é preciso lembrar de uma faceta pouco conhecida do messianismo judaico: a catástrofe universal como meio de redenção. Considerando que "a humanidade estava ameaçada não apenas por sua própria corrupção, mas pela corrupção do mundo, que se originara na primeira ruptura da Criação, quando sujeito e objeto pela primeira vez se separaram"[538]; considerando ainda que a existência atual das coisas foi fruto da decadência ou "exílio" da Schehiná, e que, por isso, o existir nas condições atuais é o mal, alguns cabalistas viam, no aniquilamento da criação, o grande meio de redenção.

> [...] tornou-se possível considerar o retorno ao ponto de partida da Criação como meio de precipitar a catástrofe final do mundo, que ocorreria quando o retorno fosse realizado por muitos indivíduos, unidos no desejo pelo "Fim" do mundo [...]. Neste caso, aquilo que estivera escondido sob o suave aspecto do Tikun (lutando pela perfeição do mundo) revelar-se-ia como arma potente, capaz de destruir todas as forças do mal; e tal destruição seria por si equivalente à Redenção. [...] A consciência de que a redenção significava tanto libertação quanto catástrofe impregnou o novo movimento religioso /o cabalismo luriânico/ a tal ponto que ela só pode ser considerada o lado inverso da disposição apocalíptica predominante na vida judaica.[539]

---

536 Idem. *Les origines de la Kabbale*, p. 314.

537 Cf. SECRET, François. *Les kabbalistes chrétiens de la rennaissance*, pp. 14-15

538 SCHOLEM, Gerson. G. *A mística judaica*, p. 252.

539 Idem. Ibidem, pp. 248-249.

21
NONO TEMA: A RELIGIÃO DO HOMEM E O AMOR

Por tudo o que foi dito, fica patente que a Gnose e o Panteísmo são sistemas em que as questões relativas ao sexo e à reprodução têm uma grande importância. Continuamente, aqui e acolá, aparecem formulações, alusões veladas, símbolos de ordem sexual. Noutras passagens, fala-se explícita e descaradamente de cultos depravados.

O Panteísmo, pela divinização da matéria, deveria indiscutivelmente cultuar o sexo e a chamada civilização moderna que ele produziu está cheia de expressões erótico-panteístas.

A Gnose, odiando a matéria e o ser, não poderia deixar de desprezar o meio de perpetuar a existência e de multiplicar a matéria e a individualidade.

Denis de Rougemont, em *L'Amour et l'Occident*, tratou largamente das repercussões gnóstico-maniqueias do catarismo na civilização ocidental desde a Idade Média.

Cremos que o que foi dito já comprovou largamente o ódio gnóstico à matéria, à carne e ao corpo humano. Vimos já como gnósticos, maniqueus, cabalistas e cátaros desprezavam a mulher, a procriação e o matrimônio.

> É traço essencial do simbolismo cabalístico o fato de que, para ele a mulher não configura, como se poderia esperar, a qualidade da brandura, mas a do julgamento severo [...]. O demoníaco, segundo os cabalistas, é produto da esfera feminina. Esta concepção não implica negação ou repúdio da feminilidade - afinal a concepção cabalística da *Schehiná* pode conter a ideia, altamente paradoxal para o pensamento judaico ortodoxo, de um elemento feminino no próprio Deus -, mas ela constitui um problema tanto para o psicólogo como para o historiador da religião.[540]

Para que esse texto fique mais claro, recordemo-nos de que, na linguagem cabalística, o "julgamento severo" de que fala Scholem é a sefiroth Din. Ora, para a Cabala, Din era a fonte do mal, o lado mau da divindade de que a mulher seria oriunda.

540 Idem. Ibidem, p. 37.

À ideia de a Schehiná, o elemento feminino da divindade, ser considerada como prova de que na Cabala não há repúdio da feminilidade, haveria mais o que dizer, e o faremos mais adiante.[541] Scholem, em todo caso, reconhece que permanece o problema do repúdio ou não da feminilidade pelo cabalismo.

Aliás, em outra obra desse mesmo autor, encontramos outros textos que comprovam uma visão pessimista da mulher por parte dos cabalistas.

> Existe em todo o Cosmo uma dicotomia entre os mundos masculino e feminino e o processo de *tiqun* é o esforço para reuni-los. O feminino está sob o domínio do 'outro lado' e esta situação tem efeitos de longo alcance sobre a economia do cosmo, pois resulta no equivalente a uma lei cósmica, a saber: "tudo o que provém do 'lado puro' possui uma parte no 'lado impuro' por meio das mulheres [...]"; "[...] todas as mulheres pertencem ao 'lado esquerdo' e o 'lado esquerdo', como conhecemos, é a fonte de *qelipá*.[542]

A mesma atitude existe, como já vimos, entre os maniqueus:

> O corpo humano é do diabo. Ele o é por sua substância e – traço que o distingue exagerando o rebaixamento geral do universo – também por sua forma. A hostilidade maniqueia ao corpo e ao sexo, cujas consequências ascéticas são imensas, recebe aqui um fundamento mitológico. [...] mostrar os demônios procriando o homem, estender-se sobre os detalhes genéricos mais repugnantes não é mais que acrescentar um esforço de náusea a um ódio que tem já seus alicerces de "razão".
>
> [...] Na criação de Eva, introduz-se uma intenção mais particular. Eva é mais inteiramente sujeitada pelo demônio e, por isso, ela se faz instrumento deles contra Adão:
>
> "A ela, eles transmitiram sua concupiscência a fim de seduzir Adão".
>
> Sedução que levará Adão não apenas à concupiscência carnal, mas à reprodução, a mais formidável artimanha da estratégia satânica. Não se trata somente aí de prolongar indefinidamente o

541 Nota do editor: o Prof. Orlando Fedeli não chegou a redigir esse trecho de seu livro.

542 Throughout the cosmos there exists a dichotomy between male and female worlds, and the process of the tiggun is the effort to reunite them. The feminine is under the dominion of the "other side" (isto é, do demônio e do mal), and this situation has for-reaching effects on the economy of the cosmos, since it results in what amounts a cosmic law: namely, "that all off spring of the" pure side" have in the "impure side", through the females..."; "... all females belong to the "left side", and the "left side" as we know is source of the gelippah SCHOLEM, Gerson G. *Sabbatai Sevi*, p. 62. Tradução extraída de SCHOLEM, Gerson G. *Sabatai Tzvi*. Vol. I, pp. 60-61.

cativeiro da Luz, mas de tornar infinitamente mais difícil a obra da salvação.[543]

Entre os gnósticos do Egito, combatidos por Santo Atanásio, corriam apócrifos atribuídos aos apóstolos nos quais se afirmava que "[...] depois que Eva foi enganada e que ela comeu do fruto da árvore, é do diabo que ela engendrou Caim".[544]

Conforme o "Evangelho dos Egípcios", citado por São Clemente de Alexandria:

> À Salomé, que perguntava quanto tempo duraria o reino da morte, o Senhor disse: Tanto quanto vós, mulheres, dareis à luz filhos. Mas eu vim para destruir as obras da mulher. E Salomé lhe disse: Então eu fiz bem em não ter filhos. O Senhor respondendo lhe disse: Come de todos os frutos, mas daquele que é amargo não comerás. Salomé, tendo perguntado o que deveria ser entendido por isso, o Senhor retomou: Quando vós calcardes aos pés a veste da vergonha, o corpo, e quando os dois forem um – o macho e a fêmea – não haverá mais nem homem nem mulher.[545]

Esse texto é muito elucidativo do pensamento gnóstico. A duração do reino de morte, isto é, da atual situação de decadência de divindade, estaria diretamente ligada à procriação.

---

543 Le corps humain est du diable. Il l'est par sa substance, et - trait qui le distingue en outrant l'abaissement général de l'univers - il est aussi par sa forme. L'hostilité manichéenne au corps et au sexe, dont les conséquences ascétiques sont immenses, reçoit ici un fondement mythologique. [...] montrer les démons procreant l'homme, s'appesantir sur des détails génériques les plus répoussants, ce n'est guère qu'ajouter un effort de nausée à une haine qui a dejà ses renforts de "raison".

Dans la création d'Eve, il entre une intention plus particuliére. Eve est plus entièrement assujetie aux démons, et par là, elle se fait leur instrument contre Adam:

"A elle, ils transmirent de leur concupiscence, afin de seduire Adam."

Séduction qui entrainera Adam non seulement à la convoitise charnelle, mais, par elle, à réproduction, la plus formidable ruse de la stratégie satanique.

Non seulement il s'agit là de prolonger indéfiniment la Lumière, mais par la multiplication, de disperser cette Lumière, donc de rendre infiniment plus difficile l'ouvre de salvation. JONAS, Hans. *La religion gnostique,* p.300.

544 [...] après qu'Eve fut trompée et qu'elle eut mangé du fruit de l'arbre, c'est du diable qu'elle engendra Cain. DORESSE, Jean. *Les livres secrets des gnostiques d'Égypte,* p. 155.

545 À Salomé qui demandait combien de temps durerait le règne de la mort, le Seigneur dit: Tant que vous autres, femmes, vous, enfanterez des enfants. Mais je suis venu pour détruire les oeuvres de la femme. Et Salomé lui dit: J'ai donc bienfait de ne pas enfanter. Le Seigneur répondant lui dit: Mange de touts les fruits, mais de celui qui est amer tu ne mangeras pas. Salomé lui avant demandé ce qu'il fallait entendre par là, le Seigneur reprit: Quand vous foulerez aux pieds le vêtement de la honte, le corps, et quand les deux seront un - le mâle et la femelle - il n'aura plus ni homme ni femme. SÃO CLEMENTE DE ALEXANDRIA. Strom., III, 6, 45; IX, 63-66; XII, 92 apud LEISEGANG, Hans. *La Gnose,* p. 97.

O Cristo gnóstico condena, então, a geração, mas – note-se – ele não condena as relações sexuais. Antes, pelo contrário, ele recomenda a Salomé que experimente só o que é doce, mas não o que é amargo, isto é, que mantenha as relações que quiser, contanto que ela não gere e não dê à luz amargamente na dor.

Espezinhar a veste da vergonha poderia significar, ambiguamente, desprezar tudo o que é do corpo nu; à maneira dos carpocráticos, desprezar o corpo pela prática das piores abjeções.

Repare-se ainda a ambiguidade do texto, quando afirma que não haverá mais nem homem nem mulher, podendo significar, ao mesmo tempo, a união heterossexual, ou a recomendação de ser hermafrodita ou homossexual.

Leisegang, analisando esse texto, aponta a relação estreita entre a metafísica e a moral gnóstico-erótica.

Santo Epifânio deixou descrições nojentas e revoltantes das práticas abomináveis dos barbelognósticos, grupo herético que tentou seduzi-lo:[546]

> IV. Nunc ad pestiferae illorum doctrinae velut sedem ac voraginem me conferam. Varia enim apud illos nefariae disciplina voluptatis est. Primum quod communes inter se feminas habent. Ac si quis ejusdem sectae peregrinus advenerit, signum quoddam viri a feminis, feminae a viris accipiunt. Haec autem ejusmodi est: Cum salutendi ac complectendi cause manum porrigunt, eam infra palmam contrectando ac defricando leniter titillant, eoque signo ejusdem religionis hospitem esse demonstrant. Inde posteaquam mutuo se agnoverint ad convivium accinguntur. Quod ipsum, tametsi pauperes sint, ingenti epularum apparatu, vinoque et carnibus instructissimum praebent. Finito convivio cum satietate venas distenderint, ad libidinem proritantur. Tum vir ab uxore discedens sic eam alloquitur: Surge, et fratri charitatem exhibe. Ita ad concubitum venitur. Pudet me bona fide quae apud illos turpissime perpetrantur, exponere; quemadmodum ait Apostolus: Quae apud ipsos fiunt, turpe est et dicere (Ephes V, 12). Verum quae illos facere nihil pudet, neque me pudebit eloqui, ut qui foedissima illorum flagitia audierint, horrore quodam afficiantur. Etenim per acto stupro subinde contumeliosis coelum vocibus appetentes, utrique maris profluvium cavis manibus excipiunt, ac sublatis rursum occulis foedum illud et abominabile manibus praeferentes consistunt; ac preces concipiunt. Militares quidem et Gnostici ad universorum, ut aiunt, parentem, cui et quod manibus gestant offerunt cum hoc solemni carmine: Hoc tibi munus, nimirum Christi corpus, offerimus: atque ita tum eo vescuntur, et impurissimas suas sordes digustant, itaque dicunt: Hoc est corpus

546 Nota do editor: dadas as obscenidades descritas, optamos por não traduzir o excerto.

Christi; et hoc est Pascha. Idcirco corpora nostra patiuntur, et Christi supplicia confiteri coguntur. Eodem modo quoties mulier menstruos fluxus patitur, foedissimum illum sanguinem collectum una omnes absorbent. Atque hic est, inquiunt, sanguis Christi.

V. Propterea in apocryphis legant: "Vidi arborem duodecim fructus quotannis ferentem, et dixit mihi: Hoc est lignum vitae". Idipsum de menstruis mulierum profluviis interpetantur. Caeterum cum inter sese Venerem exerceant, liberos tamen suscipere prohibent. Non enim prolis studio, sed ut libidini suae serviant, ei corruptelae vacant. Ita miseris hominibus diabolus illudit, et opus Dei fraudibus suis implicatum per ludibrium traducit. Proinde sic libidini satisfaciunt suae, ut impurissimum semen in seipsos recipiant, neque illud ad propagandam sobolem emittant, sed sua ipsi turpitudine pascantur. Quod si forte quispiam excreti seminis immissionem anteverterit, et ex eo, gravida facta sit mulier, audi quid demum flagitiosius aggrediantur. Nam informem adhuc fetum ex utero detractum, quocumque iis tempore visum est, infantem, inquam, abortione projectum in mortario pistillo tundunt. Cui ad vitandam nauseam mel ac piper alliis aromatibus et unguentis admiscent. Tum in unum collecto porcorum ac canum sodalitio, unusquisque e comminuto infantuli corpusculo digito delibat. Sic humanis carnibus pasti ad orandum Deum sese convertunt. Et cupiditatis, inquiunt, princeps nequaquam nobis illusit; sed quod exciderat fratri nostro collegimus. Atque id perfectum esse Pascha demum existimant. Praeter haec alia insuper dira atque exsecranda commitunt. Cum enim rursus in se mutuo bacchari ac furere coeperint, respersis spurcissimi humoris profusione manibus consurgunt, atque ita foedatas gerentes toto corpore nudi comprecantur, ut ea re majorem sibi apud Deum fiduciam acquirant. Coeterum in curando corpore dies noctesque pariter mulierculae et homunciones occupantur, ac se et unguento perfundunt, et lavant, et convivia celebrant, et ebrietati ac veneri indulgent, eosque qui jejunant exsecrantur. Negant enim esse jejunandum, quod ad hujus saeculi conditorem principem jejunium pertineat; imo alimento potius opus esse dictitant, quo robustiora sint corpora, ut idoneo tempore possint fructui reddendo sufficere.[547]

Os seguidores de Basílides praticavam, também eles, esse culto e condenavam a procriação.

547 SANTO EPIFÂNIO. *Panarion* in Migne Vol. XLI.

No judaísmo cabalístico, encontra-se o mesmo culto do sêmen.[548]

> Luriamic Kabbalists believed that fasting during these weeks was particularly efficacion in retrieving the "backsliding children", that is, the spirits dwelling in the drops of semen which a man had lost through masturbation or in wet dreams, and which provided "bodies" for demons and evil spirits. The Lurianic identification of the backsliding children (the expression is taken from year 3:14) [Convertei-vos a mim, filhos rebeldes diz o Senhor...] and the somewhat punning application of the Hebreu word for "backsliding" (Shobabim) clearly caused the choice of this particular period of the year for the penitencial exercise. The new Tiggun would restore these "fallen sparks" to the sphere of holyness.[549]

Tal doutrina repercutiu no sistema penitencial imaginado por Nathan de Gaza para preparar os judeus para a recepção do Messias Sabatai Tzvi. Nathan enviou para muitos centros judaicos uma carta em que relatava como se deviam fazer os jejuns, os atos penitenciais e as orações para preparar o advento do Messias. Vejam-se os seguintes trechos tirados da carta de Nathan, citados por Scholem em sua obra sobre Sabatai Tzvi:

> Redime todas as centelhas de santidade [provenientes] da raiz [de minha alma] e da raiz de minha raiz e da primeira raiz das raízes de minha raiz, que se encontram, agora, [no domínio das] qelipot. Possam elas ser concebidas na matriz da santa [sefiroth] Malkhut, e não se voltar ao mal, pois o "outro lado" [isto é, os demônios e qelipot] incitou-as a se separarem das asas da Tua Shekhiná. Por Tu, ó Deus, és Rei e redentor misericordioso [...]
>
> [...] Soa a grande trombeta para anunciar a nossa liberdade e eleva o estandarte para unir os nossos exilados e juntá-los rapidamente dos quatro cantos da Terra. Possam todas as gotas de sêmen que emiti (por polução acidental ou deliberada), quer nesta transmigração quer na precedente, voluntariamente ou não [...] retornar à sua santa fonte na santidade do Teu nome. Bendito sejas, ó Senhor, que hás de reunir os exilados de Israel.[550]

548 Nota do editor: dadas as obscenidades descritas, optamos por não traduzir o excerto.

549 SCHOLEM, Gerson G. *Sabbatai Sevi.* p. 293.

550 Redeem all the sparks of holiness (originating) from my (soul) root, and from the root of my root and from the ultimate root of the roots of my root, which are now in the (realm of the) kelippoth. May they be conceived in the womb of the holy (negirah) Malkuth, and do not turn unto their evil deeds, for the "other side" (that is, the demons, and kelippoth) has enticed them to separate themselves from under the wings of thy thekhinab For thou, o God, art a merciful King and Redeemer...

Esse texto mostra como a Cabala está ligada à Gnose e ao maniqueísmo e como, já na Idade Média, os paulicianos do Irã e da Armênia rejeitavam o casamento.

> [...] e o fato de eles rejeitarem o casamento autorizava as acusações de escandalosa imoralidade que os ortodoxos levantavam contra eles.[551]

Os bogomilas, herdeiros das heresias gnósticas dos paulicianos, também não comiam carne e desaconselhavam o casamento e a posse de qualquer propriedade.[552]

Entre os cátaros do Languedoc, difundiam-se essas mesmas crenças, embora não houvesse unidade dogmática entre eles, pois cada grupo cátaro tinha doutrinas próprias.[553]

> [...] os cátaros privavam-se [de comer carne] por causa de sua doutrina da metempsicose. A carne é suscetível de conter um fragmento da alma ligada à terra, que desde então aí estaria mais ligada ainda pelo metabolismo. Parecia, aliás, aos católicos que os cátaros se preocupavam pouco demais com a castidade como disciplina corporal. Desde que elas não acarretassem a concepção de filhos, eles pareciam encorajar positivamente as relações sexuais ou, ao menos, não as contrariavam em nada, o que era o completo oposto da ideia católica. Em consequência, suspeitava-se de que eles praticavam orgias contra a natureza, sob todas as formas imagináveis. Essas reprovações não eram totalmente injustificadas, pois os próprios cátaros reconheciam francamente preferir a devassidão ao casamento, visto que o casamento era um negócio bem mais sério, regulamentando oficialmente uma coisa má em si.[554]

[...] Sound the great horn for our freedom, raise the banner to gather our exiles, and gather us speedily from the four corners of the earth to our land. May all drops of semen that I have emitted (by accidental or deliberate pollution), wether in the present or in former transmigrations, wether willingly or unwillingly, [...] return to their holy source in the holiness of Thy Name. Blessed art Thou O Lord, Who wil gather the exiles of Thy people Israel. Idem. Ibidem, pp. 294-295. Tradução extraída de Idem. *Sabatai Tzvi*, Vol I, p. 285.

551 [...] et le fait qu'ils rejetaient le mariage autorisait les accusations de scandaleuse immoralité que portaient contre eux les orthodoxes. RUNCIMAN, Steve. *Le Manichéisme médiéval*, p.51.

552 Cf. Idem. Ibidem, pp. 70 e 73.

553 Cf. Idem. Ibidem, p. 134.

554 [...] les Cathares s'en privaient [de comer carne] à cause de leur doctrine de la metenspsychose. La viande est susceptible de contenir un fragment de l'âme liée à la terre, qui dès lors y serait liée davantage encore par le metabolisme. Il semblait d'ailleurs aux catholiques que les Cathares se souciaient beaucoup trop peu de la chasteté comme discipline corporelle. Aussi longtemps qu'elles n'entraînaient pas la conception des enfants ils paraissaient positevement encourager les relations sexuelles, ou au moins ne les contrarier en rien, ce qu'était bien le renversement total de l'idée

Arno Borst, uma grande autoridade em catarismo, confirma essa confluência entre os bogomilas e os cátaros quanto à mulher, ao matrimônio e à reprodução.

> As relações sexuais, mesmo no casamento, representavam para os primeiros bogomilas um hábito demoníaco. Quando uma criança nascia de tais relações, era um súdito de Satã que vinha à luz. No corpo de uma mulher grávida alojava-se o demônio em pessoa. Não era a piedade da ascese monástica, mas um desprezo fundamental do mundo que ordenava o celibato.[555]
>
> Os cátaros [...] opõem-se radicalmente a toda relação sexual. Não fazem nesse assunto nenhuma distinção. Todo ato sexual é pecado; todo casamento luxúria, "*jurata fornnicatio*", de natureza ainda pior por ser essa publicamente reconhecida. O casamento, o incesto, todas as formas de perversão se encontram colocadas no mesmo nível. A geração não é um crime menor que a volúpia. As mulheres grávidas não são admitidas na seita, mesmo em caso de morte iminente.
>
> A própria mulher, que os bogomilas relegavam abaixo do homem, devia ser evitada com grande medo e alarme, como se ela fosse o mal em pessoa. Todo contato, fosse ele a solene imposição das mãos que ocorre durante o ofício divino dos cátaros, era um pecado e se devia expiar pesadamente.[556]

---

catholique. En consequence, on les soupconnait de pratiquer des orgies contre nature, sous toutes les formes imaginables. Ces reprobations n'étaient pas entierement injustificés, car les Cathares eux-mêmes reconnaissaient franchement preférer à l'occasion la débauche au mariage attendu que le mariage était une affaire bien plus sérieux, reglementant officiellement une chose en soi mauvaise. Idem. Ibidem, p. 137.

555 Les relations sexuelles, même dans le mariage, répresentaient pour les premiers bogomiles une habitude démoniaque. Lorsqu'un enfant naissait de telles relations, c'etait un sujet de Satan qui venait au jour. Dans le corps d'une femme enceinte logeait le démon lui-même. Ce n'est point la piété de l'ascèse monastique, mais un mépris fondamental du monde qui commande le célibat. BORST, Arno. *Les cathares,* p. 155.

556 Les cathares [...] s'opposent radicalement à toute relation sexuelle. Ils ne font à ce sujet aucune distinction. Tout acte sexuel est un péché; tout mariage est luxure, "*jurata fornicatio*", de nature plus mauvaise encore parce qu'elle est publiquement reconnue. Le mariage, l'inceste, toutes les formes de perversion se trouvent placés sur le même rang. La génération n'est pas un crime plus mince que la volupté. Les femmes enceintes ne sont pas admises dans la secte, même en cas de mort imminente.

La femme elle-même, que les bogomiles reléguaient au-dessous de l'homme, devait être évitée avec effroi, comme si elle eût été le mal en personne. Tout contact, fût-il la solemnelle imposition des mains qui avait lieu pendant l'office divin des cathares, était un péché et devait s'expier lourdement. Idem. Ibidem, p. 156.

Curiosamente, esse desprezo antinatural da mulher, esse tratamento indigno, não impedia que as mulheres do Languedoc, especialmente as nobres, acorressem em grande número para a seita e fossem seus apoios mais firmes.

Também é contraditório que os cátaros mantivessem conventos mistos, costume que tinham herdado dos bogomilas.[557]

E ainda:

> As mulheres, sobretudo, afluíram em grande número para eles, em seu ardente desejo de servir pessoalmente sua causa. Assim, eles, embora negassem a liberdade e tivessem as mulheres como diabólicas, muito contribuíram para fazer da liberdade do indivíduo o fundamento da existência humana.[558]

Como explicar tais contradições?

Uma seita violentamente contra a mulher, mas que atraía as mulheres. Uma seita que condenava qualquer contato com a mulher, mas que admitia conventos mistos. Uma doutrina que negava a liberdade, mas que trabalhou, no dizer de Borst, para fazer triunfar a liberdade.

A nosso ver, só a dialética gnóstica pode produzir e viver comodamente nessas contradições ululantes.

A Gnose, sendo contra toda existência, suicida e autodestruidora, é o substrato que explica o apoio das mulheres a uma seita desprezadora da mulher.

Na história, há muitos outros casos de "suicídio" gnóstico.

Mais revoltante ainda era a atitude cátara em face das crianças, às quais se negava o *consolamentum*, que, no sistema cátaro, era absolutamente necessário para a salvação.

> [...] todas as crianças estão condenadas sem esperança e serão punidas na outra vida como assaltantes e assassinos, devido a sua maldade congênita. Apenas o *consolamentum* pode salvar os homens.[559]

Tal ódio à matéria e à geração devia, naturalmente, conduzir os cátaros ao suicídio, que eles praticavam sob forma ritual com o nome de "endura". Mais

---

557 Cf. Idem. Ibidem, p. 157, nota 1.

558 Les femmes surtout ont afflué vers eux, dans leur ardent désir de servir personellement leur cause. Ainsi ont-ils, quoiqu'ils niassent la liberté et tinssent les femmes pour diaboliques, beaucoup oeuvré pour faire de la liberté de l'individu le fondement de l'existence humaine. Idem. Ibidem, p. 194.

559 [...] tous les enfants sont condamnés sans espoir et seront punis dans l'au-delà comme des voleurs et des assassins, à cause de leur malignité congénitale. Seul le *consolamentum* peut sauver les hommes. Idem. Ibidem, p. 184.

ainda: "Se fosse possível, os cátaros teriam desejado o suicídio da raça humana, seja diretamente, seja se abstendo de procriar filhos."[560]

Vimos que também entre os gnósticos judeus se concebe uma catástrofe universal como meio de alcançar a divinização, pois ser/existir é que é o mal. Tal concepção da redenção pela catástrofe final se tornou aguda, após a expulsão dos judeus da Espanha (1492), na escola cabalística luriânica.

Alguém poderia argumentar que entre os cátaros do Languedoc havia uma alta concepção da mulher. Prova disso seria a poesia trovadoresca, reconhecidamente ligada ao catarismo, mas que divinizava a mulher e tinha uma alta concepção do amor.

Ora, essa objeção é inconsistente. Essa mulher mítica e idealizada pelos trovadores não era, na verdade, senão um símbolo da doutrina cátara, a imagem do *alter-ego*, do pneuma divino de cada um e não a mulher enquanto tal.

Veja-se sobre isso o que afirma Luigi Valla em sua obra *Il linguaggio segreto di Dante e dei Fedeli d'Amore*, como também Dennis de Rougemont em sua obra já citada.

Dois textos de Dennis de Rougemont são suficientes para elucidar a questão:

> Se a Dama não é simplesmente a Igreja de Amor dos cátaros (como o puderam crer Aroux e Peladino), nem a Maria-Sofia das heresias gnósticas (o Princípio feminino da divindade), não seria ela a Anima ou, mais precisamente ainda, a parte espiritual do homem, aquela que sua alma aprisionada no corpo chama com um amor nostálgico que somente a morte poderá satisfazer?
>
> Nos Kephalaia ou Capítulos de Manes, pode-se ler no capítulo X como o eleito que renunciou ao mundo recebe a imposição das mãos (entre os cátaros, o *consolamentum*, dado geralmente na iminência da morte), como ele se vê assim "ordenado" no Espírito de Luz; como, enfim, no momento de sua morte, a forma de Luz, que é seu Espírito, aparece-lhe e o consola por um beijo; como seu anjo lhe estende a mão direita e o saúda igualmente com um beijo de amor; como, enfim, o eleito venera sua própria forma de luz, sua salvadora.[561]

---

560 Si la chose avait été possible, les Cathares eussent désiré le suicide de la race humaine, soit directment soit en s'abstenant de procréer des enfants. RUNCIMAN, Steven. *Le Manichéisme médiéval*, p. 137.

561 Si la Dame n'est pas simplement l'Eglise d'Amour des Cathares (comme on pu le croire Aroux et Péladin), ni la Maria-Sophia des hérésies gnóstiques (le Principe féminin de la divinité), ne serait-elle pas l'Anima, au plus precisement encore la partie spirituelle de l'homme, celle que son âme emprisionnée dans le corps appelle d'un amour nostalgique que la mort seule pourra combler?

O pneuma aparecia ao homem que recebia a imposição das mãos sob forma feminina e o consolava. Era a sua forma de luz, sua salvadora. Dante poderia dizer sua *Beatrice*.

Quanto à mulher em concreto, eis como os líricos e delicados trovadores aconselhavam que se tratasse:

> Raimbaut de Orange escreve um poema sobre as mulheres. Se você quiser conquistá-las, diz ele, seja brutal, "dê-lhe socos no nariz" (é isso suficientemente "cru"), force-as, pois é disso que elas gostam.
>
> [...] Nós temos desse mesmo Raimbaut d´Orange admiráveis poemas de louvor à Dama.[562]

Portanto, no trovadorismo cátaro "Adora-se a Dama. Depreza-se a mulher" – "*On adore la Dame. On méprise la femme*" – e, então, a exaltação do feminino divino na Schehiná, que Scholem apresenta como prova de que a Cabala não despreza a mulher, não se sustenta. Os cátaros apresentavam a mesma contradição dialética. A mulher, em concreto, era desprezada como causa da multiplicação da carne e da existência atual. Mas a partícula divina era apresentada sob o símbolo da Dama à qual se dedicava um amor platônico idealizado.

Esse amor platônico seria um meio de cultuar a morte e a autodestruição, para assim se vencer a multiplicidade e se alcançar o uno.

> [...] o amor é a via que sobe, à custa de êxtase, em direção à única origem de tudo o que existe, longe do corpo e da matéria, longe daquilo que divide e distingue, além da infelicidade de ser a si mesmo e ser dois no próprio amor.
>
> Eros, o Desejo total, é a aspiração luminosa, o elã religioso original levado a seu mais alto gozo, à extrema exigência de pureza que é a extrema exigência de Unidade. Mas a unidade última é a negação do ser atual, em sua sofredora multiplicidade.[563]

Dans les Képhalaia ou Chapitres de Manes, on peut lire au chapitre X comment l'élu qui a renoncé au monde reçoit l'imposition des mains (ce sera chez les Cathares, le *consolamentum*, généralement donné à l'approche de la mort) comment il se voit de la sorte "ordonné" dans l'Esprit de Lumierè; comment, enfin, au moment de sa mort, la forme de Lumierè, qui est son Esprit, lui apparait et le console par un baiser; comment son ange lui tend la main droite et le salue également d'un baiser d'amour; comment enfin l'elu venére sa propre forme de lumierè, sa salvatrice. ROUGEMONT, Denis de. *L´Amour et l´Ocident*, p. 75.

562 Raimbaut d'Orange ecrit un poème sur les femmes. Si vous voulez faire leur conquête, dit-il, soyez brutaux, "donnez-leur de coups de poings sur le nez" (est ce assez "cru"?), forcez-les car c'est cela qu'elles aiment.

[...] On nous avons de ce même Raimbaut d'Orange d'admirables poèmes à la louange de la Dame. Idem. Ibidem, p. 84.

563 [...] l'amour est la voie qui monte par depéns d'extase vers l'origine unique de tout ce qui

Tanto o amor "cortês" trovadoresco, quanto o amor dissoluto de certas seitas gnósticas antinomistas são, no fundo, coincidentes no desprezo da mulher e do casamento.

O amor "cortês" é resultante da recusa gnóstica de aceitar a matéria e o corpo como obras de Deus. Daí a condenação do casamento e da procriação.

A pornografia sensual é uma forma ou de divinizar a matéria ou de espezinhá-la como faziam os antigos gnósticos.

O amor cortês, como na paixão platônica, faz da mulher uma fada, mas na verdade ele é a luxúria idealizada.

A pornografia, que faz da mulher uma bacante, é o sonho platônico materializado e sexualizado.

"Os mesmos círculos que mostravam tanto impudor nas relações sexuais, declaravam venerar o ideal do amor cortês."[564]

E Rougemont mostra que ambos os amores – o trovadoresco e o licencioso – eram contra o matrimônio.

"[...] a licenciosidade demoliu o casamento por baixo, enquanto que a cavalaria [o amor cortês ou cavalheiresco] o ridicularizava de cima".[565]

Ora, o matrimônio é grande não só por sua nobre função de manutenção da espécie humana, mas também, conforme diz São Paulo, por seu significado. De fato, a união entre o homem e a mulher no matrimônio é figura da união entre Cristo e a Igreja, pois que, assim como Adão e Eva, unidos, geravam os filhos segundo a carne, Cristo e a Igreja, unidos, geram os filhos de Deus.

Além disso, a união conjugal é também símbolo místico da união da alma com Deus. O Cântico dos Cânticos, de Salomão, gira todo ele em torno dessa simbologia que se tornou clássica entre os místicos.

No processo místico, isto é, no processo do amor da alma para com Deus, o grau supremo, a união com Deus, é denominada "casamento místico".

O amor imenso no qual o verdadeiro místico se abrasa ao se unir a Deus leva-o a ter todas as coisas como se fossem nada. Entretanto, ele não as despreza. Pelo contrário, em toda criatura, por mais humilde que seja, o místico vê reflexos dAquele que é a causa de toda existência e de todo bem.

---

existe, loin de corps et de la matière, loin de ce qui divise et distingue, au delà du malheur d'être soi et d'être deux dans l'amour même.

L'Eros, c'est le Désir total, c'est l'aspiration lumineuse, l'elán religieux originel porté à sa plus haute juissance, à l'extreme exigence de pureté qui est l'extreme exigence d'Unité. Mais l'unité dernière est negation de l'être actual, dans sa souffrante multiplicité. Idem. Ibidem, p. 43.

564 HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*, p. 103.

565 [...] la gauloiserie demolit le mariage par en bas, alors que la chevalerie [o amor cortês ou cavalheiresco] le ridiculisait d'en haut. ROUGEMONT, Denis de. *L'Amour et l'Ocident*, p. 159.

Veja-se, como prova disso, a atitude dos grandes místicos, como São Francisco, Santa Tereza, São João da Cruz, que amaram a Deus acima de tudo, mas que amaram também o irmão sol, a irmã água, o irmão vento.

O verdadeiro místico não é um alienado. Ele não tem uma indiferença estóica ou budista diante das maravilhas da criação. A união com Deus não o afasta da realidade concreta. Pelo contrário, faz com que ele se volte mais viva e eficientemente para ela.

Cremos que não há exemplo mais claro disso que Santa Tereza, a maior mística da história, e tão ativa! Ela foi vista, em pleno êxtase no ar, contemplando a Deus e, ao mesmo tempo, fazendo panquecas. Segurando a panela ao fogo e jogando as panquecas ao ar, para revirá-las, sem as deixar cair, mantinha-se em êxtase unida ao criador dos Céus e da Terra.

O místico não despreza a carne e usa com toda inocência e santidade as imagens epitâmicas para descrever a união mística.

Essa atitude equilibrada do místico diante da realidade espiritual e da realidade material, na aceitação humilde e agradecida da natureza espiritual e material do ser humano, levam-no a ter uma devoção especial para com o mistério da Encarnação no qual "*Verbum caro factum est*".

Oposta é a atitude do falso misticismo.

> É o dogma da Encarnação que distingue radicalmente a mística ortodoxa da herética, é ele que dá um sentido totalmente diferente à palavra amor nos dois casos.[566]
>
> O fato central de toda vida religiosa de forma e de conteúdo cristãos é o acontecimento da Encarnação. Desde de que se se afasta nem que seja um pouco disso, corre-se no duplo perigo do humanismo e do idealismo.[567]

A Religião do Homem, como vimos, não pode aceitar a encarnação do Verbo. O Antropoteísmo, sob a forma panteísta, não pode aceitar a divindade de Cristo, segunda pessoa da Santíssima Trindade, Verbo de Deus transcendente. Daí seu humanismo naturalista ver Cristo como o Homem.

O Antropoteísmo, sob a forma gnóstica, não pode aceitar que Cristo tenha tido corpo. Daí seu "idealismo" cair no docetismo.

Consequentemente, a Religião do Homem não pode aceitar a Igreja, sociedade, simultaneamente, divina e humana, como explicaremos adiante.

---

566 C'est le dogme de l'Incarnation qui distingue radicalement la mystique orthodoxe de l'hérétique, c'est lui qui donne un sens tout different au mot amour dans les deux cas. Idem. Ibidem, p.157.

567 Le fait central de toute vie religieuse de forme et de contenu chrétiens, c'est l'evenement de l'Incarnation. Dès que l'on s'écarte un tant soit peu de ce foyer, l'on encourt le double péril de l'humanisme et de l'idealisme". Idem. Ibidem, p.138.

Também não pode aceitar o matrimônio. O Panteísmo, como vimos, vê na mulher a bacante, enquanto a Gnose vê nela a fada.

O Panteísmo nega todo o valor místico e analógico do matrimônio. Quando o Panteísmo dá aspectos religiosos e místicos a essa questão, é para elaborar o culto fálico.

A Gnose, rejeitando a matéria, o corpo, o casamento e a procriação, tem de ver no amor um meio de libertação do espírito divino. Daí a relação de amor com a morte, própria a toda Gnose.

O amor sentimental e platônico dos gnósticos é apenas um meio utilizado para romper os laços da individualidade e obter uma união "mística" de duas almas, de duas partículas divinas com a divindade. Essa união mística gnóstica exige a destruição da individualidade e, portanto, exige a morte como veículo de libertação.

> O amor de Tristão e de Isolda era a angústia de ser dois; e sua realização suprema era a queda no ilimitado, no seio da Noite em que se apagam as formas, as faces, os destinos singulares:
>
> "Não mais Isolda, não mais Tristão, não mais nenhum nome que nos separe". É preciso que o outro cesse de ser o outro, e que, portanto, não exista mais, para que ele cesse de me fazer sofrer, e que não haja mais que eu no mundo."[568]

A constante preocupação gnóstica de fazer desaparecer a distinção entre sujeito e objeto, aplicada ao amor, leva a querer se identificar o eu e o tu. O místico gnóstico procura contemplar o seu outro eu. Frequentemente, esse outro eu foi representado sob forma feminina e cantado sob a metáfora da Dama. É o que se verificou na mística iraniana, no sufismo, na poética do *Dolce Stil Nuovo* e no Romantismo.[569]

Causa desse misticismo falso é o desejo de ser Deus, a recusa de nossa própria limitação.

> [...] antes de tudo e depois de tudo, na origem e no fim da paixão, não há um "erro" sobre o homem ou Deus - *a fortiori* não há um erro moral - mas uma decisão fundamental do homem, que quer

568 L'amour de Tristan et d'Iseut c'etait l'angoisse d'être deux; et son aboutissement suprême, c'etait la chute dans l'ilimité, au sein de la Nuit où s'effacent les formes, les visages, les destines singuliers:

"Non plus d'Isolde, plus de Tristan, plus aucun nom qui nous separe". Il faut que l'autre cesse d'être l'autre, donc ne soit plus, pour qu'il cesse de me faire souffrir, et qu'il n'y ait plus que moi au monde". Idem. Ibidem, p. 291.

569 Cf. ROUGEMONT, Denis de. *L'Amour et l'Ocident*, p. 90. Cf. PUECH, H. C. "Le Manichéisme" in *Histoire Générale des Religions*, Tomo III, p. 101. Cf. VALLA, Luigi. *IL Linguaggio Segreto de Dante e dei Fedeli d'Amore* – "W. F. Schlegel, Lucinda".

> ser seu próprio deus. A paixão queima em nosso coração logo que a serpente a sangue frio - o cínico puro - insinua sua promesssa eternamente traidora: "*eritis sicut dei*".[570]

Daí concluir o autor que:

> O amor-paixão-glorificada-pelo-mito foi realmente no século XII, data de sua aparição, uma Religião em toda a força desse termo, e especialemente uma heresia cristã historicamente determinada.[571]

Essa heresia teria sido a Gnose maniquéia ressurgindo no catarismo:

> Não é o cristianismo que faz nascer a paixão, mas uma heresia de origem oriental. Essa heresia se espalhou primeiro nas regiões menos cristianizadas, precisamente onde as religiões pagãs levavam ainda uma vida secreta. O amor-paixão não é o amor cristão, nem mesmo um "subproduto do cristianismo" ou a "mudança de endereço de uma força que o cristianismo despertou e orientou para Deus" (Leo Ferrero – *Désespoirs*). Ele é antes um subproduto da religião maniqueia.[572]

---

570 [...] avant tout et après tout, à l'origine et à la fin de la passion, il n'y a pas une "erreur" sur l'homme ou Dieu - *a fortiori* pas un erreur morale - mais une décision fondamentale de l'homme, qui veut être lui-même son dieu. La passion brûle dans notre coeur sitôt que le serpent au sang frois - le cynique pur - insinue sa prómesse éternellement trahie: "*eritis sicut dei*". ROUGEMONT, Denis de. *L'Amour et l'Occident*, p. 252.

571 *L'amour passion glorifié par le mythe* fut réellement au douzième siecle, date de son apparition, une Reliqion dans toute la force de ce terme, et specialement une hérесie chrétienne historiquement determinée. Idem. Ibidem, p. 118.

572 Ce n'est le christianisme qui fait naître la passion c'est une hérésie d'origine orientale. Cette hérésie s'est répandue d'abord dans les contrées les moins christianisées, precisement, là où les religions paiennes menaient encore une vie secrète. L'amour-passion n'est pas l'amour chrétien, ni même le "sous produit du christianisme" ou le "changement d'adresse d'une force que le christianisme a reveillée et orientée vers Dieu" (Leo Ferrero - *Désespoirs*). Il est plutôt le sous-produit de la religion manichéenne. Idem. Ibidem, p. 297.

22
DÉCIMO TEMA: A ECLESIOLOGIA DO ANTROPOTEÍSMO

Vimos que, ao Antropoteísmo, repugna absolutamente o dogma da Encarnação e que, consequentemente, sua eclesiologia é afetada por sua visão antimetafísica.

O Panteísmo não pode aceitar a ideia de um Deus transcendente que tenha se encarnado. Sua concepção do universo é materialista e a salvação se faz no próprio mundo pela ação de forças imanentes no homem. O Reino de Deus dar-se-á neste mundo e na história. Cabe à Religião preparar a realização da Utopia.

A "Igreja" do Panteísmo é uma associação meramente natural, que deve cooperar com outras forças para eliminar os males do mundo, isto é, a pobreza, a dor, a fome, a doença, e talvez até a morte. Hoje em dia mesmo, temos exemplos claros de Igreja naturalista nos textos da Teologia da chamada Nova Igreja:

> Todo aquele que faz o bem, seja quem for, pertence ao "Time de Cristo", pertence diretamente ao Reino de Deus, mesmo que externamente não pertença à Igreja visível de Cristo.[573]

Nota-se, no texto acima, que se faz uma distinção entre a Igreja visível de Cristo, que se presume que os autores julguem ser a Igreja Católica, e o Reino de Deus, igreja superior e mais vasta, à qual pertencem todos "os que fazem o bem", mesmo não sendo católicos. Para essa igreja superior, o Homem é o Deus que deve ser servido.

A mesma CNBB, no documento intitulado *Unidade e Pluralismo na Igreja*, diz que:

> Esta Igreja, em todos os lugares, tem só uma autoridade: a de servir os homens (*Gaudium et Spes* 12). Ela deve solidarizar-se não com

573 CNBB. *Para onde vais?*, Campanha de Fraternidade em Família, 1980.

uma humanidade abstrata, mas com os valores, as aspirações, os sofrimentos dos homens em sua vida e em sua história.[574]

Numa Semana de Teologia, promovida pelo Congresso Ecumênico de Teologia em Taboão da Serra, em março de 1980, o padre Jon Sobrino, assessor do Bispo de Salvador, Dom Oscar Romero, segundo o jornal "Movimento", declarou que: "é preciso que o homem viva concretamente a glória de Deus e que a vida começa com "comer e beber", o fundamental".[575]

Tais posicionamentos não são estranhos, pois são consequências das doutrinas do Concílio Vaticano II e de Paulo VI.

É difícil encontrar fórmulas mais antropoteístas que as de Paulo VI em seu discurso de encerramento do Concílio Vaticano II:

> Toda esta riqueza doutrinal [do Concílio] se dirige numa direção única: servir o Homem. O Homem, digamos, em toda a sua amplitude, em toda a sua fraqueza e indigência.
>
> A Igreja quase se declarou escrava do Homem [...].
>
> Mas tudo isso, e tudo o mais que poderíamos dizer sobre o valor humano do Concílio, não terá desviado a mente da Igreja, reunida em Concílio, para uma direção antropocêntrica da cultura moderna?
>
> Desviado, não; dirigido, sim.
>
> [...] a mentalidade moderna habituada a julgar todas as coisas sob o aspecto do valor, isto é, de sua utilidade, há de admitir que o valor do Concílio é grande, pelo menos por isto: tudo foi dirigido à utilidade do Homem. Nunca se diga, portanto, que é inútil uma religião como a Católica, que na sua forma mais consciente e mais eficaz, qual a conciliar, se declara totalmente em serviço do Homem.
>
> A religião católica é para a humanidade; em certo sentido, é a vida da humanidade. Vida, pela interpretação exata e sublime que nossa religião dá do homem (não é o homem por si só, mistério para si mesmo?); essa interpretação dá-a precisamente em virtude de Deus: para conhecer o Homem verdadeiro, o Homem integral, é necessário conhecer a Deus; baste-nos agora, como prova, recordar a inflamada palavra de Catarina de Siena:
>
> "Na tua natureza, Deidade eterna, conhecerás a minha fraqueza." (OR 24)

574 CNBB. *Unidade e Pluralismo na Igreja*, p. 18.

575 SOBRINO, Jon. "Os novos Cristãos - A noite dos Sandinistas" in *Movimento*, n°244, 3 a 9/III/1980, p. 12.

> Vida, porque descreve a natureza, o destino da humanidade e lhe dá o seu verdadeiro significado. Vida, porque constitui a lei suprema dos homens e infunde ao viver humano a misteriosa energia que o torna, podemos bem dizer, divino.
>
> Nosso humanismo torna-se teocêntrico. Tanto que nós podemos exprimir também assim: para conhecer a Deus, é necessário conhecer o Homem.[576]

Com esses textos, pretendemos apenas dar exemplo concreto das preocupações de uma religiosidade naturalista e, por enquanto, nada mais que isso.[577]

Para a Gnose, a Encarnação do Verbo não se deu, pois que ela significaria a aceitação da matéria e do corpo. Os gnósticos, como já vimos, negavam que Cristo tivesse corpo.

Daí, logicamente, não poderem admitir uma igreja estruturada. Para a Gnose, a verdadeira igreja era puramente espiritual, pneumática. Ela seria formada somente por aqueles que, tendo recebido a doutrina gnóstica, já estariam salvos. A união dos pneumas dos perfeitos formaria a verdadeira igreja invisível, porque espiritual.

Além disso, afirmavam os gnósticos que a divindade se revelava dentro de cada um e na história, e que, por isso, não se podia admitir qualquer dogmatismo.

A Igreja verdadeira deveria ser invisível, sem estruturas hierárquicas e sem dogmas. Nela, todos seriam iguais, pois o Espírito habitaria em todos. Todos seriam igualmente divinos e santos e, por isso, não deveria haver culto de santos.

A Igreja teria como elo de união não a Fé, mas o Amor.

Essa igreja invisível e esotérica, sem dogmas e sem estruturas, teria membros não só dentro da Igreja Católica, como também em todas as outras religiões.

Desse modo, a igreja gnóstico-pneumática seria uma superigreja, que, ao mesmo tempo, transcenderia a todas as religiões e seria imanente a elas.

Nela, todos os que possuíssem a Gnose seriam iguais. Diziam que, desde que um homem recebesse e aceitasse a Gnose, ele se elevaria ao nível dos perfeitos, todos igualmente divinos e santos. Por isso, entre eles, não se cultuavam os santos canonizados pela Igreja.

---

576 PAPA PAULO VI. "Discurso de Encerramento do Concilio Vaticano II".

577 Nota do editor: O trabalho *A Eclesiologia do Vaticano II*, publicado no site Montfort, é um desenvolvimento aprofundado de aspectos deste capítulo.

Nenhuma seita gnóstica se estruturou em igreja organizada. Também nenhuma delas elaborou um "símbolo da fé". Pelo contrário, seu relativismo e antidogmatismo as tornavam extremamente permeáveis a outras "revelações" e a outras afirmações doutrinárias que não as próprias. Daí a grande dificuldade dos historiadores em estabelecer os limites de cada seita. Cada grupo gnóstico aparece com contornos fluidos, nebulosos e confusos. O elo entre os gnósticos — muitos deles o diziam — não era o da Fé, mas sim o do Amor.

O único grupo gnóstico que se organizou claramente como igreja foi o maniqueísmo. Também foi ele o único que não teve caráter esotérico.

Ele, entretanto, também pretendeu se constituir como uma suprareligião. Para isso, Mani declarou aceitar Zoroastro, Buda e Cristo como intermediários entre a divindade e o homem, que receberam revelações parciais, provisórias e preparatórias da sua revelação perfeita e definitiva. Desse modo, o maniqueísmo mostrava-se aberto e ecumênico, mas sincretista apenas no método e até o ponto em que não se afetasse o cerne de sua Gnose.

> Pode-se dizer que, único entre todos os construtores de sistemas gnósticos, Mani pretendeu realmente fundar uma nova religião universal e não um grupo de eleitos e de iniciados; e, assim, sua doutrina, diferente nisso do ensinamento de todos os outros gnósticos, com exceção de Marcion, não tem nada de esotérico... Mani [pretendeu] estabelecer os fundamentos de uma nova Igreja, destinada a substituir qualquer outra e a se fazer tão ecumênica como nunca a Igreja católica imaginou ser.[578]

A igreja maniqueia foi também a única igreja herética dos primeiros séculos de nossa era que reunia a concepção gnóstica de assembleia de eleitos com uma organização hierárquica e com um chefe.

> A Igreja maniqueia, manifestação do Nous-Luz é, no mais alto grau, comunidade de seres salvos e organização ou instrumento de Salvação.
>
> Em sentido estrito, ela é e se chama "Eleição", "Igreja Eleita", "a reunião dos Eleitos", dos "Perfeitos" ou dos "Verídicos", ou ainda, a "Justiça", o conjunto ou a Assembleia dos "justos".[579]

578 On peut dire que Mani, seul entre tous les bâtisseurs de systèmes gnostiques, voulut fonder cette nouvelle religion universelle et non pas un groupe d'élus et d'initiés; aussi sa doctrine, différente en ceci de l'enseignement de tous autres gnostiques, Marcion excepté, n'a rien d'ésotérique. [...] Mani... [pretendeu] jetter les bases d' une nouvelle Église, destinée à prendre la place de tout autre et à se faire ecuménique autant que l'Église catholique s'imagina jamais l'être. JONAS, Hans. *La religion gnostique*, p.273.

579 L'Eglise manichéenne, manifestation du Noûs-Lumière, est, au premier chef, communauté des êtres sauvés et organisation ou instrument de Salut.

As seitas gnósticas e a Igreja maniqueia sempre se declaram contra a Igreja Católica atual. Assim como o pensamento gnóstico recusa o aqui e o agora, e sublima ou o passado remoto ou o futuro longínquo, assim também a Gnose se diz fiel à "Igreja primitiva" e, ao mesmo tempo, afirma que sua realização plena se dará no futuro escatológico. O maniqueísmo dá exemplo claro disso.

> Por muitos aspectos, o maniqueísmo pode assim aparecer como um tipo de retorno ao cristianismo em sua pureza primitiva.
>
> Mas – e é um outro aspecto pelo qual o maniqueísmo se liga ao cristinianismo – a religião maniqueia é também o cristinianismo perfeito, a Igreja do Espírito Santo.[580]

E Mani se dizia a encarnação do Espírito Santo.

Ora, tudo isso lembra, enormemente, movimentos heréticos medievais, modernos e contemporâneos, como, por exemplo, as doutrinas joaquimitas, o catarismo, os reformadores do século XVI, os pietistas, e mesmo os modernistas e progressistas, cujas teses triunfaram no Concílio Vaticano II. Compare-se o que foi dito com a doutrina do "Pacto das Catacumbas", por exemplo, assinado por muitos Bispos, entre os quais Dom Helder Câmara, em Roma, durante o Concílio.

A igreja gnóstica rejeitava toda riqueza e todo poder na sociedade, pois que isso a envolveria com o mundo material, criado pelo Demiurgo. A Igreja do Amor deveria ser uma igreja pobre, despojada e perseguida, sem cerimônias, simples e sem poder algum.

> A verdadeira Igreja deve ser pobre e perseguida; ora, os católicos usam anéis de ouro e ornados de pedrarias, eles governam os povos e amaldiçoam a piedade. Assim é a sinagoga de Satanás, a Igreja dos malfeitores, a maligna; e somente a Igreja cátara dos pobres, a benigna, pode salvar a humanidade.[581]

Já Arnaldo de Brescia, "o mais significativo de todos esses hereges" - "*le plus significatif de tous ces hérétiques*"[582] - havia desejado uma "Igreja da pobreza e

---

Au sens strict, elle est et se nomme "l'Election", "l'Église Élue" la réunion des "Élus", des "Parfaits" ou des "Véridiques", ou encore, la "justice", l'ensemble ou l'Assemblée des "justes". PUECH, H. C. "Le Manchéisme" in *Histoire Générale des Religions*, p. 107.

580 À bien des égards, le manichéisme peut ainsi apparaître comme une sorte de retour au christianisme en sa pureté primitive.

Mais - et c'est un autre aspect par quoi le manichéisme se rattache au christianisme - la religion manichéenne est aussi le christianisme parfait, l'Église de l'Esprit Saint. Idem. Ibidem, p. 92.

581 La véritable Église doit être pauvre et persécutée; or, les catholiques portent des anneaux d'or ornés de pierreries, ils gouvernant les peuples et maudissent la piété. Telle est la synagogue de Satan, l'Église des malfaisants, la maligna; et seule l'Église cathare des pauvres, la benigna, peut sauver l'humanité. BORST, Arno. *Les cathares*, p. 183.

582 Idem. Ibidem, p. 78.

da penitência [...] uma igreja pobre, apostólica e errante" - *"Église de la pauvreté et de la pénitence* [...] *une église pauvre, apostolique et errante"*[583].

> A liturgia da missa, o esplendor, os cantos, o incenso são para os cátaros objetos de desprezo. Seus argumentos são ainda os mesmos do movimento de reforma ocidental que exige a piedade e não a pompa. A própria Igreja com seus sinos, seus ícones, é considerada como um monumento de pedras mortas.[584]

Para os cátaros, os sinos são "trombetas de Satã" - *"trompettes de Satan"* - e as igrejas "conjuntos de pedras" - *"des amas de pierres"*. Eles eram contra o uso do latim, contra os paramentos, contra as estátuas e contra a cruz.[585]

Para todos os hereges posteriores ao século IV, Constantino e o papa São Silvestre teriam sido os grandes responsáveis pela corrupção da Igreja. A doação de Constantino, as grandes riquezas e o grande poder que o imperador lhe concedeu a teriam transformado na grande meretriz do Apocalipse.

> Em 1163, em Colônia, os cátaros não sabiam ainda à qual papa atribuir a culpa pelo apodrecimento da Igreja (Ekb. Schön. 71). Pouco antes de 1200, eles atribuíam a Constantino e ao papa Silvestre I.[586]

Entre os gibelinos, era grande o ódio contra Constantino, que corrompera a Igreja. E essa ideia está registrada na *Divina Comédia*, em que, no Inferno e no Purgatório, Dante acusa Constantino, isto é, o Estado, de ter transformado a Igreja na meretriz prevista por São João no Apocalipse:

Di voi pastor s'accorse il Vangelista,
quando colei, che siede sopra l'acque,
p... coi regi a lui fu vista;

Quella che con le sette teste nacque,
e da le diece corna ebbe argomento, [...]

Ahi, Costantin, di quanto mal fu matre,
non la tua conversion, ma quella dote
che da te prese il primo ricco patre![587]

---

583 Idem. Ibidem, p. 78.

584 La liturgie de la messe, le faste, les chants, l'encens sont pour les cathares des objets de mépris. Leurs arguments sont encore ceux du mouvement de réforme occidental qui exige la piété et non la pompe. L'Église elle-même avec ses cloches, ses icônes, est considérée comme un monument de pierres mortes. Idem. Ibidem, p. 186.

585 Cf. Idem. Ibidem, p. 186, Nota 1.

586 En 1163, à Cologne, les cathares ne savaient pas encore à quel pape imputer la faute du pourrissement de l'Église (Ekb. Schön. 71). Peu avant 1200, ils l'imputaient à Constantin et au pape Sylvestre Ier. Idem. Ibidem, p. 183, nota 4.

587 Pensava em vós decerto o Evangelista,/ quando a que vai nas águas distanciada/ prostituiu-se aos reis, à sua vista;/ a que com sete frontes foi dotada, e dez cornos, em que houve o fundamento/

No Purgatório, ao ter a visão do carro da igreja, Dante vê bruscamente a águia imperial cobrir com suas penas o carro da Igreja e, então, Beatriz se transforma na meretriz.[588]

Petrarca, que como Dante pertencia ao grupo dos Fiéis de Amor e que compartilhava suas ideias gibelinas contra a Igreja "constantiniana", escreveu o seguinte soneto contra Roma:

Fontana di dolore, albergo d'ira,
Scola d'errori, e tempio d'eresia;
Giá Roma, or Babilonia falsa e ria,
Per cui tanto si piagne e si sospira:

O fucina d'inganni, o priggion dira,
Ove'l ben more, e'l mal sinutre e cria;
Di vivi inferno; un gran miracol fia
Le Cristo teco al fine non s'adira.

Fondata in casta ed umil povertate,
contra tuoi fondatori alzi le corna,
P... sfacciata: e dov'hai posto spene?

Negli adulteri tuoi, nelle mal nate
Ricnezze tante? or Costantin non torna;
Ma tolga il mondo tristo che'l sostene.[589]

Os *fraticelli*, isto é, os franciscanos "espirituais", seguidores das doutrinas de Joaquim de Flora, faziam a apologia da absoluta pobreza e condenavam a Igreja por suas riquezas. Sua tese da pobreza absoluta de Cristo e dos Apóstolos, pobreza essa que a fizera, mas que a igreja constantiniana repudiara, foi condenada por João XXII em 1329.[590]

Os movimentos heréticos do fim da Idade Média insistiam nessa ideia da pobreza evangélica e, como os *fraticelli*, chamavam a Igreja de Roma de a grande meretriz do Apocalipse.

[...] Ah Constantino, como dói a ofensa,/ do teu batismo não, mas do presente/ que pôs de um padre em mão fortuna imensa! ALIGHIERI, Dante. *Divina Commedia*, Inferno XIX, 106-110 e 115-117. Tradução extraída de ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia* – Tradução, introdução e notas de Cristiano Martins.

588 Idem. *Divina Commedia*, Purgatório XXXII, 123-160.

589 Fonte de dor, abrigo de ira,/ Escola de erro, escola de heresia;/ Outrora Roma, e agora Babilônia falsa e criminosa,/ por cuja causa tanto se chora e se suspira./ Ó oficina de enganos, ó prisão de ira/ Onde o bem morre, e o mal se nutre e cresce/ Dos vivos, inferno; um grande milagre seria/ Se Cristo contigo, enfim, não se enfurecesse./ Fundada em casta e humilde pobreza./ Contra os teus fundadores levantas teus chifres,/ Meretriz desaforada: onde puseste esperança?/ Nos teus adultérios, nas mal nascidas/ Riquezas tantas? Agora Constantino já não volta;/ Mas que lhe seja tirado, pelo mundo triste, aquilo que a sustenta. PETRARCA, Francesco. Soneto XVI.

590 FALBEL, Nachman, *Heresias Medievais*.

Muitos sectários da Reforma do século XVI, especialmente as seitas anabatistas e os puritanos, seguiram repetindo a tese de que a Igreja devia ser pobre e espiritual. Para Lutero também, a Igreja de Roma era a grande prostituta que se corrompera por suas riquezas.

> Em uma de suas famosas noventa e cinco proposições afixadas em Wittemberg, Lutero afirma: Um Papa realmente consciente de seu dever distribuiria tudo quanto possui; chegaria ao ponto de pôr à venda a Igreja de São Pedro para o bem de muitos dos que seus traficantes de indulgências despojam de seu dinheiro.[591]

E Lutero dirá: "a Igreja exterior é a igreja do diabo".[592]

Os pietistas, da mesma forma que os poetas do *Dolce Stil Nuovo*, chamavam-na de a Igreja de Roma, a Igreja de Pedra (de *Pierre*), opondo a ela a verdadeira igreja que seria a do espírito e a do coração.

> Outra peculiariedade do pietismo é a contraposição entre a verdadeira, isto é, "pura" fé que jorra do coração, e a "forma exterior" da igreja que não podia não secar e sufocar a fé dos crentes particulares, ou seja, a contraposição entre a "igreja do coração" e a "igreja de pedra". Dizia-se frequentemente que a igreja de pedra era necessária para proteger materialmente a igreja do coração, como a lâmpada é necessária para proteger a chama; em realidade, a igreja do coração julgava-se suficiente a si mesma e temia-se que sua pureza fosse contaminada pelo formalismo dogmático e litúrgico e especialmente pela organização hierárquica da igreja de pedra; Gottfried Arnold chega a condenar em sua difundidíssima e admiradadíssima obra *Umparteiische Kirchen und Ketzerhistorie* (1699) toda forma histórica de igreja constituída como quer que seja, esforçando-se por mostrar que a substância viva da fé se conserva unicamente em alguns espíritos ardentes e inquietos que as igrejas oficiais são levadas, pelas exigências internas de suas leis constitucionais, a condenar como heréticos.[593]

---

591 BRENTANO, Franz Funck, *Lutero*, p.50.

592 VACANT, A. e MANGENOT. "Lutero" in *Dictionnaire de Théologie Catholique*.

593 Altro contrassegno del pietismo è la contrapposizione della vera, cioè "pura" fede che sgorga del cuore, e della "forma esteriore" della chiesa che non poteva non inaridire e soffocare la fede dei singoli credenti, la contrapposizione cioè della "chiesa del cuore" e della "chiesa di pietra". Si diceva spesso che la chiesa di pietra era necessaria per proteggere materialmente la chiesa del cuore, come la lampada é necessaria per proteggere la fiamma; in realtà si sentiva la chiesa del cuore sufficiente in se e si temeva che la sua purezza fosse inquinata dal formalismo dogmatico e liturgico e specialmente dal'organizzazione gerarchi cadella chiesa de pietra; Gottfried Arnold giunse a condannare nella sua diffusissima ed ammiratissima opera "*Umparteiische Kirchen und Ketzerhistorie*" (1699) ogni forma storica di chiesa comunque costituita, sforgandosi di mostrare che la sostanza viva della fede si conserva soltanto in singoli spiriti ardenti ed indigendenti che

Entre os românticos, havia a esperança do renascimento de uma nova Igreja que reunisse ecumenicamente todas as tendências religiosas e que, por meio de grandes reformas realizadas num grande concílio, deveria ajudar a estabelecer na terra o Reino dos Céus, uma nova Idade de Deus. É o que afirmava o protestante e pietista Novalis que, aprovando as reformas feitas pelo protestantismo, reprovava sua cisão com Roma. Teria sido preciso reformar sem rasgar. Traçava ele, assim, um plano para estabelecer a Nova Igreja futura.

Depois de perguntar "Onde está essa velha e amável crença que, sozinha, salva, a crença no Reino de Deus sobre a terra?" (*"Où est cette vieille et aimable croyance qui seule sauve, la croyance au Règne de Dieu sur la terre?"*), Novalis explicava que o cristianismo tem três formas aceitáveis e que se é livre para aderir à qualquer uma delas ou a todas ao mesmo tempo:

> Escolhei a que vos agradrar, escolhei todas as três, pouco importa, vós vos tornareis, assim, cristãos e membros de uma comunidade única, eterna, indizivelmente feliz.[594]

Para Novalis, o catolicismo teve grandes valores:

> Ele foi purificado pela torrente dos séculos; intimamente e indissoluvelmente unido às duas outras formas do cristinianismo, ela fará eternamente a felicidade desta terra.
>
> A forma contingente está quase destruída, o velho papado jaz na tumba, e Roma está pela segunda vez em ruinas. O protestantismo não deve, enfim, cessar de existir e dar lugar a uma Igreja nova e mais durável?[595]

Assim, uma Nova Igreja deveria reunir numa síntese superior as igrejas cristãs e preparar o Reino dos céus na Terra. Essa seria a esperança dos demais continentes: ver a Europa reconciliada e ressurrecta, para todos, unidos, realizarem o Reino de Deus na Terra por meio de uma igreja invisível que, para isso e então, se tornaria visível.

> Todos os verdadeiros membros da família religiosa não deveriam aspirar ardentemente a ver o Reino dos céus se estabelecer sobre a terra, e aí entrar de bom grado, e entoar hinos sagrados? É

---

le chiese ufficiali sono portate dalle esigenze interne della loro legge costituzionale a condannare comme eretici. MITTNER, Ladislao. *Storia della Letteratura Tedesca*, pp. 36-37.

594 Choisissez celle qui vous plaira, choisissez les toutes trois, peu importe, vous deviendrez ainsi chrétiens et membres d'une communauté unique, éternelle, indiciblement bienheureuse. NOVALIS. *La Chrétiente ou l'Europe*, pp. 173-174.

595 Il a été purifié par le torrent des siècles; intimement et indissolublement uni aux deux autres formes du christianisme, il fera eternellement le bonheur de cette terre.

La forme contingente en est à peu près détruite, la vieille papauté git au tombeau, et Rome est pour la seconde fois en ruines. Le protestantisme ne doit-il pas enfin cesser d'exister et faire place à une Église nouvelle et plus durable? Idem. Ibidem.

> preciso que a cristandade volte a ser viva e ativa e que se forme de novo uma Igreja visível, ignorando as fronteiras territoriais, uma Igreja que acolha em seu seio todas as almas sedentas de céu e que se ofereça para tornar-se medianeira entre o mundo antigo e o mundo novo.[596]

Seria essa Nova Igreja fruto de um concílio europeu. Realizaria, então, as grandes reformas que trariam o Reino dos Céus à terra: a liberdade e as tolerâncias religiosa e política.

> Do seio sagrado de um verdadeiro concílio europeu, a cristandade renascerá, e a tarefa que consistirá no despertar da religão será conduzida segundo um vasto plano divino em que nada será negligenciado. Ninguém protestará mais, então, contra a coação cristã ou secular, pois a essência da Igreja será a verdadeira liberdade, e todas as reformas benfazejas se cumprirão sob sua direção, sob forma de desenvolvimentos políticos pacíficos e legais.
>
> Quando será isso ou quando não será?
>
> É preciso pedi-lo. Paciência, ela vem, ela virá necessariamente, a idade sagrada da paz eterna em que a nova Jerusalém será a capital do universo.
>
> Até lá, permanecei calmos e corajosos nos perigos do século, companheiros de minha fé, anunciai pela palavra e pela ação o evangelho divino, e permanecei fiéis à fé verdadeira e infinita até a morte.[597]

Por fim, para encerrar este capítulo, gostaríamos de dizer que não conhecemos exemplo mais ousado, sacrílego e blasfemo de uma igreja pobre

---

596 Tous les véritables membres de la famille religieuse ne devraient ils pas aspirer ardemment à voir le Royaume des cieux s'établir sur terre, et y entrer de bon gré, et entonner des hymnes sacrés? Il faut que la chrétienté redevienne vivante et agissante et que se forme de nouveau une Église visible, sans égard aux frontières territoriales, une Église qui accueille dans son sein toutes les âmes altérées de ciel et qui s'offre à devenir médiatrice entre le monde ancien et le monde nouveau. Idem. Ibidem, p. 175.

597 Du sein sacré d'un vénérable concile européen, la chrétienté renaîtra, et la tâche qui consistera dans le réveil de la religion sera menée selon un vaste plan divin où rien ne sera négligé. Personne ne protestera plus alors contre la contrainte chrétienne ou séculière car l'essence de l'Église, sera la vraie liberté, et toutes les reformes bienfaisantes s'accompliront sous sa direction, sous forme de développements politiques pacifiques et légaux.

Quand sera-ce ou quand ne sera-ce pas?

Il ne faut le demander. Patience, il vient, il viendra nécessairement, l'âge sacré de la paix éternelle où la Jérusalem nouvelle sera, la capitale de l'univers. Jusque-là demeurez calmes et courageux dans les dangers du siècle, compagnons de ma foi, annoncez par la parole et par l'action l'évangile divin, et restez fidéles à la foi véritable et infinie, jusque à la mort. Idem. Ibidem, pp. 176 e 177.

e despojada, igualitária e sem dogmas - como queriam os gnósticos - do que a apresentada no livro *Un Señor como Dios Manda*, de autoria do Padre José Luis Cortés:

"La Iglesia que yo quiero", poesia por Pedro Barsimon o de la Barca.

La Iglesia que yo quiero no tiene campanario. [...]
La Iglesia que yo quiero no necessita templos.[...]
La Iglesia que yo quiero no necessita "dogmas". [...]
Claro que en esta Iglesia habrà también un Papa!
Pero un Papa casero, con pantunflas de paño;
más Papuchi que Papa, más santo que "santíssimo"
y se se llama Pepe que no le llamen Pio.
Los obispos, los pobres, suelen ser gente buena
Si no fueran obispos yo creo que serian santos [...]
En la Iglesia que digo que yo quiero que sea
ocuparán los cargos gente con experiencia
en lo que significa amar y ser amado
Sin amor, de que sirve la superortodoxia? [...]
Si he de decirle todo, la Iglesia que yo quiero
resulta hasta imprudente (porque se fia de Dios).
¿Pues que teme la Iglesia; quedarse sin riquezas?
¿Perder su poderio? Que surjan mil herejes?
Hay otras herejias que son mucho peores
Como ese tener miedo a perder tantas cosas!
No importa que la Iglesia tenga la Fe muy floja:
mientras busca y pergunta va por el buen camino.
Los sistemas teológicos tienen el gran peligro
de hacernos creer que Dios es un libro de texto
La Iglesia que yo quiero puede ser que se equivoque
que no acierte a ver claro como es de grande Dios,
pero que sea una Iglesia donde cabremos todos
y hasta probablemente esternos tan a gusto
La Iglesia que me gusta, la Iglesia que yo quiero
es algo muy sencillo, cosa de gente pobre. [...]
Mi Iglesia [...]
tiene humor, cuenta chistes. La mitade de la misa
se la passan riendo, [...]
Eso si: como el mundo no es todavia el cielo,

La Iglesia que yo quiero anda de catacumbas
Si tuviera dinero o influencias o amigos
Todo seria distinto; pero mejor que no
(Una vez dijo uno: "Al menos tener algo para dar a los pobres o hacer nuestras campañas..."
Y los pobres dijeron: "Quien socorre a los pobres
es porque no es tan pobre" y "si es rica no es libre")
"Una [palavra de baixo calão no original] de Iglesia" dirán los entendidos.
No sé. Yo siempre pienso que si a qualquier persona
le quitamos la ropa, los oros y los títulos
se queda en muy poquito, pero bueno y auténtico
Y ustedes me disculpen si digo lo que siento:
que [meretrizes, em baixo calão no original], marginados, borrachos, pecadores,
maricas, drogadictos y gente de ese estilo
serán los fundamentos de mi querida Iglesia:
porque ellos son el barro, son esos bajos fondos
donde la carne viva del hombre está más cerca [...].[598]

598 A Igreja que eu quero não tem campanário. [...]/ A Igreja que eu quero não necessita de templos [...]/ A Igreja que eu quero não necessita de "dogmas" [...]/ Claro que nesta Igreja haverá também um Papa!/ Mas uma Papa caseiro com pantufas de pano;/ mais Papaizinho que Papa, mais santo que "santíssimo"/ E se ele se chama *Pepe*, que não o chamem Pio./ Os bispos, os pobres costumam ser gente boa/ Se não fossem Bispos, creio que seriam santos [...]/ Na Igreja que digo que eu quero que seja/ Ocuparão os cargos gente com experiência/ No que significa amar e ser amado/ Sem amor, do que serve a super ortodoxia? [...]/ Se é preciso dizer tudo, a Igreja que eu quero/ resulta até imprudente (porque confio em Deus)./ Pois o que teme a Igreja; ficar sem riqueza?/ Perder seu poderio? Que surjam mil hereges?/ Há outras heresias que são muito piores/ Como se ter medo de se perder tantas coisas!/ Não importa que a Igreja tenha a Fé muito frouxa:/ enquanto busca e pergunta, vai pelo bom caminho./ Os sistemas teológicos têm o grande perigo/ de fazer-nos crer que Deus é um livro de texto/ A Igreja que eu quero pode ser que se equivoque,/ que não acerte em ver claro como é Deus em tamanho grande,/ Mas que seja uma Igreja onde caibamos todos/ e até provavelmente estejamos todos à vontade/ A Igreja que me agrada,/ a Igreja que eu quero é algo muito simples, coisa de gente pobre [...]/ Minha Igreja [...]/ tem humor, conta piadas, a metade da missa/ passam dando risadas, [...]/ Isso sim: como o mundo ainda não é céu,/ A Igreja que eu quero anda nas catacumbas/ Se tivesse dinheiro, influência ou amigos/ Tudo seria diferente, mas melhor que não/ (Uma vez alguém disse: "Pelo menos ter algo para dar aos pobres ou fazer nossas campanhas..."/ E os pobres disseram: "Quem socorre aos pobres/ é porque não é tão pobre" e "Se é és rica, não és livre")/ Uma [no original, palavra de baixo calão] de Igreja dirão os entendidos./ Não sei. Eu sempre penso que se a qualquer pessoa/ Lhe tiramos a roupa, os ouros e os títulos/ fica com muito pouquinho, mas bom e autêntico/ E vocês me desculpem se digo o que sinto: que [meretrizes; em baixo calão no original], marginais, bêbados, pecadores, efeminados, viciados em drogas e gente desse estilo/ serão os fundamentos de minha querida Igreja:/ porque eles são o barro, são esses baixos fundos/ onde a carne viva do homem está mais perto [...]. CORTÉS, Padre José Luís. *Un Señor como Dios manda*, p. 103.

Conclusão

O autor deste trabalho nunca chegou a escrever uma conclusão para ele e isso por duas razões, "*dont chaque est suffisante seule*", como ele gostava de dizer em várias circunstâncias, citando seu amado e belicoso Cyrano.

O primeiro motivo é que o trabalho nunca foi efetivamente concluído, porque progrediu seguidamente ao longo de três décadas. As leituras e pesquisas do Prof. Fedeli continuaram sempre nessa linha do Antropoteísmo e é incontestável que ele sabia e ensinava sobre isso muito mais, quando veio a falecer em junho de 2010, do que quando sistematizou por escrito, na já distante década de 1980, o resultado de suas primeiras pesquisas.

O segundo motivo são as pessoas. As pessoas de perto e as pessoas de longe. Os amigos e os inimigos.

O Professor – como era chamado com carinho e respeito pela imensa maioria de seus alunos – estava sempre cercado de gente. E, depois do início de seu trabalho no site Montfort, no final da década de 1990, cercado de gente de todo o Brasil e de todo o mundo.

E as pessoas tinham dúvidas, perguntavam, atacavam, questionavam, apoiavam, pediam. Era preciso responder-lhes, era preciso atendê-las. Era preciso, como diz São Pedro[599], "estar sempre pronto a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede". E o Professor estava. Muitas vezes deitava-se tarde, levanta-se ainda de noite, escrevia por horas seguidas para responder a um ataque, para elucidar um amigo, para afastar uma dúvida, para consolar uma aflição, para apoiar uma luta.

Isso o consumia e consumia seu tempo. Apesar da insistência dos amigos mais próximos em que era preciso escrever os grandes trabalhos, em que era preciso sistematizar o máximo possível tantos anos de aulas, tantos anos de leituras, tantos anos de estudo, tantos anos de reflexão, foram as pessoas que o ocuparam até o fim. Ele dizia que sim, que ia escrever, mas continuava respondendo as cartas, atendendo os telefonemas, viajando para perto e para longe. E os grandes textos, sempre adiados, iam ficando sem começar ou sem concluir.

Ao converter-se à prática do catolicismo, aos vinte e dois anos, ele, imitando Dom Bosco, pedira a Nossa Senhora "*da mihi animas et coetera tolle*".

599 IPe 3, 15.

As almas, a salvação das almas foi sua preocupação dominante durante toda a vida. E ele tinha razão, porque a salvação das almas, a adesão à Igreja de Cristo, é, em última análise, o centro, o objetivo último de todas as grandes lutas históricas. Contra ou a favor. Por Cristo ou contra Cristo, são essas, em verdade, as únicas duas posições possíveis em todos os problemas religiosos, políticos, éticos, sociológicos. E Professor Fedeli, bom e profundo professor de História, sabia-o e ensinava-o melhor que ninguém. E assim, foram as almas, foi o contato com elas, o contato com as pessoas, aquilo que, em última análise, o impediu de concluir este livro e de escrever outros.

Sim, porque esta obra devia ter continuação. As pesquisas do Professor o levaram a concluir que os dois ramos do Antropoteismo, a Gnose e o Panteísmo, embora atuando frequentemente como inimigos no decorrer dos acontecimentos históricos – foi, aliás, o ódio entre os adoradores da deusa Razão e os adoradores do Ser Supremo na Revolução Francesa que lhe chamou a atenção para o problema – embora inimigos, dizíamos, aliam-se às vezes e é nessas ocasiões que as revoluções encontram seu ponto máximo de virulência e de capacidade de ação.

A interconexão desses polos opostos, Gnose e Panteísmo, de uma mesma doutrina - interconexão a que ele chamara de Curto Circuito, pois, como no fenômeno elétrico, também aí se produz uma grande explosão luminosa e depois um afastamento violento dos dois fios doutrinários envolvidos no processo - era, segundo o Prof. Fedeli, a responsável pela realização concreta das maiores revoluções ocorridas na história.

E ele o provava citando, interminavelmente, fatos e pessoas, filósofos e políticos, confabulações e batalhas, da Reforma Protestante, da Revolução Francesa, da Revolução Russa. E do Modernismo. E do Vaticano II. E do furacão teológico e doutrinário que se seguiu ao Concílio.

Alguns dos últimos trabalhos do Professor Fedeli, publicados no site Montfort[600], inscrevem-se nessa linha de pensamento, tratando mais especificamente da penetração do Antropoteísmo dentro da Igreja, em que ele atingiu o máximo de sua eficiência, como o vírus que só atinge a plenitude de suas potencialidades patogênicas quando se instala estavelmente no organismo. O Antropoteísmo é essencialmente contra Deus e contra sua Igreja e seus mentores foram percebendo, cada vez mais claramente ao longo dos séculos, que é de dentro dEla que ele pode atacá-la melhor, com mais eficácia.

Nessa perspectiva também, inserem-se os trabalhos do Prof. Fedeli sobre arte, pois as produções artísticas, tanto literárias, como pictóricas, escultóricas e a até arquitetônicas, foram, sobretudo a partir do Renascimento – como tão

600 Cf. *A Religião do Concílio Vaticano II* e *Jean Guitton e o Modernismo no Concílio Vaticano II: resposta ao parecer de Brescia.*

bem mostram as aulas sobre o verdadeiro Código Da Vinci[601] –, mas já desde o final da Idade Média, meios privilegiados e muitíssimo pouco conhecidos de difusão do Antropoteísmo, inclusive – e talvez, sobretudo – dentro da Igreja.

Gnose e Panteísmo têm, isoladamente, dificuldades próprias de propagação e de atuação. A Gnose é por demais irracional e a formulação mítica de suas teorias é por demais alógica para que ela possa ser aceita, sem mais, pelo bom senso do homem comum. É essa uma das causas de sua propagação em grupúsculos secretos, formados por pessoas capazes de aceitar teorias abstrusas e práticas estranhas. É difícil para ela impor-se a um grupo grande. Além disso, sua desconexão com a realidade concreta, com a realidade mundana, sua desconfiança para com as organizações e instituições são tantos outros empecilhos para sua ação em grande escala na esfera política.

O Panteísmo, por outro lado, é frio. Suas teorias de tendência racionalista e materialista, suas análises realizadas a partir de pressupostos por demais abstratos para serem compreendidos pela maioria, não costumam conduzir à paixão, não costumam conquistar o coração das massas, não conseguindo, assim, desencadear com eficácia um processo revolucionário de grande escala.

Por isso, a união das duas correntes é essencial nos grandes processos revolucionários. E o modo como essa união ocorreu e se desfez – sempre dramaticamente – em vários eventos do processo histórico rendeu ao Prof. Fedeli a matéria de muitas e muitas aulas profundas e encantadoras.

Aulas que deveriam ter sido sistematizadas. Que deveriam ter sido escritas. Mas que não foram. Acima das razões que podemos sempre encontrar para os eventos humanos, é preciso considerar a Providência Divina. Foi Deus Nosso Senhor que assim o permitiu. Foi a Virgem Santíssima a quem o Professor consagrara, desde a juventude, tudo o que era e tudo o que tinha, que julgou melhor que fosse assim.

O emblema do Projeto Legado, dentro do qual se insere a publicação deste trabalho, mostra uma mão que passa a espada a outra mão. Uma herança de luta que é transmitida. Que a Virgem Santíssima nos permita a todos da Montfort, a todos os amigos do velho Professor, a todos aqueles, que sem serem seus amigos, compreendam a importância do tema do Antropoteísmo, receber essa espada, poder continuar o que faltou a este trabalho, cada qual dentro do seu campo de ação, ainda que seja simplesmente desejando e rogando que sempre em todos os lugares, Nosso Senhor, esmague, como diz o salmo, por meio de sua Igreja, a cabeça do leão e a cabeça da serpente, a força política do Panteísmo e o veneno místico da Gnose. *Et conculcabit leonem et draconem...* [602]

São necessárias mãos para receber essa espada. É necessário haver quem reze – o velho Professor tinha sempre na mão o rosário e sempre na boca a

601 Cf. *Vídeos Montfort* in www.montfort.org.br

602 Sl 90,

invocação do Doce Coração de Maria – mas também é necessário haver quem pesquise, quem sistematize, quem estude, quem escreva.

Que Nossa Senhora, única dona de todo o trabalho do Professor, única dona da Montfort, única dona do Legado, suscite a uns e a outros.

Ivone Fedeli
São Paulo, 21 de novembro de 2010
Na festa da Apresentação de Nossa Senhora no Templo

Bibliografia

ALIGHIERI, Dante. *Tutte le opere.* Roma: Grandi Tascabil Economici Newton, 1997.

____________. *A Divina Comédia.* São Paulo/Itatiaia: Edusp/Itatiaia: 1976.

BAKAN, Davi. *Sigmund Freud and the Jewish mystical tradition.* New York: Schocken Books, 1969.

BENOIS, Luc. *El esoterismo* apud AZAY, Eduardo A. "Accesos a la visión unitaria del cosmos" in *La Nación.* Buenos Aires: 9/7/1978.

BOLLE, Jacques. *Les séductions du communisme de la Bible à nos jours.* Parution: Morgan, 1957.

BRENTANO, Franz Funck. *Martim Lutero.* Rio de Janeiro: Vecchi, 1956.

CIORAN, E. M. *Précis de décomposition.* Paris: Gallimard, 1949.

CNBB. *Para onde vais?*, Campanha de Fraternidade em Família, 1980, com apresentação de Dom Luciano Mendes de Almeida, Bispo Auxiliar de São Paulo e Secretário Geral da CNBB, e *Imprimatur* de Antônio.

____________. *Unidade e Pluralismo na Igreja.* São Paulo: Paulinas, 1972.

COHN, Norman. *Les fanatiques de l'Apocalypse*: courants millénaristes révolutionnaires du XIe au XVIe siècle avec une postface sur le XXe siècle. Paris: Julliard, 1968.

COMBLIN, Joseph. *Os sinais dos tempos e a Evangelização.* São Paulo: Duas Cidades, 1968.

CORNEILLE, Pierre de. *L'imitation de Jésus-Christ.* Paris: Albin Michel, 2000.

CORTÉS, Padre José Luís. *Un Señor como Dios* manda. Madrid: Edição Promoción Popular Cristiana, 1979.

DEGHAYE, Pierre. "La philosophie Sacrée" in *Cahiers de l'hermétisme* - Les Kabbalistes Chrétiens. Paris: Albin Michel, 1979.

DORESSE, Jean. *Les livres sécrets des gnostiques d'Égypte.* Paris: Plon, 1958.

EUSÉBIO DE CESAREA. *Historia Eclesiastica.* Madrid: BAC, 1973

FAGGIN, Giuseppe. *Meister Eckhart e la mistica tedesca pre protestante.* Milano: Fratelli Bocca, 1946.

FALBEL, Nachman, *Heresias Medievais*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

FAYE, Eugène. *Gnostiques et gnosticisme*. Étude critique des documents du gnosticisme chrétien aux II et III siècles. Paris: E. Léroux, 1918.

FESTUGIÉRE, R. P. André Jean. *Hermétisme et mystique päienne*. Paris: Aubier-Montaigne, 1967.

___________. *La révélation d'Hermès Trismégiste* – Vol. III Les doctrines de l'âme. Paris: Lecoffre, 1953.

FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia del Cristianismo*. Buenos Aires: Claridad, 1941.

GILSON, Etienne. *L'esprit de la philosophie médievale*. Paris: Vrin, 1944.

GORCE, Pierre de la. *Histoire Religieuse de la Révolution Française*. Paris: Plon, 1911.

GOUVEA, Carolina Maia. *O maravilhoso no período realista*.

GRANT, Robert M. *La Gnose et les origines chrétiennes*. Paris: Seuil, 1964.

HEISENBERG, Werner. et alii. *Problemas da Física Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

HERÁCLITO. *Fragments* – Texte établi, traduit, commenté par Marcel Conche. 4e Ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

HUGO DE SÃO VICTOR. *Opera omnia*. Paris: Migne, 1880.

HUTIN, Serge. *Les gnostiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1970.

___________. "Note sur la création chez trois kabbalistes chrétiens etc" in *Cahiers de l'hermétisme*. Paris: Albin Michel, 1979.

KOYRÉ, Alexandre. *La Philosophie de Jocob Boehme*. Paris: Vrin, 1929.

LEISEGANG, Hans. *La Gnose*. Paris: Payot, 1951.

LOJACONO, Padre Jorge. *O Marxismo*. São Paulo: Paulinas, 1968.

LUTERO, Martinho. *Propos de table*. Trad. Gustave Brunet. Paris: Garnier Frères, 1844.

MITTNER, Ladislao. *Storia dela Letteratura Tedesca*. Dal Pietismo al Romanticismo *(1700-1820)*. 4ª Ed. Torino: Giulio Einaudi, 1964.

MONNIER, Phillippe. *Introduction au Quattrocento*. Bruxelas: Complexe, 1995.

MONTANARI, Fausto. *Riserve su l'umanesimo*. Milano: Istituto Propaganda Libraria, 1983.

NOVALIS, *Europe ou la Chrétienté*. Trad. Armel Guerne *in* Novalis, *Œuvres Complètes*, I, Gallimard, 1975.

OURSEL, P. Masson. "Les Religions de l'Inde" in GORCE, Matthieu Maxime et MORTIER, RAOUL (org.) *Histoire Générale des Réligions*. Paris: Aristide Quillet, 1948.

OUSSET, Jean. *Le marxisme-léninisme*. Québec: Cité catholique, 1960.

PADOVANI, Umberto et CASTAGNOLA, Luís. *História da Filosofia*. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

PAPA PAULO VI. "Discurso de Encerramento do Concilio Vaticano II" in *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1969.

PETRARCA, Francesco. *Rime*. Firenze: Sansoni, 1949.

PÉTREMENT, Simone de. *Le dualisme chez Platon, les gnostiques et manichéens*. Paris: Presses Universitaires de France, 1947.

POPPER, Karl R. *A sociedade aberta e seus inimigos*. 2 vols. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1974.

PUECH, H. C. "Le Manichéisme" in GORCE, Matthieu Maxime et MORTIER, RAOUL (org.) *Histoire Générale des Réligions*. Paris: Aristide Quillet, 1948.

____________. "Le mandéisme "in GORCE, Matthieu Maxime et MORTIER, RAOUL (org.) *Histoire Générale des Réligions*. Paris: Aristide Quillet, 1948.

____________. *En quête de la Gnose* – Vol. I, La Gnose et le Temps. Paris: Gallimard, 1978.

ROUGEMONT, Denis de. *L'Amour et l'Occident*. Paris: Plon, 1939.

RUNCIMAN, Steven. *Le Manichéisme médiéval*: l'hérésie dualiste dans le christianisme. Paris, Payot, 1949.

SANTA TERESA DE JESUS. *Obras Completas. Eficacia de la paciencia*. Madrid: Apostolado de la Prensa, 1944.

SANTO EPIFÂNIO. *Panarium* in Migne, Vol. XLI. Paris: Migne, 1863.

SANTO HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*. Paris: Rieder, 1928.

SANTO IRINEU. *Contra Haereses Libri Quinque* in Migne, Vol. VII. Paris: Migne, 1857.

____________. *Contra as Heresias*. Col. Patrística. São Paulo: Paulus, 1995.

SÃO BOAVENTURA. "Breviloquium" Vol. VII in *Opera Omnia*. Paris: Ludovicus Vivès, 1866.

SÃO CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Extraits de Théodote*: texte grec, introduction, traduction et notes de François Sagnard. Paris: Cerf, 1948.

SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. 9 Vols. São Paulo: Loyola, 2005.

SCHOLEM, Gershom G. *Jewish Gnosticism, merkabah mysticism and Talmudic tradition*. New York: Jewish Theological Seminary of America, 1965.

____________. *Les Origines de la Kabbale*. Paris: Aubier-Montaigne, 1966.

____________. *Sabbatai Tsvi*. New Jersey: Princeton University Press, 1973.

____________. *Sabatai Tzvi*. 3 Vols. São Paulo: Perspectiva, 1996.

____________. *A Cabala e seu simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

____________. "Considérations sur l'Histoire des débuts de la Kabbale chrétienne" in Cahiers de l´hermétisme. Paris: Albin Michel, 1979.

SERVIUS. *Sur L´Enéide*.

SOBRINO, Jon. "Os novos Cristãos - A noite dos Sandinistas" in *Movimento*, n°244, 3 a 9/III/1980

STELLA, José Bertolaso. *A Bhagavad-Gîtâ*. São Paulo: Sociedade de Estudos Históricos, 1970. Tradução do sânscrito para o português.

SYMONDS, John Addington. *El Renascimento en Italia*, vol. 2. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica: 1957.

TOUCHARD, Jean. Historia de las Ideas politicas. Madrid: Tecnos, 1975.

TRISMÈGISTE, Hermès. *Hermés Trismégiste* - Traduction complète précédée d´une étude sur l´origine des livres hermétiques par Louis Ménard. Paris: Maisnie, 1977.

VACANT, A. e MANGENOT, E. "Panthéisme" in *Dictionaire de Théologie Catholique*. Paris: Letourzey et Ané, 1932.

____________. "Luther" in *Dictionnaire de Théologie Catholique*. Paris: Letourzey et Ané, 1932.

VALENTINO. *Pistis Sophia*. Ouvrage gnostique de Valentin, trad. É. Amélineau (1895). Milan: Archè, 1975.

VOEGELIN, Eric. *Il mito del mondo nuovo*. Milano: Rusconi, 1976.

WAITE, Arthur Edward. *The holy Kabbalah*. New Jersey: University Books, 1975.

WALKER, D. P. *Spiritual and demonic magic from Ficino to Campanella*. Indiana: University of Notre Dame Press, 1975.

ZAKARIAS, Hanna. *De Moise à Mohammed:* Islam entreprise juive. 2 Vols. Cahors: Edição do Autor, 1955.

Para evitar essas confusões, propomos chamar de Antropoteísmo ou Religião do Homem ao "rio cársico" da história. Isto é, consideramos que o que une tantas seitas, escolas e movimentos é o culto do Homem como sendo Deus. Essa Religião do Homem se dividiria em dois ramos: a Gnose e o Panteísmo.

Sendo o homem um ser composto de corpo e alma, isto é, de uma parte material e outra espiritual, é lógico que a adoração do Homem se divida em dois ramos fundamentais: um que diviniza o corpo, isto é, a matéria; outro que diviniza a alma, isto é, o espírito.

A corrente antropoteísta que diviniza o corpo e a matéria engloba todas as seitas e sistemas filosóficos panteístas. A corrente antropoteísta que diviniza apenas a alma, o elemento espiritual, é a Gnose propriamente dita, e que inclui todas as seitas que em geral são classificadas como gnósticas pelo comum dos autores.

Orlando Fedeli

ISBN 978-85-61900-07-6
9 788561 900076